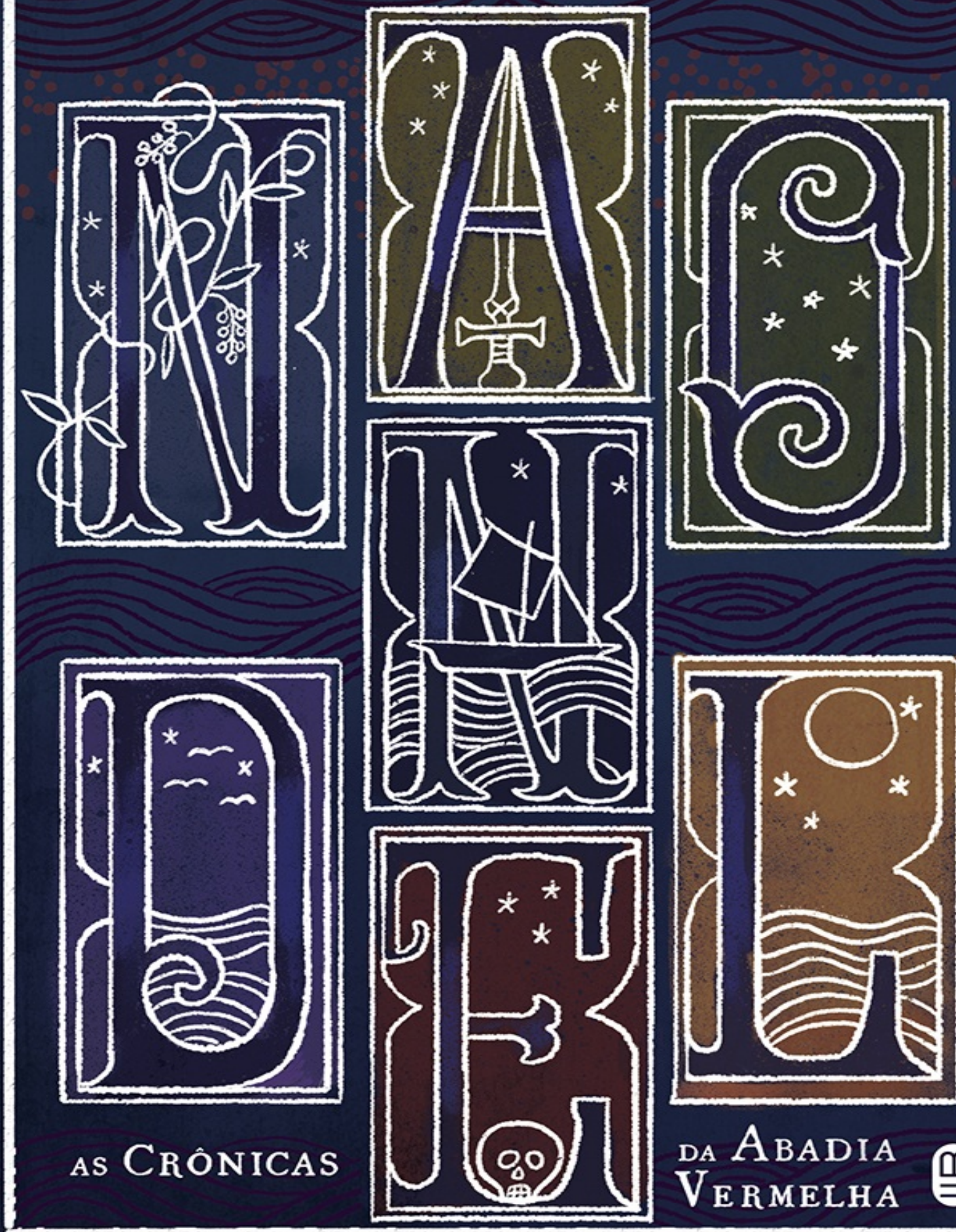
MARIA TURTSCHANINOFF



AS CRÔNICAS DA ABADIA VERMELHA

SUMÁRIO

Kabira
Garai
Orseola
Garai
Kabira
Sulani
Kabira
Clarás
Iona
Clarás
Kabira
Garai
Clarás
Kabira
Clarás
Garai
Clarás
Sulani
Sulani
Kabira
Garai
Kabira
Clarás
Sulani
Clarás
Sulani
Clarás
Daera

Kabira
Carta da Esiko
Daera
Lista de nomes
Agradecimentos
Sobre a autora

NAONDEL

AS CRÔNICAS DA ABADIA VERMELHA

MARIA TURTSCHANINOFF

VOLUME 2

TRADUÇÃO
LILIA LOMAN e PASI LOMAN

MORROBRANCO
EDITORA

Para Hanna, minha amiga


TERRA DE DEVEM
SAMITRA
TANE
MENOS
ELIAN
BAKLAT
Haran
NERNAI
RENKA
KARENOKOI
Ameka
Ohaddin.
Areko
Sakanal
Sbukurin.
Mapa de
KARENOKOI
E ARREDORES
Desenhado à mão por humilde servical
LANTE AK MAKA-CHEE
BASEADO NO ORIGINAL DE MESTRE
HAONG AK SISHE-CHU.
TERASU
Goveli


ANJI
Casa da Serenidade
Casa da Força
CASA DA BELEZA
Casa de Enon
Palácio da Tranquilidade
Palácio do Soberano
Casa da Sabedoria
Vestíbulo
O coração de Karmakoi
O espelho da verdade
Arena
Casa dos Mortos
Monte funerário
Zoológico
MAIKO
Harrera
ABI
MATHELI
OHADDIN
Sob o governo de Raikau ak Ondal-chaun
COM ACRÉSCIMOS DE
Garai do Sangue

Estas escrituras constituem os arquivos mais secretos da Abadia Vermelha. Eles contêm a história de Naondel e a longa viagem das primeiras irmãs para alcançar a ilha de Menos. Nossa viagem. Foi tudo escrito por nossas mãos. Algumas seções foram escritas antes de virmos a Menos, outras após a fundação da Abadia Vermelha. Grande parte do que está escrito nestes relatos não deve ser revelado além dos muros que guardam a Abadia. O conhecimento neles contidos é perigoso demais. Embora nenhuma destas crônicas deva ser esquecida por completo. A Abadia jamais pode esquecer a que resistimos para criar este refúgio para nossas sucessoras, um lugar onde mulheres podem trabalhar e aprender lado a lado. Que nosso legado dure tanto quanto estas paredes permanecerem de pé.

Kabira, a primeira Mãe; Clarás, que liderou nossa fuga; Garai, a Sumo Sacerdotisa; Estegi, a serviçal e a segunda Mãe; Orseola, a tecedora de sonhos; Sulani, a Brava; Daera, a primeira Rosa; e Iona, que se perdeu.

Kabira

Há poucas pessoas que amei nesta vida tão longa. Duas delas, eu traí. Uma, eu matei. Uma me deu as costas. E a outra segurou minha vida em suas mãos. Não há beleza no meu passado. Nenhuma bondade. Mesmo assim, estou forçando-me a olhar para trás e relembrar Ohaddin, o palácio e tudo que ocorreu então.

Não havia palácio em Ohaddin, não a princípio. Havia apenas a casa do meu pai.

Nossa família era abastada; nossa propriedade era muito antiga e abarcava uma plantação de especiarias, vários pomares e grandes campos de okara, papoulas e trigo. A casa ficava harmoniosamente situada em um declive ao pé de uma montanha que oferecia sombra ao meio-dia no auge do verão e proteção das tempestades de inverno mais severas. As paredes seculares eram de pedra grossa e argila, e do terraço do telhado espalhava-se a imensa paisagem das nossas terras e dos nossos vizinhos, todas as propriedades e plantações e o Rio Sakanui descendo como uma cobra até o mar. Ao leste, podia-se ver as colunas de fumaça que subiam de Areko, a capital do reino de Karenokoi. A cidade do Príncipe Soberano. Em dias claros é possível vislumbrar ao sudoeste o oceano como uma miragem prateada no horizonte.

Conheci Iskan no mercado de especiarias no meu décimo nono ano. Como filhas de uma família abastada, certamente não era minha responsabilidade nem de minhas irmãs, Agin e Lehan, vender casca de canela, bao e etse produzidos pela propriedade. Isso era atividade do capataz e seu pequeno grupo de trabalhadores, sob a supervisão do meu pai e do nosso irmão, Tihe. Lembro-me da procissão de carroças cheias de sacos de casca e montes de bao e pilhas vermelhas brilhantes de grãos de etse. Meu Pai e Tihe iam na frente, montados

em cavalos bem escovados. Cada carroça era cercada por dois trabalhadores, a pé, um de cada lado das cabeças dos cavalos; ambos uma marca de status de meu pai e proteção contra ladrões. Minha mãe, minhas irmãs e eu viajávamos em uma carruagem no fim da caravana, com o dossel verde de seda sobre nossas cabeças, nos protegendo contra o calor. O tecido bordado com ouro deixava passar um brilho agradável da luz do dia, e, enquanto conversávamos, nos chacoalhávamos pela estrada irregular. Era a primeira viagem de Lehan para o mercado de especiarias e ela estava explodindo de curiosidade e perguntas. No meio do caminho para a cidade, minha mãe fez bolinhos de carne de porco cozidos a vapor, com tempero agridoce, uma massa macia, tâmaras frescas e água gelada com toques de laranja. Quando a carruagem passou por cima de um buraco enorme, Lehan derrubou caldo de carne em seu casaco novo de seda amarela e levou uma bronca de Agin. Ela que bordara as flores de laranjeira ao redor dos punhos e na gola. Mas minha mãe só olhava para os campos de okara, agora florescidos, e não se envolveu na briga das meninas. De repente, ela se virou para mim.

— Conheci seu pai quando o okara estava florescendo. Ele me deu um ramalhete de flores brancas no nosso segundo encontro, e eu pensei que ele devia ser pobre. Os outros jovens davam orquídeas, tecidos preciosos ou joias de prata e ouro para as garotas que cortejavam. Ele me disse que eu o lembrava das pétalas sedosas e macias de uma flor de okara. Uma coisa chocante para um homem dizer a uma donzela! — Mamãe riu.

Eu dei uma mordida em uma tâmara suculenta e sorri. Minha mãe contara sobre seu primeiro encontro com meu pai muitas vezes. Era uma de suas histórias favoritas. Eles se conheceram junto ao riacho em que minha mãe ia com frequência buscar água, e onde meu pai surgiu enquanto voltava para casa a cavalo, vindo de Areko, onde comprara novas ferramentas para a fazenda. Ele era o único filho e herdeiro de seu pai, mas não revelou seu nome para a minha mãe e nem ela contou o seu até o terceiro encontro.

— Ele já havia conquistado o meu coração — minha mãe continuou com um suspiro. — Eu me acostumei com a ideia de atrelar a minha vida a um homem de posses modestas e pensei que talvez seria a mesma coisa que casar com um poeta. Mas então fiquei com…

Nós três interrompemos:

—… com dinheiro e com poesia!

Minha mãe bateu em meu joelho com a tampa da vasilha de nosso almoço.

— Que desrespeito, suas galinhas tagarelas! — Mas sorriu, ainda pensando

no passado.

Talvez tenha sido o humor que ela inspirou em mim que fez com que eu notasse Iskan assim que chegamos aos jardins do Príncipe Soberano. Em todas as feiras de especiarias, o Soberano abria seus jardins de esplendor incomparável para as esposas e filhas de famílias nobres. Os homens, seus filhos e empregados cuidavam do trabalho físico árduo de vender seus lotes na praça próxima ao porto. Mercadores vinham de navio de todos os cantos para comprar a famosa produção de especiarias de Karenokoi, pagando um alto imposto para o Soberano pelo privilégio. Nossas especiarias conseguiam preços incríveis no exterior, e quanto mais longe os mercadores iam, mais altos os valores que conseguiam. Eles eram a fonte da prosperidade da terra e da fortuna do Príncipe Soberano.

Quando chegamos ao Portão dos Sussurros, a entrada para os jardins, tivemos que esperar um pouco enquanto os passageiros de outras carruagens desembarcavam. Lehan colocou a cabeça para fora da carruagem, pronta para analisar as outras mulheres, mas Agin puxou-a de volta abruptamente.

— Não é assim que uma menina bem-nascida se comporta!

Lehan sentou-se novamente, com os braços cruzados e a testa franzida, provocando uma resposta imediata da mãe:

— Cara feia destrói a beleza. — Era algo que ela dissera para Lehan a vida inteira, porque, das três filhas, ela era a bonita. Sua pele estava sempre com o vigor de pétalas de rosa, mesmo depois de passar o dia todo ao sol sem um chapéu de palha de abas largas adequado para se proteger, ou mesmo depois de cair no choro como fazia se a mãe ou o pai lhe negassem algo. Seus cabelos eram grossos e pretos como carvão; eles moldavam seu rosto em formato de coração e seus grandes olhos castanhos de uma forma que meus cabelos frágeis jamais poderiam. Agin tinha o rosto mais severo de nós três, além de mãos e pés grandes. Meu pai às vezes fazia piadas dizendo que ela era o seu segundo filho. Sei que não tinha más intenções, mas Agin se ofendia. Ela era a boa menina do trio. Aquela que cuidava de mim – embora eu fosse mais velha –, de Lehan e de Tihe. Era ela quem fazia as oferendas para os ancestrais, embora fosse minha tarefa, por ser a filha mais velha. Eu sempre esquecia e, então, Agin era quem fazia o trajeto cansativo até o monte funerário e queimava o incenso e o tabaco para apaziguar os espíritos dos ancestrais. A nascente era a única responsabilidade de que eu não fugia. Eu me assegurava de mantê-la limpa, varrer em torno dela e pegar folhas mortas e insetos com uma rede. Contudo, isso acontecia porque minhas irmãs nada sabiam sobre os segredos da nascente.

Do meu assento na carruagem, eu já conseguia enxergar melhor sem me inclinar para fora como Lehan fizera. Mulheres e meninas, vestindo casacos de seda caros nas cores de pedras preciosas, desciam das carruagens, suas cabeças cheias de ornamentos de correntes de prata e moedas. Alguns homens bonitos da corte, com barbas bem aparadas e camisas azuis soltas sobre calças brancas, ajudavam as senhoras a descer, enquanto as menininhas, provavelmente filhas das concubinas do Soberano, colocavam colares de flores em seus pescoços em saudação. Um dos jovens era uma cabeça mais alto do que os outros. Pelo bordado de prata em sua gola, deduzi que ele devia ter uma posição alta na corte, próxima ao próprio Soberano. Seu cabelo era muito curto e seus olhos extraordinariamente escuros. Quando nossa carruagem passou pelo portão, foi ele que deu um passo à frente e ofereceu a mão para ajudar minha mãe a descer. Ela fez um gesto decoroso e aceitou os colares de flores das menininhas e o jovem inclinou-se para ela antes de virar-se para a carruagem de novo – para mim. Estendi minha mão e ele a segurou. Sua mão era seca, quente e muito macia. Ele sorriu para mim com seus lábios vermelhos carnudos.

— Bem-vinda, Kabira ak Malik-cho. — Ele também era bem informado, embora não fosse difícil adivinhar que a filha mais velha da família descesse da carruagem logo após sua mãe e pelas nove correntes de prata era possível supor que éramos da família Cho. Desci com cuidado, mas não devolvi o seu sorriso. Não seria adequado. Ele ainda segurava minha mão na dele. — Meu nome é Iskan ak Honta-che, ao seu dispor. Há refrescos ao lado do lago. Vocês devem estar com calor após sua longa viagem.

Eu abaixei a cabeça e ele soltou a minha mão. Ele ajudou Agin a descer sem dizer nada, mas quando Lehan deu um passo, vi seu olhar pausar sobre os cabelos dela, sua pele. Seus olhos.

— Venha, Lehan. — Segurei a sua mão. — O lago é por aqui. — Eu não queria ser mal-educada, então abaixei a cabeça para Iskan mais uma vez. — Che.

Ele continuou a sorrir, como se enxergasse através de mim.

Puxei Agin e Lehan comigo. Os olhos de Lehan estavam absorvendo algo. As mulheres lindamente vestidas. Os caminhos do jardim salpicados por conchas amassadas. Os canteiros de flores de aroma adocicado com borboletas tão grandes quanto nossas mãos voando de um lado para outro entre elas. Havia muitas nascentes escorrendo águas cristalinas e os galhos pendentes de um chapéu-de-sol que se esticava sobre nós, fazendo sombra. Minha mãe nos seguiu pelo jardim, fazendo gestos graciosos para outras senhoras harika que levavam suas filhas pela trilha, e pensei que nós também nos parecíamos com borboletas

em nossos casacos de seda coloridas e brilhantes.

Então, o jardim abriu-se para revelar o palácio, de frente para um enorme lago perolado. Lehan ficou imóvel, com os olhos arregalados.

— Eu não sabia que era tão grande — sussurrou, encantada.

O palácio real era o maior prédio em Karenokoi e era impossível imaginar algo mais majestoso. Ele fora construído em dois andares e espalhava-se por toda seção norte do jardim. Seu mármore vermelho, trazido de Karenokoi continental, dava ao prédio uma cor diferente de qualquer outro em todo o reino. As telhas eram pretas e a entrada para o palácio pelo jardim era larga, portas duplas arqueadas de bela filigrana de ouro. O palácio era a residência do Príncipe Soberano, suas esposas, suas concubinas e todos os seus cem filhos, além da corte real, que compreendia também cem pessoas. O palácio não era visível da cidade, por isso apenas alguns cidadãos já haviam visto mais do que seu telhado.

O palácio ainda está de pé ou, pelo menos, é o que eu ouvi. Embora, naturalmente, não esteja mais em uso.

Em volta do lago havia várias mesas longas decoradas com seda e ocupadas por pratos transbordando de frutas frescas, jarros de chá verde gelado, flores e doces brilhando com mel. Lehan estava interessada no palácio e em seus terrenos magníficos e não demonstrou nenhum interesse em comer, mas Agin e eu nos deleitamos, experimentando os vários quitutes. Minha mãe encontrara algumas conhecidas com quem queria conversar e estava sentada com elas em um banco debaixo de uma árvore de jacarandá enquanto menininhas lhe serviam bebidas. De repente, vi uma figura alta em branco e azul aproximando-se de Lehan, que admirava o palácio. Era Iskan, o homem falante do portão de entrada. Ele apontou para alguma coisa e ela riu de alegria. Minha mãe franziu a testa e Agin e eu suspiramos juntas.

— Eu vou cuidar disso — disse, e me apressei para Lehan.

— Veja, Kabira, essa é a residência da Senhora Soberana! — disse ela enquanto eu a alcançava. — Iskan mora no palácio. Ele se encontra com o Príncipe Soberano quase todos os dias!

Iskan sorriu em resposta à sua manifestação animada. Esse homem nunca parava de sorrir?

— Será que me dariam a honra de mostrar o lugar? Infelizmente o segundo andar está fechado para todos que não sejam o Príncipe Soberano e sua família, mas também há muitos cômodos espetaculares no térreo.

— Por favor Kabira, podemos? — Lehan estava praticamente pulando de alegria. Toquei em seu ombro para acalmá-la e isso pareceu lembrá-la da conduta

harika adequada. Ela parou e abaixou o olhar.

— É muita gentileza sua, che. Mas duas jovens solteiras… — Deixei a frase flutuar no ar, inacabada. Era completamente impróprio que eu tivesse que lembrá-lo das regras de decoro.

Seus grandes olhos castanhos arregalaram-se e ele pareceu um tanto horrorizado.

— Eu nunca sonharia em levá-las sozinhas! Minha criada vai nos acompanhar, é claro.

Lehan olhou para mim através de seus cílios grossos. Fiz um bico e olhei para Iskan, encontrando uma espécie de olhar de malícia em seus olhos. Ele estava zombando de mim!

— Está bem. Venha, Lehan.

Disparei em direção aos degraus que levavam às portas douradas e Lehan dava gritinhos enquanto corria. Esperamos por um momento à sombra de um dossel vermelho como um caramujo-de-sangue que ficava acima das portas. Iskan logo se uniu a nós, acompanhado de uma velha vestida de branco que se apoiava em seu braço. Ela assentiu com seriedade para nós, mas Iskan não a apresentou. Ao contrário, ele abriu as portas e fez um gesto pomposo para entrarmos.

— Como se o palácio fosse dele — sussurrei para Lehan, mas ela já estava boquiaberta diante do piso de mármore do saguão de entrada e das lindas telas pintadas que cobriam todas as paredes. A acompanhante sentou-se em um banquinho num canto, tentando recuperar o fôlego, e Iskan sorriu para mim.

— Como você pode ver, Cho, tudo é muito decente.

Fiz um ar de zombaria, porque não sabia como responder. Ele caminhou até Lehan, que parara diante de uma tela que representava um navio em frente a uma ilha verde no meio de uma tempestade.

— Esta obra é de Master Liau ak Tiwe-chi.

Os olhos de Lehan se arregalaram.

— Isso significa que tem mais de quatrocentos anos!

— O Soberano tem tesouros muito mais antigos em suas coleções — disse Iskan cordialmente e Lehan enrubesceu. Ela se apressou para a próxima obra.

— Ela é uma devota da arte, sua irmã. — disse Iskan, aparecendo ao meu lado. Eu estava de pé com os braços cruzados, com mãos enfiadas nas mangas. Minha mãe teria tremido ao me ver assim e eu notei a expressão zangada da acompanhante.

— Não, ela não é. Ela simplesmente gosta de qualquer coisa que seja bonita,

dourada ou cara — respondi, suavizando minha postura. — Embora nosso pai tenha garantido que todos os seus filhos recebessem uma educação dos clássicos.

— Deixe-me ver, seu pai é Malik ak Sangui-cho. E sua propriedade está ao noroeste, em direção das montanhas Halim?

Mexi a cabeça para ocultar o fato que eu estava impressionada.

— Mas não tão distante quanto as montanhas. Há várias propriedades antes delas. — Passei os olhos no bordado em prata em sua gola. — Qual é a sua posição na corte?

— Sou o filho de nosso estimado Vizir, Honta ak Lien-che.

Caminhando pelas telas da parede ao sul, tropecei e parei de repente. O filho do Vizir! O homem que eu havia repreendido e esnobado! Tirei minhas mãos de minhas mangas e fiz uma reverência profunda.

— Meu senhor. Minhas desculpas. Eu…

Ele afastou minhas palavras com as mãos.

— Eu prefiro não revelar o parentesco de imediato. É melhor para descobrir o que as pessoas realmente pensam de mim. — Olhei para cima rapidamente e vi aquele brilho em seus olhos de novo. Apertei os lábios.

— É melhor para saber quem é bobo o bastante para não perceber quem você é.

Fiquei desgostosa por ele ter me exposto dessa maneira. Porém, parecia achar muita graça da situação e, por todo o resto de nosso breve passeio pelas salas de recepção e seus tesouros artísticos, me deu pelo menos a mesma atenção que deu a Lehan. Ele era uma inesgotável fonte de informação sobre todas as belas pinturas, esculturas, objetos cerimoniais e móveis que víamos. Ao contrário de minha irmã, eu era verdadeiramente fascinada por história da arte e me dei conta de que ouvia com grande interesse, um tanto contrariada. Iskan tinha um jeito agradável, embora estivesse claramente zombando de mim. Ele falava com calma e animação, e, de certo modo, a única coisa que me irritava era a sua tendência de se sentir no direito de fazer o que quisesse. Mas quando estava de frente para mim, perdendo-se na descrição detalhada de uma estátua de jade com sua fascinante história de saques durante a guerra, me dedicava toda a sua atenção. Como se eu fosse alguém importante. Alguém com quem ele realmente queria conversar. Era difícil me desviar de seus olhos escuros. Quando finalmente nos levou de volta à luz, ele segurou a porta dourada e sua mão nua encostou na minha.

Depois disso, levou muito tempo até que as batidas do meu coração voltassem ao ritmo normal.

Fizemos a viagem para casa ao entardecer. Tihe nos acompanhou, mas meu pai ficaria por mais um dia para finalizar os últimos acordos comerciais. Em seu cavalo, Tihe foi à frente com alguns trabalhadores em suas carroças e dois guardas contratados nos seguiam. Estávamos tão quietas na volta como havíamos sido tagarelas na viagem de ida. Lehan caiu no sono com a cabeça no colo da mãe, antes de sequer termos deixado os muros da cidade, enquanto Agin e eu estávamos enroladas, cada uma em seu próprio silêncio. No que ela estava pensando, eu não sei, talvez nos rolos de seda balançando em uma das carroças à frente. Minha cabeça estava dominada por pinturas clássicas sobre as quais eu lera, mas que jamais havia visto com os meus próprios olhos, por pensamentos de grandes saguões cheios de eco e tetos dourados, a sala do trono da Serenidade Suprema e seus trezentos anos de solenidade. Mas em cada lembrança havia também a imagem de um olhar intenso e um sorriso brilhante. Encostei-me em uma almofada e admirei a escuridão que caíra sobre o distrito.

Desde então, Iskan não deixou meus pensamentos por um único dia.

Meu pai voltou para casa no dia seguinte, carregado de sacos com moedas pesadas e cheio de histórias que ouvira na praça das especiarias, todos os mercadores que ele encontrara e com quem conversara, e como estava feliz com o andamento dos negócios. Mais tarde, quando estávamos sentados no pátio, reunidos ao redor do jantar que minha mãe servira sob a sombra do dossel, meu pai lambeu a gordura de seus dedos, recostou-se nas almofadas jogadas no chão e tomou um gole de vinho de sua tigela.

— E vocês, minhas menininhas? Tiveram um bom dia?

Deixei Lehan tagarelar sobre o jardim e o palácio e o jovem gentil que nos mostrou o lugar. Eu fiquei quieta. O pai observava Lehan de perto enquanto ela falava e, quando finalmente esgotou o assunto, olhou para baixo, pensativo, encarando sua tigela.

— Eu encontrei um jovem antes de voltar para casa. Ele perguntou se podia visitar minhas filhas, com quem tinha passado um dia muito agradável no palácio.

Levantei os olhos imediatamente. O olhar de meu pai encontrou o meu.

— Foi exatamente isso o que ele disse: minhas filhas. Alguma de vocês gostou dele?

Lehan enrubesceu e olhou para baixo.

— Pai, eu…

— É bastante óbvio que ele está se referindo à Lehan — falei em voz baixa.

— Só está sendo educado.

— Não vejo isso como educação — respondeu o pai. — É costume que um pretendente torne público qual das filhas de uma casa ele está cortejando.

— Eu estava mais interessada no palácio — admitiu Lehan. — Embora ele com certeza tenha sido agradável.

— Lehan ainda é jovem, marido — disse minha mãe, colocando mais vinho na tigela de meu pai. — Apenas catorze anos.

— O que você disse a ele? — tentei soar como se a consequência da resposta não me importasse.

— Que ele é bem-vindo. — A mãe olhou feio para ele, que deu de ombros. — Ele é o filho do Vizir. Não cabe a mim negar nada a ele.

— Acredito — falei com amargor — que Iskan não está acostumado a lhe negarem nada. Nunca.

Estiquei-me para pegar uma nêspera e esconder minhas bochechas enrubescidas. Agin, sempre de olhos atentos, notou e eu olhei para o outro lado. Ela virou-se para o pai.

— Mal posso esperar para espetar minha agulha naquela seda bruta amarelo-açafrão, pai. De onde você falou que ela vinha?

— Herak. Muitos invejaram a negociação, filha, você devia ver! Mas eu faço negócios com o mesmo mercador há anos. Ele compra boa parte de nossa produção por um preço bastante vantajoso. Em troca, eu compro sua seda de Heraki. Ela é muito cobiçada e pouco exportada. A própria Senhora Soberana não tem tantos tecidos raros para espetar a agulha como você, Agin!

Agin riu.

— Como se a Senhora Soberana fizesse suas próprias costuras, pai! Você é engraçado demais!

Dei a ela um sorriso discreto de agradecimento. Agora todos falavam sobre tecido e não sobre Iskan.

***

Durante as semanas seguintes, estudei de perto dois corações: o de Lehan e o meu. O meu me deixava inteiramente perplexa. Eu encontrara um jovem que era irritante e cheio de si e que demonstrara interesse na minha irmã. Então por que continuava a aparecer em meus pensamentos? Por que meus devaneios eram ocupados por seus olhos e sorriso e meus sonhos noturnos cheios de suas mãos e lábios? Eu nunca estivera apaixonada antes. Agin e eu dávamos risadinhas sobre

alguns meninos do bairro, mas apenas de brincadeira. Como crianças, fazendo bolos de areia como treino para depois assar bolos de verdade com farinha, mel e canela.

Quanto mais eu tentava negar, mais precisava admitir que agora estava com mel e canela até os cotovelos.

Era mais difícil decifrar Lehan. Ela não falava sobre Iskan – porém, eu também não. Apenas uma vez ela mencionou nossa visita ao palácio, mas ela falou só do trono de jade e não do homem que o mostrou a nós.

Eu estava bastante convencida que seu coração ainda estava fazendo bolos de areia. Porém, isso não me dava nenhum conforto. Um homem como Iskan teria o que quisesse e minha irmã era a garota mais bonita em todo distrito de Renka.

Uma noite, durante a mais quente das luas de verão, ele fez uma visita completamente inesperada. Minha mãe e pai lhe deram boas vindas como a um velho amigo, como se uma visita do filho do Vizir fosse um evento comum. Os serviçais corriam de um lado para o outro carregando bandejas de prata cheias de tâmaras, amêndoas doces, bolos de arroz-doce com sabor de água de rosas, chá gelado e ameixas embebidas em vinagre, segundo a receita de nossa avó.

Eu adorava essas ameixas quando criança. Minha avó me ensinara a prepará-las antes de falecer. Deve-se encharcar uma ameixa madura em vinagre e açúcar com muitas especiarias. Elas são comidas nas luas mais quentes, porque, segundo a sabedoria tradicional, o vinagre tem um efeito refrescante no corpo. Sempre tive acesso a especiarias frescas: casca de canela direto da árvore e vagens de etse quase úmidas com a polpa da fruta. Quando você come a ameixa, o sabor forte do vinagre faz seus olhos lacrimejarem, mas a doçura também toca sua língua, e as especiarias acariciam o seu palato.

Faz muito tempo que não como uma ameixa.

Nós, filhas, fomos chamadas para a sala da sombra onde meu pai, minha mãe e Tihe entretinham nossa visita. A sala da sombra se estendia pelo lado norte da casa, onde a colina atrás da casa também fornecia certa sombra, e era o lugar mais fresco durante os piores dias do verão. Lehan, Agin e eu estávamos sentadas com os nossos bordados e tentávamos não nos render à curiosidade. Não podíamos ouvir o que estavam fazendo, mas, às vezes, a risada alta de meu pai ecoava pelo pátio até onde estávamos sentadas. Ao cair da noite, meu pai chamou seus músicos e logo o som cristalino das cordas do cinna e os tons suaves do tilan flutuavam à nossa volta. Eu sorri, olhando para o meu bordado. Nem todo harika usava seus próprios músicos. Realmente éramos dignos de entreter até o filho do

Vizir.

A noite já estava preta como veludo e o ar, preenchido pelo arrulho de pombas noturnas e os violinos das cigarras, quando Aikon, o serviçal favorito de meu pai, nos chamou. Deixamos nossos bordados ao lado das lamparinas de óleo e eu arrumei a gola de Lehan. Quando nos levantamos, Agin ajeitou os cabelos soltos em minha testa.

— Fico feliz que tenha escolhido sua jaqueta azul-celeste, Kabira. Ela te deixa parecida com uma flor.

Empurrei Lehan, que estava à minha frente.

— Que diferença faz? — resmunguei, feliz com a luz fraca que ocultava meu rubor.

Minha mãe, meu pai, Tihe e Iskan estavam sentados em torno de uma mesa de pau-rosa na sala da sombra, cercados por lamparinas em chamas. As janelas e portas estavam abertas para deixar a brisa fresca da noite fluir dentro da sala, que cheirava a óleo de lamparina e a comida, embora a mesa já estivesse limpa e apenas algumas tigelas de chá gelado permanecessem. Nós, filhas, nos ajoelhamos sobre um tapete de lã, a uma distância respeitosa.

— Você conhece minhas filhas, é claro, meu honrado convidado. — Meu pai fez um gesto para nós, para cada uma de nós. — Kabira, minha mais velha. Agin, minha assistente. E Lehan, minha caçula.

Mantive a cabeça abaixada, mas espiei através de meus cílios. O olhar de Iskan passou por nós e pairou sobre Lehan. Isso não era surpresa, mas tive que engolir em seco várias vezes. Agin, ao meu lado, suspirava, bem baixinho.

— Meninas, já é tarde e o nosso convidado não pode cavalgar à capital. Ele ficará hospedado conosco. Kabira.

Olhei para cima. Meu pai estava coçando a barba.

— Tihe e eu marcamos uma reunião com os nossos vizinhos do norte amanhã de manhã. Faça companhia para sua mãe até nossa volta, enquanto ela mostra o local para Iskan-che.

— Sim, pai — respondi enquanto acenava com a cabeça.

Iskan olhava para mim e havia aquele sorrisinho irritante de novo. Levantei meu queixo e devolvi descaradamente seu olhar. Eu nunca poderia deixar que soubesse o efeito que ele tinha em mim.

Agin não queria soltar seu bordado no dia seguinte.

— Eu sou a única que não tem nada a ganhar com essa visita — disse, com um ar travesso. — Você e Lehan estão mais do que aptas a entreter nosso

honrado convidado.

Não pude pensar em uma boa resposta, então dei de ombros e puxei Lehan comigo descendo as escadas. Minha mãe e Iskan já esperavam no pátio, conversando baixo.

— Minhas senhoritas. — Iskan abaixou levemente a cabeça e depois arrumou a postura, revelando mais um de seus sorrisos característicos. Naquela manhã, ele vestia calças azuis escuras e um paletó de seda branca brilhante. — Mal pude dormir ontem à noite, pelo entusiasmo com nosso pequeno passeio.

Fiquei vermelha no mesmo instante e mordi minha boca com força. Ele podia ler meus pensamentos? Eu não conseguira dormir nem um pouco. Simplesmente saber que ele estava na mesma casa era o suficiente para fazer meu coração disparar.

— Meu senhor — inclinei-me e Lehan fez o mesmo. Ambas vestíamos roupas verdes naquela manhã, a dela em um tom claro como grama jovem, a minha, tão escura como musgo. Eu demonstrara um cuidado extra ao arrumar o seu cabelo naquela manhã, assim como Agin tivera ao arrumar o meu.

— Eu me sentirei honrada em lhe apresentar nossa modesta propriedade. — A mãe começou. Saímos pela porta na parede baixa ao norte do pátio. O chão ainda estava úmido de sereno e o ar, fresco e perfumado. Iskan andava ao lado, com Lehan a alguns passos para trás.

Tivemos uma manhã agradável. Iskan era atento e fazia perguntas inteligentes sobre a propriedade e tudo o que meu pai cultivava, sobre o número de serviçais e trabalhadores, nossa descendência e tradições. Eu raramente vira minha mãe tão animada e articulada – ao lado do meu pai, normalmente deixava que ele guiasse a conversa, e com suas filhas, era cheia de cuidados e conselhos sérios. Entretanto, agora estava se provando uma fonte de conhecimento sobre flores e a manutenção da propriedade. Iskan elogiou o jardim de ervas da minha mãe e seus vasos de flores, o que a deixou de bom humor e, quando ele prometeu trazer-lhe plantas dos jardins particulares do Príncipe Soberano, ela mal soube como expressar sua gratidão.

Iskan ouvia educadamente tudo que minha mãe tinha a dizer. Às vezes, ele me fazia perguntas e me mantinha entretida com comentários divertidos à parte. Seus olhos pairavam mais tempo sobre Lehan. Percebi que o mesmo ocorrera no palácio. Lehan tinha apenas quatorze anos e não tinha muito a dizer. Eu era mais interessante para uma conversa, mas ela era mais bonita e meu coração doía. Já estava me acostumando com a dor. Eu não era a primeira garota a sofrê-la. Um dia minha vez chegaria e um jovem visitaria nossa casa por minha causa e, talvez,

não inspiraria em mim aromas de canela e mel, mas eu podia viver com isso.

Quando meu pai e Tihe voltaram, fomos mandadas de volta às nossas tarefas e Iskan fez uma refeição leve com os homens antes de cavalgar de volta a Areko. Tihe veio nos procurar e nos encontrou sentadas no pátio praticando caligrafia debaixo do dossel.

— Um homem notável, Iskan ak Honta-che — disse e sentou-se aos pés de Agin. Cutucou seu braço, como que por acidente, para que seu pincel se desviasse. Ela suspirou e sorriu.

— Você sabia que ele já foi à batalha uma vez? Acompanhou o filho mais velho do Príncipe Soberano quando eles massacraram a revolta de Nernai. Foi a estratégia do Iskan que ganhou a batalha.

— Posso imaginar — respondi com amargor, soltando rapidamente meu pincel antes que Tihe estragasse o meu pergaminho também. Ele adorava provocar suas irmãs, porém sempre ficava do nosso lado contra todo mundo.

— O que você quer dizer? — Tihe esticou seu corpo comprido sobre algumas almofadas e olhou para o céu de verão iluminado. Ele crescera em um ritmo inacreditável no último ano e agora era mais alto do que o pai. Tinha um ano a menos do que eu e era quase tão arrogante quanto Iskan.

— Só quero dizer que Iskan também parece um homem convencido que todo o sucesso é graças a ele e todo fracasso é culpa de outra pessoa.

Agin riu enquanto Tihe jogava uma almofada em mim e eu fiquei feliz por ter soltado meu pincel.

— Meninas não entendem nada — afirmou com malícia. — Iskan foi treinado para liderar desde menino. Ele é a mão direita de seu pai e não há nada que ocorra no palácio que não saiba ou não tenha algum envolvimento. Ele está onde a *ação* está. Não abandonado em uma fazenda de ervas empoeirada, como eu. Na próxima vez que houver uma guerra, eu quero participar!

— Você realmente acha que Iskan esteve em uma batalha de verdade? Ele e o filho do Soberano provavelmente ficaram sentados em uma barraca longe do campo de batalha, bebendo vinho e jogando pochasi.

Agin me olhou com preocupação.

— Com certeza você não está rasgando elogios a ele.

— Por que eu deveria? Um jovem egoísta é igual a qualquer outro, seja ele o filho do Vizir ou o filho de um mercador de especiarias. — Eu me levantei. — Estou cansada de escrever. Não podemos começar a desenhar nossos casacos novos? Eu quero um de seda de açafrão.

Assim que começamos a conversar sobre roupas e bordados, Tihe nos deixou

e ninguém mais mencionou o Iskan naquele dia. No entanto, seu nome ainda soava em meus ouvidos. Cada batida de meu coração cantava seu nome, repetidamente. Iskan, Iskan.

Iskan.

Depois disso, Iskan começou a nos visitar com frequência e suas visitas tornaram-se uma rotina familiar. Ele vinha de cavalo à noite, quando já havia terminado as tarefas do dia no palácio, e passava a noite com meu pai, minha mãe e Tihe. No dia seguinte, quando meu pai e Tihe estavam ocupados com a plantação, era trabalho da minha mãe entretê-lo. Às vezes caminhávamos pelos jardins ou plantações de especiarias adjacentes. Se o calor estava forte demais, sentávamos dentro de casa e Iskan observava-nos costurando ou fazendo outras tarefas apropriadas. A dor em meu coração tornou-se uma companhia familiar e constante durante essas visitas. Aprendi a viver com isso. Agin parou com suas pequenas provocações. Até ela podia ver o modo que Iskan olhava para nossa irmã mais nova. A única que parecia não notar ou, de fato, se importar era a própria Lehan. Ela gostava da atenção, isso era óbvio, mas acho que ela via Iskan de um modo similar que eu via Tihe – com um afeto fraternal. Acredito que, apesar de seu orgulho, ou talvez por causa dele, não estava satisfeito com isso. Então continuou a nos visitar sem tomar um passo decisivo e pedir a mão de Lehan.

— Ele é como um mercador hesitante que belisca pacotes e cheira cascas de canela, mas não consegue decidir se faz uma oferta — disse meu pai em uma noite, após Iskan ter cavalgado de volta à capital. Ele gostava de Iskan e esperava as suas visitas, mas, ao mesmo tempo, estava irritado por ele não falar o que queria.

Sentamo-nos na sala da sombra e conversamos enquanto mariposas de diferentes tamanhos dançavam ao redor das lamparinas de óleo do outro lado da sala. Lehan sabia que o pai estava falando sobre ela e nunca ficava confortável enquanto outros discutiam seu futuro.

— Você sabe o que acontece com esses mercadores — respondeu a mãe, cortando uma linha de sua costura. — Eles perdem os melhores negócios.

Meu pai acendeu seu cachimbo e inalou, pensativo.

— Você está certa, Esiko. Mas até agora não houve nenhuma outra oferta.

— Não, mas ela ainda é jovem. Acredito que muitos dos nossos amigos considerem inapropriado permitir que seus filhos cortejem a filha mais nova com duas irmãs mais velhas ainda em casa.

Agin e eu nos entreolhamos. O que poderíamos dizer? Agin tinha dezesseis anos, então já tinha idade o suficiente para se casar, enquanto eu estava quase completando vinte e meu pai não recebera um único pedido para minha mão.

— Suponho que não haja pressa. Dará a chance para Lehan crescer um pouco. Provavelmente é apenas o mercador de especiarias dentro de mim que espera que acordos sejam firmados o quanto antes.

Minha mãe e pai perguntaram muitas vezes à Lehan o que ela achava de Iskan, mas a única coisa que conseguiam tirar dela era que o achava "agradável". Eles não queriam que a filha se casasse contra a sua vontade, mas ela também não parecia contra. Então deixaram o assunto de lado. Decidi que tinha que livrar o meu coração dessa loucura.

Dez dias mais tarde, Iskan nos visitou novamente, mas desta vez ele chegou à uma casa quase vazia. Meu pai e Tihe haviam viajado para o leste para comprar novas plantas bao depois que uma colheita inteira fora destruída pela seca severa do verão. O pior do calor acabara e em, aproximadamente, outra meia lua, as chuvas de outono começariam. Era a melhor época para renovar a colheita da árvore de especiarias. Agin partira para ajudar nossa tia a costurar o vestido de noiva de sua filha mais velha, nossa prima Neika. Ela iria se casar assim que as chuvas do outono passassem. Lehan pegara um resfriado de verão ruim e ficou de cama, enquanto todos os serviçais da casa competiam para paparicá-la com bebidas quentes e frias, compressas e remédios caseiros. Naquela noite, minha mãe e eu ficamos sentadas sozinhas na sala do sol. Minha mãe bordava uma gola para Lehan – não pude deixar de notar que se assemelhava a um traje de noiva. Li em voz alta os ensinamentos de Haong ak Sishe-chu. Ele sempre foi o meu favorito dentre os nove mestres professores, porque mistura filosofia e história. Havíamos chegado ao terceiro pergaminho quando Aikon abriu a porta e mostrou o caminho para Iskan. Comecei a enrolar o pergaminho, mas Iskan fez um gesto para que eu parasse.

— Por favor, não deixe que eu atrapalhe. — Ele sorriu.

Minha mãe fez reverência sobre o bordado e hesitei, com o pergaminho em mãos. Parecia que estava me provocando, como sempre, mas ele o faria perto de minha mãe? Ele sentou-se em sua almofada de costume, cruzou as pernas e olhou para mim, encorajando-me. Meu coração batia loucamente, mas só franzi a testa, desenrolei Haong e recomecei a leitura.

Iskan ouviu com atenção todo o terceiro pergaminho e metade do quarto antes de perguntar onde estava o resto da família, quando interrompi a leitura para beber um gole de chá gelado. Deixei que minha mãe respondesse. Quando

ela lhe contou que Lehan estava de cama, analisei seu rosto com cuidado. Ele perguntou educadamente como ela estava e se havia alguma coisa que pudesse fazer, mas não notei nenhuma expressão de preocupação em seus olhos e seu rosto. Meu coração parou por um segundo. Embora um resfriado de verão não fosse mesmo motivo de preocupação.

Então, Iskan virou-se para mim.

— Então, suponho que você e eu teremos que nos divertir sozinhos amanhã, Kabira-cho. O que faremos?

Abaixei minha cabeça e tentei parecer ocupada enrolando os pergaminhos.

— Você devia mostrar a nascente para Iskan-che, Kabira. — Minha mãe abaixou o bordado.

— Uma nascente? Não acho que você a tenha mencionado, cho.

Eu nunca havia mostrado a nascente para Iskan. Não era oaki – proibida –, mas era sagrada. Todos os distritos no reino de Karenokoi foram construídos em torno de um local sagrado: uma montanha, rio, lago ou, como no distrito de Renka, uma nascente.

— Nossa família é guardiã de Anji, a nascente sagrada de Renka — respondi com relutância. Exatamente como imaginei, Iskan riu entretido.

— Ouvi falar de Anji. Nos contos de minha ama quando eu era menino.

— A nascente é totalmente real — disse, indignada.

— Eu não duvido disso — respondeu Iskan, divertindo-se visivelmente com minha reação. — Embora restem poucas que possam ser chamadas de sagradas.

— As crenças antigas desapareceram na maior parte de Karenokoi — falou minha mãe. — Mas, em muitas partes, a tradição ainda vive. Minha sogra tinha cuidado em celebrar e honrar a nascente, como a família do meu marido sempre fez. Ela ensinou minha filha mais velha a preservar a tradição.

Estremeci. Eu não achava adequado que minha mãe falasse sobre isso com um estranho, ainda que nem a nascente nem o meu papel como sua guardiã fossem segredos. Porém, a verdadeira sabedoria que a mãe do meu pai transmitira era algo que ninguém sabia, exceto eu. Por isso eles podiam caçoar do significado de Anji. Ela não sabia que a nascente afetava nossas colheitas, nossa saúde e fortuna. Minha mãe, em especial, sempre pensou que minha avó estava presa ao passado e se irritava que ela gastasse tanto tempo com suas aulas e visitas à nascente, principalmente à noite. Não era apropriado. Era uma superstição estranha. Minha mãe era uma mulher prática. Ela sabia o que podia ver e tocar em sua própria casa e não dava valor às outras coisas.

O que ela não sabia era que muito do que podia ver e tocar em sua própria

casa, em seus próprios bens, era graças a Anji. Ela não sabia que a nascente afetava nossas safras, nossa saúde e nossa sorte.

— Seria uma honra visitar seu lugar sagrado — disse Iskan, curvando-se para mim. — Amanhã, ao amanhecer?

Ele sabia que eu me levantava cedo. A lua crescia e estávamos a apenas algumas noites da lua cheia. Anji era boa e forte. Por que não? Talvez eu pudesse ensinar a este homem arrogante um pouco de humildade. Fazê-lo engolir seu ceticismo presunçoso!

Fechei a tampa de minha caixa de pergaminhos.

— Como quiser, che. — Sorri com doçura e, quando ele arqueou suas sobrancelhas, percebi que talvez fosse a primeira vez que ele me via sorrir.

Encontramo-nos na manhã seguinte no caminho que levava à nascente. Eu trouxera comigo um ramalhete, uma tigela para beber, um pequeno pote com água e Aikon, o fiel serviçal de meu pai, porque eu não podia andar sozinha com um homem que não pertencia à minha família. Iskan olhou na direção de Areko, que podia ser vislumbrado no início da manhã como uma imagem tremulante de telhados brilhantes e plumas enfumaçadas. Ele estava claramente agitado. Perdendo seu tempo aqui comigo, uma donzela velha, quando podia estar de volta ao palácio na capital e… bem, fazendo o que quer que fizesse lá. Garotas bonitas encantadoras, lustrando os sapatos do Soberano. Ele nunca dissera exatamente quais eram suas responsabilidades na corte, mas dera a entender, todo contente, que era extremamente importante e muito estimado. Passei direto por ele.

— Siga-me — ordenei como meu único cumprimento. Isso era inaceitavelmente rude, especialmente diante um visitante de alta hierarquia. Entretanto, havia algo em Iskan que sempre me irritava.

Ele se apressou-se, seguindo-me pelo caminho que serpenteava subindo a colina e cortando nossas terras. Era o fim de verão agora e toda a grama tinha secado. A colina estava marrom e morta e o pó cobria nossos sapatos enquanto andávamos. O pior calor passara e logo as chuvas de outono chegariam. Percebi que eu não queria que chegassem logo. Não antes de dar uma lição em Iskan.

Chegamos ao ponto onde o caminho curvava-se para a esquerda e continuava subindo até a tumba no cume do monte. Lá, virei à direita, para uma trilha quase impossível de se ver, que levava em volta da colina por meio da grama seca barulhenta. Meus sapatos escureceram com o orvalho.

— Quanta pressa, cho — disse Iskan, ofegante. Notei que ele não era como

os jovens nas plantações, acostumados a longas caminhadas e trabalho duro. Um cachorro de estimação do palácio, isso que ele era, acostumado apenas a paparicos e carinhos. Eu sabia disso. Então por que meu coração ainda disparava com o som de sua voz, tão próxima atrás de mim? Por que a ideia de uma manhã a sós com ele fazia a alegria me dominar, como se eu estivesse voando nas asas de rouxinóis?

Quando contornamos o monte e havíamos quase alcançado a fenda, me virei.

— Aikon, você espera aqui.

Aikon franziu sua testa já enrugada, mas não disse nada. Dei-lhe um sorriso reconfortante.

— Estaremos apenas junto à nascente. Eu chamo se houver necessidade.

Iskan mostrou as mãos.

— Cho, eu lhe imploro. Você não precisa temer nada em minha companhia.

Franzi os lábios e olhei para Iskan. Ele abriu um sorriso largo.

— Este é um lugar sagrado, um pouco de respeito, che.

Iskan assumiu a postura humilde apropriada e abaixou a cabeça. Caminhamos a última parte juntos, em silêncio. A fenda quase não é visível até estar diante dela, e a nascente não faz barulho algum. A fissura abre-se para um recesso estreito e escuro na lateral da colina, apontando para o leste. Continuei em direção à sua abertura com Iskan, o filho do Vizir, no meu encalço.

Quando encontrei o ar fresco da câmara interna e o aroma da água da nascente, fui tomada por uma sensação de tranquilidade. Minha irritação se apagou e meu coração desacelerou. Não importava o que minha mãe dissesse, este era um lugar sagrado – um local antigo para a adoração do divino: o equilíbrio da natureza. Eu podia sentir isso toda vez que vinha à nascente e não compreendia como os outros não sentiam a mesma coisa. Respirei fundo e deixei a paz me inundar. Em seguida, entrei.

Anji estava nas profundezas da câmara oca. As paredes eram de pedra bruta e nada crescia na escuridão; nada exceto o musgo aveludado que ainda era verde e saudável mesmo depois de um longo período de seca. A água da nascente formava um pequeno espelho junto à frente da rocha, menor do que dois xales de seda abertos para secar ao sol. Ela era cercada por pedras brancas lisas, colocadas por alguém há muitas gerações. Algumas folhas mortas haviam voado para as pedras e eu as tirei cuidadosamente com a vassoura que trouxera. Uma folha flutuava na água escura e sussurrei as palavras que a mãe de meu pai me ensinara antes que eu fosse escolhida. Nada morto podia macular a água sagrada. Como sempre, fiquei surpresa com sua temperatura fria na ponta de meus dedos.

Inclinei-me para frente e vi meu próprio rosto refletido na superfície calma. Às vezes outras coisas podiam ser vistas na nascente. O futuro. Eventos do passado.

Um rosto surgiu ao lado do meu, me assustando. Por um momento eu esquecera completamente a presença de Iskan.

— Muito bonito. E eu realmente aprecio o frescor.

Levantei-me imediatamente. Meu rosto ficou quente.

— Anji tem mais do que apenas poderes de frescor. — Peguei o pote de argila e mostrei-o para ele. — Isto é água comum de um poço normal da propriedade. — Tirei a rolha e dei um gole. — Sem veneno, está vendo?

Iskan levantou as sobrancelhas, mas não disse nada. Me inclinei, sussurrei obrigada para Anji e enchi o pote com água gelada. Em seguida, caminhei para entrada da câmara e olhei para dois cardos junto à entrada, bastante secos e mortos. Levantei o pote para que Iskan pudesse ver o que eu fazia, e então joguei a água da nascente sobre o cardo voltado ao ocidente, lentamente e com cuidado, para que o chão seco tivesse tempo de engolir todas as gotas. Depois, joguei água do pote de argila sobre a planta ocidental da mesma maneira. Iskan estava de pé, encostado contra a parede de pedra com os braços cruzados contra o peito.

— Aqui. Encontre-me aqui daqui a três noites, na lua cheia. — Coloquei a rolha firmemente no pote de argila, girei e dei a volta na colina antes que Iskan tivesse tempo de reagir. Aikon estava me esperando na curva com uma expressão horrorosa. Minhas mãos estavam suadas e eu tinha a impressão que mal podia respirar. Eu convidara um homem – um homem que meus pais viam como um pretendente de minha irmã – para encontrar-se comigo à noite. À sós. Pois eu sabia que não haveria acompanhante. Sabia que iria encontrar Iskan sozinha e meu rosto queimou de vergonha. Porém, não me arrependia.

Durante os dias que se seguiram, fui uma irmã e filha exemplar. Cuidei de Lehan, cuja febre abaixara, mas permanecia exausta e fraca. Ajudei a minha mãe com todos os seus afazeres. Fiz oferendas aos espíritos dos ancestrais no monte funerário. Esperei meu pai e Tihe voltarem para casa, cansados por causa da viagem longa e perturbados pelo aumento do preço de plantas bao. Tudo isso para evitar pensar no que eu havia feito. O que eu pretendia fazer.

A noite da lua cheia estava clara e sem nuvens. Sentei-me em meu quarto e esperei até a casa toda cair em um sono pesado. Muito tempo depois da meia-noite, me aventurei a sair.

Pássaros desconhecidos cantavam nos arbustos dos arredores enquanto eu andava no caminho conhecido ao pé do morro. As cores, os cheiros, os sons –

tudo era diferente. Eu também fora mudada pela noite. Tornara-me outra pessoa. Uma mulher que saía secretamente para encontrar o homem que ama, sem nenhuma preocupação com decência, família, consequência. Minha vergonha, minhas reservas. Deixei todas para trás. Naquele momento, eu era livre. Mais livre do que jamais fora. Sonho com frequência sobre aquela caminhada para a colina. Em meus sonhos, ela é sem fim. Às vezes estou flutuando sobre o chão. As sombras são azuis, a lua enorme e o ar fresco contra a minha pele. Ele tem cheiro de orvalho e terra e etse. Tudo no sonho parece real, afinado. Liberdade e alegria crescem como se meu coração pudesse explodir.

O sonho sempre termina da mesma forma. No sonho, percebo algo se aproximando. Algo grande e preto que cobre a lua e as estrelas. Algo que está prestes a devorar tudo. Eu tento gritar. Então, acordo, em minha cama, com o céu da noite do outro lado da janela. Meu coração bate forte e eu sei que é tarde demais.

Iskan me esperava quando cheguei. Ele estava sentado com as costas viradas para a entrada escura da câmara. Ao seu lado, havia as silhuetas de dois cardos raros. O do lado oriental, que eu regara com água comum do poço, parecia igual do que há três dias. O ocidental, entretanto, para o qual eu dera a água de Anji, tinha um novo broto junto à sua raiz do tamanho de uma mão.

— Pode ser coincidência — a voz de Iskan veio das sombras. — Você pode ter vindo aqui e o regado todos os dias desde que nos vimos.

Porém, senti dúvida em sua voz. Fui me sentar no chão ao seu lado. Não conseguia enxergar seu semblante no escuro.

— Anji pode dar vida e riqueza, se você beber sua água na hora certa. E ela pode trazer morte e destruição se bebê-la na hora errada. O poder de sua água é primordial. A minha avó contava que houve um tempo em que todos os lugares sagrados de diferentes distritos tinham poderes, mas que muitos foram esgotados pela ganância humana ou simplesmente esquecidos. — Quando virei o rosto para Iskan, as correntes de prata tiniram em meus cabelos. — A nascente é a origem de nossa riqueza ancestral. Ela tem sido usada, guardada e cuidada pelas filhas mais velhas de muitas gerações.

A mãe do meu pai não teria aprovado que eu discutisse os segredos de Anji com um estranho dessa maneira. Mas a noite e o luar haviam levado todas as minhas reservas e eu não sentia nem um pingo de consciência pesada. Eu estava sentada ao lado de Iskan – ele e eu, sozinhos – e estava preparada para dizer qualquer coisa para fazê-lo acreditar em mim. Para fazê-lo me ver.

— Ninguém mais além de você sabe sobre isso? — Sua voz estava carregada de descrença. Zombando.

Segurei sua mão, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Como se eu tivesse o direito de tocá-lo daquele jeito. Sua mão era quente e suave na minha.

— Venha — chamei, puxando-o para se levantar. Levei-o para dentro da fenda, sua mão na minha o tempo todo. Meu coração pulsava em meus ouvidos e minha boca estava seca, mas sentia minha mente limpa e meus pensamentos corriam como peixes na água. Estava escuro na câmara, mas meus pés sentiam o caminho e guiei Iskan diretamente para a nascente. Ela estava brilhando como prata ao luar.

— Olhe para água — sussurrei. — O que você vê?

Ele se inclinou, insensível, desinteressado.

— Eu me vejo. E a luz. Ela está brilhando. Ela…

Ele parou. Silenciou-se. O desinteresse desapareceu e seu corpo inteiro ficou tenso, como se estivesse em guarda. Não olhei para água. Olhei para ele.

Eu ainda segurava sua mão.

Subitamente, ele se virou para mim, puxou-me para perto.

— O que é isso? — Sua voz disse em um sussurro, um sibilo. — O que é isso que estou vendo?

— Anji mostra o que aconteceu ou o que acontecerá. Às vezes ela mostra seu maior desejo.

Ele ficou completamente imóvel. Suas mãos apertaram meu antebraço, causando dor.

— Por que você mesma não olha?

— Eu já sei o que aconteceu. E sei como meu futuro é. E sei quais são meus desejos.

A última parte sussurrei baixinho. Mal acreditava que as palavras haviam saído da minha boca. O rosto de Iskan agora estava à minha frente. Seus olhos eram grandes e escuros em sua face iluminada pelo luar. Eu nunca estivera tão perto dele antes. Ele cheirava a coisas caras: o óleo de amêndoas em seus cabelos, o incenso do palácio, o cavalo que montara.

Um estremecimento passou pelo seu corpo. Uma mudança – eu a sentia em suas mãos, no modo como segurava meus braços. A solidez e a tensão derreteram-se e ele sorriu, lenta e gentilmente.

— Você sabe por que tenho vindo para cá durante todo o verão, não sabe Kabira? — Ele se inclinou para frente e pude sentir sua respiração em minha pele. Ela era doce devido ao vinho. — Por você.

Então ele me beijou e o gosto era de mel e canela.

A partir daquela noite eu era uma causa perdida. Um fogo ardia dentro de mim, um fogo de loucura e abandono. Não havia nada que eu não faria para estar perto de Iskan. Nada que eu não tenha feito. Fiz coisas que eu ouvira que outras garotas faziam por amor, coisas proibidas, coisas que eu antes menosprezava. Agora, eu era aquela saindo furtivamente à noite para encontrar meu amante em segredo. Iskan continuou a visitar nossa família como antes, mas sempre que ele passava a noite em um dos quartos de hóspedes, nos encontrávamos na nascente. Às vezes, vinha apenas à noite, só para me ver. Sentávamos junto à nascente e conversávamos. Eu lhe perguntei sobre sua vida no palácio e ele ficou feliz em explicar. Porém, ele não era o tipo de homem que falava apenas de si mesmo. Mais cedo ou mais tarde, sempre levava a conversa de volta a mim e lhe contei tudo que eu sabia sobre o que atiçava sua curiosidade: a nascente e seus poderes. Transmiti tudo o que a mãe de meu pai me ensinara, assim como aquilo que descobrira sozinha por meio da experiência e intuição. Que debaixo da lua crescente, a água da nascente é boa e dá força, poder e vitalidade, mas sob a lua minguante, a água é perigosa, repleta de impurezas, peste e morte. Embora Anji tenha mais recursos do que apenas esses. Para meus parentes, há gerações, a nascente foi, acima de tudo, uma fonte de conhecimento.

— Minha mãe não acredita nos poderes de Anji, mas meu pai sabe — disse para Iskan certa noite. As chuvas de outono haviam começado, mas não chovera naquela noite. Faixas de nuvens passavam correndo por uma lua minguante e nós nos protegemos dos ventos dentro da câmara. Iskan esticara um cobertor sobre o chão molhado, mas a umidade atravessara e eu tremia de frio. — Nunca falamos disso diretamente, mas ele confia em meus conselhos. Eu o alerto sobre as secas, enchentes e pestes por vir. Visito Anji e depois digo a ele quando plantar e quando colher. Ele conta para nossos vizinhos. Os sábios aprenderam a ouvir, então suas plantações desenvolvem-se e suas colheitas ocorrem na mesma velocidade que as nossas.

— Mas vocês não foram atingidos pela seca neste verão? — perguntou Iskan. Ele trouxera uma lamparina consigo há um tempo e a escondera na câmara, entre nossos encontros. Seu brilho quente iluminava o lado direito de seu rosto e os olhos amendoados. Eu mal podia olhar, ele era tão bonito.

— Sim, e Anji previu isso. Mas o que pode ser feito contra a seca se os canais estão secos? Meu pai se preparou para garantir que tivesse prata o suficiente para substituir as plantas que morreriam.

— Como você vê essas coisas? Há imagens claras que mostram o futuro?

Balancei a cabeça.

— É mais parecido com sentimentos que passam por mim, imagens em minha cabeça e reflexos na água, tudo junto. Elas não são sempre fáceis de ser interpretadas, mesmo para mim, depois de anos de experiência. Às vezes ela conta-me coisas que já ocorreram.

— E qual a utilidade disso? — Iskan esticou as costas sobre o cobertor, com suas mãos atrás de sua cabeça. O frio e a umidade não pareciam incomodá-lo nem um pouco.

— Anji não é para ser usada. A nascente é a força de vida primordial, absoluta e livre. O que nós mortais fazemos com ela é nossa escolha.

— É claro, você não tem obrigação de alertar seus vizinhos — disse Iskan lentamente. — Suas terras logo poderiam ser as mais poderosas do distrito de Renka.

— Por Anji! — Desenhei o sinal do círculo sobre meu coração com os meus dedos. — Isso seria um mau uso do equilíbrio. Quem sabe como poderia nos afetar – ou afetar a própria Anji.

— Eu deveria imaginar que você é honesta demais para isso — disse Iskan.

Endireitei minha postura, sentada. Ele olhou rapidamente para mim e viu que eu estava ofendida. Sem dizer uma palavra, ele esticou seu braço e puxou-me para perto. Seus lábios ardiam o fogo que incendiava em meu corpo e esqueci completamente o frio e a umidade.

A nascente adquiriu um significado ainda maior para mim. Agora, aquele era nosso lugar. Eu também a visitava com frequência durante o dia, para limpar as folhas mortas e ervas daninhas, para reabastecer a lamparina à óleo e me sentar e sonhar acordada com Iskan. Ele não visitava minha família com tanta frequência como antes, e a irritação de meu pai crescia. Ele ainda não contara ao meu pai que eu era a razão de suas visitas – pelo contrário, continuou a ser amável e a dar atenção para todas as três filhas. Porém, vinha com mais frequência à noite, muitas vezes por lua. Cada vez que nos encontrávamos, me falava quando deveria esperar vê-lo da próxima vez.

Assim, fiquei muito surpresa quando, em uma tarde, encontrei pegadas na lama perto da nascente. Eu não via Iskan há cinco dias – ele estivera lá? Teria me esperado? Eu entendera algo que ele dissera errado? Ou havia outra pessoa visitando a nascente? Chequei o óleo na lamparina e vi que estava cheio, como eu tinha deixado há alguns dias. Talvez não fosse Iskan, mas outra pessoa.

Mal peguei no sono na noite seguinte, e me levantei diversas vezes para olhar na direção da câmara de Anji, apesar de não ser visível de casa. E se ele tinha esperado por mim na nascente e ficou bravo comigo? E se ele nunca mais voltasse? Minha mente em turbilhão não me dava paz. Quando a noite que Iskan deveria estar me esperando chegou, eu fervia como se estivesse com febre. Vesti, com as mãos tremendo, o casaco mais bonito que eu tinha, delineei os olhos com Kohl e perfumei meu cabelo com óleo com aroma de jasmim. Não tive coragem de usar minhas correntes de cabelo; seu tinido poderia me entregar. Eu me esquivei descalça pelo pátio e esperei a porta externa se fechar completamente para colocar meus sapatos. Percorri todo o caminho para a câmara de Anji como se pisasse em espinhos. Senti um aperto no coração – não havia ninguém à espera. Abri caminho através da entrada escura, meus pés recusando-se a encontrarem o percurso sozinhos, como faziam normalmente. Eu não ouvia nada, além das batidas do meu próprio coração.

Alguém estava curvado sobre a nascente. Reconheci as costas largas e o cabelo preto. Deixei escapar um soluço, tal era meu alívio, e Iskan virou-se.

— É lua cheia hoje — disse ele. E depois: — Qual é o problema?

— Eu achei que você tinha estado aqui — respondi, tentando manter minha voz estável. — Vi pegadas ao redor da nascente. Fiquei com medo de estar errada sobre qual noite nos encontraríamos.

— Não, eu não estive aqui — respondeu suavemente. — Venha, eu trouxe bolos com especiarias, preparados pelo principal cozinheiro do próprio Soberano.

Ele caminhou até o cobertor, que já estava esticado no local de sempre, e acendeu a lamparina. Em seu brilho suave, vi um prato de prata com bolinhos marrons, duas tigelas e uma jarra de vinho. Meu coração saltou. Ele estivera à minha espera.

Sentamo-nos e conversamos como sempre, e ele me contou sobre suas viagens com o Soberano e seu pai, o Vizir, ao distrito de Amdurabi, ao leste de Renka, onde o governador distrital promoveu uma celebração com fogos de artifício em honra do Príncipe Soberano. Eu me embebi com cada palavra. Iskan estava aqui mais uma vez – comigo. Essas noites que passávamos juntos eram como joias secretas que eu carregava comigo, mas ninguém mais podia vê-las.

— Falando de Amdurabi — disse Iskan, dando-me outro bolinho. — A nascente já lhe mostrou acontecimentos em outros distritos?

Limpei algumas migalhas de meus lábios e engoli.

— Não, Anji é a nascente de Renka. Sua força vital é tirada deste solo e destes montes. O que acontece longe é assunto de outras pessoas. Em Amdurabi,

acredito que seu local sagrado seja a Montanha de Haran.

— É por isso que Anji mostra-lhe especificamente o futuro de sua família?

— Eu não sei. Acredito que quanto maior seja a proximidade de algo, maior será a percepção na água de Anji. Mas o que eu vejo é a minha preocupação e a dos meus. Você mesmo olhou na nascente sob a lua cheia, e provavelmente viu algo totalmente diferente.

Iskan nunca quisera me dizer o que ele vira na água. Ele mexeu a cabeça, pensativo.

— Eu não posso interpretar as visões tão bem quanto você. Tudo é discrepante e nebuloso. Mas vou praticar.

Ele se levantou com um pulo, puxando-me.

— Venha! — Ele virou as duas tigelas e derramou as últimas gotas de vinho. — Vamos brindar com a água da lua cheia!

Ele encheu as tigelas com a água de Anji e deu uma para mim. Em seguida, levantou sua tigela para os céus e para noite.

— Ao futuro!

Eu ergui minha tigela e bebi a água fria e pensei sobre Iskan e eu no futuro, e meu corpo inteiro cantava de alegria.

Com essas pequenas palavras, Iskan deu-me esperança que logo pediria minha mão ao meu pai. Porém, o inverno chegou, trazendo ventos frios secos do noroeste e as visitas de Iskan à nossa família tornaram-se cada vez mais raras. Continuamos a nos encontrar na nascente, mas também com cada vez menos frequência. Iskan se desculpava dizendo que seu pai não podia ficar sem ele com tanta frequência.

— Eu sou indispensável para meu pai e para seu gabinete — disse certa noite, quando sentávamos encolhidos debaixo de um cobertor, meus dentes batendo de frio. — Ele não consegue fazer nada sem mim, me diz isso todos os dias. Meu pai é velho e não pode mais lidar com todas as intrigas da corte como eu. E é muito importante que o Vizir esteja ciente de todos os acontecimentos na corte de seu senhor. De muitas maneiras, eu sou a pessoa mais importante para o Soberano. Mais importante do que aqueles seus filhos fracos, com certeza. — Ele se gabou. — Sabe, o Soberano deu cavalos novos para eles, foram sete. Cavalos de raça, de Elian do oeste. Ele enche aqueles tolos incompetentes com presentes, embora eu seja o único útil para ele.

— Você recebeu uma nova espada no último outono do próprio Soberano — lembrei com cuidado. — Quantos podem dizer que receberam algo assim? Ele o

considera sua mão direita, tão indispensável quanto sua própria espada.

Iskan mordeu o interior de sua boca. A nuvem de tempestade passara e seu rosto iluminou-se gradualmente.

— Sim, é claro. Ele seria um tolo se não notasse isso.

Engoli em seco. O Príncipe Soberano era sagrado. Parecia perigoso falar sobre ele dessa maneira. Como uma blasfêmia. Ainda assim, Iskan o fazia com frequência, e eu imaginava que ele devia falar de um jeito muito diferente na corte real de quando estava entre os cidadãos comuns.

— Mas, Kabira, você tem que entender que isso significa que agora não posso voltar por um tempo. Talvez até a primavera, quando estará mais quente. — Ele apertou o cobertor em torno de nós. — É tão frio que, quando retorno para o palácio, nunca consigo me aquecer de novo até o dia seguinte. — Deu-me um beijo na testa e se levantou. — Venha, vamos brindar à primavera e ventos mais brandos.

Iskan me levou à Anji. Ele sempre queria bebê-la quando a lua era nova. A água estava tão fria que doía ao engolir. Iskan limpou a boca com a mão.

— Posso sentir que isso me dá força – tanto no corpo quanto na mente. — Ele pegou um pote de argila e encheu-o com a água da nascente. — Para que eu me vire até nos encontrarmos novamente. Mandarei notícias, Kabira. — Ele se inclinou e passou os lábios contra os meus. — Até a primavera, minha querida.

De pé na entrada da câmara, eu o vi desaparecer descendo a colina, em direção ao bosque onde normalmente deixava seu cavalo. O vento castigava meu rosto, mas eu mal o sentia. Meu coração estava ainda mais frio.

Foi um inverno longo e cansativo. Meu entusiasmo costumeiro se foi e nada me trazia alegria. A única que entendia os motivos de minha mudança era Agin. Mais de uma vez, a flagrei me observando com a testa franzida, pensativa, o que me deixou ainda mais mal-humorada e melancólica, então me afastei das minhas irmãs e passei muito tempo sozinha. Minha mãe estava preocupada. Ela pensava que eu estava entediada devido à falta de atividade no inverno. Sua solução foi me arrastar para visitar vários vizinhos e parentes. Suspeito que ela também pensasse que o que eu precisava era de um marido, mas os homens que se lançavam em meu caminho não eram nada comparados ao meu Iskan. Eles não se portavam com tal dignidade. Eles não contavam histórias tão interessantes como as que Iskan contava da corte real. Seus lábios não eram tão vermelhos. Suas risadas, não tão contagiantes. Eles não me olhavam com os mesmos olhos escuros. E não deixavam minha pele em chamas como Iskan conseguia fazer com

apenas sua presença. Tenho a impressão que encontrei todos os jovens educados e honestos de nosso distrito com desdém e desinteresse. O que eles podiam me oferecer que o filho do Vizir não podia oferecer dez vezes mais?

Agora ficaria envergonhada em pensar como me comportei, se ainda fosse capaz de sentir vergonha. Minha reputação estava maculada e, quando minha mãe se rendeu e parou de me arrastar para todas as famílias que conhecia, não restava uma única mãe que gostaria de ver seu filho casado com a filha arrogante de Malik-cho.

A única coisa que eu fazia por vontade própria era visitar a nascente, o que eu fazia diariamente e, com frequência, muitas vezes por dia. Mantive os arredores livres de quaisquer folhas ou grama. Enfeitei Anji com belas pedras brancas. Eu frequentemente sentava-me à beira da nascente vestindo um casaco de inverno e camadas de xales, olhando para a água clara e pensando em Iskan, revivendo cada encontro que tivéramos lá. Às vezes, quando pensava em seus beijos, eu via em meu reflexo que meu rosto ardia, vermelho. Ele me beijara. Dissera que eu era sua. Ele prometera voltar.

A nascente mudou. Anji e eu sempre dividimos uma relação especial. Minha mãe riria de mim se soubesse que eu pensava assim, mas era verdade. A mãe do meu pai tinha muito mais dificuldade do que eu para entender Anji e interpretar suas revelações. Porém, agora parecia que a nascente tinha se afastado de mim. Quando eu me sentava à sua beira, não podia encontrar aquela afinidade. Ela não estava mais interessada em mim. Com minha mão na água gelada, eu tentava entender, mas Anji não respondia. Parecia que tanto Iskan quanto Anji haviam me abandonado, e isso partia meu coração. Não podia aguentar perder ambos.

Na próxima lua cheia, eu estava preparada. Eu precisava olhar para a água para tentar entender por que Anji se afastara de mim. Talvez ela pudesse me mostrar Iskan, quando ele pretendia voltar, o que o futuro trazia. Os piores ventos de inverno haviam acalmado e um pouco de calor retornava. A primavera logo chegaria. Ele prometera enviar notícias até lá.

Eu sentava em minha cama, totalmente vestida, e esperava até a casa estar adormecida, como em todas as noites que eu subira a colina para encontrar Iskan. Porém, dessa vez era Anji que tomava meus pensamentos. A lua cheia pairava grande e branca acima da minha cabeça enquanto eu contornava o monte, e cada folha de grama tinha uma sombra nítida da lua. Quando cheguei à câmara, o ar estava denso com a força vital emanando de Anji. Ela estava acordada, era forte! Apressei-me, corri ofegando para a câmara para encontrá-la – e paralisei. Alguém estava de pé em frente da água. Devo ter emitido algum som, porque a

pessoa virou-se e ergueu um objeto que brilhou sob o luar. Uma espada.

— Quem é?

Eu quase caí no chão de alegria e alívio. Era Iskan.

— Iskan — gaguejei. — Você voltou, che!

Ele veio até a mim. A espada ainda em mãos.

— O que você está fazendo aqui? — Ele se inclinou para mim, seu rosto na escuridão, sua voz severa.

— Eu vim visitar Anji. — Estiquei uma mão, implorando. — Por favor, Iskan, por que está com raiva?

— Você estava vindo para encontrar outro homem? Está fazendo isso pelas minhas costas?

Ele agarrou meu pulso e o torceu.

— Não! — Engoli em seco. Tentei me lembrar de como costumava falar com ele quando agia dessa maneira. — Que outro homem poderia possivelmente se comparar a você, Iskan, ak Honta-che, filho do Vizir, a joia mais brilhante do Soberano? Para mim, não há outro.

Ele me soltou e deu um passo para trás. A luz do luar dançava sobre a lâmina da espada.

— Você sentiu a minha falta? Você pensou em mim?

— Todos os dias, che! A cada momento! Você me deixou esperando por tanto tempo!

— Pensei em você também, Kabira. Com frequência, nas noites solitárias no palácio. — Ele jogou a espada no chão e caminhou em minha direção. — Você é minha Kabira? Apenas minha?

— Sim, Iskan, agora e sempre, sou só sua.

Ele inclinou-se sobre mim, sua boca em meu ouvido.

— Você pode me dar uma prova? Agora, minha Kabira?

Assenti com a cabeça, sabendo que ele podia sentir o movimento contra o meu peito.

— Responda, Kabira. Diga que você me quer.

— Eu quero você, Iskan. Por favor.

Eu havia pensado nisso muitas vezes, quando nos beijávamos, quando ele me trazia para perto, quando me tocava. Porém, eu estava totalmente despreparada para o desejo que suas mãos despertaram em meu corpo. Minha mãe jamais tinha me ensinado essas coisas. Eu senti um desejo em meu coração que era mais forte do que a razão. Eu o queria. Eu o queria há muito tempo. Porém, não aqui. Não assim. Mas estava com medo. Com medo de sua raiva errática, de sua

volatilidade.

— Então você terá o que quer — sussurrou e beijou meu pescoço. — Eu lhe darei isso. Agora.

Então Iskan ak Honta-che tirou minha virgindade dentro da câmara de Anji, no chão descoberto, e foi como eu tinha sonhado que seria, mas me agarrei em seus ombros e pensei que isso significava que ele era meu, verdadeiramente meu. Ele me queria. O filho do Vizir, que podia ter quem quisesse, queria a mim, Kabira.

Foi só mais tarde, de volta ao meu quarto, tirando rastros de sujeira de minhas calças na pia, que percebi que eu nunca perguntara a Iskan o que ele estava fazendo na nascente sob a lua cheia. Ou o que ele vira na água de Anji.

Continuamos a nos ver, mas Iskan não visitava mais a casa. Ele me encontrava somente em Anji, à noite. Suspeitava que ele também vinha sozinho em outras noites em que nós não encontramos, como quando o surpreendi sob a lua cheia. Porém, eu não ousava conferir minhas suspeitas e nem perguntar. Eu não queria provocar sua ira outra vez. Esse lado de Iskan me assustava, então eu fazia tudo o que podia para mantê-lo de bom humor. Perguntava-lhe sobre a vida no palácio. Elogiava-o pelos serviços que fizera para seu pai ou para o Soberano. Sentia pena quando ele sentia que estava sendo tratado injustamente, o que acontecia com frequência. Iskan via injustiça e insulto em quase todos os atos. Agora que éramos amantes, ele me revelou mais esse lado. Ele perdia a compostura às vezes e expunha sua incerteza, o que entendi como um sinal de seu amor por mim. Ele estava preparado para me deixar ver dentro dele e eu guardava toda a confiança em meu coração como um tesouro.

Iskan sentia inveja excessiva de quase todos os membros da corte, apesar de ter uma das posições de maior prestígio. Porém, essa posição era principalmente devido a sua linhagem e isso pesava sobre ele, que desejava um papel por mérito próprio.

— Não há ninguém na corte com a mente tão astuta quanto a minha! Eles seguem a vida tão cegos quanto toupeiras na terra. — Iskan estava sentado à beira de Anji e desenhava figuras na água com a ponta de seus dedos. Ele parecia estar falando com a água tanto quanto comigo. — O Soberano precisa enxergar isso! Mas ele é igualmente cego. Ele dá aos seus filhos todos os melhores cargos. Eles são preguiçosos superprotegidos. O mais velho, Orlan, se importa apenas em caçar. Os outros vão a festas, têm uma quantidade imensa de concubinas, e são fracos e indolentes. Um homem não deve nunca deixar seus desejos

enfraquecerem o corpo ou espírito. Ele nunca deveria ter concubinas a ponto de desviar sua atenção do que realmente importa. — Ele levantou a mão e deixou a água pingar das pontas de seus dedos de volta à nascente, como um amante olhando o ente amado.

— Sua hora vai chegar — falei, lembrando-o de minha presença. Eu me sentei aos seus pés, meu olhar fixo em seu rosto. — Eu sei disso.

— Sim. — Ele sorriu, ainda virado para Anji. — Eu tenho o conhecimento que eles não têm, não é verdade? — Sua voz suavizou-se. — E estou aprendendo mais o tempo todo. Eu não sou impaciente. Posso esperar a hora certa, até o momento ser certo. E quando for, você vai me dizer, não vai?

— Ela fala muito com você? — Perguntei com a voz baixa. Talvez Iskan logo fosse capaz de interpretar as revelações de Anji tão bem quanto eu. Ele não precisaria de mim.

— Ela me mostra um pouco — disse lentamente, com algo similar a afeto. — Não tudo o que quero saber. Mas me coloca no caminho certo. Logo vou aprender a como convencê-la a me dar tudo. — Ele chacoalhou as últimas gotas de água de sua mão e se virou para mim, como se acordasse de um sonho.

— Kabira — Ele se levantou e sacou sua espada. Puxou-a para cordão de suas calças. — Agora é a sua vez.

Ele me tomava toda vez que nos encontrávamos. Primeiro bebia de Anji ou brincava com sua água ou simplesmente olhava fixamente para ela. Eu não devia perturbá-lo. Quando ele estivesse pronto, era a minha vez. Melhorou depois da primeira. Ele me beijou e me acariciou e às vezes conseguia acender o fogo e o desejo em meu corpo. E eu o queria – dentro de mim. Naqueles momentos, Iskan era apenas meu. Ele estava total e completamente comigo e eu não competia com ninguém, nem mesmo com Anji.

Após algum tempo, aconteceu o que eu tanto temia quanto desejava. No auge da primavera, meus sangramentos cessaram. Eu tinha uma criança. Eu não sabia como dar a notícia para Iskan. Temia que ficasse com raiva, embora, pelo menos então, ele não teria opção senão finalmente falar com meu pai. Para pedir a minha mão. Assim poderíamos parar de nos encontrarmos desse jeito, em segredo, escondidos pela noite e pela escuridão.

Iskan estava de bom humor naquela noite. Ele trouxera um cobertor grosso para sentarmo-nos, almofadas e bolinhos de arroz e vinho adoçado. Sentamo-nos fora da fenda e comemos e bebemos em silêncio. Iskan falava, eu ouvia. O Soberano elogiara o conselho de Iskan a respeito de cortesões que haviam sido expostos por cobrarem taxas extras de mercadores estrangeiros em troca de

posições melhores no mercado de especiarias. Todas as tarifas no comércio de especiarias pertenciam somente ao Príncipe Soberano.

— Eu falei ao Soberano que ele tinha que usá-los como exemplo. Para que ninguém seguisse seus passos. Todos deviam mostrar respeito ao nosso senhor, o ancestral de todos os ancestrais. O Soberano prefere não fazer esse serviço sujo, então delegou ao meu pai, que passou a tarefa para mim. Eu castrei todos eles e escravizei todos os seus filhos, esposas e netos. Sua linhagem morre com eles e não haverá ninguém para honrar os espíritos quando estiverem mortos. Eles têm que passar o resto de suas vidas miseráveis sabendo disso. — Ele balançou a cabeça quando viu a minha expressão. — Tem que ser assim, Kabira. Minha tarefa é proteger o Príncipe Soberano, haja o que houver.

Queria dizer que eles podiam simplesmente ter suas propriedades tomadas e serem exilados. Porém, não ousava desagradar Iskan. Não quando eu tinha notícias tão importantes para lhe dar.

— Iskan-che.

Minha voz deve ter me entregado, porque ele se inclinou para frente e tocou o meu rosto.

— Está tudo bem, o que é minha querida?

— Estou esperando um filho.

Iskan se inclinou para trás, apoiado em seus cotovelos, e estudou meu rosto. Eu prendi a respiração, esperando que explodisse.

Ele sorriu.

— Eu estive esperando por isso.

Eu não sabia como reagir. Meu coração explodiu de alegria e, pela primeira vez em muito tempo, senti o gosto de um toque de canela e mel em seus lábios novamente. Ele me amava! Ele queria a mim e ao filho que eu carregava! Nosso filho.

Iskan deu um salto brusco e me fez levantar.

— Venha!

Eu o segui pela entrada da câmara. Para dentro de Anji. Ela estava escura e quieta sob a luz fraca da lua minguante. Iskan se abaixou e pegou a tigela que deixava à beira da nascente. Ele a encheu de água.

— Beba!

— Mas a lua está minguante! A água de Anji é ruim!

— Exatamente. — Ele sorriu e a brancura de seus dentes brilhou na luz fraca. — Agora eu posso testar algo que há muito tempo estive pensando. Beba!

Eu não podia me mover. Fiquei paralisada no lugar, olhando para a tigela nas

mãos de Iskan. Ele fez um som impaciente e segurou minha nuca com uma de suas mãos grandes. Ele puxou minha cabeça para trás e apertou a tigela em meus lábios. O líquido foi derramado em meus dentes, escorreu para dentro de minha boca e garganta. Talvez não fosse tão perigoso. Eu tinha apenas a palavra de minha avó como prova de que ela era repleta de morte e destruição. Eu engoli. Iskan me examinou com intensidade.

— Você sente algo?

Balancei a cabeça lentamente. Havia um pulso, um murmúrio estranho em meus ouvidos. Como o sangue fluindo pelas veias, mas mais alto e mais forte. Um tremor de um rio, de uma cachoeira. Anji estava dentro de mim. Eu bebera sua água a vida toda, sua força estava em meu corpo. Ela se misturava com meu sangue e era parte de mim – ela era quem eu era. A figura de Iskan parecia tremular na escuridão. Vi Iskan parado lá, mas também vi todos os Iskans possíveis que viriam e aqueles que já haviam passado. Eu o vi como um velho. Vi a sua morte. Se eu quisesse, podia tocá-la. Movê-la. Aproximá-la. Trazê-la para mim.

Estiquei a minha mão. Ela tremia. Iskan observava: ele não deixou de olhar para o meu rosto por nenhum momento. Acariciei a sua morte, com gentileza e cuidado. Como se tocasse o cinna. Ele respirou rispidamente.

Deixei minha mão cair e olhei para ele, direto nos olhos. Ele sabia, bem naquele momento, o poder que eu tinha sobre ele e o que eu poderia ter feito. Ele sabia o que eu deixara de fazer.

— Vou para casa agora — falei, e ele se assustou com a força da minha voz. Eu me virei e parti.

Nos próximos três dias, a criança foi perdida. Pouco me lembro do período. A febre ardeu através de meu corpo e queimou os últimos resquícios de meu amor por Iskan. Eu me lembro de sangue, grandes quantidades de sangue. Dos rostos angustiados de minha mãe e de Agin. Me lembro de vozes sussurrando, água gelada com hortelã e pétalas de sanguinária, me lembro de compressas quentes de rhodiola rósea, me lembro de passos apressados.

No quarto dia, a febre diminuiu. Eu estava deitada na cama, cercada de almofadas limpas novas. Agin estava sentada aos meus pés olhando para as suas mãos.

— Eu pensei que iria morrer. O que você fez?

Virei o meu rosto para o outro lado.

— A mãe sabe?

— Ela deu à luz a quatro filhos. O que você acha? — A voz de Agin era dura.

— Você me odeia? — Eu não podia olhar para ela.

Ela suspirou.

— Não, querida irmã. Mas estou brava com você. Por que você não disse nada? Você nunca deveria ter feito isso a si mesma! Deveria ter falado com o pai. Ele poderia tê-lo forçado a se casar com você. — Mas eu podia ouvir na sua voz que ela não acreditava em suas próprias palavras.

— Ninguém pode forçar esse homem. Ele nunca vai se casar comigo. Nunca. Agora sei disso. Estou livre dele. Nunca mais vou vê-lo, juro.

Ela passou a mão na minha coberta.

— Estou feliz de ouvir você dizer isso. Ele esteve aqui.

Senti todo o ar sair de meus pulmões. Eu não conseguia respirar.

— Ele foi descarado a ponto de visitar o pai e a mãe, como antes. Estava muito preocupado com o seu bem-estar. Ele fez perguntas. Queria saber todo tipo de coisas. O pai não suspeitou de nada, então ele e o Tihe o receberam como um convidado de honra. A mãe não quis ficar mais do que o necessário, então tive que atendê-los. Ele olhou para mim… — Ela estremeceu. — Eu nunca havia notado antes. Era como se ele enxergasse através de mim. Como se pudesse mudar as coisas apenas com o olhar. — Ela balançou a cabeça. — Estou feliz que você se livrou dele. Nada de bom poderia vir disso. Eu senti desde o início.

Subitamente, ela se levantou e veio para a cabeceira, se inclinou e me abraçou. Não sei se ela já tinha feito isso desde que éramos menininhas e dividíamos a cama. Era comum nos deitarmos abraçadas para nos protegermos contra os horrores do escuro. Agora, ela colocava os lábios em meu cabelo, que estava grosso com suor e sujeira.

— A vida continua, você vai ver. Vai levar um tempo, mas um dia você será feliz de novo.

Quando ela se levantou para partir, olhei para ela.

— Eu não fiz isso comigo — Fiz um gesto para indicar meu corpo, a cama, tudo o que acontecera. — Foi ele.

Agin estremeceu.

— Então você teve sorte de escapar dele.

Observei-a deixando o quarto. Senti pesar, mas também alívio. Eu estava livre.

Ou assim pensava.

No dia seguinte, acordei com um murmúrio em meu corpo. A casa estava

silenciosa, embora o sol já estivesse alto no céu. A primavera havia quase se transformado em verão e eu podia sentir o calor do dia atravessando as cortinas fechadas.

Eu me sentei, meu corpo parecia frágil e era difícil juntar forças para sair da cama. Finalmente me levantei, me apoiando contra a parede. O murmúrio dentro de mim era quase ensurdecedor e eu não sabia se era a casa que estava completamente em silêncio ou se eu não podia ouvir. Tudo ondulava e tremia como se eu ainda visse o passado e os possíveis futuros. As paredes não pareciam sólidas. Vi outras atrás delas, paredes pertencentes a outra casa, uma muito maior e mais grandiosa do que a nossa. Junto a essas paredes, pessoas circulavam vestindo roupas caras, suas formas translúcidas deslizando silenciosamente em um borrão nas cores vermelho como um caramujo-de-sangue, dourado e azul mais profundo. Eram todas mulheres. Quando me estiquei para tocar uma jovem com cabelos pretos como um corvo presos com dois pentes, meus dedos passaram através de seu braço. Por um momento, pensei que olhava direto para mim. Em seguida, ela e todas as outras desapareceram. A casa ao meu redor era novamente a minha. Eu não conseguia respirar com regularidade e minhas costas estavam pegajosas de suor.

— Agin? — Chamei com cautela e minha voz estrondou em meus ouvidos. — Mãe?

Não houve resposta. Esperei até minha respiração se estabilizar, então caminhei lentamente até a porta. Tive que me esforçar para ficar de pé.

A varanda do segundo andar estava vazia. A porta para o quarto da minha mãe e do meu pai estava escancarada. Andei em sua direção, apoiando na parede.

À beira da cama, Lehan estava sentada. Ela estava de costas para mim e seus cabelos longos brilhantes caíam em suas costas magras em cachos soltos. A cama não estava feita e ela segurava algo em suas mãos. As cortinas ainda estavam fechadas e o quarto, escuro.

Dei alguns passos atrapalhados para dentro. Ela devia ter me ouvido, mas não se virou.

— Você deveria deixar alguma luz entrar — falei. Minha garganta estava seca e dolorida.

Meus olhos lentamente se acostumaram à luz fraca e vi o que Lehan segurava. Uma mão. Uma mão magra que eu conhecia bem. A mão de minha mãe. Percebi que a cama não estava por fazer, mas ocupada. Minha mãe e meu pai estavam deitados lá. Lado a lado. O ar tremulou e tive uma última visão da água de Anji, uma visão da minha mãe como uma mulher velha e do meu pai como um

homem velho, lado a lado, cercados de netos e suas mortes diante dos dois. Porém, aquela morte tinha sido arrancada deles. Trazida para mais perto por mãos habilidosas. Trazida para cá. Então a visão se foi.

— Eles morreram à noite. Todos eles.

A voz de Lehan era fina e não parecia com a sua. Vinha de um lugar distante, um lugar onde ela jamais estivera antes.

Senti tudo entrar em colapso naquele momento. Eu sabia o que ela queria dizer. Eu entendi. Mas ainda me ouvi perguntar.

— Todos eles?

— Tihe e Agin estão deitados mortos em suas camas. A maioria dos serviçais também. Aqueles que não estão mortos, fugiram desta casa da morte. — Não havia sentimento em sua voz; era fria e dura, como aço.

Eu não respondi. Corri para o quarto de Agin o mais rápido que pude. Encontrei-a deitada com os olhos fechados e as mãos juntas sobre a coberta. Ela parecia exatamente com alguém dormindo. Me sentei na cama. Abracei seu corpo contra o meu, meu braço por cima de seu peito.

Agin, minha irmã. Que sempre cuidara de mim, e Lehan. Que estava sempre pensando nos outros. Tihe, nosso irmão orgulhoso e belo. Minha mãe e meu pai. Mortos. E eu que tinha trazido a morte para nossa casa. Era culpa minha eles não respirarem mais. Eu ensinara a Iskan os segredos de Anji. Mostrei a ele como usar seu oaki, sua água proibida. Não conseguia entender por que eu ainda estava viva. Ele achou que eu morreria naturalmente, porque estava doente e frágil?

Desejei ter morrido junto com a criança que perdi.

É o meu desejo há mais de quarenta anos.

Nossos vizinhos nos encontraram. Muitos serviçais haviam fugido da casa em pânico e espalhado a história da casa da morte. Os amigos mais antigos de meus pais tomaram coragem para ver se restavam quaisquer sobreviventes da terrível doença que tinha nos devastado. Eles nos levaram consigo, cuidaram de nós e nos ajudaram a enterrar os mortos. Minha tia veio e quando a minha mãe, o meu pai, Tihe e Agin foram enterrados no topo da colina, ela nos levou para casa. Lehan e eu não podíamos fazer nada. Mal falávamos uma com a outra. Vestíamo-nos pela manhã, comíamos o que era colocado em nossa frente, respondíamos quando falavam conosco e íamos para a mesma cama quando a escuridão chegava. Porém, Lehan era como uma estranha para mim. Eu não sei por que não encontrávamos consolo uma na outra. Talvez minha culpa fosse

grande demais. Seu pesar intenso demais. Nossa tia e nossas primas nos tratavam com o maior respeito e compaixão, mas no fundo, por trás das névoas da minha mágoa e angústia, sabia que não poderia ficar com elas para sempre. Eu simplesmente não sabia aonde ir.

Lehan, a minha tia, a nossa prima Ekhe e eu estávamos sentadas na sala da sombra no fim de uma manhã de verão, ocupadas com bordados, quando um dos serviçais de minha tia veio.

— Iskan ak Honta-che — anunciou ele, segurou a porta aberta.

Ekhe olhou para cima com curiosidade e Lehan abaixou seu bordado. Minha tia se levantou para cumprimentar o convidado, reclinando-se repetidamente e ofereceu a ele chá gelado e bolinhos. Continuei a costurar. Não ousei olhar para cima. Ele tinha vindo me matar. Podia fazer isso sem dificuldade. Sem remorso. Meu coração batia tão forte que minha mão começou a tremer. Ouvi sua voz gentil dizer as condolências adequadas. Talvez ele fizesse isso rápido. Então eu não sofreria mais. Sem pesar. Nem aguentar toda essa culpa. Olhei para cima.

Ele estava de pé diante de Lehan, seu pescoço curvado para baixo com pesar, e minha irmã olhava para ele com olhos brilhando.

— Sua mãe e seu pai eram as melhores pessoas que eu já conheci, Lehan-cho. Eles eram tão queridos para mim quanto meus próprios pais. Eu esperava que eles, de fato, se tornariam meus pais. — Ele levantou a voz para que a sala toda pudesse ouvi-lo e segurou a mão de Lehan. — Eu desejava me casar com sua filha mais nova, Lehan. Mas depois da grande tragédia que caiu sobre a casa de Cho, não posso mais fazê-lo.

Minha prima Ekhe soltou um gritinho e minha tia ficou de pé imediatamente.

— Deixe-me buscar o meu marido. O chefe da família tem que estar presente. — Iskan assentiu, soltando a mão de Lehan. Então, ele olhou para mim, direto para mim, e pude ver um aviso em seus olhos. Uma ameaça.

Minha tia voltou com seu marido, Netomo. Eles se sentaram ao redor da mesa baixa, onde os serviçais haviam servido algumas comidas e bebidas. Eu não podia me mover de onde estava sentada e Iskan não se sentou, mas ficou de pé segurando a mão de Lehan. Eu não conseguia tirar meus olhos dele, como um pardal temendo a investida iminente do gavião.

— Nenhum acordo foi formalizado entre Malik ak Sangui-cho e eu, nem entre ele e o meu pai, mas as minhas intenções estavam claras há um ano. Apenas esperei até atingir uma posição no palácio do Príncipe Soberano em que eu pudesse me casar. Porém, sinto que minhas ações devem ser guiadas por um

dever maior do que os meus próprios desejos. — Ele olhou com carinho para Lehan e lhe deu um sorrisinho triste. — As duas meninas são as únicas sobreviventes de uma doença que atingiu toda a casa de seu pai. Sinto que minha responsabilidade é cuidar de ambas, de tal modo que atrapalhe suas vidas o mínimo possível. — Naquele momento ele soltou a mão de Lehan e virou-se para mim. Eu não podia nem piscar. Seu olhar me invadiu, pesado com o peso das palavras não ditas. Ele deu um passo em minha direção e eu segurei meu bordado com mais força. Ele não podia pegar a minha mão. Eu não toleraria sentir o seu toque.

— Kabira ak Malik-cho, você é a única herdeira de seu pai, já que ele não tem irmãos nem parentes homens. Case-se comigo e eu cuidarei da sua amada irmã Lehan. Por meio do casamento, ela também se tornará minha irmã. Podemos morar na casa de seu pai, onde eu manterei a sua propriedade, e suas vidas poderão continuar como antes. Vocês não precisam ser separadas nunca, o que tenho certeza que seria do agrado das duas. Eu garantirei que nada te falte e que nenhum perigo te aflija – a nenhuma das duas.

Ao dizer suas palavras finais, ele fixou os olhos em mim, seus olhos escuros cheios de ira. Ele fizera tudo isso por causa da nascente. Por acesso à água de Anji. Estava pronto para fazer o que fosse necessário para tomar a nascente como dele.

Eu não emiti som algum. Sabia o que tinha que responder, mas não pude pronunciar. O marido de minha tia, Netomo, foi para o lado de Iskan. Ele esfregou as mãos uma na outra. O filho do Vizir, casado com minha família! Era uma oportunidade que ele não podia deixar passar.

— Isso é tão inesperado. Você deve perdoar a timidez de minha jovem sobrinha. Tenho certeza que ela entende como esta oferta é generosa e que não pode haver dúvida de sua aceitação. Não é isso, Kabira?

Abaixei minha cabeça, resignada. Todos interpretaram como uma afirmação e Netomo deu um tapinha nas costas de Iskan e o parabenizou, e minha tia pediu vinho e tigelas. Logo, estávamos todos de pé, juntos, brindando a saúde e a riqueza do jovem casal. Iskan levantou sua tigela pintada de vermelho para mim e se inclinou para sussurrar em meu ouvido. Todos riram e aplaudiram, porque era a coisa mais natural do mundo – um jovem sussurrando segredos para a sua noiva.

— Você não precisa ter medo de mim, Kabira. É só fazer exatamente o que eu disser e você e sua bela irmã estarão a salvo. Entendeu? — Fiz um gesto afirmativo com a cabeça. — Muito bem. Meu primeiro pedido: nunca mais fale

sobre a nascente e seus poderes com ninguém. Nunca volte para lá. Eu vou saber se for, Kabira, você sabe disso. Anji agora é minha.

Sua voz era quente e íntima, um tom adequado aos segredos entre amantes. Ninguém poderia imaginar a ameaça e o veneno em suas palavras. Ele se virou para Netomo.

— Quero que o casamento aconteça o mais rápido possível, para que essas jovens possam ser levadas para casa sem mais tardar.

— Claro. — Meu tio fez um gesto de aprovação. — Antes da próxima lua cheia. Eu tenho as chaves da propriedade do meu falecido genro. Sem dúvida você vai querer colocar sua nova casa em ordem nesse meio-tempo.

Iskan sorriu. Ele sorriu continuou a sorrir a tarde toda; sorriu para Lehan e sorriu para mim, eu era a única que via tudo o que seu sorriso ocultava.

Tenho poucas lembranças dos acontecimentos até o casamento. Deve ter havido muitos preparativos, mas não esperavam que me envolvesse em nenhum deles. Passei a maior parte do tempo no quarto que dividia com Lehan, andando de um lado para outro como um animal selvagem enjaulado. Tentei pensar em algum modo de escapar dessa armadilha, mas não vi nenhum. Nenhum sem o risco de provocar a ira de Iskan; nenhum que podia assegurar a segurança de Lehan.

Lembro-me de uma noite quando Lehan se preparava para ir para cama. Ela estava sentada escovando seus longos cabelos diante do espelho e me observava sem dizer nada, enquanto eu andava de um lado para o outro com ansiedade. Finalmente, ela suspirou e abaixou a escova.

— O que há de errado com você? Você está agindo como se Netomo estivesse te obrigando a se casar com algum velho banguela e com feridas. Não o belo filho do Vizir que só quer o melhor para nós duas. Se há alguém que deveria estar se retorcendo de angústia, sou eu.

Parei e olhei para ela. Ela jogou a cabeça e sua pele perfeita ficou avermelhada.

— Afinal, era para ele e eu nos casarmos.

As palavras pairaram no espaço entre nós como cacos de vidro.

— Mas… você sempre disse que não gostava dele.

— E não gostava. — Ela olhou para as suas mãos, ainda com o rosto consideravelmente cor-de-rosa. — Mas ele é o filho do Vizir. Um homem com uma fortuna fantástica ao seu dispor. Teria sido um bom marido. E ele é muito gentil conosco. Um homem fino.

— Lehan, ele é cruel! — Caí de joelhos ao seu lado e pensei cuidadosamente em minhas palavras, para alertá-la sem colocá-la em risco. — Você não pode confiar nele. Ele nunca te quis. O próprio pai disse que Iskan nunca disse uma palavra sobre o assunto. Ele é a encarnação do mal. Ah Lehan, temos que fugir! Nós duas. Talvez hoje à noite mesmo?

A esperança acendeu dentro de mim. Fugir, sim, por que nunca tinha pensado nisso? Para longe, onde as visões de Anji não podiam nos revelar e Iskan não podia nos alcançar.

Minha irmã ficou completamente pálida.

— Nunca achei que você seria tão baixa, Kabira. — Sua voz era gélida; ela se levantou e começou a esfregar as mãos em seus braços, como se tentasse apagar minhas palavras. — O pai e a mãe sabiam. Todos sabiam. O próprio Iskan disse. Ele queria se casar comigo. E agora quer cuidar de nós duas da melhor maneira que pode. Por que eu fugiria de um homem que quer me devolver o lar da minha família? Eu sinto tanta falta dela, sinto que posso me despedaçar, Kabira. Quero andar pelos mesmos corredores que a mãe andava e segurar os objetos que Agin segurava. Eu quero estar perto deles novamente. Mas você… — Seu rosto estava cheio de nojo. — Está tomada por loucura. Você não merece um homem tão bom. Vou perguntar para a tia se posso dormir lá dentro com Ekhe. A futura noiva precisa ficar sozinha.

Antes que eu tivesse tempo de dizer algo, ela saiu do quarto e me deixou.

***

Nosso casamento foi celebrado segundo os velhos ritos, no monte funerário fora de Areko onde estão os ancestrais do Iskan. Havia um pequeno altar para oferendas aos espíritos ancestrais e ficamos de pé diante dele e trocamos os presentes tradicionais três vezes entre a sua família e a minha. De uma das cestas de presente que Lehan segurava, peguei uma garrafa de vinho de figo para felicidade, o cordão de seda para constância e o pacote de bao para fertilidade e os dei para Iskan. Ele aceitou e os passou para um de seus primos, depois se virou para Lehan e inclinou a cabeça. Ela sorriu para ele, as covinhas em suas bochechas aprofundando-se, e lhe deu a outra cesta. Iskan pegou uma moeda de prata para riqueza, uvas para abundância, casca de árvore hannan para saúde, vinagre para sabedoria e um prego de ferro para construir as bases de nossa vida, e os entregou para mim. Eu aceitei. Então Lehan nos deu o último presente, um bolo de nozes e mel que dividimos por dois e comemos. Assim, estávamos

casados, embora o casamento ainda não estivesse consumado.

A união foi consumada após a festa de casamento, que aconteceu na casa que era do meu pai e agora pertencia a Iskan. Havia um pequeno número de convidados se deliciando com a comida que minha tia preparara, ouvindo os músicos do meu pai e dançando sob lanternas penduradas nas árvores no pátio. Em seguida, quando a última canção foi cantada e o último vinho bebido, Iskan me levou para o quarto dos meus pais, para nosso leito nupcial. A cama era nova – Iskan queimara todos os móveis e tecidos da casa "para afastar a doença que tomara tantas vidas" –, mas não fazia diferença alguma. Para mim era a cama onde meus pais haviam morrido, onde ele os assassinara. Eu não conseguia chegar perto dela e parei na porta.

Iskan olhou ao seu redor e fez um gesto de contentamento.

— Olhe aqui, um genuíno Liau ak Tiwe-chi como nosso presente de casamento do meu pai. — Ele apontou para uma tela pintada pendurada junto à cama. — Vale cinco cavalos em armadura de combate. Eu enchi a casa com arte valiosa e móveis de bom gosto. É realmente uma casa adequada para o filho de um Vizir. — Ele sentou-se na beira da cama com um pé descansando sobre o outro joelho. — Porém, estou pensando em fazer algumas melhorias. Um muro cercando o monte funerário, por exemplo. E uma porta para proteger a nascente, com uma trava. — Ele sorriu. — Isso é só o começo. Eu vi coisas magníficas, Kabira. Um futuro glorioso. Em alguns anos você não vai reconhecer a propriedade de seu pai. Eu bebo a água de Anji todas as noites em que ela faz bem e observo suas visões toda lua cheia. Com o passar de cada lua, o padrão se torna mais claro. — Ele abaixou a voz. — Mas beber sua água escura, oaki, é uma coisa completamente diferente. A força te preenche! Poder sobre a vida e a morte. Você sabe, Kabira. Você a experimentou. A água escura de Anji é a arma com a qual vou moldar o meu futuro, minha querida. — Ele sorriu com pena e tombou a cabeça para um lado. — Embora você nunca vá bebê-la outra vez, querida esposa. E agora é a hora que você se torne minha esposa na carne.

Ele me tomara muitas vezes antes daquela noite, mas desta vez era diferente. Desta vez, sentiu prazer em me humilhar, em me causar dor. Ele não teve pressa. Pela manhã, quando suas parentes vieram checar nosso lençol, procurando uma mancha vermelha que provasse a perda de minha virgindade, era sangue vermelho fresco. Mas ele viera de mais de um lugar do meu corpo.

Ele me proibiu de sair. Fui proibida de falar com qualquer um exceto ele mesmo e Lehan, mas Lehan não falava mais comigo. Eu não tinha autorização

para falar com os serviçais e não tinha nada a dizer a Iskan. Então minha voz se apagou e fiquei silenciosa. Através do meu silêncio, podia ouvir o barulho dos trabalhadores construindo um muro em torno do monte e a porta em frente de Anji. Quando tudo terminou, ele me mostrou a chave e riu.

— Agora ela é minha de verdade! Nem mesmo o Príncipe Soberano pode colocar as mãos em seus segredos. Eu sou aquele que Anji quer. Ela me mostra com vontade cada detalhe de seus segredos.

Ele me dominava todas as noites.

— Filhos, Kabira — disse uma noite, enquanto estava sentando limpando meu sangue de suas mãos. — A influência de um homem pode ser medida pelos seus filhos. Ninguém é mais leal. Ninguém mais pode agir em seu nome. Alianças feitas por meio dos casamentos de suas filhas não são de confiança. Eu vou tomá-la até ter plantado um filho em seu ventre.

Eu parei de pensar, esperar, resistir. Não sei quanto tempo passou: não me me preocupava mais em contar os dias e as noites. Parei de cuidar da minha higiene e da minha aparência, mas nada o afastava da minha cama. Isso me dava certa satisfação, ver o nojo em seu rosto enquanto ele me montava; seu sorriso eterno se fora. Ainda assim, não parou de vir ao meu quarto. Seu senso de superioridade foi substituído por uma teimosia furiosa. Cada vez que meu sangue vinha, sua ira perigosa crescia.

— Eu não tenho forças para uma segunda mulher — gritou certa noite. — Você acha que isso é prazeroso para mim? Eu preciso ter um filho, sua maldita mulher seca!

Finalmente, fiquei grávida. Eu era jovem e meu corpo não obedecia a minha vontade. Ele consultou Anji imediatamente sobre o sexo do bebê. Era uma menina.

Ele a expulsou do meu corpo com a água escura de Anji.

Eu jamais poderia manter uma menina.

Quando finalmente concebi um menino, estava casada com Iskan por mais de um ano. Anji mostrou para ele que a criança dentro de mim era o filho que tanto esperava e finalmente me deixou em paz. Eu não o vi novamente por muitas luas. Ele passava o tempo no palácio do Príncipe Soberano, onde fazia tudo para garantir que fosse indispensável. A criança me deu uma náusea terrível, mas eu estava agradecida pela paz que subitamente tomou a casa. Eu passava a manhã deitada na cama, mas conseguia comer algo por volta do meio-dia e depois me aventurava no pátio. Ainda podia ir lá. Eu me sentava e aproveitava os aromas do início da primavera, a flores impressionantes em vasos sob os chorões cheios de

sombra e o canto dos pássaros. Era a primeira vez em dois anos que eu encontrara algum prazer. A criança dentro de mim devolvera significado à vida. Não importava nem um pouco que era o filho do Iskan. Esse era o alvorecer de uma nova vida, e a expiação de todas as mortes que afligiam minha consciência.

Eu raramente via Lehan. Ela estava ocupada cuidando da casa que eu negligenciara, de início, devido à apatia, e agora, porque a náusea me deixava exausta e passiva. Sentada no pátio, ouvi sua voz através de janelas abertas, instruindo os serviçais a fazer várias tarefas. Ela ia de quarto a quarto, ordenando com eficiência tudo o que fosse necessário para manter a ordem de uma propriedade daquele tamanho. Percebi cada vez mais a quantidade de deveres que ela assumia. De manhã cedo, eu a ouvia instruir os trabalhadores com as ordens do dia, antes que se dispersassem nos campos e bosques. Esse era, na realidade, o dever do chefe da casa, mas Iskan continuava a manter distância. Quando minha irmã mais nova tinha aprendido a agir dessa maneira? Ninguém parecia questionar a sua autoridade e eu vi sinais de uma casa governada com facilidade por todos os lados: os quartos eram mantidos limpíssimos, as plantas no pátio eram podadas com perfeição e a comida servida em meu quarto era variada e deliciosa, sem sinais de desperdício. Tentei conversar com os serviçais – eu não tinha medo de fazê-lo porque Iskan não estava –, mas as mulheres que me atendiam eram estranhas e sem vontade de trocar mais do que palavras educadas e superficiais.

Uma tarde, quando eu estava sentada do lado de fora com minhas mãos em minha barriga, desfrutando os primeiros pequenos chutes, Lehan veio correndo pelo pátio com um rolo de seda verde em seus braços. Ela parou quando me viu, como se quisesse virar-se de novo.

— Lehan. — Estiquei uma mão suplicante para ela. — Venha e se sente aqui um pouco. — Ela não se moveu. Eu abaixei minha mão. — Não podemos ser amigas de novo? Eu imploro pelo seu perdão por tudo o que falei.

Sentia-me extremamente solitária. Minha gravidez era uma alegria, mas também me assustava um pouco. Sem minha mãe para pedir conselhos. Lehan era a única pessoa que me restava.

Ela se aproximou lentamente do banco onde eu estava sentada e se empoleirou na ponta mais afastada. Ela colocou o tecido de seda em seu colo.

— O que você está carregando? — perguntei de modo amigável. — Está costurando um casaco novo para você?

Lehan correu os dedos sobre o tecido. De início, pensei que ela se recusaria totalmente a falar. Então, ela respirou fundo.

— Irmão Iskan enviou de Areko nesta manhã. Ele quer que eu costure novas almofadas para as cadeiras da sala do sol.

Fiquei calada por um momento, afetada pela notícia.

— É um tecido muito bonito — consegui dizer por fim. — Uma cor diferente.

Lehan concordou com a cabeça e sorriu para o tecido.

— Vai combinar com os vasos envernizados de verde que escolhemos. Iskan os importou do Deserto de Maijo. Eles são envernizados com a areia do deserto.

— Você… você o ajudou a escolher muitas coisas para a casa?

Ela não me olhava nos olhos.

— Sim. Temos o mesmo gosto — disse, defendendo-se. — Ele não economiza. Diz que devo decorar exatamente como ele quer.

Eu não sabia o que dizer. Iskan estava tratando Lehan como sua esposa. E ela adotara o papel. Eu era meramente um mal necessário: herdeira e vaca parideira. Porém, não podia culpar a Lehan. Aquilo era o que ela fora criada para ser: esposa, senhora e governante da casa. Todas nós fomos treinadas para isso desde a infância. Mas eu não havia assumido o papel.

Lehan interpretou meu silêncio como julgamento. Ela se levantou de repente e se virou para mim, seu rosto ardendo vermelho.

— Olhe para si mesma! Quando foi a última vez que tomou banho? Quando foi a última vez que trocou de roupa? O fedor vindo de você é repugnante. Você é uma mácula para a família. Não é de se estranhar que Iskan a evite agora que finalmente está esperando seu filho. Ele mal podia se forçar a vê-la nas últimas vezes. Ele teve que vir até mim para se preparar. Eu o ajudei.

Ela cobriu a boca, sem acreditar no que tinha acabado de admitir em voz alta. Seus olhos estavam arregalados de horror.

— Tenha cuidado, querida irmã — alertei lentamente. — Você não sabe com o que está brincando.

Eu não estava com raiva, apenas sentindo um pesar imensurável. Eu que a trouxera para cá, a casa de Iskan. Era minha culpa que ela estava em perigo. O oaki de Anji se misturou a mim, corria por minhas veias. Durante minha infância eu me sentia, com frequência, fortificada depois de beber água da nascente, mesmo muitas luas mais tarde. Agora era como se eu não pudesse me livrar de sua impureza; a imundície pulsando em meu próprio sangue. Eu arrastaria todos comigo para lama. Até meu filho que ainda não tinha nascido.

Sentia pouquíssima alegria pelo filho a caminho. Da mesma forma, meus

medos sobre a gravidez e parto diminuíram. Se eu morresse, estaria livre de toda essa culpa e sofrimento. O nascimento estava se aproximando e nenhum mal caiu sobre mim ou a criança. Iskan voltou tarde em uma noite de lua cheia. Ele não podia mais ficar longe de Anji, imaginei. Ele precisava dos poderes e das visões da nascente. Ouvi a voz de Iskan movendo-se pela casa, conferindo se tudo estava como deveria ser. Ele era acompanhado por todos os lugares pela voz doce de Lehan, enquanto ela explicava tudo o que havia feito em sua ausência. Então, acordes de cinna e tilan passaram através da janela aberta e coloriram meu quarto. Eles comiam e bebiam na sala da sombra. Eu poderia descer para me juntar a eles, nada me impedia. Com certeza comiam amostras deliciosas do que Iskan havia trazido de Areko.

Eu estava deitada em minha cama, passando a mão sobre a minha barriga expandida e cantarolando com a música. Era uma velha melodia, uma das favoritas da minha mãe. Eu não queria jantar com o seu assassino.

Fui acordada depois da meia-noite por Iskan entrando em meu quarto. Ele segurava uma lamparina, que apoiou sobre a mesa junto a cama. Eu me sentei entre os travesseiros, mas ele não prestou nenhuma atenção em mim.

— Que visão — Ele torceu o nariz. — E que cheiro. Exatamente como Lehan me contou. Você não se cuida mais? Lembre-se que é a mãe do meu futuro filho.

— Ele não se importa com a minha aparência — respondi.

Iskan deu um sorriso sarcástico e se aproximou da cama. Ele me olhou com aqueles olhos escuros intensos.

— Está tudo bem com a criança?

Mexi a cabeça, assentindo com relutância.

— Será logo?

— Acredito que sim. É claro, você não permite que eu fale com qualquer mulher que possa me aconselhar, mas não deve mais demorar muito tempo.

— Você precisa de uma parteira. É claro. Vou arranjar uma. — Ele disse isso com desinteresse, como se fosse ainda outra necessidade irritante para garantir a segurança de seu herdeiro. Ele se alongou, lânguido como um gato caseiro. — A força de Anji corre através de minhas veias. Como senti falta da água da nascente! Como senti falta do seu poder e das suas visões. Tantas coisas precisavam ser construídas em Areko e no palácio. Anji teve que esperar. Mas agora é a hora certa, Kabira. — Ele sorriu e sentou-se na beira da cama. Ele queria me tomar? Protegi minha barriga com as mãos.

— Eu tenho muitos aliados agora. E eles se interessam que eu suba ao poder.

É hora de eu me tornar o Vizir.

— E o seu pai? — perguntei, lembrando o homem amigável de cabelos brancos que estava no casamento.

— Ele é velho. — Iskan deu um sorriso largo. — Imagino que sua morte esteja próxima. Você poderia até dizer que já a vi. — Ele riu da própria piada, mas eu perdi o ar. Ele falava do maior oaki de todos. Patricídio. Ele notou que eu tinha entendido e mexeu a cabeça como se compartilhássemos um segredo divertido. — Só tenho que esperar que o oaki de Anji esteja mais forte. Então vou bebê-lo e visitar meu pai e, quando ele for encontrado morto no dia seguinte, ninguém vai suspeitar de nada, exceto que era a hora do velho partir. — Ele deu um riso zombeteiro. — Eu vi sua morte real, é claro. Você não pode imaginar o quanto ela está longe! Ele é uma tartaruga resistente. Vou ter que trazer sua morte para mais perto. — Ele se inclinou para trás preguiçosamente contra o pé da cama e colocou as mãos atrás de sua cabeça. A luz da lamparina tremulava em seus cabelos brilhantes e nos seus botões bem polidos. Ele era o retrato de um jovem sem preocupações, acostumado a conseguir o que deseja. — Quando eu for Vizir, meu trabalho de verdade vai começar. Serei o homem mais poderoso em toda Karenokoi. Mais poderoso do que qualquer pessoa possa imaginar. Maior do que o próprio Príncipe Soberano.

Só então ele notou minhas mãos contra a minha barriga e minha postura defensiva. Ele fez uma careta de nojo.

— Não se gabe. Por que eu iria me contaminar com você agora que já cumpriu a tarefa que te dei?

Ele pulou da cama e saiu do quarto com passos pesados, tão rápido como havia entrado. Deixou para trás a lamparina e o aroma de couro e vinho. Apaguei a lamparina de imediato. Eu nem queria ver o lugar onde ele havia se sentado na cama: sua marca, as cobertas amassadas. Afundei na pilha de travesseiros e meus batimentos desaceleraram lentamente. Eu não me importava mais com o que ele fazia, nem se eu fosse viver ou morrer. Porém, ainda tinha medo dele. Além disso, uma pequena parte de mim estava envergonhada – envergonhada porque ele me olhava com nojo, os mesmos olhos que um dia fizeram eu me sentir a mulher mais bela de todo o reino.

Através da janela aberta, podia ouvir o relinchar dos cavalos do estábulo. Sapos coaxavam na noite tranquila. Um grilo gritava. Deixei os sons da noite me acariciarem e me acalmarem.

Então ouvi outro som, um que reconhecia muito bem. Vinha dele. No quarto ao lado do meu. O quarto de Lehan. Sentei-me para ouvir e lá estava mais uma

vez, um gemido profundo de desejo. Ele a tomava! A minha irmã, ele se forçara contra ela, não podia ser verdade. Eu tinha que fazer alguma coisa. Eu tinha que salvá-la. Olhei à minha volta procurando uma arma, mas não encontrei nada. Então, corri para o corredor, com as mãos vazias e pesada com a criança em minha barriga. Devia haver alguma coisa que eu pudesse fazer! No pior dos casos, podia gritar, chamar os serviçais. Era oaki deitar-se com sua cunhada; era considerado incesto.

À porta de Lehan, escutei outro som. Um gemido. A respiração pesada. Sons vindo dela. Não de luta ou medo, mas de luxúria. Sons que ele nunca tirou de mim. Ela estava gostando. Ela o queria.

Apertei meu punho fechado em minha boca e evitei que um grito ressoasse. Lentamente, voltei para a minha porta, com o prazer de Lehan ecoando em meus ouvidos.

Ouvi Lehan e Iskan quase todas as noites depois disso. Até mesmo na noite que dei à luz ao meu primeiro filho. Era como se estivessem tentando abafar os meus gritos com os deles. Já havia amanhecido, após muitas horas de agonia, quando Iskan finalmente chamou uma parteira. O tormento continuou até a noite seguinte. Quando Korin finalmente estava deitado em meu peito, senti, apesar da minha exaustão, a primeira semente de felicidade. Ele era total e completamente meu, esse menininho lindo com cílios longos e a testinha enrugada. Apesar do parto demorado e difícil, ele era forte e saudável. Suas mãozinhas macias, seus olhos…

Não, eu não quero escrever sobre isso.

Iskan me deixou ficar com Korin por dez dias. Dez dias curtos demais para abraçá-lo e alimentá-lo com meu leite, e respirar seu aroma, e ser sua mãe, seu mundo inteiro. No décimo dia, Iskan fez sua mãe e uma ama de leite mudarem para a nossa casa para cuidarem de Korin. Iskan arrancou o menino pessoalmente de meus braços e também não quero escrever mais sobre isso. Eu nunca vou esquecer o meu primeiro encontro com a sua mãe, Izani, e como ela segurava meu filho em seu peito como se pertencesse a ela, como se ele tivesse saído de seu corpo, e com quanto orgulho ela falava para o filho que criaria seu neto para ser exatamente como o pai. Ela nem me olhou.

Lehan foi a única que veio me visitar, alguns dias depois de terem me tirado Korin. Eu não tinha saído do meu quarto, Iskan trancou a porta depois que Izani levou Korin. As serviçais entravam e esvaziavam meu penico e traziam comida que eu não tocava. Minha irmã estava parada à porta e me olhou por bastante

tempo. Eu estava sentada encolhida contra a parede, onde passara a maior parte do tempo. Tinha dado à luz a Korin naquela cama. Eu não podia me deitar nela de novo. Mal percebi a presença de Lehan até ela começar a falar.

— Ele te deixaria ver Korin se você ao menos readquirisse a compostura. — Sua voz era uma mistura de pena e escárnio.

Ela mexia um anel em sua mão esquerda, uma grande pedra verde em ouro, evidentemente um presente de Iskan. Até aquele momento, eu não sentira nada além de desespero e um pesar sem fim, mas, subitamente, um ódio violento ardeu dentro de mim. Era tão poderoso que comecei a tremer. Eu queria falar, mas todas essas sensações avassaladoras estavam entaladas em minha garganta e eu não conseguia arrancar uma única palavra.

— Você tem se comportado como uma mulher louca, Kabira. Você não entende que ele só está pensando no que é melhor para o seu filho? Uma mãe desequilibrada pode machucar o filho, ou pior. — Mas ela não acreditava totalmente em suas próprias palavras. Se acreditasse, teria me olhado nos olhos.

— Você sabe com quem você se deita toda noite? — As palavras rasgaram minha garganta, crua de dias e noites de gritos e fúria. Eu não tirei os olhos de Lehan enquanto me levantei. A pele dos nós de meus dedos se abriu novamente e os machucados que eu causara socando as paredes começaram a sangrar. — Você sabe a quem pertence o membro que está te deixando ofegante como uma cadela no cio? — Lehan deu um passo para fora da porta e tentou fechá-la, mas fui mais rápida e voei para colocar meu pé antes que ela conseguisse por completo. Naquele instante, percebi que ela tinha vindo me ver sem que ninguém soubesse. Não havia serviçais esperando do lado de fora. Eu abri a porta com facilidade, sempre tinha sido mais forte do que Lehan. A pequena Lehan delicada com seu cabelo e pele brilhantes. — Você não só recebeu o marido de sua irmã na sua cama, o que já é oaki. Você dorme com o assassino da nossa mãe. Você chama o assassino do nosso pai para a sua cama. Você abre as suas pernas para o homem que matou o nosso irmão e a nossa irmã.

Lehan me olhava fixamente, e por fim encontrou meu olhar, seus olhos arregalados e cheios de horror. Eu agarrei o seu braço e a arrastei para dentro do quarto e fechei a porta. Inclinei meu rosto próximo ao dela.

— Ouça agora, pequena Lehan, pequena meretriz, ouça com cuidado! Iskan fez com que eu revelasse os segredos de Anji e encontrou um novo uso para sua água proibida. Ela permite que ele mate sem deixar vestígios. — Minha saliva espirrou em seu rosto, mas ela não tentou limpar.

— Você é louca — sussurrou, mas não conseguiu tirar os olhos de mim, como

um rato hipnotizado por uma cobra venenosa, incapaz de se mover.

— Sou? Sou mesmo? Diga, Lehan, brinquedinho de Iskan, o Vizir ainda está vivo? Ou Iskan já pôs em prática seu plano de matar seu próprio pai também? Talvez o Vizir tenha falecido enquanto dormia?

Ela empalideceu.

— Ele… ele recebeu a notícia ontem que o Honorável Vizir morreu enquanto dormia. — Ela tentou se afastar. — Mas ele era velho. Você pode ter adivinhado. — Não deixei que ela se soltasse.

— Eu poderia. Mas me diga: Iskan visitou o pai dele no dia anterior à sua morte? E por acaso era o dia depois da lua cheia?

Seu silêncio era resposta suficiente. Eu sorri e arregalei os olhos. Devia parecer que eu tinha enlouquecido.

— Isso mesmo. Isso mesmo, pequena Lehan. Lembre-se. Era lua minguante quando nossa família morreu? Você sabe que era; posso ver em seus olhos. Quando eu estava doente e acamada, Lehan, quando Iskan arrancou meu primeiro filho de dentro de mim. Você acha que é a única com quem ele sacia seu desejo, mas ele me teve primeiro, pequena meretriz, muitas vezes. E então matou nosso bebê e minha família e todas as meninas que eu carreguei antes de Korin. Por que você acha que tenho me comportado assim?

Agora ela estava chorando, com soluços profundos que faziam seu corpo convulsionar, e muco e lágrimas escorriam pelo seu rosto perfeito e, ah, como eu queria que Iskan pudesse vê-la naquele momento! Eu estava tão distante de minha mente e razão que estiquei um dedo indicador para pegar uma lágrima de seu rosto e lambi.

— Mas… mas por que você se casou com ele? — perguntou, entre soluços. — Ninguém a forçou! Kabira, por que você caiu nessa armadilha? — Ela segurou meu braço livre com o dela e agarrou com força, seu coração partido.

Eu estudei seus traços contorcidos, fascinada, porque finalmente ela não parecia bonita, mas vermelha, inchada e feia – feia!

— Foi sua culpa, você não vê? — Tombei a cabeça para um lado. — Ele estava ameaçando a sua vida. Se eu fizesse o que ele disse, iria poupá-la. Fiz isso por você, sua cadelinha. E como agradecimento, tenho que escutar você gemer com ele, noite após noite. Como agradecimento, você me deu as costas, como agradecimento, você o ajudou a tirar o meu filho de mim. Diga-me, você vai sentir o mesmo prazer quando ele te penetrar esta noite? Você vai gostar que ele lamba seus jovens seios como antes? Os espíritos dos mortos caminham por esses corredores. Eles te observam. Viram todos seus atos, escutaram cada gemido. A

mãe e o pai, Agin e Tihe. Você consegue vê-los diante de você? Ótimo. Então pense como está honrando a memória deles. Eu tentei alertá-la, então não se faça de boba. — Chacoalhei meu braço, soltando sua mão, e a empurrei para longe de mim. Cuspi no chão perto de seus pés. — Uma coisa que você sabia, sem dúvida, era que ele era meu marido. Nada pode mudar isso.

Eu a expulsei do meu quarto. Ela não ofereceu nenhuma resistência. Bati a porta e caí no chão. Toda a minha energia se esvaiu em um segundo. Arrastei-me de volta ao meu canto e dobrei os braços sobre a minha cabeça. Senti uma breve e pequena satisfação de ver o mundo todo de Lehan se despedaçar em torno dela. A vingança corria pelo meu corpo como o mais doce mel. Mas logo restou-me uma queimação amarga em minha boca e garganta, e o quarto estava vazio e nada, nada, podia me dar descanso.

Iskan a encontrou naquela noite. Ela se enforcara com o cinto de um velho casaco de Agin. Ele entendeu imediatamente o motivo, foi me pegar e me forçou a abaixar seu corpo e lavá-lo e vesti-lo para o enterro. Eu nunca vou esquecer a sua imagem. Eu nunca vou esquecer quem é culpado de sua morte.

— Você não percebe que só fez as coisas piorarem? — disse Iskan, balançando a cabeça. — Agora você não tem absolutamente ninguém. Vamos, Kabira, é hora de parar com essa teimosia. Se você começar a se comportar como a esposa submissa que eu esperava desde o início, vou te deixar ver Korin e lhe darei roupas bonitas e joias. Você é a esposa do Vizir agora. Meu grande plano está prestes a ser colocado em prática. Vou ampliar a casa, há muito a ser feito. Vou precisar de muitos herdeiros. Se você fizer o que digo, você vai poder encontrá-los com frequência e eles a chamarão de mãe.

Não havia nada restando para mim. Não havia nada pelo que lutar. Então eu me tornei Kabira, a Primeira Esposa do Vizir, e essa foi minha vida durante os quarenta anos seguintes.

Garai

OS OUTROS ESCRAVOS NO ACAMPAMENTO DE HARRERA ME DERAM UM conselho: grite ou o arranhe e você vai piorar as coisas para si. Finja que gosta e vai se tornar a favorita. Então, poderá ter privilégios especiais. É o melhor que aquelas como nós podem esperar por hora.

Eu espero coisas melhores, mas segui esse conselho. Ele já me serviu bem.

Estava com medo, é claro. Sentia medo desde a minha captura. Eu não ousara oferecer qualquer tipo de resistência. Nem mesmo quando os homens vieram à noite sequestrar a mim e minhas irmãs enquanto estávamos dormindo. Eles devem ter nos seguido por muito tempo. Eles atacaram quando mudamos a rota do nosso clã por alguns dias, para colher ervas medicinais ao sul do Deserto Meirem. Nenhum explorador ousa colocar os pés no meio do deserto. Nós teríamos estado seguras lá. Mas não imaginamos qualquer ameaça e não estávamos de guarda. Eu ainda me amaldiçoo. Eu sou a mais velha. Devia ter ficado mais atenta.

Os homens nos temiam. Eles acreditavam que éramos sacerdotisas poderosas que podiam matá-los com uma palavra. Eles são o tipo de povo que teme qualquer coisa que não entende. Então nos amordaçaram e prenderam nossas mãos. Íamos ao sul com pressa, constantemente ao sul, frequentemente escondidos à noite. O comércio de escravos é proibido nas terras do norte. Fomos vendidas em um vilarejo para mercadores de escravos do sul com cabelos longos e barbas grandes. Chegamos a um lugar – Harrera, ouvi chamarem – um lugar terrível, fétido e imundo. Fui separada das minhas irmãs. Não choramos. Não nos restava nenhuma lágrima.

No mercado de escravos, fui bem amarrada em uma estaca numa plataforma ao lado de outras mulheres jovens. Todas nós vínhamos de terras diferentes, o que era evidente pelas diferenças de pele e cabelo. Eu era a única com cabelos brancos e olhos cinza. Os homens na plataforma falavam uns com os outros e

apontavam para mim. De seus gestos e olhares, compreendi que eu era valiosa; sua peça mais fina.

O leilão começou. Fui deixada por último. Eles queriam todos os olhos sobre mim. O sol era impiedoso em Harrera – nunca tinha sentido tanto calor. Meus lábios estavam secos e rachados. Meu vestido grudava ao meu corpo por causa do suor.

Um homem se aproximou da plataforma. Ele vestia azul e branco. Alto e magro, mas com ombros largos e cabelos escuros e grossos. Seus lábios eram muito vermelhos. Foi o único que me olhou nos olhos. Sustentou meu olhar por bastante tempo. Depois chamou um dos vendedores.

— É assim que você cuida de seus tesouros? Você está destruindo sua beleza com esse maldito sol. — Ele tirou uma bolsinha. — Diga seu preço, eu pagarei. — Quando os homens gaguejaram algo sobre o leilão, ele zombou com impaciência. — Eu disse "diga seu preço" para que eu possa tirar a minha propriedade do sol ardente antes que se arruíne. — Ele encheu suas mãos com prata e ouro, mais do que eu sabia existir no mundo todo. Aquele era meu preço. O quão valiosa eu era. Em seguida, ele deu ordens e um homem se apressou para a plataforma e cortou minhas cordas. Eu caí de joelhos. O homem bonito esticou uma garrafa de água fria. Então ele me carregou pessoalmente para fora do mercado. Para a sombra. Um estábulo. Ele me deixou descansar lá e beber água e alguém trouxe uma pomada para minha pele queimada. No dia seguinte, veio me ver.

— Você já está com uma aparência bem melhor. Agora, devo descobrir se fiz um bom investimento. — Ele desamarrou suas calças. Eu abri minhas pernas imediatamente.

Ele teve cuidado para não me machucar e eu me lembrei do conselho das outras escravas. Já estivera com homens antes, homens do clã, que haviam feito tanto para meu prazer quanto para o deles. Esse homem não fez isso. Por que deveria? Não estávamos no mesmo nível hierárquico: ele era meu dono. Depois, parecia muito satisfeito.

— Uma mulher que sabe o seu lugar, que não resiste ou faz caretas silenciosas de nojo. E a mulher mais bonita que eu já vi, além disso. Você será uma sensação em Areko. Sim, devo dizer que fiz um bom investimento. — Ele se limpou com a barra de meu vestido. — Eu deixaria você tomar banho, mas temos que sair deste lugar. Eu tenho vários negócios aqui e é melhor não protelar.

— Sim, amo — foi minha única reposta. Eu, Garai do povo andarilho, chamando-o de amo. Nós que não servimos a amo algum. Só obedecemos à

própria terra e às suas regras. E então vagamos e honramos nossos lugares sagrados, mantendo distância dos colonizadores. Aqueles que mantêm suas moedas e casas, senhores e leis. Nenhuma lei humana se aplica a nós. As linhas de energia na terra, suas veias, nos levam aos nossos caminhos. O chão nos oferece o alimento e o abrigo que precisamos. Carregamos nossa história conosco em narrativas e mito. Nossa astúcia guarda nossos espíritos e corpos e nos guia em meio à tempestade. Mas agora, um novo eu está brotando. E esse novo eu, essa nova Garai, tem um amo para quem se curva e abre as pernas e obedece de todas maneiras.

Deixamos Harrera no mesmo dia. Fui colocada no fundo da caravana, em cima de uma mula, com o resto das compras de meu amo. Ele me trouxera xales e capuzes para me proteger do sol quente, eu tinha bastante água para tomar e recebia uma refeição pela manhã e outra quando parávamos para a noite. Eu dormia com meu amo em sua barraca pessoal. Ele nunca me amarrou – porque aonde eu poderia correr neste vasto deserto? Eu estaria morta antes de sair de sua vista.

Meu amo me tomava todas as noites. Continuei a ser submissa, delicada e plácida. Ao contrário do que já tinha sido. Mas sabia que tinha que empurrar meu velho eu para os cantos mais profundos da minha mente. Meus velhos costumes não deviam reaparecer. Pois, apesar do meu amo me tratar bem e eu ser cada vez mais submissa, eu sabia a verdade. Vi nele a mesma coisa que vira nos olhos dos homens que roubaram a mim e a minhas irmãs naquela noite e nos olhos dos homens que me venderam por prata e ouro. Não uma pessoa com sentimentos ou necessidades pessoais. Apenas algo para temer ou lucrar ou usar. O momento em que eu me tornar um ônus, eles vão se livrar de mim. E eu quero viver. Isso é o que a antiga Garai quer. Ela quer voltar ao Deserto de Meirem e ouvir sua mãe cantar no entardecer e segurar as mãos das suas irmãs. A nova Garai não acredita que nada disso seja possível, mas a antiga Garai se recusa a se render.

Agora estamos em Areko, a capital do distrito de Renka, a terra de meu amo. Chegamos ontem à noite, depois de uma viagem de muitas luas. Eu me lavei e me mostraram um pequeno quarto na residência do meu amo. Ele contou que pretende ficar aqui só até que seu novo palácio, em Ohaddin, esteja pronto. Depois, vai transferir o Príncipe Soberano e sua leal corte real inteira para Ohaddin também. O Soberano ainda não sabe de nada disso. Amanhã, meu amo pretende me apresentar para todos me admirarem e me adorarem. Trouxeram roupas novas para o meu quarto, vestes estranhas de seda com bordados em cores

fortes. Pentes ornamentais para prender meu cabelo, pulseiras e anéis para meus braços e dedos – objetos belos para exibir o meu valor. Todos deste lugar são obcecados por objetos. No clã, tínhamos somente o que precisávamos e que podia ser levado em nossas costas. Facas, corda, ervas, pederneira, alimentos. Um anel pode mantê-la aquecida à noite? Você pode comer um pente ornamental? Um casaco rendado cura uma ferida pestilenta?

Roubei papel e canetas-pincel das compras do meu amo. Minha mãe conhece as letras e a arte de escrever. Foi uma das coisas que ela me ensinou quando estava me treinando para me tornar sua sucessora e a mulher habilidosa do clã. Eu normalmente não tinha motivos para praticar. Não havia nada para escrever antes. Toda sabedoria de minha mãe está guardada em sua cabeça, como sementes em uma vagem. Por qualquer coisa que eu me interessasse, ela tirava a informação necessária de sua memória e respondia minhas perguntas. Que necessidade havia para escrever? Mas ela me ensinou simplesmente por que era uma das habilidades que adquirira e queria que eu aprendesse tudo o que ela sabia.

Agora, pela primeira vez em minha vida, eu tenho motivos para escrever. Meu progresso é lento. Minha mão não tem a naturalidade que vem com a prática. Mas preciso tentar. Encontro-me em uma terra estrangeira. Todos ao meu redor falam uma língua estrangeira. Eu entendo um pouco. No nosso clã falávamos siddhi, a língua do povo nômade, mas também conheço outras. Isso acontece quando uma pessoa está constantemente em viagem e encontrando povos diferentes. Eu não sei quantas línguas minha mãe sabe, mas com certeza são mais do que a quantidade de dedos que ela tem. A língua aqui em Areko é a mesma que aprendi quando visitamos o monte sagrado de Omone. É muito mais ao sul de onde normalmente andamos e a língua falada nas províncias em torno da montanha era diferente de qualquer coisa que eu tinha escutado. Achei que soava dura e raivosa, completamente diferente das línguas das terras do norte. Estou aliviada. Isso facilita para a nova Garai. Ela ainda não pode se expressar muito, mas ninguém espera por isso. É suficiente entender.

É confortante ter uma língua própria para escrever. Sei que ninguém pode ler o que escrevi. Por meio da escrita, posso manter minha língua materna viva. Mas as palavras parecem sem vida no papel, como se sua vida esvaísse quando as aprisiono com minha caneta-pincel. Há tanto mais em uma língua do que apenas letras. Melodia, tom, ritmos, pausas – tudo o que não tenho como capturar. Talvez tudo morra quando capturado. Como o jalapon, o pássaro raro encontrado apenas nas encostas de Omone. Acredita-se que sua canção pode

curar espíritos doentes, aqueles presos em mágoa ou dor. O jalapon tira seu poder da própria Omone e, se um pássaro é capturado e levado da montanha, logo vai morrer. Talvez o mesmo seja verdade para a alma da língua. Eu não sei – nunca escrevi uma narrativa longa antes. Mas agora tenho que tentar, pois tenho medo de esquecer quem eu sou. E nesta gaiola dourada, vou definhar e morrer, como o jalapon.

Escrevo à noite e escondo o que escrevo em meu quarto. Tudo o que eu, Garai de Sangue, sou, deve ser realmente velado e escondido.

Eu sou a carne doce da salamandra
Eu sou o pôr do sol sobre as rochas douradas de Meirem
Eu sou a canção noturna da força da vida
Eu sou pés descalços sobre o despertar da terra na primavera
Eu sou as folhas pontudas da língua de sangue
Eu sou as cicatrizes sobre a pele branca.

***

Hoje, encontrei a esposa do meu amo. Fui vista por muitos, incluindo o próprio Príncipe Soberano. Seus filhos têm olhos gananciosos. Mas a única pessoa que eu encontrei, a única pessoa que falou comigo, foi a esposa do meu amo. Ela veio ao meu quartinho depois do meu amo ter me apresentado. Ela é alta e desengonçada e não tem delicadeza e charme. Ela está grávida, ainda na metade, eu acho. Ela parece velha, muito mais velha do que meu amo. Deve possuir algum grande segredo para ter fisgado tal homem. Talvez seu pai fosse muito rico.

Caí de joelhos e fiz uma referência profunda. Esta nova Garai, esta menina fraca e submissa, sabe o que fazer. Ela sabe quem detém o poder, para quem deve se curvar e quanto. Ela se surpreende com o conhecimento. De onde ele vem? Mas a reverência de Garai não agrada a esposa. Ela veio marchando e arrancou os pentes do meu cabelo.

— Você foi vendida como escrava — disparou. — Apenas uma esposa pode usar sete pentes em seu cabelo. Para você, um é suficiente.

Naquele momento, entendi meu lugar: a última; vendida como escrava; menor que os menores. Eu continuei em reverência enquanto ela arrumava o meu cabelo. Meu silêncio e submissão pareciam tê-la acalmado. Ela deu um passo para trás quando terminou.

— Levante-se. — Fiz o que ela mandou. Ela me media com cuidado, virou-

me com uma mão áspera. — Eu posso ver a atração. Mas suas roupas são absolutamente horríveis. A cor amarela apaga o brilho do seu cabelo. Você devia usar azul-claro. Talvez com bordados prata para ressaltar o brilho do seu cabelo e da sua pele.

Eu não disse que tinha sido meu amo que havia me dado as roupas. Simplesmente fiz reverência.

Ela suspirou.

— Se você manter Iskan satisfeito, talvez ele fique longe de minha cama. Suponho que devo ver isso como uma bênção. — Subitamente sua expressão suavizou e vi que ela não era tão velha como pensei. Na verdade, tinha apenas alguns anos a mais do que eu. Fiz um gesto na direção de sua barriga inchada.

— É o primeiro?

A expressão dura voltou.

— Não, é o meu terceiro filho.

Ela saiu do quarto sem dizer mais nada. Depois, mais tarde no mesmo dia, algumas serviçais trouxeram belos casacos de seda azul-claros com costuras prata e rendado de pérolas. Eles pesavam mais do que minha carga inteira no clã. A nova Garai veste essas roupas nada práticas toda manhã. Ela prende o cabelo com um pente ornamental. Cobre suas cicatrizes debaixo de mangas compridas e braceletes de prata pesados. Essas são coisas que devo lembrar:

A Garai de verdade tem símbolos em sua pele. Três cicatrizes de oferendas de sangue. Duas para promessas feitas. Uma para o inimigo vencido. A nova Garai jamais vai substituir a guerreira, a sábia, a força da vida.

***

Hoje, perguntei à esposa se podia ir ao jardim. Eu o vira da janela.

— Esse é o jardim do Príncipe Soberano — respondeu. Um pouco depois, ela veio me pegar e me levar para as portas trancadas que separavam a residência das mulheres do resto do palácio. Dois homens estavam de guarda, com casacos azuis e sabres ao lado.

— Sua alteza nos deu permissão para passear em seu jardim esta tarde — disse ela.

Um dos guardas destrancou as portas e passamos pela passagem dourada. Descemos uma pequena escada dos fundos, com os guardas nos seguindo de perto. Eu queria me apressar, queria correr, mas o passo da esposa era lento e

pesado por causa da criança que carregava, e eu contive meu ímpeto. Chegamos a um terraço e o jardim se espalhava diante de nós, deslumbrante e exuberante. Eu não havia percebido o quanto sentia falta de plantas vivas até ficar entre elas de novo, e um suspiro delicado forçou-se para fora antes que a nova Garai pudesse impedi-lo. A esposa me lançou um olhar penetrante.

— Vou me sentar aqui na sombra.

Um guarda ficou atrás dela no banco em que ela estava sentada enquanto o outro me seguiu enquanto pisava hesitantemente no jardim.

As plantas aqui são muito diferentes de tudo que já vi em minhas andanças. Algumas têm folhas grossas e flores carnudas, que eu acho que as torna adequadas ao clima, tornando possível que retenham líquido durante períodos de seca. Outras têm enormes corolas, maiores do que meu rosto, e emitem um perfume maravilhoso. Eu achei que elas não sobreviveriam aos verões secos se o jardineiro do Príncipe Soberano não as regasse. Eu vi homens regando e arrumando os canteiros, mas eles se viraram para mim e o guarda limpou a garganta para me levar para outra direção. É claro: não devo falar com homem nenhum, exceto meu amo e, preferivelmente, não ser visto por nenhum também. Pergunto-me se os guardas daqui são eunucos. Eles são magros e sem barba com a pele lisa de menino, então não é impossível. Um costume grotesco.

De início, estava deslumbrada com as flores e pensei que nunca encontraria o que estava procurando. Todas as plantas são tão estranhas para mim. E entre as flores com o néctar pingando voavam borboletas maiores do que eu era capaz de imaginar. Árvores belamente moldadas ofereciam sombra contra o sol forte e eu poderia ter tranquilamente andado pelo jardim o dia todo. Mas supus que meu tempo era limitado e, mais cedo ou mais tarde, o guarda me levaria de volta ao terraço onde a esposa me esperava. Então respirei fundo e tentei alcançar com minha mente e lá, profundamente no solo, pude sentir o poder da terra pulsando. Parecia algo diferente, contra as solas de meus pés, da energia das montanhas no meu lar. Não era tão desnudo e selvagem, mas fértil e voluptuoso e cheio de vida. Parei totalmente e fechei meus olhos, deixando a força da vida fluir em mim, preenchendo-me. Quando os abri, meu olhar caiu no muro que protege o palácio e o separa da cidade cujo barulho eu não podia ouvir. A parede tomou os raios do sol de fim de tarde e lá, nas rachaduras e fendas entre as pedras, uma planta conhecida se contorcia com folhas de pontas longas e pequenas flores modestas. Eu sorri para mim mesma.

Com a atenção do guarda brevemente distraída, peguei um punhado de folhas finas. Seu aroma azedo encheu-me com uma sensação intensa de felicidade.

Tinha cheiro de lar. Empurrei o tufo embaixo de uma das minhas mangas e as pontas afiadas arranharam minhas cicatrizes.

A pontada me fez lembrar. Outras cicatrizes. Outro lugar. Fechei meus olhos e fui imediatamente transportada para a beira do deserto, com minha mãe ao meu lado.

Nós estávamos caminhando na crista leste da montanha. Era de manhã cedo e os primeiros raios de sol iluminavam nosso caminho, enquanto, ao longe, a noite predominava no deserto. Eu e a minha mãe segurávamos lanças, e seus cabelos brancos cintilavam na luz rósea da manhã. As encostas íngremes brilhavam com a umidade das nuvens que haviam descido durante a noite e agora eram devolvidas pelo sol aos picos das montanhas. Minha mãe se agachou para apontar algo.

— Você vê, Garai? Esta planta simples é chamada Língua de Deusa. Ela precisa de muito pouco para sobreviver e cresce quase em qualquer lugar. Grave na memória. Ela pode ser a melhor amiga de uma mulher.

— Quando? — perguntei e me agachei para olhar. Folhas longas pontiagudas presas a uma trepadeira fina torcendo-se para fora e para dentro das rachaduras na encosta.

— Quando ela quer manter seu sangue da lua fluindo. Quando ela não quer engravidar.

— Crianças são uma dádiva — falei e me levantei. — Isso é o que você me ensinou.

— É verdade. Eu mesma nunca usei a Língua de Deusa. Mas há mulheres cujas vidas podem estar ameaçadas pela gravidez. Ou sábias que queiram que seu sangue da lua flua livremente, para que seu contato com a força vital se mantenha intenso.

A mãe levantou os seus braços para o leste, para saudar o sol, e quando suas mangas deslizaram, vi todas as suas cicatrizes emanarem um brilho branco na luz suave. Tantas cicatrizes. Tantas promessas, oferendas e vitórias. Eu desejava um dia poder carregar tantas cicatrizes.

Quando olhei ao meu redor, me vi de volta à varanda, deitada no chão frio de mármore. A esposa estava sentada no banco, me olhando.

— Você perdeu a consciência — disse brevemente. — O guarda a trouxe até aqui.

Pisquei. A visão tinha sido muito forte. Ou apenas uma lembrança? Uma lembrança de minha mãe de uma de muitas caminhadas que fizemos subindo as montanhas. Fechei meus olhos de dor. A nova Garai não tinha lembranças, nem

segredos. Respirei fundo e me desvencilhei da força vital pulsando na terra debaixo de nós. Eu sentei-me.

— Deve ter sido o calor. Estou bem agora.

Entramos e o guarda me acompanhou ao meu quarto, onde uma refeição me aguardava. Comi sozinha e depois engoli algumas das folhas estreitas. Não quero carregar sua criança. Nunca quis isso. Quero continuar sangrando e manter contato com a força vital e não esquecer quem sou.

Garai sacerdotisa
Garai filha
Garai caçadora
Garai andarilha
Garai.

***

Meu amo está em Ohaddin supervisionando o trabalho em seu novo palácio. Grande parte do que ele comprara durante a viagem à Harrera era material para a construção. Antes de viajar, ele me contou que o trabalho já estava sendo feito há três anos. Estávamos deitados em sua cama, a cama para a qual ele sempre me chama quando meus serviços são requisitados. Seu quarto é peculiar, com tapetes caros no chão, grandes potes de cerâmica envernizada, imagens pintadas em telas por toda a parede e mais lamparinas de prata do que sou capaz de contar. Eu não entendo por que ele precisa de tanta prata e ouro e pinturas. Um telhado contra a chuva e o frio – isso entendo por que os colonizadores querem. Eles não são resistentes como nós, andarilhos. Mas qual é o propósito de todo o resto? O que mais realmente precisam além de uma janela para o céu e o vento e o sol?

Como se pudesse ler os meus pensamentos, o meu amo fez um gesto de desprezo para toda a decadência. Magnífico. Ele tinha enviado um esquadrão inteiro de mercadores para pegar troncos de Terasu, o reino de uma ilha coberta de mata ao sul, e um exército de trabalhadores para as minas de mármore ao norte. Os melhores arquitetos, pedreiros e carpinteiros de Areko já estão trabalhando no edifício.

— Meu palácio será o centro do mundo! — disse, colocando as mãos atrás da sua cabeça. Eu achei que estava brincando. O mundo tem apenas um centro: o Lago sem fundo de Semai; o cordão umbilical do mundo, ligado ao corpo da Deusa antes que ela desse a luz à terra em uma enchente de sangue e água salgada. Pensava que todo mundo soubesse disso. Eu quis corrigi-lo, mas a nova

Garai me silenciou. Passei as pontas dos dedos sobre as cicatrizes em meu pulso e não disse nada.

— Faltam mais três anos para o término. Embora eu espere poder mudar a corte real inteira antes disso.

— A corte inteira, amo?

— Sim, minha linda selvagem. — Sorriu com contentamento. — A saúde do Soberano está debilitada. Eu dou a ele a água fortificante de uma nascente muito especial da minha terra, Ohhadin. Ela à vezes o ajuda. — Ele riu como se risse de seu próprio segredo. — Mas eu expliquei para ele que seria mais benéfico viver mais perto da nascente. Há muitos que teriam acesso aos poderes da nascente, é claro, mas eu expliquei ao Soberano que ela é um privilégio apenas do monarca. — Ele se virou de lado para me ver. A luz suave da lamparina fez sua pele brilhar. Ele não é musculoso, como os homens em nosso clã. Ao contrário, é forte e macio como kawol, o grande gato que preside as montanhas em torno do Deserto de Mereim. Ele esticou a mão para acariciar meus seios.

— Sou invejado por muitos. Desde que nasci. Minha mãe sabia desde o início que eu era especial, o escolhido. Destinado para grandes coisas. E agora estou provando que ela estava certa. Ela vê o mesmo em meus filhos, Korin e Enon. Estou desenvolvendo um domínio que eles vão me ajudar a governar. Korin tem apenas quatro anos, mas já tem maestria do cavalo, do arco e do pincel.

— O amo tem filhas? — Eu raramente faço perguntas. De qualquer maneira, meu amo gosta de falar. Porém, estava curiosa. Sua esposa tem o rosto e o corpo de uma mulher que passou pela gravidez muitas vezes.

— Filhas! Para o que precisamos delas? Tudo o que elas provocam são gastos na criação e dote. Não, terei apenas filhos. Muitos. Eu vi isso.

A nova Garai proibiu que eu falasse. Ela engoliu todas as palavras que se amontoavam em minha boca.

Ele se perdeu em seus pensamentos por um tempo, a sua mão ainda acariciando os meus seios.

— O Soberano também vê a inteligência dos meus planos. Ele me deu acesso às suas reservas de ouro, mas os fundos já estão começando a secar. Pensei que ele fosse um homem mais rico. Mas há modos de repor os depósitos, é claro. A guerra e os saques de guerra. E vou me certificar que as cidades vizinhas entendam que é do interesse delas apoiar Areko financeiramente. Senão… — Ele bocejou. — Eu ainda não decidi o melhor jeito de lidar com isso. Mas quando a hora chegar, o palácio de Ohaddin vai se tornar lendário em todas terras conhecidas. — Ele se endireitou. — Venha para mim mais uma vez.

Depois vou dormir antes da minha viagem.

Fiquei deitada sem me mover e fiz os sons que ele gostava e, embora sempre leve mais tempo na segunda vez, ele logo sai de cima de mim e adormece de imediato. Fiquei quieta até ele roncar profundamente, depois saí nas pontas dos pés através da passagem estreita de volta ao meu quarto. O meu amo não gosta que eu esteja em sua cama quando ele acorda. Agora, estou sentada escrevendo isso sob a luz da lamparina, porque preciso colocar para fora tudo o que a nova Garai me impediu de falar. Que filhas têm valor. Minha mãe viu o valor escondido em suas quatro filhas. Ela sabia que cada uma de nós era uma bênção. Minha mãe disse que há muito tempo havia muitas sábias e que o mundo todo seguia os caminhos percorridos pelo povo andarilho. Que todos sabiam que a terra nascera do útero da Deusa. Mas agora, nós que sabemos a verdade somos perseguidos. Embora tenhamos sabedoria e plantas e curas que podem ajudar as pessoas, devemos manter nossas crenças e nossos ritos secretos.

Mas minha mãe me iniciou à sabedoria. Ela já havia compartilhado seus segredos mais profundos antes de eu ser sequestrada e vendida. Para mim e minhas irmãs. Pergunto-me onde elas estão agora. Pergunto-me se vou vê-las novamente nesta vida. Eu não acredito que vou vê-las. Embora talvez estejam pensando o mesmo sobre mim, neste momento, nesta noite.

O peso da lança em minha mão.
O rugido do kawol na escuridão.
Sob a terra, o sangue da Deusa,
vibrando sob as solas descalças.

***

Chegou a hora da esposa dar à luz enquanto o meu amo estava em Ohaddin. Ouvi gritos e uma comoção. Muitas serviçais corriam para cima e para baixo pelo corredor. Sou livre para perambular na residência fora do meu quarto, onde ficam os aposentos da esposa e das outras mulheres da casa do Soberano. O meu amo tem seus próprios aposentos, mas o acesso a eles só existe por uma passagem secreta do meu quarto. Acredito que os outros homens tenham combinações parecidas com suas esposas e concubinas. Há guardas por toda parte e eles se certificam que ninguém vá para o quarto errado. Meu amo disse que isso é falho e que no novo palácio será totalmente diferente. Eu raramente deixo o meu quarto: para mim, é tudo a mesma coisa.

Depois de um uivo particularmente longo vindo do dormitório da esposa, abri

minha porta e dei uma olhada. Uma serviçal corria com uma jarra e uma bacia em cima de uma bandeja. Eu saí e o guarda me deixou entrar para ver a esposa. A antessala estava cheia de pessoas. Algumas velhas vestidas de branco estavam sentadas queimando incenso e resmungando orações. Elas adoravam os espíritos dos mortos e não sabiam nada sobre a Deusa. Jovens esposas de cortesãos de alta hierarquia sentavam-se em almofadas de seda e falavam em voz baixa, mas toda vez que se ouvia um grito vindo de dentro do quarto, elas empalideciam e tinham dificuldade de retomar as suas conversas. As serviçais corriam de um lado para o outro com vários objetos para os quais eu não conseguia ver qualquer uso.

Ninguém me impediu de entrar para ver a esposa. Estava quente dentro do seu quarto e lá também havia incenso queimando. Cheirei o ar e estiquei minha língua para sentir o gosto da fumaça. Bom, isso deve lhe dar algum alívio. Também havia algumas velhas sombrias resmungando orações. A esposa, branca como a neve e pingando suor, estava deitada em uma cama grande. Uma menina alta e ossuda de casaco cinza colocava compressas frias em sua testa. Porém, outra contração chacoalhou o corpo da mulher em parto e ela soltou um grito sem palavras, com a boca totalmente aberta. Seus cabelos estavam embaraçados sobre seus travesseiros e seus olhos, circundados de olheiras. Não parecia haver ninguém cuidando do parto em si, exceto por orações e compressas frias. Caminhei até a cama, puxei as cobertas da esposa e a examinei rapidamente. Ela olhou feio para mim, mas então veio outra dor que a deixou incapaz de falar. Suas contrações eram próximas, mas eu podia ver que ela ainda não estava muito aberta. A criança parecia estar na posição certa.

— Há quanto tempo ela está em trabalho de parto? — Perguntei para a serviçal.

— Desde a noite passada — respondeu.

Ela parecia calma e capaz. Poderia me ajudar.

— Tire todas essas mulheres daqui — mandei. — Você e eu vamos lidar com o parto, mas eu não quero mais ninguém neste quarto.

Ela me olhou e assentiu com a cabeça. Corri de volta ao meu quarto e procurei em meu estoque. Eu juntara e secara uma seleção grande de plantas do jardim do Soberano. Eu nem escondo o que estou fazendo. Ninguém, além de serviçais, entra em meu quarto.

O remédio ideal seria a erva gam, mas ela não cresce tão ao sul. Essas são plantas decorativas que crescem no jardim do Soberano, então eu também não conseguira encontrar nenhum fruta-de-brann. Mas bao, que é usada como condimento por aqui, tem, de fato, qualidades analgésicas em grandes doses. E

eu tinha mil-raízes. Olharam feio para mim enquanto eu passava correndo, e murmuraram suas orações com ainda mais fervor. Há hora para rezar e hora para agir, minha mãe sempre disse. Agora era a hora de agir. Eu podia agradecer à Deusa depois.

Quando entrei no quarto, a serviçal estava parada junto à porta e a esposa estava deitada ao seu lado da cama, ofegante. Havia outra mulher: a mãe do meu amo, Izani, seus cabelos brancos tinindo com correntes de prata e um casaco tão coberto por pérolas e pedras preciosas que ela mal podia levantar os braços. Seu rosto estava vermelho de raiva.

— Você! Vendida como escrava! Não tem direito de dar ordens.

A nova Garai caiu de joelhos e deixou que a testa tocasse o chão. Eu sabia que essa mulher era de uma hierarquia maior do que a esposa. Ela tinha a última palavra em tudo.

— Perdoe-me, venerável mãe do meu amo. De onde eu venho é trabalho da escrava fazer partos. Que os vermes comam meus olhos por esse erro.

— Levante-se.

Eu o fiz e fingi não notar a esposa urrando diante de outra contração.

— Permita-me ao menos lidar com a parte suja, minha senhora, para que o sangue não estrague suas roupas.

Izani olhou para a esposa. Eu podia ver que ela preferia ir embora, mas não queria que parecesse que eu tinha tomado a decisão.

— Tire a escrava daqui — disparou a esposa, que ajudou Izani a tomar uma decisão.

— Vendida como escrava, não saia do lado da Kabira. Assim que a criança tiver nascido, quero que a traga para mim. Se for um menino saudável.

— Sim, minha senhora.

Izani deixou o quarto.

— Ela foi embora? — a esposa conseguiu dizer entre duas contrações.

— Sim — a serviçal respondeu e então se virou para mim. — Você precisa de mais alguma coisa?

Olhei para ela e percebi que, apesar de sua altura, ainda era só uma criança. Treze anos, no máximo. Mas era calma e controlada e parecia inabalável.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Estegi.

— Preciso de água quente e um recipiente para beber. E silêncio. Esse bebê quer sair, mas vai precisar de um pouco de ajuda no caminho.

Estegi fez um sinal afirmativo com a cabeça e saiu correndo do quarto. Eu me

aproximei da cama. A esposa tinha os olhos vidrados e a sua respiração era irregular. Eu me agachei e olhei em seus olhos.

— Eu sei que você não tem nenhum amor por mim. Você não me conhece, então é demais querer confiança. Mas você não tem mais ninguém por aqui que pareça saber o que está fazendo. E eu sei. Eu fiz dezenas de partos em meu clã. No Deserto de Meirem. — Doeu ter o nome em meus lábios. Eu não havia pronunciado nenhum nome de casa em voz alta desde que me escravizaram. Se ao menos eu tivesse a minha lança! Mordo minha língua para impedir que todos os outros nomes transbordem. Nomes das minhas irmãs, da minha mãe, de todos em nosso clã, todos da classe andarilha.

Seu olhar ficou mais afiado e ela enrugou a testa, desconfiada.

— Nem sempre estive escravizada. Você quer minha ajuda? — Eu cuspi em minha mão e a estiquei. Uma contração fez com que seu rosto se contorcesse de dor e ela gritasse. Eu aguardei, minha mão estendida. Manteve seus olhos fechados mesmo depois que a contração passou. Depois, de súbito, ela soltou uma mão de debaixo das cobertas, lambeu-a e a ofereceu para mim. Eu a segurei na minha.

— Bom. Agora, para começar, você tem que se sentar.

Ela não tinha mais forças para protestar. Quando a coloquei ereta, Estegi entrou no quarto com um jarro de água quente e várias tigelas. Pedi que os deixasse na mesa e depois viesse segurar a esposa enquanto eu misturava rapidamente uma dose grande de bao e um punhado de mil-raízes em uma das tigelas, que enchi de água.

— Agora você precisa andar — ordenei, ficando ao lado da esposa. — Apoie-se em mim e Estegi. Quando minha mistura assentar um pouco, beba, ela vai ajudá-la.

— Veneno — disse ela, engasgada. Eu ri.

— Por que eu envenenaria você? Posso beber primeiro, se você quiser.

Desde então tenho refletido sobre o que ela disse. Que talvez não fosse uma acusação, mas um pedido.

Quando pus a esposa de pé e acalmei sua respiração com minha mistura de ervas, o parto procedeu muito mais rápido. No início da noite, coloquei um menino bem formado em seu peito. Ela o olhou por muito tempo. Depois, se virou.

— Traga a ama de leite — foi tudo o que disse. Eu jamais vi tamanha frieza em uma nova mãe. Quando não reagi, ela se virou para me encarar, seu rosto contorcido de dor. Nem nos piores momentos de seu parto eu vi tamanha

agonia.

— Traga agora! — ordenou.

Estegi saiu correndo sem esperar a minha ordem. O corpo todo da esposa tremia, com raiva ou exaustão, não sabia dizer. De repente, ela segurou a mão do seu filho e beijou suas pálpebras finas. Ela sussurrou algo em seu ouvido. Em seguida, olhou para mim e seus olhos estavam enormes.

— Iskan vai dar um nome a ele. Por favor, leve-o agora. Não me torture mais.

Eu percebi naquele momento que eu nunca a vira com seus filhos, embora este fosse seu terceiro. Ela não tinha o semblante de uma mulher que fizera escolhas. Esta vida. Esta ausência de amor.

Eu me abaixei e peguei o bebê. Ele era grande e parecia firme em meus braços. Ele estava completamente calmo, mas mexia os lábios lentamente. Estava com fome. Carreguei o bebê para a antessala, onde todas as mulheres explodiram imediatamente em gritos de alegria, lágrimas de felicidade e ainda mais orações. Izani tomou-o resolutamente de meus braços e o segurou no alto, com tanto orgulho quanto se ela tivesse acabado de tê-lo parido de seu útero. O menino gemeu quando as mangas com pedras preciosas da velha arranharam sua pele jovem e delicada. Estegi logo voltou com a ama de leite e a mãe do meu amo passou o seu neto para os seus cuidados com relutância. Chamei Estegi.

— Traga algo fortificante para Kabira. Uma sopa, talvez. E um chá de sálvia para conter o seu leite. Assegure-se que ela beba bastante. Mas, acima de tudo, se certifique que ela esteja em paz. Entendeu?

Estegi assentiu. Eu sabia que era muita coisa para colocar nas costas de uma jovem menina, mas tinha confiança de que ela conseguiria. Estou feliz que o meu amo não esteja aqui no momento, assim posso descansar e pôr meus pensamentos em ordem.

Tenho me certificado de tomar minha dose de Língua de Deusa todos os dias. Eu não vou carregar a semente de um homem que não deixaria que eu ficasse com meus próprios filhos – meu próprio sangue.

***

Não há nada para eu fazer aqui. Meu amo me usa diariamente, mas entre um encontro e outro há uma imensidão de tempo. Tempo que simplesmente escorre. Eu ando de janela a janela em meu quartinho e espio o mundo lá fora. Pego os objetos e os deixo de lado. Nunca fui tão ociosa. Costumávamos estar sempre a caminho de algum lugar. No alto das montanhas em uma caçada. Percorrendo o

deserto para nos unirmos a outro clã. Ao sul para colher plantas. Ao redor do Lago de Bodien, no meio do Meirem, que um clã andarilho leva sete dias para circular. Junto à sua costa ocidental, cresce Sanuel, a árvore ancestral com raízes até o coração da terra. Frequentemente caminhávamos para lugares sagrados, como a árvore Sanuel, o Monte Omone e o Lago de Semai sem fundo. Fomos até lá para que minha mãe pudesse realizar suas oferendas de sangue. E depois que passei meu eide, comecei a fazer oferendas também. Às vezes, eu toco minhas cicatrizes para me lembrar. Que eu sou uma iniciada. Que estive em comunhão com a força vital de Sanuel e ofereci meu sangue para a árvore.

Quando não estávamos vagando, fazíamos coisas com as nossas mãos. Montávamos fogueiras. Consertávamos roupas ou ferramentas. Quando minha mãe estava me ensinando com minhas irmãs, sempre tínhamos algo em mãos. A antiga Garai era hábil esculpindo madeira. Tudo o que eu precisava era uma boa faca e um pedaço razoável de madeira e eu podia fazer qualquer coisa: uma colher, uma tigela, uma flauta, um botão. Um brinquedo para minha irmã mais nova quando ela era menina.

Ela não é muito mais velha do que uma menina. Se ainda estiver viva. Gostaria de saber para onde ela foi vendida.

A nova Garai não pensa sobre isso. Ela deixa as perguntas e lembranças da antiga Garai aparecerem com cada vez menos frequência, quase somente quando escrevo. Porém, tenho tão pouco sobre o que escrever. A nova Garai não é boa em nada. Tudo o que ela faz é esperar – esperar ser vista pelo seu amo. Suas mãos são pássaros nervosos, batendo as asas aqui e ali pelo quarto, sem tarefa ou propósito. Ela experimenta diferentes casacos para ver qual lhe cai melhor. Ela penteia seu cabelo. Escuta os sons do palácio. Acompanha a mudança de estações pela sua janela. A chuva tem um som diferente contra um telhado e nas encostas de uma montanha. Às vezes, ela acha que quer sair na chuva, senti-la em sua pele, sentir o vento atravessando seus cabelos, acreditar que ele pode erguê-la e carregá-la para longe. Não é a nova Garai que pensa nisso, mas a antiga. A nova a segura e dá as costas para a tempestade, em direção a imagens de tempestades e montanhas e oceanos pintados.

A nova Garai está traindo tudo o que eu considerava sagrado e significativo. Ela não tem valor, não tem propósito. Ela satisfaz seu amo, abaixa a cabeça, evita contato visual com os guardas. Eu a odeio.

Mas ela é útil para uma coisa. Ela sabe como me manter viva.

***

Para passar o tempo, comecei a juntar plantas. Eu pego ervas curativas do jardim e as desidrato para usar no futuro, mas também comecei a plantar as minhas próprias. Eu pergunto à Kabira como as diferentes plantas são chamadas e escrevo seus nomes na minha melhor caligrafia. Minha escrita melhorou muito desde que comecei minhas anotações secretas. Escrever me acalma e me dá algo para fazer. Eu desenho as plantas e as desidrato e pressiono dentro do caderno. Eu mostrei algumas páginas ao meu amo e ele deu um sorriso bem-humorado. Alguns dias mais tarde, Estegi, a menina serviçal magrela, entregou presentes em meu quarto. Ela os colocou sobre minha cama com cuidado. Folhas de papel da melhor qualidade. Pigmentos em diferentes tons, várias penas, pincéis e tintas.

— Foi meu amo que mandou? — perguntei. Embora, de quem seriam?

Estegi fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Você sabe pintar?

— Estou praticando. Na maior parte flores e plantas — respondi, tocando o papel.

Ela fez menção de sair do quarto, mas parou à porta. Hesitou por um momento.

— O que é?

— Eu poderia… poderia pegar algumas de suas pinturas emprestadas mais tarde?

— Para quê? — Franzi a testa.

— Bordado — sussurrou, envergonhada. — Eu gostaria de aprender a bordar flores realmente bonitas, mas é difícil. Uma imagem ia me ajudar.

Abaixei o papel.

— Você pode fazer aqui, em meu quarto. Não quero que leve as pinturas.

Estegi mexeu a cabeça, surpresa e grata, e saiu, fechando a porta.

Eu escrevo menos agora. Em vez disso, eu coleto, seco e pressiono as plantas ou as guardo. Estegi fica sentada em um canto, com uma pintura terminada de uma flor diante de si, e borda com fio de seda em tecidos finos. Eu acho que ela faz coisas para a esposa. Kabira às vezes aparece e nos observa com seu olhar frio e superior. Desde o nascimento, ela tem me visitado. A nova Garai se faz o mais submissa possível quando ela vem, lhe oferece a melhor almofada para se sentar, pede à Estegi que traga chá-verde gelado. Kabira novamente recusa a nossa servidão e simplesmente se senta. Com frequência, um longo tempo se passa até ela fazer algum comentário. Eu começo minha pintura de novo e Estegi pega o seu fio e a sua agulha. Do jardim, podemos ouvir pássaros cantando, e, do palácio, vozes e passos. Eu nunca me dirijo a ela primeiro. A nova Garai sabe o

seu lugar.

Depois de um tempo, ela fala. Pergunta sobre o meu trabalho ou me conta algo sobre a planta com que estou trabalhando. Então, posso fazer perguntas. Sobre o nome ou uso da planta. Mas há muitas plantas que ela não conhece. Em seguida, ela se vira abruptamente para Estegi e pergunta se o bordado ficará pronto logo.

Ontem, enquanto trabalhávamos, ela entrou em meu quarto carregando muitas coisas.

— Não é adequado que uma concubina seja tão ignorante — disse, e colocou alguns pergaminhos sobre a mesa. Estegi moveu-se rapidamente para acender uma lamparina e trazer uma almofada para deixar Kabira confortável. Ela deixou a jovem serviçal se mexer. Então, se sentou e fixou seu olhar crítico para mim.

— Você tem que aprender sobre os grandes poetas. E a história de Areko. O Vizir espera apenas o melhor em sua casa.

Eu acho que o meu amo está mais interessado em outros atributos meus e ele preferiria ouvir sua própria voz do que a minha. Mas fiquei quieta, como a nova Garai me ensinou.

— Você pode pintar enquanto escuta — disse a esposa graciosamente, e começou a ler.

Ela tem uma voz agradável e eu realmente gosto de poesia, mas nunca ouvi nada igual antes. A história me entedia, porque seus protagonistas não significam nada para mim. Governantes, homens de poder, guerras e campanhas militares, territórios conquistados e perdidos. Nada sobre o que realmente importa: a própria terra. Sua força vital. As vidas das pessoas em harmonia com a força vital. Mesmo assim, guardo suas recitações na memória e, quando ela terminou, eu largo o pincel e reconto as partes mais importantes dos pergaminhos históricos e versos poéticos para Estegi e Kabira. Elas parecem bem impressionadas, nem mesmo a esposa pôde esconder isso. Para mim, não era nada digno de nota. Minha mãe ensinara todas as suas filhas dessa forma: por meio de narração a partir da memória de histórias, depois mandando que recontássemos tudo para ela. Não precisava ser palavra por palavra, desde que fosse verdade. Eu percebi que perdi parte da minha habilidade. Minha memória não estava mais bem treinada ou capaz de absorver conhecimento. Decidi trabalhar para melhorar isso. Para ninguém mais além de mim.

Então nossos dias e noites passam. Na grande parte das vezes, é Estegi que nos acompanha. Ela é rápida, silenciosa e tem um grande talento de antecipar os

desejos de Kabira mesmo antes que ela esteja ciente. O sol caminha pelo chão e mostra o passar do dia. A escuridão cai, Estegi acende as nossas lamparinas. Os tocadores de cinna são dispensados. Os pássaros noturnos começam a cantar, primeiro hesitantes, depois com cada vez mais segurança e força. Eu falo pouco. Kabira fala, reconta coisas. Coisas sem propósito. Arte. Poesia. Algumas pessoas que chama de velhos mestres. Eu escuto e tento entender, mas eu não consigo. Como as palavras podem descrever a verdade? Tudo o que capturo no papel murcha e morre. Mesmo se eu escrevesse um poema sobre um lagarto no deserto, como eu poderia capturar a realidade do lagarto? E o que um poema pode nos contar sobre o sol ou o frescor da noite?

Nada.

Ainda assim, Kabira fala. E eu escuto. E o sol desliza e a noite chega e depois o dia novamente e tudo que podemos fazer é esperar.

Recentemente, meu amo tem viajado bastante. Ele está supervisionando a construção do palácio em Ohaddin e viaja entre as províncias comprando madeira, mármore e pedra. Ele é obcecado com a construção de tal modo que é difícil entender. Às vezes, quando ele volta de Ohaddin, está alterado. Há uma escuridão dentro dele, uma que mascara um poder profundo. Há uma diferença na forma que ele me toma. Há uma diferença na forma que olha para mim. Seu olhar toca algo interno, algo sobre mim que eu não quero partilhar. É como se ele pudesse ver a antiga Garai, mas ela não coloca medo nele. Ele também pode ver a nova Garai e a que virá. Depois de passar tempo ao seu lado, me sinto completamente exposta, por dentro e por fora. Quero me esconder, mas não há lugar algum para me esconder do seu olhar. Queria ser capaz de invocar a antiga Garai nessas horas. Ela era forte. Ela era destemida. O poder da própria terra corria em suas veias, ela falara com a árvore Sanuel, as solas de seus pés conheciam cada pedra do Deserto de Meirem, suas mãos sabiam como criar e modelar. Suas cicatrizes eram testemunhas…

Minhas cicatrizes. Elas desbotaram. Há pouco tentei contá-las e não consegui encontrar todas elas.

***

Muito tempo se passou. Anos. Eu não tenho escrito, porque não há nada para ser escrito.

Logo, o palácio em Ohaddin estará terminado. A construção já dura oito

anos.

Hoje, meu amo me chamou. Após ter deitado comigo, ele ficou à janela e observou os primeiros carrinhos de bagagem passarem de Areko a caminho de Ohaddin. Ele se alongou. Seu corpo era ainda liso e firme como da primeira vez que eu o vira, há muitos anos. Ele quase não envelheceu. Não podia dizer o mesmo sobre mim. Eu não tenho oportunidade de andar por aí como eu quero. Eu como muitos bolos, frutas frias embebidas em mel e weja frita passada no açúcar. Minha barriga se tornou saliente e minhas bochechas, redondas.

Meu amo esfregou as mãos contra suas coxas, maravilhado.

— Finalmente. Como trabalhei para isso! Eu vou mudar o Príncipe Soberano e sua corte no fim desta lua, para coincidir com a lua nova. Depois, vou tê-lo onde eu quero. Seus filhos teimosos vão ficar em Areko. Eles não entendem que estão caindo inteiramente em minhas mãos.

— Como assim, amo? — Eu sabia que ele queria receber perguntas.

— Quando não estão na presença de seu pai, não têm nenhuma influência sobre ele. E quando ele não os vê, é muito mais fácil enviá-los em missões que parecem importantes, mas que servem apenas para mantê-los fora do caminho. Então eu, e somente eu, posso direcionar o Príncipe Soberano da forma exata que eu desejo. E toda decisão que ele toma, grande ou pequena, virá de mim. Vou começar enviando seu filho mais velho à batalha contra Herak. Eles se recusaram a pagarem seus tributos por três anos consecutivos. Eles vão se curvar ao poder de Ohaddin e Areko. E esse poder, minha pequena selvagem, é meu agora. Toda Karenokoi vai se curvar diante do Soberano e de mim.

Ele se virou para mim. Eu estava deitada, nua sobre a pele de um animal em sua cama, e ele enrugou o nariz.

— Você está ficando gorda. E já não é mais tão jovem quanto antes.

Senti-me envergonhada. Quem eu sou se não tenho valor aos olhos do meu amo? Eu puxei a pele sobre mim e abaixei meu olhar. Meu amo lançou um último olhar de contentamento para a janela e então chamou um serviçal para ajudá-lo a se vestir. Eu permaneci deitada onde estava até eles deixarem o quarto. Em seguida, me vesti e caminhei pela passagem secreta para o grande salão do dairahesi. Estava deserto. Eu toquei uma companhia e Estegi surgiu sem um ruído e curvou-se, submissa. Ela cresceu nos últimos anos e agora é uma cabeça mais alta do que eu. Seu nariz é ainda maior do que antes, ela com certeza não é uma mulher bonita. Até ela é mais magra do que eu.

— Pegue minhas coisas. Vou tomar um banho. Eu quero óleo de arremin e minha própria mistura de óleo de amêndoas e água de rosas. Agora mesmo.

Fiquei deitada na banheira durante muito tempo. Massageei meu couro cabeludo com sabonete de perfume adocicado, esfoliei minha pele grossa com pedra-pomes. Depilei os lugares em que sabia que o meu amo queria que eu fosse lisa. Tirei as minhas sobrancelhas e o bigode que começara a crescer em meu lábio superior. Esfreguei-me com óleo de amêndoas até estar macia como um bebê recém-nascido.

O que vai acontecer se o meu amo pegar uma nova concubina? Ele vai deixar minha cama de vez, como deixou a de sua esposa quando eu cheguei? Meus dias se tornariam ainda mais vazios. Eu não tenho nenhum valor exceto o que ele me dá. Seu olhar dá carícias, julgamento, valor. Suas mãos dão contornos ao meu corpo que, caso contrário, não existiriam. Às vezes ele até me dá prazer. Eu odeio isso, mas normalmente ele me dá um tipo diferente de gratificação: por um curto período de tempo, eu valho alguma coisa. Se isso for tirado de mim, o que vou ter?

Kabira entrou enquanto eu escrevia a última parte. Minha porta não estava trancada. Eu nem tentei esconder meus papéis. Kabira já os viu antes e nunca me entregou.

Ela sentou-se em algumas almofadas e esperou. Depois de um tempo, Estegi entrou carregando uma bandeja de chá quente, que tinha cheiro de rosa e hortelã, e uma pequena pilha de bolinhos salpicados de açúcar. Estegi serviu o chá, primeiro para a esposa, depois para mim. Eu peguei vários bolinhos e os enfiei na boca. A doçura me preencheu com uma sensação imediata de prazer. Estegi se retirou em direção da porta, onde se sentou e aguardou por mais ordens.

Eu olhei para Kabira. Ela estava sentada calma e serena, bebericando seu chá. Ela faz tão poucas atividades para preencher o dia quanto eu – de fato, menos, porque o meu amo nem a visita em sua cama. Eu sei que ela tem deveres com Izani, que aparece em cerimônias públicas com os filhos, mas elas podem ser um breve alívio desta não-vida de espera perpétua, de ociosidade e melancolia.

— Como você suporta isso, Primeira Esposa? — perguntei-lhe, quebrando o silêncio.

Kabira riu zombeteiramente. Eu não achava que ela fosse responder. Ela bebeu seu chá. No final, falou.

— Não estou mais preocupada com o que acontece comigo. Ele já destruiu tudo.

Sua voz era baixa e áspera. Ela sentava-se curvada sobre sua tigela de chá, seus traços encobertos pelo vapor.

— Todos os dias eu carrego a lembrança da minha família morta. Todos que ele tirou de mim. Meus filhos que nem me conhecem, que têm vergonha de sua mãe, e se afastam do meu toque. Porém, ele não vai permitir que eu morra.

Ela ficou quieta por um tempo. Bebeu seu chá.

— Ele a visitou?

Fiz um sinal afirmativo. Ela abaixou a tigela. Olhou para a janela.

— Vocês conversaram?

Nós jamais havíamos falado sobre o meu amo antes. Mas eu levara a conversa para aquela direção.

— Sim. Um pouco. Ele está satisfeito com a construção em Ohaddin; menos satisfeito comigo. — Apontei para minha barriga e coxas grossas.

Ela virou rapidamente a cabeça e me olhou. Ela sorriu, um sorriso sarcástico. Mas não era cruel. Mais… pesaroso. Como se entendesse o que eu queria dizer. E percebi que ela, apesar de tudo que acabara de dizer, talvez ainda sentisse algo por ele. Algo que jamais senti.

Isso a tornava mais escrava do que eu jamais fui.

Ela sussurrou algo para Estegi, que se levantou rapidamente e deixou o quarto. Kabira se levantou e suspirou.

— Vamos agora. É hora de você juntar suas coisas. Você não quer que ninguém descubra seus papéis. — Ela arrumou seu casaco.

— Iskan está nos mudando para Ohaddin junto com o Príncipe Soberano e sua corte. Prepare-se para uma nova casa.

Eu juntei os meus pertences, as coisas que considerava minhas: casacos e calças que ele tinha me dado, meus pentes de cabelo e minhas joias. Minhas flores secas prensadas e meus instrumentos de escrita. Minhas ervas. Escondi as anotações secretas na contracapa da pasta onde eu as guardava.

Mas nada disso é meu. Eu sei disso. Tudo pertence a ele. No deserto, tudo era de graça – as flores, as plantas e os animais –, ninguém os possuía, levávamos o que precisávamos e carregávamos nossas ferramentas e utensílios conosco, nada mais. Meu amo possui tudo o que vejo ao meu redor. Ele me possui também.

Não sei quando vamos nos mudar. Não permitem que eu saiba de nada. Ou Kabira. Estamos totalmente nas mãos dele, objetos para serem manipulados da maneira que lhe agradar. Para mim, a imprevisibilidade é uma das coisas mais difíceis de tolerar. Nunca sei quando ele vai me chamar e usar o meu corpo. Eu nunca sei de nada com antecedência: as coisas simplesmente acontecem comigo, de súbito e sem explicação. Um dia vão nos mandar sentar num liteira, e seremos

levadas à Ohaddin, mais um novo lugar onde jamais estive antes. Uma nova jaula dentro da qual devo aguardar.

***

Hoje chegamos à Ohaddin. É noite e muito tarde e estou cansada da viagem numa liteira que sacudia, oscilante e sufocante. Senti-me nauseada e irritada, e Estegi, que me acompanhava, estava com medo de mim, e no final ela nem ousava me responder. Mas eu tenho que escrever agora, imediatamente – é tão maravilhoso –entendo por que ainda estou viva, finalmente entendo! Tudo me trouxe até aqui, minha paciência está sendo recompensada e agradeço a nova Garai por me manter viva, glória à terra e o céu e aos espíritos dos mortos!

Eu pude sentir isso logo que estávamos nos aproximando de Ohaddin. Era fim de tarde, o sol estava baixo no céu e a nossa comitiva passou por trabalhadores cansados e suados a caminho de casa, vindos das plantações de especiarias. O palácio surgiu por detrás da colina, tão maior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar, e naquele exato momento eu senti. A vibração. Primeiro fraca, como um aroma na brisa, de algo delicado e elusivo, que você reconhece e tenta lembrar o nome, mas não consegue. Naquele instante, Estegi me ofereceu um pedaço de melancia passada no mel e água de rosas, mas eu levantei minha mão e mandei que ficasse quieta. Completamente quieta e parada. A comitiva seguiu seu caminho sinuoso e a cada passo nos aproximávamos do palácio e a sensação se intensificou. Um zumbido. Um murmúrio. Um ritmo que pulsava através de meu corpo. Eu nunca tinha sentido a força vital tão intensa antes – é poderoso, mais até do que a sensação que tive no tronco de Sanuel. Eu mal podia ficar parada, o impulso de pular da liteira e correr para encontrar aquele poder, atender aquele chamado irresistível.

Quando entramos carregadas nos muros de Ohaddin, o anoitecer já tinha caído e todos os guardas carregavam tochas em suas mãos. Há uma casa especial para as mulheres, chamada de Casa da Beleza, e eu vislumbrei grandes cômodos, salões e uma enorme piscina enquanto era levada para meu próprio quarto. Há por todos os lados ouro e telas pintadas, potes e vasos, flores e fontes, e em todo lugar um zumbido, murmurando, a canção que está me chamando. Deito-me sobre almofadas de seda debaixo da pele de algum animal listrado e meu quarto cheira a rosa e incenso e, ainda assim, não consigo dormir. A antiga Garai, a sábia, não consegue dormir. Ela despertou agora. Está mais acordada do que nunca. Ela corre seus dedos sobre suas cicatrizes e anseia sair e encontrar o lugar

secreto que sabe que está por perto. Ela quer fazer uma oferenda para ele e sabe que esta é uma grande oferenda, aquela para a qual tem se preparado por toda a vida.

Porém, precisa esperar. Eu vou encontrar o lugar. A nova Garai também vai me manter viva aqui, nesta jaula enorme, e vou buscar a origem da canção e tudo terá valido a pena.

Tudo.

A antiga Garai aguarda. Eu não a esqueceria, de novo não… Eu quero me dar novas cicatrizes, cortar, ver o sangue escorrer. Mas sei que seria errado. As feridas têm que significar algo. As cicatrizes têm que representar oferendas genuínas. Não posso me cortar apenas por alívio.

***

Meu amo já levou a sua mãe, a sua esposa e eu para passearmos pelo jardim hoje, em nosso primeiro dia. Izani estava acompanhada de três serviçais carregando guarda-sóis, almofadas e uma cesta de bebidas geladas. Kabira levou Estegi consigo para que ela pudesse dar uma olhada, mas fez com que carregasse o guarda-sol para que Izani não reclamasse sobre de uma serviçal que acompanhava, mas nada fazia. Fomos seguidas por dois guardas com cimitarras. Era claro que meu amo queria exibir sua criação. Deleitar-se na glória de nossa admiração. E ele tem motivo.

O jardim é deslumbrante. Meu amo se assegurou que fosse terminado antes de trazer o Príncipe Soberano, ele explicou, por isso estava pronto antes dos edifícios do palácio serem construídos. Ele queria impressionar o Soberano com o máximo de esplendor possível, para se assegurar que ele se mudasse por vontade própria e gastasse ouro em um palácio que fosse dele. A oeste, há três edifícios que são parte da casa do meu amo: Casa da Serenidade, onde ele tem seus cômodos privados, seu banheiro e sua biblioteca; Casa Soberana, onde ele trabalha e recebe outros homens de poder; e Casa da Beleza, onde nós mulheres vivemos juntas com sua mãe e serviçais. A cozinha também é aqui. Pelo jardim, de noroeste a sudeste, há um riacho feito pelo homem com pequenas cachoeiras e pontes. Ao leste, como um espelho das casas que meu amo construiu para si, estão mais três casas pertencentes ao Príncipe Soberano. Mas vão construir mais, pois um soberano precisa de mais esplendor do que um vizir.

— Tudo é construído com o melhor que Karenokoi pode oferecer — disse

meu amo ao pararmos em frente ao palácio do Soberano, com Izani de um lado e a esposa do outro. Eu fiquei respeitosamente alguns passos para trás. Era o início da manhã, mas sons já podiam ser ouvidos de todas as casas: havia muita coisa a ser arrumada com a casa inteira abrindo pacotes e colocando tudo em ordem. Móveis e serviçais haviam sido enviados antecipadamente e agora os residentes podiam se acomodar. — Eu adquiri madeiras exóticas de uma grande ilha ao sul — disse meu amo. — O nome da ilha é Terasu. Vocês veem as colunas? Como elas são pretas? É um tipo de madeira excepcionalmente densa que não cresce nesta região. Ela não requer pintura ou tratamento e é quase tão difícil de ser trabalhada quanto a pedra. — Ele deu um sorriso zombeteiro desagradável. — Não é a única coisa exótica que trouxe comigo. Vocês vão ver.

As casas do palácio têm a altura de dois andares, construídas em uma plataforma para que não possam ser vistas do chão. A plataforma é coberta de azulejos coloridos, com padrões de flores e folhas que parecem tão reais que competem com a exuberância do jardim. O teto dourado brilhava na luz forte da manhã e Izani levantou sua mão coberta de anéis para proteger os seus olhos. Meu amo viu e sorriu.

— O brilho é intencional, para que tudo além desses muros se curve diante da sua grandiosidade. Ninguém deve dominar onde todo o poder em Karenokoi está. Nenhum dos pequenos príncipes têm nada que possa competir. Logo, eles vão se curvar, submissos, ao poder de Ohaddin. Meu poder.

— Meu filho, você com certeza criou algo excepcional — disse Izani e bateu de leve no braço do filho. — Você concorda, Kabira?

A rispidez em sua voz quando ela falou com sua nora foi audível imediatamente.

— Não há nada parecido em todas as terras conhecidas — disse Kabira. Sua voz era sem expressão, formal.

— Você mal consegue reconhecer a velha propriedade de seu pai, pode? — Izani olhou para a esposa do seu filho.

— Não, nada, chi. Tudo é muito mais deslumbrante e maravilhoso.

Eu ouvi a mágoa que ela escondeu por trás de suas palavras, mas meu amo era surdo diante disso. Ou não se importava.

Caminhamos debaixo das árvores frutíferas floridas. Pássaros com penas vermelho e azuis brilhantes cantavam em uma gaiola enorme.

— Trouxeram todo tipo de pássaros cantantes para cá — disse meu amo e apontou para a gaiola. — Muitos podem voar livremente no jardim, outros, eu mantenho em gaiolas. A Senhora Soberana e as suas filhas gostam muito de

pássaros. Contratamos meninos com estilingues e arcos para patrulhar o jardim e atirar em quaisquer aves de rapina. Já há um comércio de insetos e sementes acontecendo além dos muros do palácio. Alimento para os pássaros.

O jardim estava cheio de trabalhadores regando, limpando. Tudo é perfeito, nem uma folha fora de lugar. Nada morto ou feio é permitido.

— Você poderia nos mostrar o jardim de ervas, che? — Kabira perguntou ao seu marido, com a voz mais respeitosa possível.

Izani deu uma risada zombeteira, mas o meu amo fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Naturalmente, cho. — Com um gesto exagerado, ele levou a sua esposa em um braço e a sua mãe no outro e as guiou pelo caminho sinuoso entre arbustos perfumados transbordando com flores rosa-claro. Quando eles tocavam os arbustos ao passar, pétalas caíam rodopiando ao seu redor, que eram esmagadas sob meus pés calçados enquanto eu os seguia. Atravessamos o riacho sobre uma ponte arqueada com balaustradas profusamente decoradas. Peixes dourados nadavam na água límpida. Meu amo apontou para um lago para onde um riacho corria. Chorões se curvavam sobre a superfície imóvel da água e folhas de nenúfares descansavam como joias sobre um espelho escuro.

— Criei carpa na água para os meus filhos pescarem. Há muitos barcos pequenos que podem ficar frescos na água em dias quentes de verão. Vamos fazer concertos por aqui para as mulheres do Soberano; lá, na outra margem, uma plataforma pode ser construída e elas podem se sentar diante do pôr do sol, os músicos podem tocar em barcos flutuantes adornados com lanternas e entreter a corte. Eu vou chamá-lo de Jardim da Serenidade Eterna.

— Magnífico, filho — disse Izani. — Você também deve convidar os pequenos príncipes e as suas famílias. Quando virem toda essa beleza, tal esplendor caro, eles não ousarão fazer nada senão se ajoelharem diante de você.

Ela não notou que revelara demais: que era diante do Príncipe Soberano que eles deviam se curvar. Mas Iskan percebeu e sorriu.

— É aqui. Eu atendi ao seu pedido, esposa. Eu criei um jardim de rosas e, com ele, como surpresa, um jardim de ervas.

Passamos por rosas de todas as cores e chegamos finalmente a um muro baixo. Meu amo abriu um portão e nos deixou entrar. Sua mãe parou com a testa enrugada, ordenou que suas serviçais abrissem o guarda-sol e a abanassem. Estegi parou do lado de fora também, a uma distância respeitosa do Vizir.

Nos canteiros longos e estreitos, em espirais e círculos, cresciam todo tipo de ervas e especiarias. Eu me curvei, toquei as folhas, inalei os aromas – cortante,

adocicado, amargo, fresco. Havia todas as plantas medicinais que eu conhecia e muitas outras que jamais vira ou ouvira falar. Este é um lugar onde eu posso caminhar e explorar, colher, secar, pintar. Aprender. Fui mais para frente e vi que muitas plantas cresciam nos lugares adequados, mas que algumas haviam sido erroneamente colocadas e precisavam de mais sombra ou espaço. Meus dedos coçavam com a vontade de cavar, transferir, replantar.

Eu me virei. A esposa estava a alguns passos atrás de mim olhando para a sálvia. Meu amo e sua mãe conversavam e Izani parecia irritada. Pensei que devia ser por que seu filho tinha realizado o desejo de Kabira. Izani não tolerava que Kabira conseguisse o que queria em qualquer campo.

Ajoelhei-me diante da esposa e foi eu que o fiz – eu, Garai – e não a nova que apenas mostrava respeito como uma estratégia de sobrevivência.

— Venerada Primeira Esposa — sussurrei para que o meu amo não pudesse ouvir. — Obrigada.

— Levante-se, mulher! — disparou a esposa, visivelmente incomodada. Eu me levantei, mas em seguida fiz uma reverência exagerada.

— Obrigada. Você foi muito gentil comigo. Eu sei que deve ter lhe custado. — Olhei diretamente para Izani.

— Sim, sim. Foram as suas poções que me curaram de minha doença severa neste inverno, afinal. E Sonan disse que sua tosse sarou depois de uma infusão que você deu para ele. Foi isso que provavelmente convenceu meu honorável marido. Não minhas palavras. Seus filhos são seu maior patrimônio.

O meu amo não tem filhas. Ele não visita a cama de Kabira e eu garanti que não engravidasse. O meu amo pensa que sou estéril e isso não o incomoda. Ele tem os filhos que precisa, ele diz. Eles têm dez, nove e sete anos agora. Travessos, voluntariosos e fortes. Eu posso ouvi-los brincando lá fora enquanto escrevo. Eles não devem ser corrompidos pela imagem de uma concubina. Eu não sei quem decidiu isso, se foi o meu amo ou a sua esposa. Talvez tenha sido eu.

Os meninos vivem com Izani, não com a mãe. Eles a visitam às vezes quando Izani permite. Depois disso, Kabira não aparece por muitos dias. Ela, no fim, entra na sala do sol, onde eu desenho flores e Estegi borda e um ou dois tocadores de cinna nos entretém, acompanhados pela fonte em sua pia de mármore, mas ela sempre está mais calada do que o normal. Depois de um tempo, ela participa das conversas de novo. Dá ordens para as serviçais. Critica as minhas roupas. Pega um pergaminho para me educar. Depois tudo volta ao normal.

Eu não sabia o que eu devia dizer a ela. Palavras não são suficientes. Ela pode fingir o contrário, mas sei que o jardim de ervas foi um presente para mim. Eu de repente adquiri uma compreensão mais profunda de Kabira. Ela não me despreza. Não importa o que pense sobre mim, eu era a sua única amiga.

Curvei-me novamente, segurei a sua mão e a beijei rapidamente. Soltei antes que Izani tivesse a chance de ver.

— Rápido agora, Iskan tem outra coisa que quer nos mostrar.

Eu ainda não sei como, mas vou retribuir esse gesto de amizade. Esse presente que Kabira me deu.

Iskan nos trouxe de volta ao jardim, em direção ao norte. Quando chegamos aos degraus brancos como a neve da Casa da Beleza, ele parou e beijou de leve a sua mãe no rosto.

— Você pode ficar aqui, Izani-chi. Posso ver que está cansada. Logo estará insuportavelmente quente. Eu tenho uma pequena surpresa para mostrar à minha esposa.

Izani não gostou, mas ela não tinha opção senão obedecer. Ela foi ao palácio com suas serviçais atrás dela. Estegi seguiu Kabira e o meu amo. Eu hesitei um pouco, depois corri atrás deles. O tom que o meu amo disse surpresa não era benevolente. E eu sentia a tensão de Kabira. Ela demonstrara gentileza. Eu não queria abandoná-la. Os guardas seguiram atrás de mim.

Caminhamos para o norte, em direção ao muro. Um bosque de árvores de zismil apareceu diante de nós e o meu amo acenou para os guardas para que nos esperassem debaixo das árvores. Zismil também cresce nas encostas de Omone. Eu conheço o perfume. Elas crescem de um jeito teimoso, com troncos estreitos e curvos e copas largas que se esticam em direção ao céu. São árvores que crescem rápido e algumas já eram mais altas do que um homem, embora não pudessem ter sido plantadas há mais de alguns anos. Eu vi Kabira fechar os punhos. Ela acelerou o passo. As árvores de zismil obscureciam minha visão. Eu não podia ver aonde eles estavam indo, mas podia sentir. A canção da força vital, que estava sempre presente em Ohaddin como um zumbido subterrâneo, se intensificou ainda mais. Também comecei a andar mais rápido. Logo eu veria a sua fonte! Logo saberia a sua origem e poderia começar a se preparar para a minha oferenda!

Kabira surgiu do bosque antes de mim. Ela parou e olhou para cima. Soltou um gritinho.

Havíamos chegado ao pé de um pequeno monte situado contra o muro que cerca Ohaddin. Um caminho subia o monte, coberto por placas de pedra pretas

como a noite. O caminho terminava em uma porta, em um muro alto que circundava uma parte da encosta. O muro tinha um teto vermelho como sangue, apoiando-se em parte no muro e em parte no próprio monte.

Iskan virou-se para a sua esposa. Ele deu o seu sorriso predador.

— A porta é feita do metal mais resistente, querida esposa. Ela não pode ser queimada. Ela não pode ser destruída. Anji é minha e só minha, ninguém mais pode ter acesso a ela.

A cor esvaiu-se do rosto de Kabira.

— As sepulturas. No topo do monte. Minha família.

Ela estava tendo dificuldade de pronunciar as palavras.

— Eu as tirei de lá para abrir espaço para o telhado. — Meu amo deu de ombros, despreocupado. Ele não partilha sequer o respeito pelos mortos de seu povo. Eles não adoram a terra ou outros deuses aqui, mas honram seus mortos, e eu até comecei a acender velas em dias santos. Uma para cada uma das minhas irmãs. Uma para a minha mãe. Eu não sei se elas estão vivas ou mortas, mas quero mostrar que eu não as esqueci. Entendi que ele tinha cometido uma transgressão terrível ao dessacralizar essas sepulturas.

Kabira ficou imóvel.

— Eu vou permitir a entrada do Soberano às vezes. Para partilhar a água da nascente. Às vezes, quando ela está boa, se eu precisar que ele esteja mais saudável por um tempo. E às vezes, quando ela está ruim, se eu precisar de um governante mais fraco para direcioná-lo segundo meus desejos.

Meu amo não poupou as palavras, nem um pouco. Nem mesmo a admissão de grande traição era perigosa quando revelada apenas na presença de mulheres. Nós não éramos ninguém. Tão importantes como a grama no chão. Tão substituíveis quanto.

— Você não pode aprisionar Anji assim! — Kabira agarrou desesperadamente o braço dele.

Eu nunca tinha a visto tão consternada. Nunca a vi tocando seu marido por vontade própria.

O meu amo se desvencilhou. Ele continuava a sorrir. A raiva dela não o incomodava nem um pouco. Ele não respondeu. Simplesmente foi embora através das árvores e desapareceu.

Tive que ajudar Kabira a voltar à Casa da Beleza. Os guardas nos seguiram de perto. O sol já estava quente e tinha um cheiro forte de terra e resina de zismil.

Agora eu sei que Kabira também sabe. Eu tentei convencê-la a falar sobre isso hoje, mas ela se recusa. Vira-se, retira-se para o seu quarto ou muda o tópico da

conversa. Mas sei que ela sabe mais do que admite. Talvez poderíamos ganhar acesso se nos uníssemos! Porque ela está certa: uma nascente de poder não pode ser aprisionada e mantida para si. É isso que Iskan fez. É dela que seu poder vem. Agora posso ver. Vejo de onde a sua escuridão vem. Vejo como ele é capaz de olhar dentro de mim e tocar meu eu interior. É um alívio saber. É um poder que eu compreendo, para o qual fui treinada. Agora que eu sei, posso me proteger melhor dele.

Puxo a nova Garai sobre mim; agora ela é um disfarce, nada mais. Dentro de mim, em meu eu verdadeiro, zumbe o poder que eu ainda não posso alcançar. Mas um dia. Um dia.

Garai a habilidosa
Garai da língua sagaz
Garai, ocultando
Garai, aguardando
Garai, despertando

Continuo de onde tive que parar ontem, porque nessa noite descobri que não estamos sós na Casa da Beleza. Izani tem o andar de cima à sua disposição e mora lá com os filhos do seu amo. Lá embaixo, vivem os serviçais. No dairahesi, há somente eu em meu quartinho e a esposa em seu quarto grande e opulente. Há salas de sol e salas de sombra e vários quartos, mas eles estão vazios. Ou assim eu acreditava. Quando saí do meu quarto, me deparei com uma garota sentada com as pernas cruzadas em uma das almofadas junto à fonte no grande salão. Eu parei. Claramente não era uma serviçal. Ela não parecia com ninguém que eu já havia visto e lembrei das palavras do meu amo sobre coisas exóticas que trouxera consigo de Terasu. A garota era alta e de pele escura e sentava-se com as costas bem retas. Ela se virou para mim e vi que era muito bonita e mais jovem do que eu quando fui vendida como escrava. Em seu cabelo encaracolado havia um único pente. Uma escrava, então. Como eu.

— Quem é você? — perguntei sem etiqueta ou protocolo. Kabira não estava lá e não podia me punir.

Ela me olhou com seus grandes olhos escuros. Ela parecia entender a pergunta.

— Orseola — respondeu com a voz grossa. Ela vestia algum tipo de tecido dourado exótico justo sobre seus seios e percebi que é a nova concubina do meu amo. Ao menos estou livre! Celebrei em silêncio o dia todo. Eu sou livre!

— Meu nome é Garai — falei e sorri. E então completei, como se o palácio e

o jardim e tudo neles fossem meus: — Bem-vinda à Ohaddin.

Orseola

MORÁVAMOS EM ÁRVORES. ERA JUNTO AO DELTA. NÃO PODÍAMOS CONSTRUIR casas na terra macia molhada, então as construíamos no alto, no topo das árvores. Em Karenokoi eles nunca podia sonhar com tais árvores que crescem em Terasu.

Eu sei, pois eu vi seus sonhos. Eu tentei entrelaçar minhas árvores em seus sonhos – árvores com troncos tão grandes como casas, com as copas que abraçam o céu. Mas não funciona. As pessoas não conseguem imaginar algo tão grande. Tão poderoso e eterno, no entanto, vivo.

Nessas árvores havia espaço para várias casas. Entre as árvores havia pontes. Nossos pais as construíram com juncos e bambus. As pontes longas foram feitas com padrões ornados. Os padrões falavam para você de onde e para onde a ponte ia e tinham o símbolo do construtor. O padrão da assinatura de meu pai eram ondas em marrom escuro.

Escadas de cordas se dependuravam entre os galhos das árvores. Durante festividades, as crianças as decoravam com flores. Podíamos fazer quase tudo do topo das árvores, até pescar. Mas para fazer fogo e colher flores, tínhamos que tocar o chão. Nós, crianças, costumávamos nos arriscar até a beira da cidade e depois na água. Remávamos em canoas de junco até chegarmos às ilhas de grama onde as flores cresciam. Grandes como o rosto de uma criança.

Nós amávamos aquelas flores e amávamos colhê-las e fazer grinaldas. Nossas mães ficavam felizes quando voltávamos em barcos cheios de flores e nós amávamos nossas mães também.

Com as escadas de corda estavam enfeitadas com flores, as próprias árvores pareciam estar florescendo.

Goveli era uma cidade maior do que Areko, toda no alto nas copas das árvores. Havia a árvore do mercado e uma árvore com casas para todos os cargos. Havia árvores para os ricos, cada uma com uma casa de vários níveis, e árvores

para os pobres, com muitos barracos pequenos amontoados entre os galhos. Havia árvores do prazer e árvores de luto. Nas árvores de prazer, viviam os órfãos, meninos e meninas, que ofereciam seus corpos em troca de comida e roupa. Nas árvores do luto, grinaldas de flores eram penduradas para os mortos e frutas dispostas com seus nomes gravados na casca. Elas continuavam lá até apodrecerem ou desaparecerem nas barrigas de animais e insetos. As árvores do luto tinham um cheiro nauseante. Elas ficavam na ponta leste de Goveli.

As árvores eram sagradas. Elas não podiam ser feridas – nem de propósito nem por acidente. A mais sagrada de todas era a árvore da Rainha, no coração da cidade, onde a Rainha vivia com sua corte. A árvore era a mais velha em Goveli – tão velha que ninguém sabia sua idade.

Na cidade havia bobos e mendigos, músicos e feiticeiros, videntes e profetas. Astrônomos e cantores, preguiçosos e pescadores, advogados e vendedores de sucata, tecedores e alfaiates, carpinteiros e ociosos, construtores de navios e marinheiros, curandeiros e joalheiros, adestradores de pássaros e coletores de insetos.

Não havia ferreiros. Não havia guerreiros.

Meu avô fazia redes. Meu pai fazia alaúdes e harpas de aveleiras.

Minha mãe tecia sonhos.

Eu me lembro…

As árvores só morriam de velhice e de repente. Um dia as folhas começavam a cair. Então, sabíamos que o tronco estava todo podre e que não era seguro permanecer nele. Os moradores da árvore tinham que juntar suas casas, tábua por tábua, e carregá-las pelas pontes. Advogados distribuíam as novas árvores e, depois de cerimônias de agradecimento e nomeação, as pessoas reconstruíam suas casas. Elas nunca eram exatamente como antes, pois o formato era determinado pelos galhos. Uma sala encolhia aqui, um piso subia lá, uma nova varanda era formada.

Quando uma árvore morria, três dias de luto eram declarados. Palavras de agradecimento eram talhadas no tronco da árvore morta. Era a única vez que uma lâmina podia tocar uma casa-árvore. Eles gravavam os nomes de todos que moraram entre os galhos, do último ao primeiro. Os advogados escreviam tudo em seus longos rolos. Vestíamos colares de folhas secas e não podíamos nadar ou cantar até que os três dias de luto fossem honrados. Os colares eram ásperos e coçavam. Pedaços de folhas mortas acabavam dentro de nossas roupas. As pontes rangiam com o peso das partes da casa que eram carregadas.

Quando os dias de luto acabavam, a próxima casa-árvore era celebrada com poesia e dança. Meu pai era um bom poeta. Eu lembro do brilho de seus dentes brancos na escuridão enquanto ele recitava seus versos. Ele se sentava no topo da copa, balançando seus pés e um jarro de hidromel, seus poemas flutuando pela cidade e pelo mar.

Eu me lembro de nossos cafés da manhã. Leite de cabra coalhado com nozes, sementes e mel. Nossas tigelas eram conchas de saorse vazias, que meu pai pintava com padrão especial de ondas em vermelho e branco. Nas noites em que minha mãe estava tecendo, ela chegava tarde e dormia até o meio do dia. Meu pai tinha uma oficina descendo o tronco da árvore, onde a serragem produzida pelo seu trabalho não incomodava ninguém, e ele trabalhava lá desde o início da manhã. Frequentemente eu tinha que servir o café da manhã para meus irmãos mais novos. Normalmente sentávamos na varanda para comer enquanto a cidade despertava ao nosso redor. Podíamos ouvir conversas em outras árvores-casa, bebês chorando e cabras balindo de onde elas pastavam sobre os telhados. Pássaros de todas as cores voavam ou cantavam, empoleirados na grade de nossa varanda ou nos galhos de árvore. No verão, o barulho dos insetos era quase ensurdecedor. Nós, crianças, nos cobríamos de argila para evitar que nos comessem vivos. A sensação das tábuas debaixo de meus pés descalços, refrescadas pelo ar noturno. O barulho de nozes entre meus dentes.

Depois do café da manhã, eu enxaguava as tigelas e as guardava em sua prateleira na sala principal. Nossa casa tinha três cômodos. Um para refeições e para passar tempo juntos, um onde minha mãe e meu pai dormiam e um para as crianças. Tínhamos duas varandas, uma para o oeste e outra para o norte. Nossa cabra, Casca, pastava no telhado e nos dava leite, queijo e coalhada. Quando meu pai tinha tempo, ele tocava para nós o alaúde e o bandolim e minha mãe cantava canções sobre mitos e alegria e sonhos. Como a filha mais velha, eu era responsável pelos pequenos. Mas assim que a minha mãe acordava, eu saía de fininho para o telhado, subindo entre os galhos. Eu tinha amigos com quem brincava em qualquer lugar interessante que encontrávamos e cantávamos nossas próprias histórias e fazíamos brinquedos com nozes vazias e cones. Quando o calor do dia se tornava intenso demais, íamos nadar no mar ou nos canais, rápidos como enguias, e depois subíamos para o alto, onde o vento era mais forte.

Um de meus amigos se chamava Aurelo. Ele tinha um rosto largo e sorridente e cabelos pretos que amarrava no alto da cabeça. Competíamos para ver quem corria pela cidade mais rápido. E quem roubava um pedaço de fruta da

árvore-feira no meio de todo o comércio. E quem tinha coragem de pular na água do galho mais alto. Competíamos por qualquer coisa, mas quando estávamos cansados e com fome, dividíamos justamente as frutas roubadas e, se alguém mais velho nos desafiasse, sempre brigávamos juntos, como uma única besta com quatro patas furiosas e duas bocas que mordiam. Meu tio e sua esposa nos chamava de terrores voadores de Goveli, pois pulávamos do topo de uma árvore a outra como se estivéssemos voando.

É claro que às vezes caíamos. Havia machucados e arranhões e costelas doloridas. Uma vez, Aurelo quebrou o braço e não pôde escalar por muitas luas. Eu fui brincar com outros, porque as crianças são cruéis assim. Mas quando ele melhorou, éramos os terrores voadores de Goveli mais uma vez e nada podia nos separar.

Nada exceto os sonhos do Aurelo.

***

Lembro-me da primeira vez que entrei no sonho de outra pessoa. Era uma noite quente. Verão. Tudo grudava em minha pele, o próprio ar estava denso e invasivo. Eu estava deitada entre corpinhos quentes em meu tatame, tentando dormir. Nem uma rajada de vento batia na árvore para dar um alívio. Meu irmão Obare suspirou dormindo. De repente, eu soube que podia voar. Bati no chão, com força, e me levantei. Dei algumas braçadas, como se estivesse nadando no ar, e voei. Logo, eu estava acima da casa de meu tio, mais alto em nossa casa-árvore. Eu nadei mais alto, enquanto lá embaixo as pessoas corriam pelos galhos de árvore e pontes – em direção à terra, em direção à árvore. Eu estava no alto, entre o topo das árvores, voando sem empecilhos entre os galhos, as folhas que caíam à minha volta; eu era um pássaro-peixe. Olhei para minhas mãos nadando no ar e vi que não eram as minhas; elas eram menores e com a pele escura. Era fácil aterrissar quando queria e eu o fiz entre as crianças pequenas que estavam todas deslumbradas e fascinadas.

— Orseola — disse minha mãe, me chacoalhando de leve. Olhei para ela. O nome que ela estava dizendo não era o meu. Estava muito quente. Eu queria voar de novo. Quando me levantei, meus membros pareciam muito pesados. Eu queria ser livre. Para deixar tudo para trás. Dei algumas braçadas e pulei para fora da janela.

Eu caí.

Naquela vez, doeu muito ao atingir o chão. O curandeiro teve que ficar conosco para cuidar de mim na pior época. Meu braço esquerdo nunca mais foi o mesmo; não posso esticá-lo totalmente. Minha mãe disse que eu tinha ficado delirante com a febre e tivera visões que me levaram a pular pela janela. Por muito tempo, ela me levou para sonhos refrescantes e tranquilizantes, sem dores, e eu dormi bem. O motivo principal era que eu sabia que ela estava sentada lá, em seu banquinho junto ao meu travesseiro, cuidando de mim. Nunca me senti tão segura. Minha mãe nunca me deu tanta atenção. Meu pai ficava frequentemente comigo quando a mãe tinha assuntos para tratar ou comida para preparar; ele contava histórias e cantava e tocava para mim.

Aurelo visitou às vezes. Foi mais leal do que eu havia sido quando ele estava de cama. Ele me trazia frutas roubadas, que tinham um gosto muito melhor do que as que eram trazidas por parentes bem-intencionados, e também fofocas e notícias da cidade. Sua pele cheirava a aventura e sol e água salgada, e o quarto parecia menos sufocante e abafado quando ele estava junto ao meu tatame. Uma vez, me perguntou por que eu tinha pulado. Eu repeti o que minha mãe havia me contado. Que eu tive uma febre e estava sonhando.

Mas lá no fundo, sabia que era outra coisa. Eu era a única que sabia disso. Fora tão vívido. Tão real. Como um sonho acordado.

Aconteceu de novo durante a minha convalescência. Uma noite, eu estava sentada na varanda a oeste. O pior do calor tinha passado e os ventos do oeste eram frescos. Eu estava sozinha – os pequenos já dormiam. Minha mãe preparava uma nova leva de leite de cabra coalhado na sala principal e meu pai visitava alguém que havia pedido um bandolim.

Uma rajada de vento soprou barulhenta entre as folhas. Eu ouvi o seu movimento bem antes de ser atingida. Enquanto ela deslizava sobre mim, notei que estava de pé na árvore da feira em frente à barraca de frutas e doces e eu podia experimentar de tudo. Ninguém estava me parando; todos apenas sorriam e mexiam as cabeças em concordância. Porém, ao mesmo tempo, eu ainda permanecia no banco em nossa varanda, o vento do oeste agitando meus cabelos. Minha boca estava cheia de sabores doces até eu sentir que ia engasgar, mas mesmo assim eu comi e comi, sentada no banco, sem me mover. Eu não conseguia me mexer, estava prestes a engasgar e no fim, vomitei no meu próprio colo.

Minha mãe correu até mim; ela não me deu bronca. Ela me carregou para dentro, me limpou e me deu ervas picantes para esfregar dentro de minha boca.

Ainda assim, o gosto nauseante persistia. Quando me deitou no meu tatame ao lado dos meus irmãozinhos, a minha irmã Oera fazia barulho de beijos enquanto dormia.

Eu tinha medo de estar enlouquecendo. Não entendia de jeito nenhum o que estava acontecendo. Não falei sobre isso com ninguém. Não até o sonho de Aurelo.

Eu tinha melhorado e Aurelo e eu brincávamos em uma de nossas árvores favoritas. Era uma árvore kaora à margem da água, uma árvore pequena com a copa tão densa que, dentro dela, você ficaria completamente escondido. Nós nadamos a manhã toda – eu estava desfrutando ter controle sobre meu corpo novamente – e, então, comemos mariscos e frutas kaora. Finalmente, cada um de nós estava deitado num galho, de barriga cheia e com sono, deixando o vento refrescar nossos corpos quentes. Aurelo me olhou através de seus cílios grossos.

— Você ficou fraca enquanto estava doente. Seus braços não são mais fortes como os meus. — Ele apontou. — Olhe. Eles estão completamente redondos. — Ele correu seus olhos pelo meu corpo. — Todo o seu corpo está ficando rechonchudo.

Eu joguei o miolo de uma kaora nele e acertei bem no meio de sua testa.

— Eu ainda atiro melhor do que você. — Virei para o lado e fechei os olhos. Os sons ao meu redor eram reconfortantes, fazia calor e eu estava sonolenta. Eu pensava como logo visitaríamos minha avó. Sua ilha branca era um dos meus lugares favoritos. O cheiro do seu cachimbo estava em minhas narinas.

Então, eu podia sentir o aroma de uma pele aquecida pelo sol. Um corpo estava deitado diante de mim, esticado num galho. Um corpo de menina com quadris roliços e seios jovens. Estiquei uma mão e a passei em sua barriga macia. Orseola sorriu para mim. Ela pegou a minha mão e a levou para o seu seio. Eu estava excitada. Eu me curvei para frente para tomá-lo em minha boca.

Forcei-me a acordar naquele momento, o que exigiu um grande esforço. Meu coração estava disparado e eu me sentei; o mundo girava ao meu redor tão intensamente que tive que me segurar no tronco para não cair. Aurelo estava dormindo em seu galho e eu soube que tinha visto o seu sono. Seu olhar e suas mãos estiveram em meu corpo. Era extremamente angustiante me ver no sonho de outra pessoa, pelos olhos de outra pessoa. Eu não sabia o que era real e o que não era, tudo estava embaçado, como a névoa que cobre Goveli no inverno por vários dias, às vezes semanas. Enfiei os dentes em um galho. A casca tinha gosto

de pó, a madeira verde de dentro era acre e amarga. Isso era a realidade. Isso era a verdade.

Tomando cuidado para não acordar Aurelo, subi em uma árvore maior e de lá para a cidade e para nossa casa-árvore. Minha mãe estava lá, sentada no cômodo principal e alimentando Oera com manga amassada. Obare brincava com seu barco feito de casca de árvore. A luz do sol era filtrada através da janela. A sala cheirava a leite azedo e fruta passada. Eu estava de guarda contra tudo. Tudo podia ser uma alucinação, o sonho de outra pessoa. Tentei pensar em coisas que apenas Orseola podia saber, tal como onde seu primeiro dente estava escondido ou onde ela roubou sua primeira fruta e a última pessoa com que tinha brigado. Mas como eu podia saber que essas lembranças eram reais?

— Mãe, quando você começou a tecer sonhos?

A mãe lambeu a colher antes de pendurá-la na parede e colocou Oera no chão. Ela engatinhou até Obare e agarrou seu barco.

— Eu tinha acabado de me tornar mulher — respondeu minha mãe com um tom agradável e se alongou até suas costas estalarem. Ela trabalhava na corte da Rainha a maior parte da noite. — Um pouco mais velha do que você. A minha mãe me testou, assim como nossas parentes sempre foram testadas. Ela me fez sentar junto à cama de uma pessoa adormecida e me perguntou o que eu vi. — Quando ela olhou para janela, soube que não era para os galhos que balançavam que ela olhava, mas uma memória muito distante. — Era um grande oceano e um barco pequeno. Eu não conseguia ver quem estava no barco. Minhas habilidades eram muito fracas no começo.

— Como você aprendeu a tecer? — Meu coração estava disparado. Eu não conseguia me livrar da imagem daquela mão diante de mim, aquela mão estranha tocando meu seio.

Minha mãe soltou um muxoxo impaciente e se levantou.

— Você sabe como é a sua avó. Ela não podia ensinar o ofício como um mestre para seu aprendiz, ah não! Ela me fez descobrir tudo sozinha. Aprender do jeito difícil. Perdi anos com o seu método. Você não vai perder tempo. Se a sua hora chegar, eu mesma vou te treinar, você não vai ter que cometer os mesmos erros que eu.

Ela me olhou de verdade pela primeira vez desde que eu entrara.

— Você viu alguma coisa?

Assenti. Ela ficou tensa e inclinou a cabeça para um lado.

— Tão jovem… Você ficou assustada?

Concordei com a cabeça de novo. Não ousava olhá-la nos olhos. Estava com

medo que ela pudesse ver através deles o que eu havia visto, a vergonha. Ensinaram-me desde pequena que a pior coisa que uma tecedora de sonhos podia fazer era entrar no sonho de outra pessoa sem ser convidada.

Ela sorriu.

— Entendo. — Ela veio até a mim e me puxou para perto. — Eu não tive tempo de prepará-la. Não tinha como imaginar que os sonhos viriam até você tão cedo, mas preciso admitir que fico muito feliz que você tenha o dom. Eu sempre torci para que uma de vocês meninas o carregasse. Agora eu posso transmitir o conhecimento. — Ela passou a mão brevemente no rosto. — Começamos hoje à noite. Não tenho que trabalhar, então me encontre no telhado quando os pequenos estiverem dormindo.

Eu estava aliviada. Agora, minha mãe podia me ensinar. Ela me mostraria como distinguir os sonhos da realidade. Eu não queria pular da janela de novo. Ou me ver por fora. Tinha sido uma experiência aterrorizante.

Minha mãe e eu falávamos idiomas diferentes quando falávamos sobre sonhos. Eu não a entendia e ela não me entendia. Ela se sentou ao lado do travesseiro de meu pai enquanto ele dormia e me ensinou como entrar em sintonia com seu sonho e como eu poderia tecer um novo elemento nele. Mas achei difícil fazer o que ela me mostrava. Parecia tudo errado – nada natural. Quando fiz do meu jeito, ela ficou furiosa, bateu em meus dedos e gritou "Respeito!" tão alto que meu pai acordou. Então, ergueu as mãos.

— Se você não faz como eu digo, qual é o sentido de te ensinar qualquer coisa? — disparou e desapareceu pela porta.

A ponte dependurada rangeu sob seu peso enquanto ela se distanciava da casa-árvore. Mas eu queria que ela me ensinasse. Eu queria que me mostrasse como aproximar a realidade e manter sonhos estranhos a uma distância segura, mas quando perguntei a respeito, ela não entendeu o que eu queria dizer. Eu sempre fazia como ela indicava e seguia seus movimentos e observava, com um suspiro, os sonhos se esvaecerem lentamente. Mas minha mãe estava satisfeita comigo, aprovava com um gesto e corrigia algum pequeno detalhe. Era como se ela não pudesse ver o mesmo que eu. Como se as cores e a energia de um sonho se escondessem dela. Para mim, um sonho começa como uma sensação irresistível, depois vêm imagens e vejo o sonho como se eu realmente estivesse dentro dele. A sensação é frequentemente tão intensa que eu a carrego por vários dias. Se é um pesadelo, cheio de pavores, então ando aterrorizada e com medo e não consigo me livrar dele. Porém, mesmo quando o sonho não é desagradável, o

ônus é pesado. Era especialmente pesado quando eu era uma criança indefesa contra toda ansiedade, anseio e dor dos sonhadores.

Discutíamos com cada vez mais frequência. Ela queria uma filha e uma aluna obedientes. E eu queria ser obediente, mas estava desesperada demais por um conhecimento que ela não podia me dar. Eu a amava com uma dedicação raivosa e, embora eu fizesse o que ela me pedia, foi se tornando cada vez mais difícil. Eu tinha problemas para dormir, com medo do que os sonhos podiam forçar em mim. Eu comecei a escapar toda noite e escalar as árvores solitárias na periferia da cidade para me afastar ao máximo dos sonhadores. Eu fiquei com olheiras e fraca por causa da falta de sono. Perdi meu apetite. Eu não brincava mais com Aurelo. Sentia falta da sua companhia, o vazio que ele tinha deixado era como se alguém tivesse tirado um pedaço da minha essência com uma colher. Mas eu não conseguia me livrar do seu sonho. Sua versão de mim. Embora eu soubesse que ninguém pode controlar os próprios sonhos.

Uma noite, eu e minha mãe estávamos sentadas no escuro ao lado do travesseiro do meu pai, ela em seu banquinho de tecer sonhos e eu na minha almofada, e eu fracassei na tarefa mais simples de todas: introduzir um peixe no sonho de meu pai. Ou um pouco de chuva. Ou uma subida. Eu fizera isso antes e até coisas mais difíceis: escapar de uma tempestade; preparar uma refeição; um encontro que termina em lágrimas. Mas dessa vez estava tão cansada que nada iria funcionar. Minhas mãos tremiam e eu lutava para segurar as lágrimas.

No fim, minha mãe abaixou as suas mãos e se encostou. Ela me olhou e suspirou. Eu deixei os últimos fragmentos do sonho de meu pai escorregarem para longe, se diluindo e dispersando.

— Chegou a hora de te levar para a minha mãe — disse ela, e se levantou.

Partimos no dia seguinte.

***

Minha mãe fez os preparativos para viagem: roupas, peixe desidratado e água para beber. Mais do que era necessário para uma viagem de um dia, mas no oceano você tem que sempre estar preparado para tempestades. Presentes para a minha avó: filtros de sonhos feitos por minhas tias de crinas, pérolas e frutinhas secas.

Raramente visitávamos a minha avó, e as poucas vezes que a visitamos foram com a família toda. Minha mãe e a minha avó não se davam bem. Eu não sabia porquê, só sabia que minha mãe às vezes achava que precisava encontrar a sua

mãe e daí levava todos nós, crianças, consigo. Para nos exibir ou como um escudo? Desta vez, minha mãe e eu fomos sozinhas. O barco parecia vazio. Minha mãe mal falava comigo. Ela suspirou quando carregou o barco e, mais uma vez, quando o desamarrou da árvore e remou para fora do delta.

Assim que chegamos ao mar aberto, a luz ficou acentuada. Meus olhos estavam acostumados a ver apenas o sol filtrado por folhas e galhos. Sentei-me à proa e espremi os olhos. Até o ar estava diferente. Leve. Salgado. Há várias ilhas perto de Goveli e quando você as vê pela primeira vez sob o sol, elas parecem apenas sombras, espectros no azul. Então, elas começam a se aproximar com cada vez mais nitidez, altas e pedregosas. Tão diferentes de nosso delta cheio de folhas. Nas ilhas maiores, havia os pequenos vilarejos, nas menores, apenas casas como madeira jogada na praia. As pessoas não moram em árvores, mas em casas construídas de pedras. Perguntava-me como conseguiam dormir sem a canção de ninar do vento nas copas das árvores. As pessoas das ilhas eram diferentes. Elas viam o mundo de uma forma diferente que nós.

Minha avó vivia sozinha na ilha mais afastada. Sua casinha ficava no meio do caminho de uma subida íngreme sobre uma praia de seixos lisos. Chegamos à ilha à noite, quando o sol estava no seu ponto oeste mais baixo. A ilha de minha avó chama-se Aspris. Significa a ilha branca. Ela não tem árvores, apenas alguns arbustos baixos e grama onde minha avó coloca seus bodes para pastar. Quando chegamos à terra, os bodes estavam no ponto mais alto das pedras, nos olhando. Cabeças pretas e brancas com chifres contra o céu azul-claro. Eles me deixaram com um pouco de medo. Eram completamente diferentes do nosso Casca. Eles eram selvagens e perigosos e sem nome.

Minha avó estava no alto do declive da praia, esperando que o barco fosse arrastado para costa. Ela era ainda menor do que eu me lembrava, corcunda e de cabelos brancos, vestindo uma roupa preta disforme. Era difícil acreditar que essa mulher, não muito mais alta que uma criança, dera à luz quatro filhas e um filho. Minha mãe se ajoelhou com respeito para beijar seu pé descalço, sem revelar nenhuma expressão. A minha avó ofereceu uma tigela de água da nascente da ilha e minha mãe bebeu e passou para mim. A água era deliciosa e completamente diferente do que tinha em casa. A minha avó mal olhava para a filha. Mas ela me examinou cuidadosamente. O sol desaparecera e, com ele, as sombras. O queijo era salgado e delicioso, enquanto senti na pele que o olhar da minha avó era severo.

— Você lhe está ensinando?

Minha avó falou com a sua filha sem tirar os olhos de mim. Minha mãe fez

um gesto afirmativo.

— Ela é esperta. Só é meio desengonçada ao manusear, mas ela vê claramente.

— Vê claramente — minha avó deu uma risada zombeteira. — Por que você a trouxe para cá? — Suas palavras eram curtas e grossas. Minha mãe passou seu peso de um pé para o outro.

— Podemos entrar, sentar? Eu trouxe presentes de Laela e Imjanda. Nós…

Minha avó a ignorou.

— Eles entram em você? Os sonhos?

— Sim.

— Você consegue distinguir sonhos e realidade?

Minha mãe me lançou um olhar pungente. Eu nunca tinha ousado falar com ela sobre isso. Eu esperava que adivinhasse, entendesse. Balancei a cabeça rapidamente.

— É claro que você consegue, Orseola. — Minha mãe estava impaciente. — Você vê os sonhos com muita clareza. O único problema é que você não faz como eu mando.

Minha avó suspirou.

— Venham. Vamos comer.

Minha avó preparou uma cama no chão para mim. A minha mãe pegou o tatame e minha avó pegou um cobertor e um tatame para si e se deitou na praia debaixo das estrelas. Fiquei deitada por muito tempo e ouvi o som da respiração regular de minha mãe. A casa da minha avó era muito pequena. Centenas de filtros de sonhos estavam pendurados no teto, feitos de junco e crina de cavalo, penas e pérolas, fragmentos de osso e nozes. Alguns giravam e tilintavam lentamente. Eu não conseguia dormir. Sentia falta do barulho das árvores em movimento. A imobilidade me causava arrepios.

Arrastei-me com cuidado de debaixo do cobertor. A porta não rangeu quando eu a abri. Lá fora estavam uma noite estrelada e uma lua nova. Eu podia ver um pedaço da silhueta de minha avó na praia. Caminhei sobre os seixos barulhentos em sua direção e me sentei no canto do tatame.

— O que você faz com os sonhos que captura?

Minha avó continuou quieta. O oceano sussurrava para si mesmo à noite. Eu não tinha certeza se ela estava acordada. Daí um ombro moveu-se debaixo do cobertor.

— Você entende por que eu vivo aqui?

Pensei por um momento. Ninguém nunca falara sobre isso. Minha avó era do povo delta, como nós. Eu não sabia há quanto tempo ela vivia na ilha. O que poderia fazer alguém deixar as árvores e as frutas e a cidade? O que poderia me fazer escolher a solidão?

— Os sonhos. Você está escapando dos sonhos.

Minha avó se sentou. Ela tirou um cachimbo das dobras de seu robe e o encheu com cuidado. As folhas eram frescas e tinham um cheiro doce. Minha mãe trouxera uma sacola inteira. Quando a fumaça subia com abundância, minha avó deu uma tragada longa e pensativa.

— Eles não podiam me deixar em paz. Mesmo depois que eu parei de tecer sonhos e passei a habilidade para a sua mãe, os sonhos vinham para mim em ondas enormes. Eu tive que me afastar das pessoas o máximo possível. — Distraída, ela me ofereceu um cachimbo e balançou a cabeça. — Eu tenho os filtros de sonhos para capturar quaisquer sonhos que possam ter se perdido.

— Mas daí o que você faz com eles?

Minha avó me olhou. Seus olhos brilhavam sob a luz das estrelas.

— Eu os afogo — disse.

— Os seus também?

— Eu parei de sonhar há muito tempo.

— Como você faz isso?

— É algo que você precisa aprender sozinha. É isso que sua mãe achou tão difícil de entender: a tradição dos sonhos não pode ser aprendida. Nós os vemos de nossos próprios modos. Eles nos afetam diferentemente. Sua mãe, ela é esperta. Bem vista. Mas seu modo é impreciso. Prático. Você e eu… — Ela tirou uma folha de sua língua. — Os sonhos vêm até nós, querendo ou não. Não é verdade? — Assenti com um movimento da cabeça e ela deu um longo trago. — Conte-me. O que aconteceu?

Contei a ela o sonho sobre voar e outros. Na escuridão, eu não tinha medo. Eu sabia que minha avó não ia me julgar. Que tivera uma experiência parecida, ou pior. Eu lhe expliquei meu medo e como tinha sido difícil saber com certeza o que era realidade e o que era um sonho. Ela fez um gesto de compreensão com a cabeça, seu rosto sem expressar tristeza nem alarme.

— Você e eu, nós sentimos o sonho dentro de nós. Você tem que tomar cuidado para que eles não invadam muito. Eles podem começar a possuir seu ser. Apagar seus limites. Não se preocupe, há modos de se proteger. Mas é difícil e leva tempo. Você foi afetada cedo, muito mais jovem do que eu era. É proibido entrar no sonho de outros sem autorização. Você sabe disso?

Eu mexi a cabeça. Foi uma das primeiras coisas que minha mãe tinha me ensinado.

— O que acontece conosco não é diferente disso. É involuntário, mas mesmo assim não é permitido. Não fale sobre isso com ninguém.

Ela permaneceu sentada em silêncio por um tempo. Fazia frio à beira do mar e eu tremia. Ela abandonou seus pensamentos e me cobriu com seu cobertor. Ele era áspero e cheirava a bode.

— Durma, Orseola. Deite-se aqui comigo e sonhe e eu vou tecer uma explicação para você. A maior parte você só entenderá mais tarde, quando for mais velha. Mas vai ficar com você, para emergir, quando necessário. — Ela sorriu e o sorriso transformou tanto seu rosto que ela não se parecia mais com uma avó. — Ninguém esquece um sonho tecido por mim.

— Mas, avó, você não tece mais, avó — falei, repetindo a palavra para ancorá-la aqui e tornar-se minha avó mais uma vez.

— Para o meu próprio sangue, posso quebrar a minha abstinência. Vem cá, deite a cabeça no meu colo. Amanhã eu vou te ensinar a trançar filtros dos sonhos. Eles podem trazer algum alívio enquanto estiver treinando.

Deitei a cabeça na coxa ossuda da minha avó, o cobertor sobre mim. Meus ouvidos estavam preenchidos com o som das ondas do oceano, quase como o sussurro do vento através das folhas. A fumaça do cachimbo enchia minhas narinas. E eu sonhei.

Foi um sonho tecido com maestria. Não foi nada parecido com os que minha mãe tecia para mim. Foi muito mais vívido e poderoso, mais esplêndido do que qualquer coisa que a minha mãe fazia. Durante a noite eu aprendi mais sobre sonhos e o tecer dos sonhos do que em todas as aulas da minha mãe juntas. O sonho falou diretamente com o lugar dentro de mim onde eu vi e toquei sonhos. Parte disso eu não entendi até mais tarde, depois de aprender mais sobre tecer sonhos e ter minhas habilidades desenvolvidas.

Certas coisas eu não entendo até hoje.

***

O dia em que eu deixei Terasu foi um dos primeiros dias de sol depois das chuvas. O ar em Goveli estava repleto do som de pássaros resplendecendo no sol quente e suas penas secando. Por muitas luas, passamos a maior parte do tempo trancados dentro de casa, com a chuva como companhia constante, batendo contra o telhado e folhas. Os pequenos batiam boca e brigavam. Meu pai

frequentemente fugia para a oficina para trabalhar em instrumentos, fossem encomendados ou não, até tarde da noite. Minha mãe e eu paramos de discutir. Ao contrário, ficamos quietas. Silenciosas ao longo dos dias e suas tarefas, silenciosas por meio de sua instrução contínua sobre tecer sonhos. Não que estivesse aprendendo algo com ela. Ambas sabíamos disso, mas nos recusávamos a admitir. Então tecíamos sonhos para meu pai ou alguns clientes que enfrentavam a chuva e as pontes escorregadias para vir e pedir os serviços de minha mãe. E embora eu fizesse como ela pedia, era inerte e sem vida. Minha mãe esperava que tecer sonhos nos aproximasse. Mas, ao contrário, estava nos afastando.

Eu pendurei filtros dos sonhos sobre minha cama. Minha mãe olhou para eles fazendo bico e com um olhar cortante, mas não disse nada. Os filtros mantiveram alguns sonhos a distância, mas não conseguiam segurar os mais fortes. Então eu treinei. Eu passava várias noites deitada na cama acordada para me manter firme. Para me unir com firmeza ao que eu era, às fronteiras que me definiam e para me fortalecer contra a onda incansável de sonhos tentando encontrar um caminho para entrar. Eu estava ficando mais forte. Minha avó tinha me dado um talismã, um colar de sementes que eu usava em meu pescoço dia e noite. Quando eu não sabia o que era real e o que era o sonho de outra pessoa, meus dedos procuravam o colar. Eu reconhecia o formato de cada semente. Se o colar não estava lá ou as sementes fossem do formato ou tamanho errados, eu sabia que era um sonho. Também tinha aprendido como sair de sonhos discretamente. Funcionava melhor com os simples, os menores. Pesadelos são piores.

Naquela noite, fiquei acordada ouvindo o vento nas árvores e a ausência de chuvas. Finalmente, as chuvas haviam acabado. Podia enfim sair de casa, me aventurar de novo entre as árvores.

Fiz uma trouxa de coisas que pertenciam a mim. Amarrei meu banquinho. Olhei para a minha família adormecida. Meu marido. Meus filhos. Saí na ponta dos pés sem acordá-los. Corri descalça sobre as pontes. Meu coração disparava em meu peito – eles descobririam minha fuga? O som de passos atrás de mim. Eu me virei. Lá estava minha filha mais velha com seus olhos raivosos. Eu não podia deixar que ela suspeitasse de nada.

— Tenho um cliente — falei. — Volte para casa, para a cama.

Ela não obedeceu. Ela nunca obedecia. Ela abriu a boca para gritar, para me expor. Senti uma raiva furiosa. Eu ataquei antes que ela pudesse fazer barulho. Levantei-a sobre a grade da ponte. Ela era pesada e se debatia em meus braços,

sua respiração quente contra meu pescoço. Ela se contorcia em silêncio, o colar impuro que usava arranhando o meu rosto. Eu me livrei do seu peso e a joguei lá embaixo. A água a envolveu. Ela não deixou nenhum traço.

Agarrei o meu próprio pescoço – nada, nenhuma semente. Eu tinha que partir, sair, isso não era verdade. Precisava continuar minha fuga antes que alguém mais acordasse. Os galhos das árvores me agarraram como se fossem dedos. Eu tropecei e caí na água

meus pés tocaram a superfície,

eu usei toda a minha força, mais do que antes, tentei segurar um apoio,

agarrei.

saí cavando do sonho antes que a água me envolvesse.

Sentei-me e saí cambaleando. Vomitei sobre a grade da varanda. Fiquei de pé e respirei. Os pássaros da manhã já haviam despertado. Logo, os outros estariam acordados também.

Esquivei-me no quarto dos meus pais. Minha mãe dormia, mas com uma ruga entre as sobrancelhas. Suas costelas estavam subindo e descendo com respirações contínuas. Uma de sua mão se contraía levemente enquanto dormia.

Ela tinha me jogado na água. Queria fugir de nós todos. Eu ainda podia sentir a sua confusão dentro de mim.

Um sonho não é a mesma coisa que um desejo, tentei me lembrar. As pessoas não podem controlar os seus sonhos.

Eu podia sentir a mesma repulsa que ela, me vendo através de seus olhos, parada na ponte. Ela deve realmente me odiar. Eu era uma decepção, não conseguia nem os exercícios mais simples.

Eu me estiquei e segurei o seu sonho. Nunca tinha sido tão fácil. Eu acabara de estar dentro dele e todos os seus aromas e sensações ainda estavam em mim. Deixei a tristeza inundar o sonho de minha mãe, canalizei toda a tristeza que eu estava sentindo para dentro dela como uma onda gigante. Ela estremeceu e soltou um gemido suave. Em seu sono, meu pai respirava pesadamente. Ela deveria estar de luto por me matar, sua própria filha. Teci uma imagem minha com argila do delta por todo o meu corpo e o cabelo molhado, pingando. Meus olhos eram acusadores. Eu abri meus braços para ela.

Você pode dar a um sonhador sentimentos, visões e experiências. Mas não pode controlar como vão reagir.

Minha mãe não respondeu ao meu abraço.

Com raiva, eu enrolei meus braços em torno da minha mãe e joguei nós duas no mar, deixando seu nariz e sua boca se encherem de água. Se ela não podia me

amar, aprenderia a me temer!

O corpo de minha mãe estava contraindo-se e contorcendo-se em sua cama.

No sonho, ela lutava por liberdade. Em seguida, parou de resistir.

Minha mãe estava deitada na cama, sem se mexer.

Eu me joguei para frente e chacoalhei o seu corpo. Ele estava sem vida, frio. Chamei o seu nome e meu pai se sentou, meio acordado e sem entender. Eu estava chorando. Bati várias vezes no rosto dela.

Uma respiração sufocante. Depois outra. Ela se contraiu, sentou na cama, de olhos arregalados. Olhou para mim com raiva. Eu nunca poderia imaginar tal horror como o que estava presente naquele momento em seus olhos e em meu coração.

— Ela teceu um sonho para mim — sussurrou minha mãe para meu pai, que segurava as suas mãos, preocupado. — Sem ser solicitada.

Meu pai ficou paralisado. Os dois me olharam. Eu me levantei rapidamente, querendo fugir. Fugir da coisa horrível e impensável que tinha feito. Mas àquela altura, minha mãe recobrara a consciência e era mais rápida que eu. Ela se levantou pulando e me agarrou pelo pulso. Com força. Eu ficara quase da altura dela, mas ela era mais forte. Não podia escapar.

Sem uma palavra, a minha mãe me puxou para o lado de fora. Meu pai a seguiu com os pequenos pendurados em seus ombros. Eu parei de lutar e me deixei ser levada. Pelas pontes, uma após a outra, direto para o coração da cidade. Uma brisa leve roçou nas folhas. A madeira nas pontes ainda estava úmida depois dos dias de chuva aparentemente intermináveis. Tinha cheiro de madeira molhada e decomposição, como sempre cheirava depois da chuva. Muitas famílias já estavam acordadas e olhos curiosos acompanhavam nossos movimentos. Eu ouvi pontes rangendo depois de passarmos, cheias de pessoas que nos seguiam para ver o que acontecia.

Minha mãe me arrastou direto para a árvore da Rainha. Ela parou na grande plataforma em frente à árvore.

— Eu trago uma criminosa e exijo o parecer da Rainha — disse em voz alta.

— Que crime foi cometido? — perguntou um dos dois guardas de pé em frente da escada que levava à residência da Rainha.

— Desonra a sonhos — respondeu minha mãe em voz alta. Um dos guardas virou-se imediatamente e subiu os degraus.

— Pense no que está fazendo — disse meu pai em voz baixa.

— Ela tem que aprender — rebateu minha mãe resolutamente. — Ela é uma planta que precisa ser podada. Tem um grande dom, mas também uma grande

responsabilidade. Eu não posso ter uma criminosa como minha aprendiz.

Nada sobre eu ser sua filha. Ela me via como nada mais do que uma aluna desordeira que não passou de ano.

— Perdoe-me, mãe — sussurrei. — Eu não sabia que você podia… que era possível machucar alguém em um sonho.

Ela ainda me segurava com força, mas não me olhou.

— Talvez não. Mas você sabia que não pode entrar no sonho de outra pessoa sem permissão. Que você não deve tecer sem o sonhador saber. Foi a primeira coisa que eu lhe ensinei. É o pilar mais essencial de nosso ofício. Se nós fôssemos dentro de sonhos contra a vontade das pessoas, logo seríamos suspeitas, temidas – perseguidas.

O ódio que ela tinha sentido por mim no sonho ainda estava em meu corpo. Eu era uma decepção. Eu ardia com desprezo por ela e por mim mesma. Era como um calor em meu corpo, uma febre sem escape. Eu comecei a tremer.

A Rainha desceu as escadas, acompanhada por dois guardas e duas serviçais. Eu nunca a vira tão perto antes. Ela era mais velha do que minha mãe, com branco em seus cabelos e linhas ao redor dos olhos. Provavelmente a acordamos. Ela virou-se para minha mãe. Uma serviçal lhe entregou uma faca de obsidiana, aquela que ela sempre carregava quando lidava com justiça, para cortar a verdade da mentira e o certo do errado.

— Qual é o crime?

— Minha filha, uma tecedora de sonhos em treinamento, entrou em meu sonho sem ser solicitada, Sua Majestade — respondeu minha mãe. — É a maior transgressão do nosso ofício. Ela deve ser julgada de acordo com suas ações.

— Como você é a mãe dela, você mesma tem o direito de impor um castigo — disse a Rainha, pensativa. Um dos guardas trouxe uma cadeira esculpida para ela se sentar.

— É verdade — disse minha mãe. — Mas este é um crime grave, que pode estragar a reputação do nosso ofício de modo irreversível. Desejo que o castigo seja público.

A vergonha. Eu precisava sair de lá. Eu não suportava todos os olhares em mim. Tentei me desvencilhar de minha mãe, mas ela me segurava com firmeza.

— Muito bem. Então eu castigarei na sua posição, como uma mãe faria com seu filho. — A Rainha se virou para mim. Eu não podia olhar para ela. Eu não conseguia tirar meus olhos da faca, a lâmina preta lustrosa.

— Pelo seu crime, não contra seu ofício, mas contra os seus pais, eu te sentencio a uma lua inteira como a pior dos piores. Você deverá fazer todas as

tarefas que qualquer pessoa ordene. Esvaziar latrinas. Tirar as tripas de peixes, sacrificar bodes. Você vai ser a filha de todos, para que aprenda a respeitar os seus pais.

Minha mãe soltou o ar com força e largou a minha mão. Bem depois, me ocorreu que ela temia que a Rainha fosse sentenciar um castigo adequado a quem trai o ofício, não a uma criança desobediente. O que eu tinha feito poderia ter levado a um castigo muito pior.

Mas a vergonha queimava pelo meu corpo. Tamanha impotência. Tudo o que eu conseguia ver era que a minha mãe me odiava e me desprezava. Que todo o amor que eu sentia por ela fora recusado friamente. E agora todos veriam a minha vergonha, todos descobririam o que eu havia feito. Ao mesmo tempo, estava furiosa. Como minha mãe podia ser tão fria? Como ela pôde me desgraçar dessa forma? Eu queria vê-la sentindo alguma coisa, qualquer coisa!

A faca nas mãos da Rainha me chamava, seduzindo-me.

Antes que qualquer um pudesse reagir, eu me joguei para frente e agarrei a lâmina preta. Desvencilhei-me dos braços que me seguravam. Enfiei a faca profundamente, até o punho, no tronco macio da árvore da Rainha.

Tudo à minha volta se calou. Eu vi bocas abertas, olhos pretos. As pessoas gritavam, mas eu não podia ouvir. Tudo aconteceu devagar, tão devagar. A febre foi libertada do meu corpo. Eu estava vazia, completamente vazia. Uma explosão de movimento por todos os lugares, mãos tirando a faca, braços protegendo a Rainha, mãos me agarrando. No meio de todo esse frenesi havia uma pessoa que estava tão calma quanto eu.

Minha mãe.

Seus braços estavam soltos ao lado do corpo. Ela me olhou nos olhos só uma vez. A única coisa que eu conseguia ler em seus olhos era desespero.

Sem ouvir o que estava sendo dito, eu sabia o que aconteceria. Danificar uma árvore, com conhecimento e intenção, era a pior coisa que alguém podia fazer. E eu tinha esfaqueado a árvore da Rainha. Exílio ou morte.

A Rainha falou. Minha mãe caiu de joelhos. Alguém colocou uma túnica em minha cabeça. Levou-me embora, para debaixo das escadas. Para a árvore barco. Alguns sacos foram jogados depois de mim. Uma garrafa de água. A corda foi cortada. O barco foi empurrado para o mar.

Eu não podia ver mais a minha mãe ou o meu pai. Apenas bocas abertas entre os galhos. Uma pedra veio voando. Eu me virei para olhar a direção que ela viera e achei ter visto o nariz arrebitado do meu velho amigo Aurelo.

Eu me deitei no barco e deixei a maré me carregar para o mar aberto.

***

A pior parte é que me rendi por vontade própria. É a minha lembrança mais amarga. Tudo poderia ter sido tão diferente. A culpa é só minha.

Eu deixo o barco passar por todas as ilhas conhecidas. Eu podia ter remado para Aspris. O caminho para lá era fácil. A minha avó teria me acolhido até que o exílio fosse suspenso. Ou eu podia ter vivido na ilha com ela, partilhado sua vida simples, e envelhecido lá.

Mas eu não queria infligir meus sonhos nela. Eu já sabia como seriam. Qual seria o conteúdo. Como eu poderia contar que tinha invadido um sonho? Que tentei matar minha própria mãe?

Eu sabia que eles haviam colocado comida e água para mim. Não me importava. Eu me deitei no fundo do barco e me deixei queimar no sol até a minha pele descamar e os meus lábios racharem. As ondas me balançavam como os galhos de árvore. É o mesmo vento, pensei. O mesmo vento que soprava lá em casa.

Eu não tinha mais um lar. Minha família não queria nada comigo. A minha vida não tinha sentido.

Fiquei deitada desse jeito por muito tempo. Mas meu corpo estava fraco e se recusou a morrer. Ele subiu para procurar água. Eu bebi, comi, olhei à minha volta.

Não havia nada para ver, exceto o oceano brilhando com a luz do sol. Nenhuma ilha. Nenhuma praia de areia.

Eu nunca estive tão longe de casa. Não havia mais ninguém. Nenhuma voz ou som, exceto o da água batendo contra o meu barco. E tinha outra diferença: eu percebi que, enquanto cochilei no barco, pude dormir sem ser incomodada.

Eu estava longe demais de qualquer pessoa para ser afetada pelos seus sonhos.

Bebi um pouco mais. Decidi não morrer, pelo menos não ainda. Guardei minhas lembranças vergonhosas e procurei por uma linha de pesca. Há sempre algumas em barcos de Terasu. Linhas de pesca e ganchos e facas.

Às vezes, penso naqueles dias no oceano como os mais simples da minha vida. Não os melhores. A vergonha e a culpa nunca me abandonaram de verdade. Eu deixara para trás os sonhos dos outros, mas os meus também não eram agradáveis. Porém, tudo era tão simples no mar. Sobrevivência. Era só nisso que eu pensava. Eu cortei um dos sacos para fazer um abrigo do sol. Comi peixe cru. Às vezes tartarugas marinhas batiam na lateral do barco. Eu podia pegar as

menores com a mão e trazê-las para dentro do barco. Eu tirava o sangue das tartarugas quando não havia mais água. Um dia choveu e eu pude beber a água do fundo do barco. As nozes e as frutas-secas que haviam me dado duraram bastante.

Eu não fiquei à deriva por muito tempo. Apenas alguns dias. Quando avistei um navio, ainda tinha forças. Não estava desesperada, mas sim curiosa para ver quem era. Era um navio imenso. Do tipo que não tínhamos em Terasu. Eu nunca vira nada tão grande construído por mãos humanas. *Deve levar centenas, milhares de pessoas*, pensei.

Eu podia tê-los deixado passar. Se fosse à noite, teria deixado. Pois eu teria visto seus sonhos. E saberia.

Levantei minha mão e acenei. Alguém no convés acenou. Movimentos. Várias cabeças apareceram sobre a grade.

Um chamado. Uma língua que eu não entendia. Respondi.

— Posso subir a bordo?

Vozes, chamados. Todos incompreensíveis. Mas de repente uma escada foi baixada. Eu me aproximei remando. Agarrei a escada e subi.

Estou escolhendo a vida, pensei, e deixei meu barquinho para trás, para flutuar sozinho sobre as ondas, carregado de escamas de peixe e cadáveres de tartarugas.

Mãos me puxaram por cima da grade. Muitos homens. Olhos severos, braços brutos, aço brilhante. Em Terasu, eu só tinha visto aço nas cerimônias da Rainha. Ignorávamos os segredos do aço. De repente, eu estava com medo.

Um homem vestindo roupas caras se aproximou de mim. Inspecionou-me cuidadosamente. Sua voz era macia e quente. Os outros mantiveram distância. Esse era o homem que tomava decisões. Ele passou um dedo leve sobre meus lábios rachados. Falou baixo em meu ouvido. Ele me levou para uma porta, deixando os homens armados para trás. Lá dentro estava escuro e meus olhos não viram nada, de tão queimados pelo sol. Suas mãos me levaram mais para dentro com gentileza. Uma cama. Relaxei. Ele percebeu que eu estava cansada, que precisava descansar. Afundei-me na cama. Era tão macia, depois daquelas noites passadas no fundo do barco.

— Água — pedi para o homem. — Estou com muita sede. — Fiz um gesto que indicava beber. Ele mexeu a cabeça. Entendeu.

Ele se inclinou sobre mim, me empurrou para a cama e, com um único movimento, forçou-se para dentro de mim.

Ele me deixou com sede até o dia seguinte

***

O desejo de viver é incrivelmente forte. Mesmo que você deseje a morte, seu corpo luta para continuar respirando, comendo, dormindo. Amando. Não que eu saiba, pois nunca havia amado ninguém de verdade. Mas meu corpo me traiu muitas vezes quando eu quis morrer.

Na primeira noite, eu percebi onde tinha ido parar: nas garras do deus do Mundo dos Mortos. O homem sorridente sonhava coisas horripilantes. Nunca passei por algo parecido. Eu não tinha filtros dos sonhos para me proteger.

Ele me manteve na pequena cabine por semanas. Nunca vi a luz do sol. Sonhos e realidade sangraram um dentro do outro. Eu sabia do que ele era capaz. Eu via seus medos, suas fomes, seus desejos e atos. Eu via seus planos. Tudo me atingia e eu lutava contra visões dia e noite enquanto era envolvida em sua mente sanguinária. Quando ele me tomava, o que fazia com frequência, eu não tinha energia para lutar. Eu nem sabia se o que estava acontecendo era real ou um de seus desejos doentios. Nem sempre sabia se era ele ou um dos outros homens.

Navegamos por muitos dias e muitas noites.

Por meio dos seus sonhos, entendi quem ele era. Aprendi palavras de sua língua.

Ele nunca falou comigo. Ele não tinha nome. Eu fui tão sugada por ele que me perdi.

Às vezes, deitada em meio ao fedor de uma latrina vazia e os cheiros do mar e alcatrão e de fluidos corporais. Eu sabia que eu queria morrer. Mas todo juízo me abandonara até que tudo o que eu sabia eram os seus desejos. As suas ordens.

Veio um som que era diferente dos outros. Não era a água batendo contra o casco do navio. Não era o movimento rápido do vento nas velas ou o rangido de uma corda molhada. Eram os sons de muitos pássaros diferentes.

Apoiei-me em meus cotovelos. Devíamos estar nos aproximando da terra firme.

Um pouco depois a porta da cabine abriu. Uma luz forte fluiu para dentro e eu me virei para olhar. Um homem entrou. Não era ele. O homem disse algo e eu entendi.

— De pé.

Eu queria obedecer, mas meu corpo não estava tão acostumado a se mover – para obedecer aos comandos da minha própria mente em vez dos dele. O homem veio para a cama com uma expressão de nojo e me puxou para cima. Empurrou-

me para fora da porta, para o convés.

De início, eu não podia ver nada. A luz era cortante e impiedosa contra os meus olhos tão acostumados com a escuridão. O raspar das botas correndo em direção ao convés. Vozes chamavam e, dessa vez, eu conseguia entender algumas das palavras. O ar se encheu com os guinchos de pássaros e o cheiro de mel e de coníferas. Mais seco. Mais leve.

Alguém se agachou ao meu lado. Por um momento confuso, eu pensei que fosse para oferecer apoio. Então, senti algo em torno dos meus pulsos. Corda. Minhas mãos foram torcidas atrás de mim e amarradas com força. Como se eu fosse uma ameaça que precisava ser domesticada. Meu coração batia forte.

Então, eu o vi. Ele veio andando pelo convés, vestido de azul-marinho e prata. Parou por pouco tempo e falou com o homem ao seu lado. Eu entendi uma das palavras.

Oceano.

Em seguida, continuamos a andar. Eu não valia mais o seu tempo. Havia trabalhos a fazer. Ele já conversava com um dos outros homens, algo sobre corda.

O homem ao meu lado me empurrou pela grade. Ele me agarrou e me levantou.

A morte me aguardava no oceano. Meu corpo lutava. Ele não queria morrer, nem mesmo quebrado e imundo como estava. Eu chiei e me contorci. O homem praguejou.

Minha boca parou em uma palavra. Eu chamei.

— Anji!

Eu tinha escutado a palavra em seus sonhos. Sabia que era uma palavra poderosa. Ela incorporava todos os seus desejos e medos.

Ele parou de falar. Deu alguns passos e parou diante de nós. Ele me arrancou das mãos do outro homem, agarrou meu queixo e virou meu rosto na sua direção.

— Fale.

O sorriso se fora.

Eu agarrei-me desesperadamente as poucas palavras que eu sabia. Eu tinha que fazê-lo entender o que eu podia fazer. O que podia oferecer a ele.

— Sonhos. Eu dou.

Um rio de palavras que não entendi. O aperto em meu queixo se tornou mais forte.

— Sono. Eu dou. Sonhos.

Ele se aquietou. Olhou nos meus olhos. Era a primeira vez que eu encarava nos olhos o homem que tinha me causado tudo isso. Eu podia torcer. Desejar.

Algo brilhou em seu olhar. Talvez curiosidade, talvez ganância.

Ele olhou para o lado por um instante, pensando. Disse algo rapidamente para o homem que me amarrara, e não entendi uma única palavra. Ele saiu andando pelo convés e desapareceu em meio aos homens. Eu fui empurrada para um canto e fiquei lá, esquecida, enquanto navegávamos com o navio cheio de homens trabalhando em ritmo frenético. Senti o seu alívio e sua expectativa. Estávamos próximos ao fim da viagem e logo estariam em casa. Eles estavam pensando em suas mulheres esperando por eles. Eles não pensavam em mim.

O sol atravessou o céu. Fiquei parada. Eu observava tudo. Eu esperei.

Ao anoitecer, pude sentir que estávamos próximos da terra firme. O navio soltou sua âncora em uma pequena baía. Eles provavelmente queriam navegar para o porto durante a luz do dia. Eu tinha uma noite para provar meu valor. Senão seria afogada antes do nascer do dia. Ninguém queria a prova do que tinha acontecido a bordo os seguindo até em casa.

Quando todas as cordas haviam sido jogadas, um homem veio e afrouxou minhas amarras. Fui levada por outra porta, para uma cabine grande iluminada por muitas velas e lamparinas. O homem sorridente estava sentado à mesa, terminando sua refeição noturna. O cheiro de peixe cozido lembrou ao meu estômago que eles não haviam me dado nada para comer naquele dia. Ele olhou quando eu entrei. Fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Venha.

Andei com pernas bambas. Coloquei-me do outro lado da mesa.

Ele fez um gesto parar mostrar que eu podia comer as sobras. Riu e disse algo para o meu guarda. Eu entendi as palavras “força” e “cheio”. Talvez ele achasse que eu precisasse de força. Enchi minha boca com cascas de pão, tripas de peixe e um gole de vinho enquanto eu seguia furtivamente os seus movimentos pela sala. Ele saiu para mijar, veio de novo, lavou suas mãos em uma pia. Foi ajudado pelo guarda a tirar suas botas. Ele tirou a roupa, sem nenhuma vergonha em me deixar vê-lo nu. Apenas sorriu para mim de um jeito descarado. Como uma criança. Como se não houvesse me tomado do modo mais degradante noite após noite. Limpei meus dedos oleosos na toalha de mesa. Ele havia colocado um pijama e olhou para mim como se perguntasse, “E agora?”.

Eu apontei para a cama.

— Dormir. — Ele riu e se deitou. — Sonhar. O quê?

Ele não me compreendeu no início. Em seguida, arqueou as sobrancelhas.

— Posso escolher?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Voar! — Ele explicou algo muito rápido e eu gesticulei que falasse devagar.

Ele esticou os braços e me explicou com mais clareza. Eu entendi que seus sonhos preferidos eram aqueles em que voava. No alto, acima de todos os outros. Eu senti tanto medo que ele me pedisse algo que eu não sabia, que eu não pudesse tecer. Mas um sonho sobre voar tinha sido a primeira coisa que eu vi quando meus poderes surgiram. Eu já havia entrado em um de seus sonhos voadores enquanto estava no navio. Sabia o que ele normalmente gostava. Fiquei calma imediatamente. Eu podia fazer isso.

O guarda se sentou em um banquinho junto à porta. Ele olhava fixamente para mim. Estava óbvio que eu era uma ameaça tão grande que não podia ser deixada sozinha com o homem. Eu soprei todas as velas e lamparinas, mas ele não permitiu que eu apagasse a última delas. Ele tinha que conseguir ver o que a perigosa menininha estava fazendo. Eu sorri para mim mesma e me ajoelhei em um travesseiro.

Eu esperei. O guarda esperou. O navio rangia e estalava. Eu ouvia vozes e chamados distantes. A chama da vela tremulava. O gosto de vinho persistia em minha boca.

O homem na cama estava dormindo.

Fazia muito tempo que eu tecera um sonho. Não importava. Inclinei-me para frente e comecei a tecer.

Eu o fiz decolar do telhado do palácio onde ele vivia. Tinha visto o lugar com frequência em seus sonhos. Homens e mulheres, cujos rosto eu aprendi a reconhecer, corriam debaixo dele. Fiz com que eles esticassem as mãos em sua direção, agarrando o ar e gritando. Implorando para que ele descesse. Mas ele subiu de modo triunfal, cada vez mais alto, acima do palácio, acima de todos eles. Ele estava livre. Ele pairou sobre o jardim, voou descendo uma colina. Ao pé da colina, havia uma construção e homens estavam por toda parte, carregando madeira, ferramentas e blocos de pedra. No meio da obra, uma fonte brilhava, escura e sedutora. Ela era guardada por um muro alto. Eu deixei que ele mergulhasse sobre a fonte, para ver se tudo estava como deveria. Em seguida, ele voou para cima de novo, cada vez mais alto até tudo e todos estarem debaixo dele e ele reinasse sozinho sobre tudo o que o ar podia ver.

Não era um sonho difícil. Eu usei somente imagens que já havia visto em sua mente. Mas eu sabia que era bom. Era cheio exatamente das sensações que este homem ansiava. Quando acabou, eu me inclinei de volta em meus calcanhares e

deixei-o continuar a dormir. Ele lembraria disso quando acordasse. E me deixaria viver.

Poderia tê-lo matado lá, precisamente. Eu poderia tê-lo feito mergulhar para o chão e quebrar o pescoço. Mas eu ainda não sabia o tamanho da sua crueldade. Eu não sabia de tudo o que ele era capaz – ou como minha vida seria em suas mãos.

Eu estava com medo. Mas não pelas razões certas.

Se eu o ferisse, eles teriam me matado imediatamente. E eu queria viver, naquele momento.

Agora eu desejo ter escolhido a morte. A dele e a minha.

O guarda estava roncando em seu canto. Eu esperei.

A madrugada chegou.

Recebi água e óleos para me lavar. Um traje estranho de seda amarelo-açafrão foi deixado para mim, junto com sapatos de couro macio. Sem dúvida haviam sido comprados ou roubados durante suas viagens. Talvez para dar às mulheres que os esperavam em casa ou para vender. Em casa, eu jamais vestira qualquer coisa exceto pano de casca contra a minha pele. Ele colocou três fileiras de pérolas brilhantes no meu pescoço com as suas próprias mãos.

Meu colar de sementes estava escondido sob minhas roupas. Era a única coisa que me restava de Terasu. Era a última coisa que eu tinha que podia me ajudar a diferenciar a loucura da realidade.

Agora, eu tinha valor. Eu era algo que ele podia usar. Usar para além de satisfazer seus apetites imediatos. Assim que acordou, seu comportamento comigo mudou completamente. Eu podia vê-lo avaliando, ponderando. Determinado a fazer o melhor uso de mim, aproveitar o máximo de minhas habilidades. Ele tentou fazer perguntas, mas eu não tinha vocabulário o suficiente e não conseguia entender. Ele parecia impaciente, mas então fez um gesto com a cabeça para si mesmo. Parecia ter decidido algo. Arrumou meu cabelo, deu um passo para trás. Não estava satisfeito. Vasculhou um cofre ao pé da cama, encontrou um pente de ouro fulgurante que enfiou em meu cabelo. Ele sorriu. Agora, eu estava apresentável. Agora, eu parecia valiosa o bastante.

Deram-me uma taça de vinho e a melhor comida que um navio em fim de viagem pode oferecer. Depois, fui deixada enquanto o navio navegava pelas últimas ilhas. Da escotilha, eu podia ver um porto se aproximando. Muitos navios, grandes e pequenos, cheios de pessoas nas docas e píeres. A cidade portuária era uma variedade de casas achatadas, um pouco parecidas com aquelas

nas ilhas saindo de Goveli. Campos se estendiam além da cidade, subindo e descendo em montes mais ao norte. Aqui e lá, os campos eram quebrados por pequenos agrupamentos de árvores. Nenhuma árvore era como as de casa.

Eu havia viajado para longe. Não sentia medo, nem outra coisa. Meu interior estava vazio de sentimentos, ou ao menos dos meus. Todos os sentimentos e pesadelos dos sonhadores piscavam em meio a um turbilhão de impressões. Também havia pessoas dormindo na cidade do porto e seus sonhos me buscaram como moscas atrás de carne. Minha mão procurou pelo colar de sementes e eu passei meu polegar nelas, uma por uma. Repetidamente. Em Goveli eram apenas sonhos ocasionais que me invadiam. Eu não sei por que era diferente nessa terra estrangeira, talvez porque a paisagem do sonho me fosse desconhecida. Talvez todas as minhas defesas estejam em ruínas depois do que fizeram comigo. Talvez porque eu não tenha mais certeza de quem eu era e o que tinha me tornado em suas mãos.

Eu não tinha mais medo da morte nem de qualquer coisa que pudesse acontecer com meu corpo. Tudo o que eu sentia era uma loucura iminente. Nem isso me assustava. Era como se eu não tivesse sentimentos e, ainda assim, eu lutava para permanecer forte. O principal motivo era a curiosidade de quanto tempo mais eu podia suportar.

Chegamos à costa, bem próximo às docas, e pequenos barcos começaram a transferir homens e mercadorias para terra. Meu polegar seguiu as laterais pontiagudas das sementes. O leve arranhão e a dor me seguravam no presente e em meu corpo, enquanto sentimentos de agitação, fome, medo e impotência passavam por mim. Eu vi uma mulher em uma festa em que os convidados não tinham rostos. Eu vi um homem perseguindo uma jovem que ria por vias escuras e brilhantes. Um homem segurando um peixe maior do que ele, suas escamas brilhando, verde-musgo e vermelho-hibisco. Os olhos frios e grandes do peixe olhavam diretamente para os meus.

Meu polegar seguiu os contornos das sementes.

A porta da cabine abriu e ele entrou. Curvou-se rapidamente e fez um gesto para que eu o seguisse. Eu peguei a roupa amarelo-açafrão e caminhei lentamente para a luz do sol. Sem uma palavra, ele me ajudou a descer uma escada de cordas e a entrar no barco, onde alguns marinheiros me receberam. Sem falar, eles remaram para a terra. Eu estava sentada em um baú, com sacolas e sacos aos meus pés. Uma mercadoria entre tantas outras.

Recebi ajuda para subir no cais por mais mãos fortes. Fiquei por lá enquanto o barco era descarregado. Uma multidão curiosa se juntara no fim do cais; eles

estavam apontando, deslumbrados. Sua pele era de uma cor diferente da minha e seus cabelos eram escuros e lisos. Eles eram, também, pelo menos uma cabeça menor do que eu.

— O palácio — ouvi sussurrarem. — Ohaddin.

Eu evitei contato visual. Ajeitei a postura e olhei para o mar. Lá, em algum lugar além das ondas, estava a minha casa. Mas eles haviam me exilado. Eu não era mais bem-vinda.

Meu polegar seguiu o contorno das sementes.

Garai

Por muito tempo, a nova Garai me manteve segura e satisfez o meu amo. Ele está ficando ainda mais sombrio por dentro e mais difícil de satisfazer do que nunca. Às vezes, ele é violento. Isso é novo. Porém, a violência física é mais fácil de suportar em silêncio do que quando ele cava até minha parte mais íntima, penetrando em minha alma. É difícil me defender disso. Anos passaram e eu – a verdadeira Garai – permaneço no aguardo. Eu visito a fonte o máximo que posso, para me ajoelhar diante da porta trancada e ouvir sua força vital fluir. Às vezes, encontro Kabira lá. Ela me dá as costas e me ignora. Também ignora o próprio sofrimento.

Seus filhos estão crescendo. Korin está prestes a se tornar um homem. Os meninos são frios com a mãe e eu sei que isso lhe causa enorme tristeza e tortura. Ela se esconde atrás de uma máscara de indiferença.

Porém, algo aconteceu. Algo que espero há muitos anos. Como sempre, não fomos informadas com antecedência. Em uma manhã, há pouco tempo, eu estava sentada no grande salão, ocupada com o desenho de uma flor. Kabira copiava versos em um pergaminho decorativo. O inverno chegara e o salão estava frio, apesar das chamas que queimavam nos castiçais. Orseola estava conosco naquela manhã, depois de passar uma noite sem dormir, tecendo sonhos para o Soberano. Ela estava sentada com algum artefato estranho no colo – um círculo redondo que ela tecera com o pano de casca que eu a vi pegando perto do lago no dia anterior. Às vezes, ela puxava uma mecha do seu cabelo escuro e a tecia em seu trabalho. Eu ainda não consegui me acostumar com a sua presença. Por muitos anos, éramos só a esposa e eu. Quando Orseola chegou, ela perturbou o equilíbrio – meu amo nem se deita com ela e o Soberano a cobre com presentes caros em agradecimento aos sonhos que ela lhe dá. Ela aprendeu nossa língua rápido, mas não pronuncia as palavras exatamente como nós. Ela raramente fala.

Eu a vi em uma árvore no jardim, em um dos galhos mais altos. Continuei a andar e fingi não notar, mas isso me lembrou o quanto ela é jovem. Mais jovem do que eu quando vim para cá. Uma criança, prestes a se tornar mulher. Tentei ser mais agradável com ela desde então, embora não seja fácil. Ela diz que vê nossos sonhos e ri como se fosse uma piada. Eu não acredito que seja.

O que ela vê em meus sonhos? Ela me vê sobrevoando o Deserto de Meirem? Ela me vê dançando com minhas irmãs debaixo do luar? Ela me vê correndo, em minha caça sempre inútil, com os pés sangrando pelo do deserto de pedras afiadas?

As portas do dairahesi foram destrancadas ruidosamente. Nós três levantamos a cabeça de nossos afazeres. Dois guardas entraram, seguidos por serviçais carregando um baú e vários pacotes. Finalmente, uma mulher entrou. Ela vestia um casaco amarelo com bordados cor-de-rosa – não feitos com maestria, mas sem dúvida de qualidade. Ela parou sobre um dos tapetes vermelhos como caramujo-de-sangue e observou: os braços soltos, enquanto os serviçais, sob a supervisão do guarda, correram para uma das salas vazias, onde colocaram o baú e começaram a desembrulhar os pacotes. Estegi estava entre eles. Alguém pegou almofadas e lamparinas para a sala dela.

Os guardas não falaram conosco. Kabira abaixou sua caneta-pincel e cruzou as mãos sobre a barriga. Seu rosto não revelava nada. Dei as costas para elas e continuei a desenhar. Eu sabia o que isso significava, mas não sabia o que sentir diante disso. Alegria, eu estava livre! Medo, agora eu não tinha mais desculpas para adiar o meu destino.

Eu pintei e pintei. Atrás de mim, os passos rápidos de pés com sandálias indo de um lado para outro da sala. As ordens do guarda eram breves. Depois, as portas para o daiharesi foram fechadas e mais uma vez trancadas. A flor no papel diante de mim parecia completamente deformada e nada parecida com o modelo no vaso sobre a mesa. Eu teria que refazê-la.

Kabira se levantou lentamente. Dei uma olhada na sala, por cima do meu ombro. A mulher de cabelo preto ainda estava de pé, com Estegi aguardando instruções junto à porta. Orseola havia voltado ao seu trabalho. Ela parecia estar ouvindo música, uma melodia que só ela podia escutar. Kabira circundou a recém-chegada.

— Ela parece saudável. Isso é bom. Quantos anos você tem, garota?

— Dezenove — respondeu ela com um sussurro.

Kabira segurou o seu queixo.

— Abra a boca.

A menina fez o que mandaram, mas o olhar que ela lançou a Kabira não passou despercebido por nenhuma de nós.

— Todos os dentes. É uma boa idade.

Ela soltou seu queixo e limpou as mãos em seu vestido, como se estivesse distraída. Como se fosse sem querer.

— Ele comprou você?

A menina de cabelo preto balançou a cabeça e levantou o queixo, muito levemente.

— Sou um presente de meu pai. Ele queria agradar o Vizir.

— Então você tem que dar orgulho ao seu pai. Estegi! Pegue dois pentes ornamentais da minha caixa de joias.

Estegi fez uma reverência e saiu apressada para o quarto de Kabira. Eu enrolei lentamente o meu desenho. Dois pentes eram mais do que um. Qualquer coisa é melhor do que ser vendida como escrava.

A garota parecia ir para o seu próprio quarto, mas sem uma palavra e quase nenhum movimento Kabira a impediu de fazê-lo. Estegi voltou com os pentes. Kabira prendeu os cabelos da menina para cima e colocou os dois pentes de cobre rapidamente e com maestria, como fizera para mim.

— Use isso.

Em seguida, a esposa do meu amo saiu do salão sem dizer mais nenhuma palavra. A menina continuou imóvel por um instante, confusa, e olhou para mim e Orseola. Quando ninguém disse nada, ela apertou os lábios e encheu o peito.

— Meu nome é Meriba — anunciou para ninguém em particular. Em seguida, ela foi para o seu quarto, pulseiras e argolas de tornozelo tinindo, e fechou a porta.

Desde então, tenho ficado principalmente em meu quarto. Não há razão para que eu saia. Meu amo não pede que me chamem. Ele pede Meriba. Eu catalogo minhas plantas, mas é difícil completar o trabalho, porque o amo não me dá mais papel nem tinta. Estou escrevendo isto no verso de um desenho descartado. É a última folha que tenho.

A comida que me trazem é muito simples. Só agora entendo os privilégios que meu amo me concedia porque eu era a sua favorita. Não me importo que a comida seja simples, deixo de lado toda carne e peixe e só como legumes, arroz e lentilhas. Nada mais me atrai. A única coisa que eu realmente sinto falta é papel.

Eu não abro as persianas da janela. Sinto-me sensível à luz forte e mantenho minhas lamparinas acesas dia e noite. Kabira bate à minha porta às vezes. Ela

acha que estou infeliz. Estegi traz um pouco de weja frito, amêndoas adocicadas e bolos de arroz-doce. Tudo que antes eu comia insaciavelmente. A comida vem da mesa pessoal de Kabira. Como esposa, ela ainda desfruta de um status alto e respeito. Mas eu não toco a comida. Kabira está errada. Não preciso de nenhum consolo.

Eu não estou infeliz. Não há espaço em mim para a infelicidade. Estou trocando de pele. Debaixo desta pele velha está uma que é ainda mais velha. Ela é grossa e forte. Ela vai aguentar. Ela tem cicatrizes nos pulsos – uma para cada oferenda. Eu fiz um cajado para mim e tenho ervas secas. Irei para a fonte uma noite. Destravar as portas, uma por uma. Sob a lua cheia, assim será. Com o poder deste lugar fluindo através de mim, com uma oferenda para as veias da terra – sangue por sangue –, não há muros que impeçam a velha Garai de ressurgir.

Mas o meu amo não vem mais até mim. E há guardas por todos os lugares.

Garai não será contida. Um dia, ela vai encontrar um jeito. Eu enterrei a nova Garai. Eu não preciso mais dela. Finalmente, sou apenas eu.

Graças à terra e à força de vida que ainda pude encontrar meu verdadeiro eu! Eu não estava perdida para sempre.

Garai, filha do deserto
Garai do sangue
Garai da força de vida
Garai da canção
Garai a vingativa

Meriba é a favorita do seu amo. Seu quarto está cheio de flores, vasos, pinturas, lamparinas de ouro e candelabros. Sua cama está abarrotada de travesseiros, peles de animais e lençóis bordados com seda. Eu sempre aceitei os presentes de Iskan como uma expressão de gratidão, porque era isso que ele esperava. Mas nunca entendi o significado de todos esses objetos: apenas itens sem propósito. Meriba ama os presentes. Ela vive para eles. Ela combina as flores, muda suas joias várias vezes por dia, troca as cores de suas roupas de acordo com a estação, pinta seus olhos de preto e sua pequena boca de vermelho. Aos olhos de seu amo, ela é irresistivelmente bonita.

Ela não trabalha. Senta na maior e mais bonita almofada cor de caramujo-de-sangue com suas mãos inúteis em seu colo, observando o que estamos fazendo através de pálpebras semiabertas. Ela é constantemente cercada por um bando de

serviçais, arrumando almofadas e lamparinas, indo buscar comida e bebida – que Meriba quase não toca –, peles quando ela está com frio e incenso de acordo com seus caprichos. Estegi não faz parte do grupo de serviçais. Meriba disse certa vez que não queria ter que olhar para sua cara feia. Ela precisa apenas de jovens bonitinhas para sussurrar e dar risadinhas.

Em uma noite recente, estávamos sentadas juntas desta forma. Eu tinha começado a sair do meu quarto. Minha pele foi trocada, estou pronta. Ainda é inverno e ventos frios batem, saímos para o jardim só de vez em quando. O frio não me incomoda, mas a mesma regra serve para todos no dairahesi. Meriba não quer sair, então todas nos sentamos do lado de dentro. Ela está de mau humor, o que deve significar que discutiu com o seu amo ou que ele se recusou a lhe dar algo que queria. Ela fez as meninas acenderem vários castiçais, mas logo ficou insatisfeita com a fumaça.

— Este está perto demais! — gritou para uma das serviçais. — Minha pele é sensível; ela não aguenta ser chamuscada! — Ela bateu na garota com a sandália. — Não fique parada aí, tire isso!

As meninas correram por todos os lados, seus olhos arregalados de medo. Orseola, que cochilava sobre várias almofadas, abriu um olho. Ela estivera tecendo para o Soberano por várias noites consecutivas. Caso contrário, ele sofre com pesadelos – escuros e incansáveis, eles o arrastam para um terror abjeto e anônimo ou foi isso que Estegi me contou. Ela fofoca com os serviçais no palácio real e com frequência pode contar algumas coisas. Orseola puxou seu xale de seda sobre seu rosto e se virou, dando as costas para nós. Ela nunca parece conseguir dormir direito. Meriba a ignora a maior parte do tempo, já que não compreende o lugar de Orseola na hierarquia. Olhando de soslaio Orseola se mover, gritou com ela, irritada:

— Vá para o seu próprio quarto! É grosseiro dormir na companhia de outros.

— Em casa — disse Orseola com uma voz grossa, ainda virada para a parede —, ninguém dorme sozinho. Os outros estão sempre por perto.

— Você não está com seus selvagens agora — rosnou Meriba. — Você está em Karenokoi. Aqui as pessoas não dormem no chão.

Orseola se virou para Meriba. Seus olhos se arregalaram daquele jeito especial, como se ela estivesse olhando para alguém logo atrás de você.

— O homem branco vem esta noite. Ele vai comer seu rosto antes de puxar os seus cabelos.

Meriba ficou pálida e fechou a boca. Orseola se levantou, juntando suas almofadas e xales. Ela curvou-se para Kabira e fez para mim um leve movimento

com a cabeça antes de desaparecer em seu quarto.

Meriba ficou sentada em silêncio, respirando pesadamente. A chuva estava batendo contra as persianas e os potes de fogo ejetavam brasas. Eu estava estudando um pergaminho, que encontrara na pequena biblioteca, sobre a história de Karenokoi. Eu queria aprender mais sobre Anji, se havia algo escrito sobre ela ou outras fontes de poder. Em meu clã, todo conhecimento como esse era passado para gerações por meio de história e música. Estou começando a lembrá-los com cada vez mais clareza todos os dias desde que deixei a nova Garai para trás. Um deles é assim:

Sanuel nas rochas
Sobre uma perna ancestral
Além da costa
O grande lago em torno
Fala a verdade
Confere o poder
Sangue para sangue oferecido
Sinta o gosto da força de vida
Seiva da terra

Pergunto-me se é a primeira vez que alguém escreveu esta canção, a registrou no papel. A ideia me enche de um súbito mal-estar. Algumas coisas não devem ser escritas de forma que qualquer um possa ter acesso aos seus segredos. Talvez eu deva riscá-lo. Embora ninguém saiba onde Sanuel está. Ou qual é o grande lago. Esses são nomes e verdades que apenas nós no clã entendemos. Então deixarei existir, mas devo ter mais cuidado no futuro.

Kabira estava sentada escrevendo uma carta em uma mesa baixa que alguns serviçais haviam trazido para ela. Eu não sei para quem está escrevendo, talvez ela tenha amigos e família além dessas paredes. Nunca vi ninguém visitá-la, exceto seus filhos. Meriba começou a mexer ansiosa em seu novo casaco. A caneta-pincel de Kabira arranhava o papel. Meu pergaminho se mexia ruidosamente enquanto eu lia. As várias pulseiras de Meriba batiam umas nas outras levemente.

Havia um barulho na porta principal. Ela foi destravada e aberta e lá estava Iskan. Acredito que era a primeira vez que visitava o grande salão dairahesi. Nós três nos ajoelhamos imediatamente diante dele, testas no chão. Olhei furtivamente para ele como se não o visse há bastante tempo. Seu cabelo e barba estavam bem aparados, como sempre. Casaco azul-profundo, calças brancas

como a neve. Dedos pesados com anéis de diferentes metais. Ele olhou à sua volta e sorriu.

— Que vida boa vocês têm. — Ele deu um passo à frente em direção à mesa onde Kabira estava e espiou sua carta. — Escrever dá prazer à minha esposa? — Kabira entendeu isso como uma permissão para voltar a sentar. Seu rosto não exprimia nenhum sentimento.

— Para a minha prima Neika, marido. Você a encontrou uma vez. Recentemente, ela se tornou avó pela primeira vez.

— Tão jovem? Ela não deve ser muito mais velha do que você, esposa.

— Sua filha se casou na tenra idade — respondeu Kabira.

— E você não era muito jovem quando Korin nasceu. — Iskan pegou a caneta de Kabira e a girou entre os dedos, pensativo. — Bem, você não vai mostrar um pouco de hospitalidade ao seu marido?

Kabira estalou os dedos e Estegi veio correndo receber ordens. Depois, a própria Kabira colocou algumas almofadas junto à mesa para Iskan se sentar e pôs o seu material de escrita de lado. Iskan estalou os dedos para mim e Meriba, e nos sentamos novamente. O rosto de Meriba era uma tempestade de confusão e receio. Se seu amo não viera para levá-la e satisfazer seu desejo consigo, então por que viera? Kabira era a sua senhora desta vez e ela nunca perdeu a compostura. Ela ordenou que a urna de fogo fosse levada para mais perto de Iskan e que diversas lamparinas fossem acesas. Quando Estegi veio com vinho e bolinhos, a própria Kabira encheu a tigela de seu marido.

— Obrigado, esposa. — Ele bebericou o vinho. — Você tem uma boa safra. Com certeza lhe enviarei mais.

Kabira abaixou sua cabeça.

— E também vamos enviar um barril para a filha da sua prima. Um bom presente, não acha? Com uma criança na casa, ela deve receber muitos visitantes querendo dar seus parabéns e precisa oferecer algo a eles. — Ele sorriu para Kabira e por um breve instante algo brilhou em seus olhos. Confusão? Medo? Esperança? Ela olhou para baixo e eu não vi mais nada.

Iskan se virou para mim.

— Venha e experimente, pequena selvagem. Mesmo não sendo mais tão pequena.

Obedeci no mesmo instante e me sentei à sua direita. Ele tirou a mão de sua manga, pegou um pedaço de melão e o colocou entre meus lábios. Então ele pareceu olhar de verdade para mim pela primeira vez.

— Uau, você emagreceu. Suas bochechas não são mais tão redondas! — Ele

sorriu. — Você emagreceu de tristeza, minha selvagem?

Eu não sabia o que devia responder. Tinha perdido a habilidade da nova Garai de encontrar as palavras certas para agradá-lo. Fiz como Kabira havia feito; curvei meu pescoço e olhei para baixo. Iskan entendeu isso como uma confirmação. Ele passou a mão em meu braço.

— Calma, calma, com certeza logo vou visitá-la de novo. — Cerrei os dentes o máximo que pude. Com o canto do olho, eu podia ver Meriba dirigindo um olhar venenoso em minha direção. Ela parecia um kawol cuja presa tinha sido roubada por urubus. — Enquanto isso, há alguma coisa que eu possa oferecer que lhe dê um pequeno consolo?

Eu não olhei para cima.

— Papel, amo. Se você puder.

Ele riu suavemente.

— Sempre modesta. — Essa palavra final foi claramente dirigida a Meriba. — Assim seja.

Ele acenou para Estegi e sussurrou algo em seus ouvidos. Ela fez uma reverência e deixou o salão.

Iskan deu outro gole de vinho e encostou as costas, desfrutando ao máximo os seus arredores.

— É realmente agradável aqui. Vocês, mulheres, com certeza sabem tudo sobre decoração. Flores e todo o resto. Meus serviçais não entendem esse tipo de coisa.

— É Meriba, amo — contei. — O que você vê foi criado pela mão dela.

Ele ignorou meu comentário.

— Esposa, um pouco mais de vinho. E depois você poderia recitar algo para nós? Você era habilidosa nisso, no passado.

Kabira foi senhora de si mesma mais uma vez. Com um rosto inexpressivo, ela serviu mais vinho e se levantou. Permaneceu quieta por um instante e olhou para as sombras silenciosas do salão. Meriba estava sentada um pouco adiante, em sua pilha de travesseiros e peles. Iskan não pedira que se juntasse à sua mesa. Eu pude vê-la lutando consigo mesma para manter seus sentimentos sob controle, mas eles estavam todos refletidos em seu rosto. Raiva, ciúmes, ódio – e medo.

Kabira escolheu uma das antigas elegias de amor naquela noite. O que a inspirou, não sei dizer. Talvez o tom sentimental de Iskan. Talvez uma razão completamente diferente, conhecida apenas por ela. Era um poema épico sobre dois jovens que se apaixonam no primeiro encontro e lutam com inúmeros

obstáculos e revezes para se encontrar uma segunda vez. Ele termina com a morte de ambos, cada um no seu lado do muro, sem nunca se reencontrarem. É muito emocionante. Eu nunca conheci um amor como aquele. Eu senti desejo, tanto no clã quanto em algumas ocasiões com Iskan. Eu amo as minhas irmãs e as minha mãe. Mas um amor que leva voluntariamente à morte? Pergunto-me se tal amor existe em algum lugar exceto em poemas.

Quando Kabira terminou, Iskan parecia pensativo. Depois, ele a agradeceu de modo cortês e me deu uma tapinha no rosto antes de deixar o salão. Ele não pronunciara uma única palavra a Meriba. No entanto, eu tinha a impressão que a noite toda havia sido um espetáculo para os seus olhos. Uma lição que deve ser aprendida. Uma ameaça: sem minha predileção, você não é nada. Você não tem nada.

Meriba entendeu. Agora ela detesta Kabira e eu. Kabira está acima dela na hierarquia, então ela não pode se vingar. Eu, por outro lado, estou abaixo dela e não sou nenhuma ameaça.

Ela pôs fogo em meu herbário enquanto eu estava tomando banho. Todos meus anos de trabalho destruídos. Todas as flores prensadas, todas as imagens e anotações. Sobraram apenas as anotações particulares, secretas e ocultas. Quando voltei para o meu quarto, não havia nada exceto restos queimados na urna de fogo. Ao lado, Estegi estava sentada chorando. Suas roupas estavam cheias de fuligem e suas mãos cobertas de preto.

— Eu tentei salvá-las, Garai. Eu tentei, mas ela não me deixou entrar até tudo estar em chamas.

Virei suas mãos para olhar suas palmas. Elas estavam queimadas. Trouxe água para lavá-las com cuidado, depois cobri-las com babosa. Estegi soluçava e eu não disse mais nada. Dentro de mim, eu podia sentir algo se liberando, algo que estivera preso por muito tempo. Tempo demais.

Depois, eu fui ao jardim. Eu recebi permissão, pois Meriba ainda estava em desvantagem. Dois guardas me seguiram, mas depois deixaram que eu andasse livremente. Era um dia frio, sem chuva, mas tudo estava molhado. Caminhei até o pequeno arvoredo de zismil que cresce próximo ao monte de Anji. Eu conheço os usos da resina da árvore, suas folhas, suas nozes e raízes. Não preciso de anotações para saber isso. O conhecimento dentro de mim não pode ser destruído.

Eu me deitara debaixo das árvores. Ninguém me observava. O jardim estava

silencioso. Os pássaros dormiam com suas cabeças enfiadas debaixo de asas molhadas pela névoa. Os insetos procuravam por abrigo no musgo e na casa de árvores. A terra estava úmida debaixo do meu casaco. Enfiei meus dedos na terra molhada, sentindo folhas e pequenos galhos despedaçando. Havia um odor poderoso de vida e putrefação. Eu fechei meus olhos. Ouvi água pingando levemente dos galhos das árvores. A névoa começou lentamente a se arrastar pelas minhas maçãs do rosto, minhas pálpebras. Uma brisa quase imperceptível se esfregava entre as copas de zismil. Minha respiração estava calma e regular. Havia um murmúrio pulsante em meu sangue. Eu renunciei meu corpo. Estava completamente livre. Nada me prendia a este lugar. Meu espírito tornou-se leve e eu comecei a levitar. De início, vi meu corpo no chão, depois ele foi escondido pela copa abaixo de mim. Eu vi o oceano ao sul, Areko ao leste. Os campos e plantações de especiarias ao sul e ao oeste. Caminhos como fitas estreitas riscando a paisagem verde. Um bando de gansos manchavam o céu com seus corpos pretos e eu os segui para o norte enquanto voavam. Montanhas, lagos, rios abaixo de nós. O vento debaixo das nossas asas. Eu virei para o leste e deixei os gansos para trás. Em busca das minhas irmãs, certa que as encontraria. Elas apontam em minha direção como faróis. Eu viajei para longe, eu vi tudo e as fontes de poder por toda Terra queimavam como tochas embaixo de mim. Montanhas, fontes, rios, lagos. As próprias artérias da terra. Eu encontrei minhas irmãs, uma a uma. Elas viviam vidas diferentes, tanto boas quanto ruins. Houve apenas uma que não pude encontrar. A menor. A mais jovem. Guera, com seus braços magros. Ela não estava em nenhum lugar para ser encontrada.

Eu voltei ao meu corpo quando senti alguém o chacoalhando. Abri meus olhos e vi os dois guardas curvados. Eles fediam a suor e suas expressões eram sérias. Os dois tinham uma adaga em seu cinto. De repente, com a agilidade de um kawol, eu roubei uma de suas adagas. Rolando para fora do seu alcance, fiz um corte no meu braço esquerdo. Deixei o sangue escorrer nas raízes da zismil. Raízes se estendem até os limites da terra. Esta é a singularidade da zismil: elas podem crescer até em áreas áridas porque suas raízes encontram a água escondida metros debaixo da superfície. Água que outras plantas não podem alcançar. As copas das árvores oscilaram ao aceitarem minha oferenda e os guardas arrastaram-me. Eu podia sentir meu sangue falando com as raízes e sentia as raízes carregando meu sangue para as profundezas da terra, para a origem ancestral de seu poder. Para baixo, onde as fontes também adquirem seu fluxo.

Anji agora sentiu meu gosto. A força vital está se estendendo para mim. As árvores zismil se tornaram o altar da minha oferenda sagrada. Eu vou lá quando

posso e as árvores sussurram verdades para mim e me embebem com força. Agora, me visto apenas de marrom. Eu não lavo os meus cabelos. Todos me evitam, até Kabira. Meriba acredita que ela tirou minha sanidade. Ela nem imagina que, na verdade, me libertou. A única coisa que me resta são essas anotações e o papel que Iskan me deu quando Meriba estava preterida.

Ela não está mais em desvantagem, ele a chamou e a presenteou com um enfeite para cabelo contendo fios de pérolas negras e marfim. Agora ele está viajando, há mais uma guerra no leste e o Soberano o enviou para lidar com a situação. Duas luas se passaram desde que ele partiu. Os filhos do Soberano podem não ter tido sucesso em subjugar quem tem que ser subjugado ou massacrar aqueles que têm que ser massacrados, eu não sei qual. Cada vez mais minha velha vida está voltando para mim, eu jejuo em dias sagrados, canto as canções sagradas e danço as danças sagradas. Algumas devem ser dançadas à noite, mas não posso estar do lado de fora, à céu aberto, como deveria, então danço em meu quarto. Esta manhã, Kabira me chamou num canto.

— Garai. — Meu nome não é comum em seus lábios. Ela me olhou com um olhar sério. Notei a primeira aparição de marcas de senilidade em suas mãos. Elas são sutis, mas revelam que os anos passaram. Há quanto tempo estou aqui? Sonan, o filho mais novo de Kabira, nasceu logo depois da minha chegada. Agora, ele já tem nove anos. É difícil conceber que tanto tempo se passou. Significa que eu, também, não sou mais jovem.

Isso é bom. Uma velha sábia é mais poderosa do que uma jovem. Quanto mais envelheço, mais o conhecimento se aprofunda.

— Garai, você está me ouvindo? Precisa parar com isso. Meriba vai contar para Iskan sobre a sua transformação assim que ele retornar.

Olhei para ela, perplexa.

— Ele não vai apoiar isso. Você entende? Uma mulher louca em seu dairahesi e em sua casa.

— Mulher louca?

Ela balançou a cabeça, impaciente.

— Você canta em todas as horas do dia e da noite, em alguma língua que não dá para entender. Não toma banho. E eu escuto barulhos assustadores vindos de seu quarto no meio da noite. Se ele voltar em uma lua nova, fique alerta. Você entende? — Ela se virou e foi embora com a cabeça escura bem erguida. Virei-me para olhar para Orseola, que estava sentada consertando suas sandálias.

— Uma mulher louca?

— Nem todos enxergam sabedoria quando a veem — disse ela e rasgou uma

linha com os dentes. — Nem maldade — suspirou. — O Príncipe Soberano está muito doente de novo. Acredito que seja porque o Vizir não está. Ele faz alguma coisa para o Soberano antes de partir. Então, o Soberano está fraco e doente e não pode tomar decisões sem ele. Muitos pesadelos. — Ela estremeceu. — Grudam nele.

— A água — falei para mim mesma, mas Orseola ficou alerta. Seus olhos escuros se arregalaram.

— Sim, na água. O Soberano bebe a água da fonte para boa saúde. O Vizir acrescenta algo?

— A lua está minguante. Ele não precisa adicionar nada.

— Mistérios. Apenas mistérios. — Orseola se levantou e se preparou para sair.

— Espere. — Levantei a mão. — É a água em si que é nociva. A fonte, a fonte sagrada atrás da porta trancada. — Apontei para o jardim. — Ela às vezes é nociva, às vezes é boa. É uma fonte de poder. O Vizir usa a água para tomar decisões.

— O Soberano tem que ser alertado! — Orseola parecia horrorizada.

Eu olhei para ela e balancei a cabeça.

— Você não pode. Você ainda é apenas uma tecedora de sonhos. Uma escrava. O Soberano perguntaria a Iskan e o colocaria contra a parede. Com o poder da água da fonte, ele pode deixá-la inofensiva em um piscar de olhos. — Eu vi sua expressão de dúvida. — Matar você. Ele é o Vizir do Soberano há muito tempo e o corrompeu no corpo e na mente. O Soberano nunca acreditaria na sua palavra contra a de seu conselheiro. E você não ganharia nada, exceto sua própria morte.

Pude ver que ela estava refletindo. Que a morte não seria um resultado totalmente mau.

— Mas não se preocupe. O Vizir não matará o Soberano. Ele o quer aqui para que ele tenha alguém para controlar. Ele quer ser aquele ser obscuro que controla a dança de todos.

***

Iskan ainda não voltou e Meriba está grávida. Ela está ainda mais exigente: pratos especiais em horários ridículos, óleos para massagear sua barriga inchada. Seu mau humor é terrível e todos os serviçais têm medo dela. Ela espera ter um filho homem, é claro. Isso aumentaria sua posição e lugar. Os filhos de Kabira

sempre estarão acima dos filhos nascidos de concubinas, mas todos os filhos elevam o status de um homem, independentemente de quem os carrega. E ele podem preencher funções nas tramas e intrigas do palácio.

Kabira tem ficado atenta ao corpo em transformação de Meriba. Com frequência, a vejo olhando sua barriga com uma expressão pensativa. Ela realmente se sente tão ameaçada pela ideia que Meriba possa ter um filho? Como esposa, sua posição é segura, embora ela e Iskan raramente tenham algum contato atualmente.

É tudo igual, no meu caso. O que acontece no dairahesi não mais me interessa. Porque todo dia estou movendo para cada vez mais longe e mais profundamente em meu velho eu. As árvores estão respondendo ao meu chamado. Elas curvam seus galhos em minha direção quando eu me aproximo. A força vital pulsa sob minha pele e minhas cicatrizes reluzem brancas como a neve.

***

Ontem pela manhã, Iskan voltou. Havia um barulho de cavalos e homens que entravam nos estábulos no oeste. Meriba andava impacientemente de janela a janela à espera do seu amo chamá-la, mas o dia passou e nenhum anúncio chegou. Ela voltava ao seu quarto com frequência para trocar de roupas e joias, só para continuar a andar de um lado para o outro. Não a vi de pé tantas vezes desde que ela ficara grávida.

Orseola estava sentada sozinha em um canto, murmurando para si mesma. Às vezes, os sonhos arrebatam-na. Comecei a ferver uma infusão de sowane e aulium para ela, que faz com que deslize em um sono profundo e sem sonhos. Mas eu não posso ajudá-la quando está acordada e atormentada pelos sonhos de todas as outras pessoas. Ela tentou descrever para mim. Diz que às vezes vaga pelos sonhos do Soberano durante dias depois de vê-los. E se há um serviçal que estava acordado a noite toda e dorme durante o dia, também é difícil para ela se livrar dos seus sonhos. Seus filtros de sonhos dão algum alívio, mas Ohaddin é cheio de sonhadores. Eles não podem capturar todo sonho. Certa vez, eu sugeri que ela tatuasse um filtro de sonhos em sua testa, mas ela só deu uma risada desesperada.

— E fazer o que com os sonhos que ele filtrar? Carregar comigo para sempre?

Ela então usa os filtros de sonhos. Em seu pescoço. Debaixo de suas roupas. Mas eles nunca são o bastante.

Iskan veio a nós mais tarde na mesma noite. É verão agora e as persianas estavam abertas para a noite amena. Kabira estava fazendo o papel de esposa e ordenara que trouxessem um grande prato de frutas geladas e jarros de chá gelado. Nossas lamparinas tremiam na corrente vinda das janelas quando Iskan entrou.

Ele envelhecera enquanto estava fora. Mancava um pouco com a perna esquerda e a sua mão esquerda estava enfaixada. Seu cabelo ficara um pouco branco e as linhas em torno de sua boca haviam se acentuado. Acho que é porque não tem tido acesso à fonte. Ele cai em declínio assim que não tem acesso ao poder de Anji. Eu olhei em seus olhos e vi aquele olhar onipresente, aquele que perfura minha alma diretamente. Ele já bebeu água da fonte. E a lua está minguante.

Ele estava de bom humor, Kabira serviu-lhe chá e até comeu frutas.

— Que inverno horrível foi esse — disse, lambendo os dedos. — Mas eu consegui o que desejava. Agora, todos os estados vassalos de Areko ao Deserto de Maiko juram aliança a Ohaddin e pagam impostos ao cofre do Soberano. Karenokoi não é mais um reino pequeno. Graças a mim, o Príncipe Soberano tem agora domínio do maior reino que já existiu. Logo não vai restar quem ouse nos desafiar. — Ele deu um sorriso largo. — Além disso, a campanha teve mais frutos. Em Harrera havia um homem de grande sabedoria. De grandes coisas, sombrias e pesadas. Agora, essa sabedoria é minha. Ela está contida em minha biblioteca. Em Koiama, eu encontrei pedras da sua montanha sagrada que ainda têm um poder imenso. Eu vou colocá-las no muro em torno de Ohaddin. Nosso palácio será impenetrável, caso os distritos um dia se revoltem. — Ele se serviu de amêndoas adocicadas.

Pensei em todo o povo de Renka que vivia fora de Ohaddin. Em Areko e nas províncias. Que proteção eles teriam contra a ira e o terror vingativo dos distritos do leste? Mas eu não disse nada.

— Meriba, minha flor, venha para mim — disse Iskan, chamando-a. — Como…

Ele subitamente parou quando notou sua barriga. Ela estava de sete luas e já estava grande.

— Eu com certeza passei um bom tempo longe — falou lentamente. — A flor já está carregando um fruto. Venha.

Meriba deslocou-se até o seu amo com timidez. Ele colocou uma mão em sua barriga e ela enrubesceu lindamente. Kabira desviou o olhar, suas mãos fechadas com força em seu colo. Iskan fez um som suave, não um suspiro, mas algo

parecido. Meriba estremeceu. Ele tirou a sua mão.

— Siga-me. — Ele levantou-se e caminhou para a porta. — Nós vamos dar uma voltinha no jardim, você e eu.

Confusa, mas ainda enrubescendo, ela o seguiu. As portas fecharam com um ruído forte e as chamas das lamparinas tremularam. Kabira se levantou, foi apressadamente para uma janela e olhou fixamente para a escuridão. Logo, vozes nos distraíram do jardim: o risinho nervoso de Meriba, os tons graves de Iskan. Era uma noite muito calma. Juntei-me a Kabira onde ela estava parada. Não podia-se ver muito na escuridão, Iskan levara os carregadores de tochas consigo. Os perfis das árvores e arbustos eram desenhados com precisão no luar.

Em seguida, veio um som. Aquele que eu aprendi a escutar. Foi perfeitamente alto na noite silenciosa. Uma trava sendo virada, uma porta pesada de metal sendo aberta. Kabira se afastou subitamente da janela.

— Não há como evitar — ela disse para si mesma, torcendo as mãos. — Não há nada que eu possa fazer. Não.

Eu raramente vejo Kabira chateada. Ela saiu com pressa para seu quarto e fechou a porta.

Orseola estava com o Soberano, então eu fiquei sozinha, discernindo formas no luar. Não havia vento. De repente, as copas das árvores de zismil começaram a chacoalhar violentamente. O som rastejante era inconfundível. Elas tentavam me dizer algo e, embora meu sangue cantasse em resposta, eu não entendi a mensagem.

Nessa manhã, acordei com um grito prolongado. Era Meriba. O parto havia começado. Cedo demais. Peguei o que pensei ser necessário de minhas ervas e infusões. Estegi já me esperava em frente ao quarto de Meriba. Nenhuma parteira nem velhas se deram ao trabalho de testemunhar desta vez, não era uma esposa dando a luz para um herdeiro, mas uma simples concubina e o seu bastardo. Quando entramos, eu vi, para a minha surpresa, Kabira ao lado da cama de Meriba, em meio a todos os vasos, telas pintadas e porcelana. Sua pele estava muito pálida e as linhas em torno de sua boca eram profundas.

— Ela já está sofrendo há muito tempo, em silêncio — disse brevemente. — Sua força está acabando.

Vi que ela estava certa. Os olhos de Meriba estavam fundos e sua pele repuxada sobre suas maçãs do rosto. Sua respiração estava fraca e difícil. Puxei as cobertas para um lado e apertei suavemente sua barriga. Todos os sinais eram ruins.

Então, ela abriu os olhos e lutou para respirar. Seus olhos estavam completamente pretos – absolutamente nada em torno das íris. Um abismo se abria dentro dela. Eu olhei para Kabira, que primeiro espremeu os lábios, e depois disparou, como que involuntariamente:

— É isso que ele faz se a criança é uma menina.

Naquele momento, entendi muitas coisas. Os filhos de Kabira e por que ela nunca respondia diretamente quantas vezes ela estivera grávida. O passeio até a fonte de Meriba e Iskan na noite passada. Ódio fluiu através de mim, violento e corrosivo. Usar indevidamente os poderes da terra de tal forma! Reinar arbitrariamente vidas e forças. Eliminar meninas de sua linhagem e família, como se fossem inúteis. Perverter aquilo que devia ser usado para o bem!

Fiz tudo o que pude por Meriba. Ela estava quase inerte de dor e incapaz de falar, e o que eu lhe ofereci não trazia tanto alívio. E não durou por muito mais tempo. A criança era pequena e, finalmente, ela surgiu em uma inundação de sangue e água. Eu a segurei em minhas mãos enquanto seus pulmões minúsculos lutavam por cada respiração. Tudo sobre o pequeno corpo era perfeito: os dedos e as unhas pequeninas, as pernas dobradas, as solas macias de seus pés. Pálpebras como pétalas.

É a pior coisa que já testemunhei. Ela queria viver, mas era pequena demais. Eu a coloquei no colo de sua mãe, onde ela deu seu último suspiro. Eu desviei os olhos. Para a janela. Nunca me senti tão impotente.

Meriba não viveu para ver mais. A água escura a rasgava por dentro, fazendo-a chacoalhar, estremecer e se contorcer. Uma morte horrível. Kabira, Estegi e eu nos sentamos junto à sua cama até o último instante. Kabira segurou uma mão e eu segurei a outra. Murmurei orações para a terra receber seu corpo e lhe dar uma nova vida. Eles têm crenças diferentes aqui em Karenokoi, mas, como sábia, é meu dever acompanhar os mortos para o outro lado. E nós partilhamos o mesmo homem, Meriba e eu. Esse é um elo que não pode ser desfeito.

Quando ela finalmente deixou seu corpo flagelado pela dor, nos sentamos em silêncio por um tempo. O sol estava brilhando através da janela e vozes de crianças podiam ser ouvidas do jardim. Os filhos de Kabira brincavam lá fora. Fechei os olhos escuros como a meia-noite de Meriba. Estegi arrumou as cobertas em torno dos dois corpos. Kabira acendeu três velas. Não posso dizer que lamento por Meriba, mas sinto por sua filha. A menina cujo pai escolheu rejeitar sua vida. Seu corpinho mal fazia uma protuberância debaixo do lençol. Os fios de cabelo em sua cabeça eram grossos e pretos.

Deixamos o quarto. Kabira enviou Estegi para espalhar a notícia das mortes e pediu chá e sopa para nos fortificar. Comemos juntas na pequena sala da sombra. Ela pediu uma sopa com legumes e cogumelos e eu fiquei grata por não ter carne.

Quando eu acabei de comer, olhei para Kabira.

— Você sobreviveu.

Kabira olhou por muito tempo para a tigela pintada de vermelho diante dela.

— Três vezes. — Ela ficou quieta. — Acredito que sobrevivi porque cresci com a água de Anji. Eu desenvolvi tolerância, embora nunca tivesse bebido quando ela era oaki. Meu corpo está acostumado com o seu poder.

— É por isso que você estava preocupada com a gravidez dela?

Kabira fez lentamente um sinal afirmativo com a cabeça.

— Embora eu não soubesse que ele a mataria.

As portas do salão se abriram e Iskan entrou bruscamente. Sem dizer uma palavra, ele seguiu com passos pesados para o quarto de Meriba. Ele ficou por um minuto e saiu de novo. Nós entrelaçamos as mãos e olhamos para ele silenciosamente. Ele olhou fixamente para nós.

— Ela está morta!

— Não era para ser uma grande surpresa — respondeu Kabira. Eu fiquei impressionada com sua coragem. Iskan tinha um olhar desvairado em seus olhos, quase tão escuros como os de Meriba.

— Não foi essa a minha intenção. Você! — Ele apontou para mim. — Você a assassinou com seus venenos! Você tinha inveja dela, você sempre teve!

— Você lhe deu a água de Anji, Iskan? — Os olhos de Kabira estavam ardendo. — Se deu, foi você que a matou, não Garai.

— Quieta, mulher! — Iskan deu-lhe um tapa na boca. — Guarda! — Ele apontou para mim. — Trinta chibatadas!

Meu castigo foi realizado de imediato. Lá, no salão, o guarda tentou arrancar o meu casaco, mas eu o detive. Eu mesma o tirei, assim como a roupa de baixo. Eu os dobrei perfeitamente e os coloquei sobre a almofada. Em seguida, eu me curvei para frente.

Eu sangrei com cada chibatada. Cada uma foi uma oferenda. Trintas cicatrizes novas e eu as dediquei todas a Anji e Meriba e a menina recém-nascida e todas as filhas de Kabira e minhas irmãs.

Se ele realmente tivesse acreditado que eu matara Meriba, teria me matado também. Ele sabia quem era o culpado. Porém, se recusou a suportar a culpa.

***

Agora, ele tem quatro concubinas. Jovens, bonitas, fáceis de controlar. Não consigo ver a diferença entre elas. Elas são notavelmente intercambiáveis, como era a sua intenção. Ele não quer mais se afeiçoar a ninguém. Porque eu podia ver em seus olhos que ele era apegado a Meriba, ou, pelo menos, o quanto fosse possível para ele se apegar a alguém. Uma delas já está grávida. Eu acho que ele a deixará ter o bebê, independentemente do sexo.

Kabira mudou. Ela está cismada com algo. Eu não sei o que é, mas estou preocupada com ela. Ela tem uma escuridão dentro de si que eu não posso alcançar. Não falamos a respeito, mas procuramos a companhia uma da outra cada vez mais. Orseola fica sozinha, mas Estegi, Kabira e eu nos sentamos juntas para pintar, desenhar, escrever e beber chá. Eu também estou cismada. Porque agora pretendo oferecer mais do que apenas uma oferenda. Agora, eu anseio por mais do que simplesmente vingança. Vou libertar Anji, embora eu não saiba o que pode ser feito.

Kabira

MA NOITE FUI ACORDADA POR ESTEGI COM UMA NOTÍCIA HÁ MUITO ESPERADA: a mãe do Vizir estava morrendo. Como esposa de Iskan, era meu dever manter vigília junto ao leito de morte, então fui acompanhada por dois guardas, com Estegi à frente, para o lado de fora, cruzando as portas em treliças do daiharesi. Era a primeira vez desde a construção do novo palácio que eu tinha permissão para ter acesso à residência que Iskan construíra para a sua mãe. Onde ela criou os meus filhos e os manteve longe de mim. Criou para se parecerem com o pai, especialmente o filho mais velho. Todos eles dormiam e eu dera ordens para não acordá-los. Ainda não.

Passamos por grandes salas pouco mobiliadas. Uma, com pisos de mármore cor-de-rosa e branco e muitas colunas laqueadas de vermelho, estava vazia, com exceção de um altar onde incenso e velas queimavam. O piso diante do altar tinha pétalas de rosa espalhadas. Presumo que era em honra à memória do pai de Iskan.

A velha não sabia que o marido havia sido morto pelas mãos do próprio filho.

Nossos passos ecoavam na medida em que nos apressávamos de sala à sala. Por estar liderando o caminho, notei que Estegi provavelmente estivera aqui antes. Ela, uma humilde serviçal, movia-se com mais liberdade pelo palácio do que eu, a esposa do Vizir. Observei sua longa sombra esquelética deslizar pelo chão e, por um minuto, fui tomada por uma chama fulgurante de inveja. Como um raio de luar sobre a água de Anji. Depois, voltei a não sentir absolutamente nada.

A velha estava deitada em um quarto cheio de sombras e chamas flamejantes. Enlutados estavam sentados aos seus pés. Seus rostos já estavam pintados de branco e eles faziam sinos de bronze soar e cantavam as canções de lamúrias que guiam a alma pelo caminho certo quando ela deixa o corpo. Ao lado da cama, havia pratos e tigelas cheias de tudo que Izani ak Oshime-chi precisaria em sua

viagem final. Moedas de ouro e prata. Incenso, tabaco e vinho. Sete conchas para os sete pescadores. Olhando para esses objetos, meus pensamentos voltaram-se para os meus próprios pais e como eles haviam morrido sem esses presentes. E os meus irmãos, que não tiveram enlutados para ajudá-los em sua passagem.

Izani estava deitada, apoiada em uma montanha de travesseiros de seda. As cortinas em torno da cama estavam abertas, mas, mesmo assim, ela estava no escuro. Estegi se ajoelhou junto à porta. Lentamente, com passos firmes, cheguei ao lado de minha sogra.

De início, ela não me notou. Seus lábios finos mexiam-se nervosamente, como se tentassem formar palavras ou respirar. Seus olhos afundados voltavam-se para lá e para cá. Suas mãos estavam imóveis debaixo da coberta. Eu inclinei-me para frente e a olhei direto nos olhos.

— Aqui estou eu, querida mãe. — Eu embebi as palavras com todo o veneno que pude juntar, mas falei baixo o suficiente para que as mulheres que lamentavam não pudessem me ouvir. — Estou aqui para me assegurar que você receba o adeus final que você merece.

Seu olhar distante focou-se em mim e suas mãos começaram a mexer.

— Iskan. Iskan.

— Ele não está aqui. Está em Areko. Eu mandei uma mensagem, mas sinto que ele não conseguirá chegar a tempo. A mensagem pode estar atrasada. — Sorri. Era um sorriso que eu aprendera com o próprio Iskan. — Mas podemos falar de Iskan se for do seu agrado, querida mãe.

— Sim. Meu filho. Meu ótimo filho. — Sua respiração ficou irregular. Ela estava ansiosa, mas não assustada. Ainda não. — Tenho muitas histórias sobre ele. Você gostaria de ouvir? Deixe-me começar do início. Deixe-me falar sobre todas as vidas que seu filho querido e precioso tomou.

Ela respirou fundo e tentou falar, mas não lhe dei a oportunidade. Revelei tudo. Todo o sangue nas mãos de Iskan. Contei desde o começo e não omiti nenhum detalhe. Cheguei perto do rosto da moribunda e impiedosamente dei o nome de cada pobre alma cuja morte eu sabia. Em cada caso, eu podia oferecer prova e expliquei as conexões em detalhes. De início, ela não acreditou em mim. Ela apertou os lábios e desviou o olhar. Mas ela não podia tapar os ouvidos. Ela não podia me calar. Quando falei como Iskan matou o próprio pai e como ele falou disso depois, o sol estava nascendo. Ela emitiu um grito terrível e eu segurei sua mão e fiz um gesto para os lamentadores continuarem a cantar, pois o fim inevitável estava chegando.

— Mentirosa — falou suspirando. — Dê-me algo para beber.

— Você está com sede? — sussurrei em seu ouvido. — Você está abalada pelos maus atos de seu filho? — Levantei uma tigela vazia da mesa ao lado e a segurei aos seus lábios. — Aqui, beba esta água fresca. Deixe que ela a acalme do mesmo jeito que você me acalmou quando eu sofria pelos meus filhos. Quando eu chorava pelas filhas que Iskan matara. Espero que lhe dê o mesmo consolo que você me deu.

Os lamentadores tocavam seus sinos, o dia estava acabando e Izani ainda estava viva. Comecei a temer que Iskan conseguiria, de fato, chegar a tempo para seu leito antes de ela deixar seu corpo. Eu subornara o mensageiro com uma joia para que não se apressasse. Era muito arriscado. Decidi não pensar sobre o Iskan faria comigo se ele descobrisse o que fiz.

Recontei todas as maldades que Iskan cometera e talvez tenha enfeitado um pouco. Izani se contorcia como um verme, a podridão azeda da morte em seu hálito e, ainda assim, seu espírito se recusava a se render. Ela queria ver o seu filho. Eu não podia deixar que isso acontecesse. Ela não pode contar o que eu disse e não pretendo lhe permitir um único momento de paz antes de morrer.

— Ele nunca faz oferendas para o espírito de seu pai — sussurrei, meus lábios grudados em seu ouvido. — Ele não honra a sua memória. E também não vai se dar ao trabalho com a sua. — Sorri, sabendo que embora ela não pudesse ver, podia ouvir minha voz. — Mas uma boa esposa honra a memória de sua sogra falecida. Ela faz oferendas nos dias corretos. Ela se assegura que o espírito não vague de mãos vazias e passando fome entre os mortos. Como você tem sorte de ter uma nora tão dedicada. Uma nora que vai retribuir o mesmo amor e respeito que você mostrou para ela. Eu vou dar exatamente o que você merece, você que tomou meus filhos, que encheu suas cabeças e corações com mentiras sobre mim, sua própria mãe.

O olhar final que ela me deu foi cheio de pavor. Enfiei minhas unhas longas em sua palma seca e indefesa. Por um momento, parecia que eu podia ver a sua morte, e ela estava próxima. Juntei todas as minhas forças para trazê-la para mais perto, meus ouvidos enchendo-se com a vibração dos murmúrios. Talvez um pouco de oaki sobrara dentro de mim, afinal.

— Sob o meu olhar, você será esquecida antes que uma lua tenha passado.

Ela gemeu e sua vontade se rendeu à minha e ela respirou pela última vez.

Iskan chegou logo depois. Ele ficou bastante tempo sentado ao lado da cama de sua mãe, com a cabeça contra seu peito. Eu ainda segurava a sua mão enquanto ela ficava cada vez mais fria. Ela saberia que eu estava lá. Seu espírito

nunca esqueceria.

Senti um vislumbre de esperança naquele momento. Uma possibilidade, mesmo que pequena. Estivera ruminando meu plano por muito tempo. Vários anos se passaram desde a morte de Meriba. As novas concubinas estavam enchendo o darahesi com crianças – meninos e meninas. Mesmo assim, tive que ter paciência. Eu tinha apenas uma chance. Se eu fracassasse, não haveria uma segunda. Eu já estava velha e jogada para segundo plano, nas sombras, esquecida. Era a última oportunidade de dar um passo à frente e reivindicar uma migalha de felicidade antes que eu apagasse e desaparecesse no nada.

Eu dei o primeiro passo nesse dia, junto ao leito de morte de Izani. Estiquei o braço e segurei a mão de Iskan. Minha outra mão ainda segurava a garra de Izani.

— Iskan ak Honta-che. Grande Vizir de Karenokoi e todos seus estados vassalos. Mão-direita e assistente do Príncipe Soberano. Meu marido. Permita-me confortá-lo durante estes tempos difíceis, eu que o conheço melhor do que qualquer um.

Iskan levantou a cabeça e olhou para mim. Seus olhos estavam vermelhos e, por um breve momento, fiquei surpresa que ele era capaz de sentir uma perda. Porém, esse não era o sofrimento de um filho amado por sua mãe falecida. Era a dor de um homem que perdera a única pessoa que partilhava sua visão de si mesmo: infalível, sem defeitos, constantemente contido e mal-entendido por aqueles ao seu redor.

— Obrigado, esposa — disse simplesmente e apertou a minha mão.

Então, como sempre, ele estava cego para o tamanho do meu ódio. Ele estava tão cheio de si que era incapaz de compreender o efeito que suas ações têm nas pessoas. Eu era a sua esposa. Eu havia sido silenciosa e obediente por muitos anos. Minha lealdade por ele era evidente.

É claro, eu não sentía apenas ódio por ele. Eu lutara muito para sufocar quaisquer outros sentimentos e deixar espaço apenas para o ódio. Porém, eu o amei uma vez. Um eco persistia que nunca podia ser silenciado. Sempre me odiei por isso, mas naquele momento eu me perdoei. Sem o eco, eu não teria conseguido fazer o que precisava ser feito.

Soltei a mão da falecida e levei o meu marido para fora enquanto os enlutados davam seus últimos gemidos e tocavam seus sinos para que o além escutasse que uma alma estava a caminho.

Levei Iskan para o meu quarto. Eu tinha dado ordens a Estegi para deixá-lo o mais agradável possível e oferecer todos os quitutes favoritos de Iskan e um

cachimbo para ser fumado depois de comer.

Iskan bebeu vinho e depois se sentou com uma expressão confusa em seu rosto como um menininho. Seus cabelos haviam ficado brancos nas têmporas e, embora continuasse a ser um homem elegante, ele tinha linhas em torno de seus olhos, que eu vi como as marcas de Anji, e não podia mais ser considerado bonito.

— Que enorme perda para um homem não ter pais vivos — disse. Eu abaixei minha cabeça para que ele não visse o meu rosto.

— Sim, Iskan-che. Talvez um homem possa encontrar conforto em seus filhos em um dia como este.

Iskan sorriu para mim.

— Você realmente me conhece bem, Kabira-cho. Peça que os envie.

Eu não os vira por muitas luas. Propus por mim, e eu avisei com antecedência o serviçal deles para que estivessem vestidos e prontos para dar ao pai palavras de dor e seus pêsames.

Meu coração apertou quando eles entraram. Korin era um jovem bonito e de costas largas, já vestido de branco para o luto. Ele se curvou para mim formalmente com sua mão em sua testa antes de dar ao seu pai um abraço emocionado e beijá-lo em ambas as bochechas. Enon era um espelho de seu irmão mais velho, mas com ar mais inocente e ombros mais magros. Ele me deu um curto sorriso e beijou minhas bochechas. Inalei profundamente seu aroma de água de rosas e suor e guardei avidamente sua memória em meu coração.

O pequeno Sonan também não era mais pequeno. Com quatorze anos, ele acabara de receber sua própria espada e cavalo. Ele parece com os dois irmãos mais velhos na maioria das coisas, mas me lembrou mais o meu irmão Tihe. Ambos riam facilmente e inspiravam o riso em todos à sua volta. Sonan era amado por todos, de serviçais a convidados de honra, dos cozinheiros da cozinha de Iskan até o próprio Príncipe Soberano.

Ele não sabia se devia seguir o exemplo de Korin e Enon, então depois de ter se curvado, ele ficou desconfortável na minha frente, sem saber o que fazer. Fiz um gesto para ele abraçar o seu pai. Meus braços ansiavam serem colocados em volta de seu pescoço magro e apertar seus ombros ossudos contra meu corpo, mas eu sabia que Korin ralharia com ele se ele deixasse isso acontecer. Enon podia fazer o que ele queria. Ele era velho o bastante.

Todos os três jovens demonstravam sinais de sofrimento e lágrimas em seu rosto. Sua avó tinha sido como uma mãe para eles. Ela os criara quando eu não pude. Ela tinha acompanhado sua ama-de-leite e seus professores e os ensinou a

ser homens. Homens como o pai. Eles estavam sentados conversando com ele, falando da falecida, bebendo em homenagem à sua alma. Até Sonan podia beber vinho, e logo suas bochechas ficaram vermelhas. Quando seus dois irmãos mais velhos estavam concentrados na conversa com Iskan, ele se aproximou de mim.

— Cho?

— Sim, meu filho?

Toda vez que permitiam que eu dissesse essas palavras, meu coração batia um pouco mais rápido. Esperei, embora eu quisesse nada além de tomá-lo em meus braços e segurá-lo contra meu peito.

— Agora que Izani-chi se foi… — pausou. — Posso visitar os seus aposentos? Seria muito inconveniente?

Se a bruxa já não estivesse morta, eu a teria estrangulado com minhas próprias mãos naquele instante. Tive que esperar que minha voz ficasse controlada o suficiente para responder. Sonan olhou para mim, seus olhos grandes e apreensivos. Ele era o mais sensível de meus filhos. Deve ter passado por dificuldades durante o reinado de Izani. Ele não era como seus irmãos, nem como o pai.

— Sonan, meu filho. Você é e sempre foi bem-vindo em meus aposentos, quando quiser. — Segurei suas mãos e olhei-o nos olhos. — Eu nunca mandaria você embora da minha porta. Nunca acharia inconveniente entreter meus amados filhos em minha residência.

Falei em voz baixa para que Iskan não pudesse ouvir. Sonan me olhou com alívio e surpresa. Eu podia ver que estava pensando em todas as mentiras com que Izani contou para ele desde que nasceu. Com certeza, sua mãe não o amava nem queria nada com ele. Ele fora totalmente doutrinado para pronunciá-las em voz alta. Izani foi a única mãe que ele conheceu. Não havia como apagar os últimos quatorze anos que nos separaram. Porém, talvez haja ainda uma possibilidade de reivindicar pelo menos um de meus filhos como meu. Com desconforto, ele segurou minha mão na dele, que já crescera, ficando grande e larga.

Korin lançou um olhar suspeito e eu abaixei minha cabeça imediatamente. Eu tinha que assumir o papel de esposa submissa. Olhou para as mãos de Sonan entre as minhas e enrugou a testa. Ele se levantou.

— Vamos deixá-lo agora, pai. E você está certo. Vou pensar em tomar uma esposa. — Havia uma certa frieza na sua voz e eu, surpresa, passei os olhos sobre Iskan, cuja boca contraía-se em uma linha de desaprovação.

Korin abaixou a cabeça para mim brevemente.

— Sonan.

Meu filho mais novo se levantou com relutância e soltou as minhas mãos. Não ousei dizer nada nem lembrá-lo de me visitar, com medo que Korin ou Iskan fossem proibi-lo. Korin deixou a sala seguido por Sonan. Enon encolheu os ombros desculpando-se, beijou seu pai nas bochechas e me deu um rápido beijo antes de partir. Um aroma fraco de água de rosas ficou no ar.

Iskan sentou-se, ainda com a testa enrugada, e olhou para a parede. Meu plano bem pensado não funcionaria se seu humor não melhorasse. Sentei-me diante dele, tirei seus sapatos com cuidado e comecei a massagear os seus pés. Senti repulsa ao tocá-lo. Sentir sua pele contra a minha. Era uma abominação que ele pudesse se sentar lá, vivo e de boa saúde, quando ele era responsável pela morte de tantos.

— Iskan-che, o que está te incomodando?

— Korin. Ele vai contra o desejo expresso de seu pai. — Iskan suspirou e encostou-se, esticando seu pé para me dar melhor acesso. — Quero que ele se case com a filha de Eraban ak Usti-chu.

— O Príncipe Soberano de Amdurabi?

Iskan deu uma risada zombeteira.

— É assim que ele se entitula, sim, mas na realidade nada mais é do que um governador para o verdadeiro Príncipe Soberano de toda Karenokoi. De qualquer forma, ele morreu na última lua.

— Ele estava aqui como convidado na última lua? — Coloco o pé de Iskan cuidadosamente em meu colo. Ele deu um sorriso largo para mim.

— De fato. Ele deve ter comido algo que não lhe caiu bem, porque na viagem para a casa estava bastante pálido e morreu logo depois. Não havia rastros de veneno.

Não revelei nenhum sinal de que entendia o que Iskan havia feito.

— E agora você quer que Korin se case com a sua filha.

— Sim, com a mais velha. Ele nunca teve filhos e a menina mais velha tem a mesma idade de Enon, e é a única herdeira de Amdurabi. Se Korin se casasse com ela, se tornaria governador, e Amdurabi se tornaria, de fato, um distrito de Karenokoi, assim como Baklat e Nernai já se tornaram. Desde que subi ao poder, o território do reino de Karenokoi triplicou e enriqueceu à mesma medida. Amdurabi agora está vulnerável; com uma simples herdeira mulher, qualquer um pode tomar o poder à força. Porém, é interesse de Karenokoi que Amdurabi permaneça estável. Exércitos na vizinhança também seriam uma ameaça à nossa segurança. Dependemos do seu arroz e do seu trigo, já que agora Karenokoi

produz basicamente temperos. — Ele suspirou, colocou um pé para o alto e esticou o outro para eu massagear. — Isso nos deixa vulneráveis no que diz respeito à provisões. Os trabalhadores começaram a reclamar desde que o Soberano assinou um decreto que seus próprios terrenos em expansão devem cultivar etse. Não tenho tempo para uma revolta no momento, então preciso garantir que haja comida o suficiente para eles ficarem quietos.

— Mas Korin não quer se casar com a filha de Eraban? Ela é feia ou tem alguma deformidade?

As rugas voltaram para a testa de Iskan.

— Nem um pouco. Não é a mulher mais linda do mundo, mas não é desfigurada e não há mácula em sua honra. Eu podia tê-la escolhido para ele, mesmo sem o distrito inteiro como dote. Porém, ele tem a ideia de que deseja se casar com alguém que ele mesmo escolheu. E as únicas coisas em que pensa são peitos redondos e macios e um rosto bonito! — Iskan tomou um gole grande de vinho. Ele já havia bebido bastante, o que era bom. Apressei-me para trazer mais bebida e enchi sua tigela antes de continuar a massageá-lo.

— Você escolheu a sua própria esposa.

Iskan riu.

— Sim, e com certeza não foi pela sua beleza. Assim como a filha de Eraban, você veio com um dote. Korin tem que perceber que também pode ter carne fresca. Casamentos são combinados para outros propósitos.

Suas palavras doíam. Ainda assim, depois de tanto tempo, eu acreditara que ele tinha me amado, no passado. Eu acreditara que ele me achava bonita.

— Você é um homem sábio. Korin devia ouvir as palavras de seu pai.

Iskan suspirou.

— Ele sempre foi teimoso e cheio de ideias próprias. Enon é mais fácil controlar.

— Talvez você devesse suavizar sua proposta? — Levantei seu pé do meu colo e sentei-me direto em uma almofada. — Procure as mulheres mais bonitas do reino e deixe Korin escolher algumas concubinas. Como presentes de casamento.

Não é fácil admitir que eu disse essas palavras. Que eu apostei a vida dessas garotas e a vida de Korin com tanta facilidade. Minha vida valia tão pouco para mim que eu também não dava muito valor para a dos outros.

Iskan sorriu e levantou sua tigela para mim.

— Kabira, um pouco da minha sabedoria passou para você. Assim será, em minha honra. E o poder e força de Karekonoi vai crescer e, consequentemente, o meu.

Ele estava de bom humor de novo. Seu sentimento de bem-estar fez com que me olhasse de forma um pouco diferente do que naquela noite e eu me assegurei que a sua cabeça e o seu julgamento estivessem sob a forte influência do vinho. Eu também bebi. Precisava estar um pouco embriagada para ser capaz de pôr meu plano em prática. Eu estava com medo. Porém, havia outro sentimento envolvido: solidão. Já fazia muito tempo que eu fora tocada. Eu amei esse homem no passado. Eu o desejei.

Não foi tão difícil cumprir minha tarefa quanto pensei.

Eu conhecia Iskan há muito tempo. Eu sabia do que ele gostava. Dei a ele a mistura certa de docilidade e obediência, de admiração infantil e timidez. A única fraqueza de Iskan era a bajulação. Ele nunca fica cansado de ouvir sobre sua própria excelência. Eu o capturei onde eu o queria.

Eu o agarrei entre minhas pernas. Eu capturei sua semente dentro de minha barriga.

***

Eu sabia que era uma menina. Tudo sobre a gravidez se assemelhava com aquelas que Iskan abortou quando Anji lhe mostrou que eu carregava meninas. Estava aterrorizada com a ideia de que ele descobrisse que eu estava grávida. Precisava manter minha filha. Eu tinha que ter algo só meu. Alguém para amar. Alguém que era somente meu. A ideia de uma filha nasceu em mim quando Meriba estava morrendo. Eu esperei desde então. Esperando pela morte de Izani. Enquanto ela estivesse viva, eu não poderia pôr meu plano em ação.

Esconder a gravidez foi mais fácil do que pensei. Iskan provavelmente se envergonhava por ter permitido que eu o seduzisse. Eu, uma mulher feia, quando ele tinha tantas concubinas lindas para chamar para sua cama. Eu pensei que talvez ele… eu não sei. Eu fui boba o bastante para acreditar que algo havia mudado. Mas ele continuava a me evitar. Ele nunca tivera o hábito de visitar meu quarto, então me mantive lá e fiquei quieta. Izani não estava mais presente para me espiar e me delatar para o seu filho. Os dias haviam se tornado longos quando eu finalmente ousei sair para o jardim, quando eu tinha certeza que Iskan não se encontrava no palácio. Eu nunca pisei nos grandes salões de dairahesi. Eu costurava roupas para a minha pequena e as escondia com cuidado. Eu lia e transcrevia poesia. Eu pintava. Mas depois de um tempo, não era mais suficiente. Às vezes, quando eu sabia que a maior parte do dairahesi estava em outro lugar, eu juntava coragem para visitar a pequena biblioteca. Desde então, comecei a ler

pergaminhos. Eram, em sua maioria, clássicos que eu já lera muitas vezes antes, mas eles me mantinham ocupada por um tempo. Ao vasculhar mais o acervo, um desejo por mais acendeu em mim. Era como se a menina em meu útero, que agora estava chutando e cutucando, quisesse mais de mim do que apenas a nutrição física. Ela queria conhecimento.

Eu sabia que Iskan tinha uma biblioteca pessoal grande. Era lá que ele guardava os pergaminhos que juntara de cada canto do mundo, incluindo escrituras que não conseguia ler, simplesmente para tirar de outros a possibilidade de ter acesso ao conhecimento que eles continham. Subitamente, percebi que eu ansiava por essas escrituras como uma mulher morrendo de fome.

A única pessoa que me visitava durante meu confinamento voluntário era Sonan. Como ele prometera, visitava ocasionalmente. Não com a frequência que eu gostaria, nem mesmo com a frequência que ele próprio gostaria, mas sempre que podia escapar dos olhos atentos de Iskan e Korin. Korin se casaria com a filha do Governador de Amdurabi. Ele escolheu quatro concubinas, uma mais bonita do que a outra. Ele e Iskan estavam ocupados com os preparativos e, de vez em quando, Sonan conseguia vir ao meu quarto sem ser visto. Com exceção de Iskan, meus filhos eram os únicos homens permitidos no dairahesi.

Ele não suspeitava nem um pouco de minha condição, tão jovem e inocente como era. Eu me vestia com casacos largos e ele não tinha nenhuma experiência de gravidez. Com frequência, nos sentávamos à minha melhor mesa, que eu sempre me assegurava estar cheia de suas guloseimas preferidas. Era uma pena que eu não podia assar ou preparar essas coisas, mas eu dava aos serviçais instruções detalhadas como deveriam ser feitas. Era uma alegria poder me sentar com meu filho mais novo, longe de olhares alertas, livre dos comentários ríspidos e da desaprovação de Izani. Ninguém fez nenhuma tentativa de se colocar entre nós e eu pude olhar o quanto quisesse para seus belos olhos, seu queixo macio, seu sorriso ágil. Eu podia segurar sua mão se quisesse – segurá-la, sentir sua pele quente contra a minha.

Após quatorze anos de separação, havia uma certa reserva da sua parte. Ele era agradável e respeitoso a seu modo, mas não havia uma proximidade imediata entre nós. Izani o alimentara de muitas mentiras sobre mim e o seu pai, e o seu irmão mais velho o tornaram inseguro demais das suas próprias capacidades e instintos. Ele queria acreditar que eu era uma mãe amorosa, mas não ousava. Não de início. E, embora fosse difícil, eu deixei as coisas se desenvolverem em seu próprio ritmo. Conversávamos sobre todas as coisas imagináveis de maneira simples e confortável enquanto as luas passavam e a minha barriga crescia.

Falávamos sobre seu amor por cavalgar e caçar e sobre como ele não gostava de praticar combate. Sobre como achava difícil aprender textos de cor, como seu professor exigia, mas que ele era bom em caligrafia e em copiar pinturas. Ele gostava de nadar e remar no lago e tinha vários bons amigos dentre a corte real do Príncipe Soberano.

— Eu gosto muito de ler — contei um dia, quando os dias mais quente do verão haviam finalmente passado. Estávamos sentados na sala da sombra, onde ele acabara de comer sua porção de weja frita. Pássaros cantavam lá fora e duas borboletas perdidas estavam voando dentro da sala. Sonan seguia seus movimentos, encantado. — Eu já li tudo o que há na biblioteca.

— Meu pai tem uma grande biblioteca na Casa da Serenidade — respondeu Sonan, limpando um pouco de açúcar de seu lábio inferior. Eu me inclinei e tirei o resto e ele me lançou um olhar surpreso, mas afetuoso, que fez meu coração cantar. — Eu poderia lhe trazer alguns rolos.

— Isso seria muito bom, meu filho, mas eu não quero que você desagrade seu pai por minha causa.

Sonan fez um gesto de desdém.

— Ele e Korin viajaram para Amdurabi. O casamento será lá, porque meu pai disse que é importante que as pessoas vejam Korin e Hánai juntos para que saibam quem é seu novo governante.

— O nome dela é Hánai?

Sonan fez um gesto afirmativo com a cabeça. Ainda não tinha escutado aquele nome. Para todos, ela era simplesmente a filha do Governador, não uma pessoa com seu próprio nome.

— Então, isso significa que ninguém vai notar se eu lhe trouxer alguns pergaminhos. O que você mais gostaria de ler, mãe?

De repente, um mundo inteiro se abriu para mim. Sonan me trouxe quantos pergaminhos eu queria. Eu li e li. Ele descreveu as prateleiras para mim e, lentamente, eu formei a imagem da biblioteca de Iskan. Eu aprendi como ele organizava os pergaminhos: onde mantinha as obras históricas, a localização dos textos sobre medicina e onde escondia suas obras mais secretas – aquelas sobre fontes de poder, como Anji, por todo o mundo. Não eram poucos esses pergaminhos, e vários estavam em escritas que eu não conhecia e suas descrições eram com frequência complexas e extensas. Seus objetivos eram confundir os não iniciados. Porém, com paciência, pude decifrar e entender vários deles. Era como se a criança dentro de mim às vezes me ajudasse. Ela virava e eu entendia imediatamente o que antes era inteligível. Ela chutava minha costela e padrões

emergiam e tomavam forma diante dos meus olhos. Ela vinha da semente de Iskan e Iskan era embebido com o poder de Anji. Talvez parte desse poder também existisse na criança que eu estava carregando.

Eu raramente ia além dos meus aposentos e, mesmo assim, eu viajava por todo o mundo. Em alguns textos, eu seguia viajantes cruzando os enormes oceanos para o norte e leste e sul. Depois, estudava relatos de peritos sobre as funções do corpo e navegava através do fluxo sanguíneo humano. Eu voei dentre as estrelas no céu, nadei com os peixes no mar, segui as colheitas em diferentes estações com os cultores da terra. Sentei-me com monarcas em tronos e criminosos em masmorras. Eu lutei com deuses estrangeiros, observei o mundo ser criado e refleti sobre o que era bom e correto, e a natureza da verdade, e discuti sobre ética com os mais velhos mestres.

Teria sido o melhor momento de minha vida se eu não estivesse vivendo com o medo constante de ser descoberta.

Uma manhã, quando o calor havia passado e os ventos frios sopravam em torno do palácio, eu estava sentada junto a primeira urna de fogo do outono e lia. Eu lia um pergaminho que Sonan trouxera no dia anterior e era da seção secreta da biblioteca de Iskan. Era também o primeiro texto que encontrei que falava de Anji. Além de ser muito antigo, ele era escrito em código, com símbolos misteriosos. Iskan adicionou suas próprias anotações em uma tentativa de interpretar o texto, com a ajuda de Anji, mas não fora muito longe. Anji claramente não queria ajudá-lo em tudo. Eu sabia que, se ao menos eu tivesse acesso à sua água na lua minguante, eu poderia ler facilmente o que estava escrito ali como se tivesse sido escrito na minha própria língua. Eu só podia discernir alguns padrões; quando a menina em meu útero chutava, uma linha de significado brilhava entre os símbolos. Eu via uma cobra, uma maçã, uma rosa de cinco pétalas.

— Você devia tomar cuidado. — Assustada, deixei cair o pergaminho que estava segurando com um baque seco. Garai estava sentada de pernas cruzadas em uma almofada de seda do outro lado da urna de fogo. Eu estava tão concentrada no texto que eu não ouvi ela entrar. Tentei cobrir minha barriga proeminente com o casaco, mas foi inútil. Os olhos atentos de Garai não haviam perdido nada.

Eu peguei o pergaminho para me assegurar que não iria ficar danificado. Em seguida, joguei o corpo para trás, coloquei minhas mãos sobre a minha barriga, expondo-a, e encontrei seu olhar com um ar de desafio. Aqueles olhos claros

sempre me assustam um pouco. Eu não podia me acostumar com eles.

— Quanto tempo? — perguntou Garai.

Eu não respondi e as correntes em seu pente tilintaram um pouco quando ela tombou a cabeça para um lado. Sua pele pálida ficou cor-de-rosa com o calor dos carvões. Ela era tão magra que sua clavícula saltava da gola de seu casaco no brilho dançante das brasas. Lembro-me precisamente o que ela vestia, casaco cinza-pombo, sem bordado ou enfeites, com calças largas em um tom de cinza mais claro. Ela não usava nenhum acessório exceto o pente no cabelo. Havia rugas em volta de sua boca, que eu tinha notado antes, e a pele em torno de seus olhos tinha muitas linhas, tão finas quanto pernas de aranha. O tempo a estava alcançando. Mas, ao contrário de outras mulheres, Garai não parecia resistir a ele, mas lhe dar boas vindas.

Ela suspirou e inspecionou minha barriga.

— Faltam poucas luas, eu acho. Duas talvez? E ninguém sabe?

Apertei os lábios um contra o outro.

— O que você acha que eu sou, uma simples concubina? Eu tenho sido incrivelmente cuidadosa.

— E Iskan recentemente tem estado em Amdurabi. Bom. Mas se ele descobrir sua gravidez agora e decidir abortar a menina, você vai sofrer as consequências. Não faz diferença nenhuma o quanto você está acostumada com a água oaki. Você já foi muito longe. E está velha demais.

— Portanto, ele nunca saberá.

— O que você vai fazer quando ela nascer?

Hesitei. Olhei para as minhas mãos, onde as primeiras manchas escuras estavam começando a se espalhar – um sinal de que eu não era mais jovem. Meu plano tinha sido meu segredo. Eu pensara nele e o lapidara por muito tempo. Porém, Garai podia revelá-lo para Iskan agora se assim decidisse. Não importava se eu falasse para ela.

— Como você adivinhou? — perguntei, para ganhar tempo.

— Você fica no seu quarto. Não encontra ninguém além do seu filho. Eu sei que você passou a noite com Iskan depois que a mãe dele morreu. Não foi difícil deduzir.

— Mais alguém sabe disso?

— Orseola. Mas não porque eu tenha lhe contado alguma coisa. Ela viu em seus sonhos.

Orseola. Ela era imprevisível. Perigosa. Eu não a entendia e não podia adivinhar o que diria ou faria.

— E as outras?

Agora foi a vez de Garai de desdenhar.

— Elas não se importam nem um pouco com você. Para elas, você podia ser uma tela pintada, desde que você não se beneficie do favoritismo do amo. Tudo com que elas se importam é sua posição e ordem de preferência e quem é a atual favorita de Iskan. — Sua expressão foi tomada por tristeza. — Não é culpa delas. Elas não têm mais nada na vida delas. Há três que não sabem nem ler. Como deviam preencher seus dias vazios?

— Agora que Izani não está mais aqui para me espionar, pretendo apresentar a menina como um filho.

Garai levantou as sobrancelhas. Ela ficou sentada sem dizer nada por muito tempo e me observou. Depois, ela olhou para baixo, para as brasas. Eu segurei minhas mãos, com força. Tentei preencher minha mente com os estalos do carvão, as persianas batendo com o vento, o guincho solitário de um pássaro no céu lá fora. A criança em minha barriga estava esticada e quieta. Esperando.

— Temos que ter muito cuidado. Eu posso ser sua babá, assim ninguém de fora precisará entrar. Você planeja amamentá-la?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça. Meus dedos estavam se enterrando em minhas palmas. Prendi a respiração.

— Ótimo. Isso vai reduzir os riscos. Não podemos simplesmente dar a Iskan uma razão para duvidar. Eu vou falar com Orseola. Ela é o nosso ponto fraco, mas há uma chance de se unir a nós. — Ela deu um sorriso amargo e se levantou.

Estiquei minha mão. Tentei recuperar o controle da situação.

— Por que você está me ajudando?

Garai se levantou. Ela piscou seus olhos claros de forma desconcertante.

— Não estou te ajudando. Estou ajudando ela. — Ela apontou para minha barriga. — Você fez uma escolha. Ela não.

Quando ela partiu, tive que me deitar um pouco. A menina estava chutando para baixo, contra meus órgãos mais frágeis, e me perguntei o que eu havia feito.

Em meu sonho, Lehan veio para mim. Ela não disse nada, só me olhou e depois me empurrou com as duas mãos, e eu caí e caí.

A menina nasceu uma lua mais tarde. Iskan voltara de Amdurabi, mas não veio para os meus aposentos. Eu fiquei quieta e imóvel como um rato que tem medo de ser descoberto pelo gato. Eu não chamei as serviçais e fui atendida por Estegi e Garai. Estegi sabia da criança. Ela massageava os meus pés inchados toda noite, esfregava a minha barriga protuberante com óleo de amêndoas e me

fez companhia nas noites insones em que os chutes do bebê me deixavam acordada. Quando o parto começou e as contrações fizeram com que eu arfasse, tentando respirar e ofegasse até doer, eu quis ouvi-la ler em voz alta o último pergaminho que Sonan me trouxera da biblioteca. Eu sabia que podia confiar em Estegi; ela não falaria para ninguém sobre os textos proibidos e tinha uma voz agradável, grave e macia. Mas ela não sabia ler.

— Vá pegar Garai — disparei entre as dores. Estegi fez reverência e saiu correndo. Levou um tempo interminável até ela voltar e eu estava deitada lá lutando contra o grito que queria tão desesperadamente sair. Ninguém deveria ouvir que uma criança nasceu em meu quarto naquela noite.

Elas vieram na ponta dos pés, tão silenciosas que eu nem notei que haviam entrado até estarem ao lado do tapete em que eu estava agachada. Os olhos de Garai brilharam sob a luz da lamparina.

— Quase fomos descobertas — sussurrou ela. — Uma das concubinas acordou. Espero que ninguém perceba que a minha cama está vazia.

Não havia lugar para o medo em meio de toda dor.

— Leia — falei, perdendo o ar, e apontei para o rolo.

Garai foi até a mesa e o examinou com interesse.

— Onde você pegou isso?

Abanei as mãos de raiva. Outra pontada atravessou a minha barriga e tornou impossível falar. Estegi respondeu por mim.

— Eles são da biblioteca do Vizir. Seu filho os traz para ela.

Garai mexeu a cabeça lentamente. Ela desenrolou o pergaminho e começou a ler em voz baixa. Esse era sobre as plantas sagradas de Elian e seus usos. Estegi se agachou ao meu lado.

— Venha, ande comigo.

Apoiada em seus braços, comecei a dar passos pelo quarto. Eu não ouvi a maior parte da recitação de Garai mas sua voz deu ritmo para a minha andança e os meus pés seguiram nomes de plantas pelo chão. Folha-negra, raiz-d'água, touca-de-caveira, baga-de-erre, pé-de-urso, bainha-de-neve, um nome para cada dor. Agarrei a mão ossuda de Estegi e ela tomava todo meu peso sobre seu quadril quando eu precisava descansar.

Já passara da meia noite quando fiquei de quatro e fiz força. Depois de dar à luz a três filhos, minha filha escorregou rapidamente para fora e praticamente sem esforço da minha parte, em um jato de água, sangue e muco. Garai fez o parto e Estegi a secou enquanto eu rolava deitada mais uma vez. O cordão umbilical ainda nos unia quando a segurei contra o meu peito. Olhos escuros,

pele avermelhada enrugada. Ela estava viva, estava respirando e estava totalmente quieta. A única coisa que podia ser ouvida no quarto era a respiração de três mulheres. Estegi e Garai, cada uma de um lado, olharam enquanto a menina encontrava seu caminho para o meu seio. Ela sugou e a noite estava escura em torno de nós, a imensidão do que eu tinha acabado de fazer encontrou seu caminho para o meu coração com toda a força. Olhei para Garai. Ela estava sorrindo o sorriso mais intenso que eu vira naqueles lábios.

— Ela é perfeita, Kabira. Simplesmente perfeita. — Ela viu minha preocupação, mas não estragou a sua alegria. — Ela é forte. Há uma razão para ela estar aqui, posso sentir isso. Você sente? Ouça-a falando com a terra, com a força vital!

Parei para ouvir e escutei o barulho macio da boca do bebê, ofegante com o esforço. Ela estava fora de mim, agora, não dentro. Seu corpo era quente e sólido contra mim. Ela tinha um cheiro igual a de todos os bebês e, ao mesmo tempo, único dela. Era intenso e escuro, como terra e folhas e água. Como Anji.

Eu não consegui ouvir o que Garai escutara, mas eu entendi o que ela quisera dizer. Talvez eu tivesse um pouco da água de Anji em meu corpo quando estava criando o dela. Talvez a semente de Iskan carregasse a água da fonte, boa e obscura. Ela era nós dois, e Anji e Ohaddin.

— Seu nome é Esiko — sussurrei. — Iskan pode pôr o nome que ele quiser, mas seu nome é Esiko. Como a minha avó.

— Ela vai ser o filho dele? — perguntou Estegi em um tom estranho e melancólico.

— Ela vai ser o mais novo e o mais amado de seus filhos — Garai respondeu por mim, como se fosse uma profecia. Eu beijei a penugem da sua cabeça. Por aquela noite, ela era minha e somente minha. Esiko parou de sugar, fechou os olhos e adormeceu na mesma hora, como nenhum de seus irmãos havia feito. Ela era única, desde então.

Sulani

QUANDO FUI CAPTURADA, EU JÁ TINHA DERROTADO SOZINHA CENTENAS DE soldados inimigos. De início, com flechas embebidas em veneno de mariscos-de-vinho. Quando o veneno acabou, com um bastão e uma lâmina. Eles me amarraram e, depois de me baterem até sangrar, me levaram ao acampamento do exército. Devia haver pelo menos quinhentas barracas. Os comandantes dormiam nelas, às vezes em duplas. O número de soldados era muito maior. Eles tinham combatentes armados até os dentes: espadas brilhantes curvadas, elmos, armaduras e proteções para pernas. Os braços estavam frequentemente desprotegidos. Não havia muitos arqueiros. Bons cavalos, também com armaduras em torno das suas cabeças e dos seus flancos. Tudo em perfeita ordem e rigidamente disciplinado. Os soldados que matei compunham uma fração das forças do exército. Não deteria o seu avanço, mas a minha vitória foi ótima. Segurei o exército tempo o suficiente para dar ao povo do rio uma chance de juntar seus pertences e escapar rio abaixo.

Eu agradeci ao espírito do Rio pela vitória que ela me conferiu.

Fui arrastada pela lama até a barraca do capitão. Na escuridão, incenso estava queimando. Muitas substâncias de cheiro doce para mascarar o fedor de morte e cadáveres no campo. O capitão estava de pé ao lado de uma mesa coberta de papéis e mapas, brincando com o cabo da adaga. Um homem de altura mediana, que já não era mais tão jovem, com um rosto suave e inexpressivo. Ombros largos e uma certa massa muscular – resultado de muita cavalgada e esportes. Não era preparado para nenhuma luta real para sobrevivência. Um queixo magro, coberto por uma barba rala.

Ao seu lado, em um travesseiro, havia este menininho sentado, de cerca de dez anos.

— Você é aquela que liderou os ataques contras as minhas tropas? — perguntou o capitão sem olhar para mim. — Quem destruiu pontes em nosso

caminho, roubou equipamento durante a noite, matou nossos mensageiros e olheiros?

Ele deu um passo em minha direção. Tinha deixado a adaga sobre a mesa. Não havia guardas na barraca. Eu podia quebrar seu pescoço com as minhas mãos. O menino gritaria, mas já seria tarde demais. Transferi meu peso de um pé para o outro. Eu me preparei.

— Onde estão os outros? — O capitão avançou em minha direção. — Você chacinou centenas dos meus homens nos últimos dias. — Ele se inclinou para a frente e pôs os olhos sobre mim. — O que eu não entendo é por que você armou tamanha resistência. Eu pensei que esta parte de Jaferi fosse quase inabitada?

Mudei todo o meu peso para um pé. Minhas mãos estavam prontas. Lama seca e sangue caíram no chão enquanto eu esticava meus dedos, preparando-me.

Ele viu o movimento minúsculo e balançou a cabeça.

— Não. Você não vai fazer isso — disse ele e sorriu. Era o sorriso de alguém que já matou. Alguém que gostou disso. Então, fez algo comigo. Com seus olhos. Eles me perfuraram. Foi uma dor horrível. Muito maior do que os ferimentos causados por aço mais cedo naquele dia. Quando a dor se tornou forte demais, eu desabei sobre os tapetes que cobriam o chão da barraca.

A criança tombou a cabeça para um lado e assistiu seu pai quebrar todos os ossos do meu corpo.

Eu não gritei. A criança não gritou. O capitão estava de pé, com suas mãos esticadas sobre mim, e continuou a trabalhar com concentração e precisão. Tudo o que podia ser ouvido na barraca eram meus gemidos e os sons do acampamento. Botas marchando, carroças de cavalos, a barulheira de colheres e ferramentas.

Apenas quando eu estava quebrada e meio morta aos seus pés, o capitão abaixou as mãos. Ele se virou para a criança.

— Olhe, Orano, é assim que eu lido com os meus inimigos. O que você acha que deveríamos fazer com essa escória? Deixar às margens do rio, para que os outros possam ver o que fazemos àqueles que tentam resistir a nós?

A criança se curvou para o meu lado. Minha visão estava embaçada e eu vi apenas uma luz oval vindo em minha direção.

— É uma mulher — disse a voz da criança.

O capitão se inclinou para frente. Ele ficou quieto por bastante tempo.

— Você tem olhos de lince, meu filho. Você percebe mais alguma coisa?

— Sim, pai, você não vê? Ela está cheia do poder.

— O rio. — O capitão parecia surpreso. — Deve haver mais nisso do que eu

suspeitei. Menino esperto.

As formas curvando-se sobre mim desapareceram. Então, o homem apareceu sentado sobre as suas coxas, ao meu lado, levando algo aos meus lábios.

— Beba.

Minha mandíbula estava esmagada então, mesmo que eu quisesse, não conseguiria. Ele colocou um pouco de água em minha boca, sem se mexer. Depois de um segundo, me deu mais um pouco. Dessa vez eu consegui engolir. A dor diminuiu lentamente.

— Você vê — disse o homem, não falando comigo, mas com a criança —, a água de Anji a cura mais rápido do que eu já vi curar qualquer outra pessoa.

— É porque o poder já flui através dela — disse a criança. — Seu rio e Anji são similares.

— Similares, mas não iguais. — Eu estava perdendo a consciência e mal ouvi suas últimas palavras. — Eu gostaria muito aprender mais sobre esse poder, mas é muito grande e difícil para ser dominado. Há outros como ela: guerreiros do rio impregnados pelo poder da água. O rio tem que ser destruído.

Quando eu acordei, não sabia se era dia ou noite. A barraca estava tão mal-iluminada quando eu chegara. Eu estava deitada de lado, com a minha bochecha contra o tapete macio. Minha boca estava seca. Meu corpo não doía mais. Estiquei um braço, depois o outro. Quando me sentei, pude sentir algo pesado em volta do meu pescoço. Passei os dedos por minha clavícula e encontrei uma coleira de metal sólido cobrindo a minha garganta. De lá, havia uma corrente fina de metal que estava presa com segurança a um anel de ferro no chão.

Algo se moveu dentro da barraca. Eu não estava sozinha. Recuei imediatamente até ser pressionada contra a parede de lona.

— Por que você está vestida como um homem? — perguntou uma voz aguda.

Era a criança. Ele estava sentado em uma montanha de almofadas vermelhas e azuis. Ao seu lado, havia uma lamparina e uma mesa coberta por rolos de papel. Ela me observava sem medo, sem absolutamente nenhuma expressão em seu rostinho. Seu cabelo era curto e escuro, seus olhos quase pretos na luz fraca. Seu pai e os guardas haviam desaparecido.

— Por que você está vestida como um homem?

Fiz um gesto para minhas roupas e balancei a cabeça. Se eu pudesse atrair essa criança para mais perto, eu poderia assustar o capitão para que me deixasse partir. Ou me vingar matando-a. Vingança por ter feito meu povo fugir. Vingança por destruir o meu lar. Eu era a Guerreira do Rio. Vingança era minha para ser

exigida.

A criança me analisou com cuidado.

— Você está certa. Suas roupas não são nem de homem nem de mulher. Você não cortou o cabelo. Quando a vi pela primeira vez, pensei que todos os selvagens usavam os cabelos longos. — Ele se inclinou para frente. — E cheios de conchas de mariscos e caramujos.

Prendi o seu olhar. Tentei convencê-lo a se aproximar. Mas ele não se moveu.

— Você é a única, não é? Você é a única que faz isso.

Mexi a cabeça em afirmação. As conchas em meu cabelo tilintaram.

Havia ossos de aves pernaltas lá também. E dentes de lontra. Eu levantei a mão e o chamei, mas ele balançou a cabeça, ainda sério.

— Não. Você é perigosa. Posso ver isso. Muito perigosa. — Ele apoiou sua cabeça em um lado. — Quase tão perigosa quanto meu pai. — A criança mexeu a cabeça. — Você também viu, porque tem o mesmo poder dentro de você. O mesmo que o meu pai e eu. Ele pode escolher se quer usá-lo ou não. Isso eu não posso fazer.

Ele olhou para o tapete, ficou quieto por um instante, depois voltou a mim.

— Porém, você luta como um homem. Por quê? Você não precisa. Você poderia ficar em casa bordando e tocando o cinna se quisesse.

— Então, quem protegeria o meu povo? Meu Rio? — As palavras arranharam minha garganta. Eu não lembrava quando tinha sido a última vez que eu falara.

— Os homens, é claro.

— Por que eles e não eu?

O menino ficou sentado quieto por bastante tempo e, pela primeira vez, eu vi sua expressão mudar. Ele mordeu seu lábio superior, pensativo, e parecia inquieto. Até mesmo preocupado.

— Eles são mais fortes?

— Eu matei centenas dos homens fortes de seu pai.

— Mas você é diferente. Você é… — Ele não conseguia encontrar a palavra certa.

— Eu sou a Guerreira do Rio. Eu dediquei minha vida ao Rio. Ela me presenteou com a força vital. Não se importa com o que tenho entre minhas pernas.

O menino enrubesceu e se virou. Eu me encolhi em meu canto e apoiei minha testa em meus joelhos.

Eu tenho que encontrar um jeito de escapar. Escapar ou fugir – mas primeiro

preciso impor a minha vingança. Um pouco mais tarde, o capitão entrou na barraca com roupas de viagem. Ele caminhou até seu filho.

— Ela já disse alguma coisa?

O menino me olhou rapidamente.

— Não, pai. Pergunto-me se ela é muda. Ou fez um juramento de silêncio.

— Que irritante. Eu podia forçá-la a falar, mas não temos tempo. Temos que tirar o poder desse rio o quanto antes. Mandei chamar Sonan. Ele vai nos encontrar na fonte. Meus mapas indicam que está a alguns dias de viagem, no leste.

— Como você vai tirar o poder do rio, pai?

— Sonan está trazendo os meus registros — respondeu o capitão enquanto juntava algumas coisas da barraca. — Estou certo que a resposta se encontra lá.

Palavras escritas – como se eles pudessem tirar o poder de meu Rio poderoso! E ele queria viajar subindo o rio. Bom. Isso daria ao meu povo tempo o suficiente para fugir em suas canoas. Sorri para mim mesma. O homem pareceu sentir isso. Ele veio até a mim.

— Acredito que a selvagem será útil. Na hora certa.

Suas palavras fizeram meu coração parar por um instante. Eu e o Rio éramos um. Mas talvez tortura pudesse tirar segredos de mim. Eu não sabia como o Rio podia ser morto, mas talvez eu soubesse de outra coisa que poderia ser útil para ele.

Eu tinha que morrer. Era a única resposta. Era a única maneira de salvar o Rio. Mas, ainda assim, era como se ele pudesse ver dentro de mim e ler meus pensamentos.

— Eu adiei sua morte para o futuro. Não é mais uma escolha sua.

Esse homem tinha quebrado todos os ossos do meu corpo sem me tocar. Eu não duvidava que ele podia decidir o dia da minha morte.

***

Viajamos ao leste com um exército reduzido. O capitão, seu filho, seus oficiais e cinquenta e poucos homens. Cerca da metade deles estava a cavalo; o resto ia a pé. A ponta traseira trazia algumas mulas carregadas com a barraca do capitão e suprimentos. Eu estava amarrada à sela do último cavalo. Um acréscimo aos saques da guerra. Eu mal podia ver o capitão e seu filho cavalgando, estavam bem cercados pelo seu grupo.

A água que me deram para beber era realmente potente e curou todos os

meus ferimentos. Nem mesmo a água do Rio tinha propriedades de cura tão rápidas. Estávamos atravessando minha terra. Foi aqui que eu vivi e trabalhei e brinquei desde que Onna me seduziu para a sua barraca de lama com aquela tigela de peixe e pão fresco, há tantos anos. Sem dinheiro e morrendo de fome, eu vagara pelo vilarejo por muitos dias, roubando comida onde eu podia. Mas Onna me deu comida e depois um lar. Sem pedir por pagamento. Sem pedir nada em troca.

Os arbustos e árvores se abriram e caminhamos pela encosta do primeiro monte. Rio estava à nossa esquerda, longe demais para ser ouvida. Mas desde que eu me tornei uma Guerreira do Rio, sou capaz de sentir a presença dela, independentemente da distância que eu tenha vagado. O chão era bom. Firme e resistente sob os pés, fácil de caminhar. Caminhei com a postura ereta, como é digno do povo do Rio. Eu me considerava um deles, embora eu tenha chegado depois.

Onna me contou depois que ela, no início, tinha pensado que eu era muito mais jovem por causa das minhas pernas magrelas. Quando ousei atravessar a porta, seduzida por aquela primeira tigela de peixe salgado, eu recebi comida quente – sopa de ostras, torta de amora e nozes e cerveja que o seu vizinho fizera. Eu devorei tudo com pressa, convencida de que ela pediria algo em troca. Ninguém me dera nada de graça durante meus anos vagueando. Nunca.

Havia sempre um preço. Eu não acreditava que estava atrás do meu corpo jovem. Ela era uma mulher velha. Pensei que ela devia ser uma daquelas sábias. Talvez ela quisesse minha visão jovem. Ou minhas lembranças. Talvez estivesse levando-as enquanto eu comia, sem que eu soubesse.

— Leve-as — falei. — Leve todas elas.

Ela espremeu seus olhos cheios de água e me olhou. Em seguida, me deu mais torta e não disse nada. Eu pensei com cuidado e encontrei todas as minhas lembranças ainda lá, inteiras e claras como no dia em que foram criadas. Naquela manhã, quando entrei depois de ter ficado a noite toda no chiqueiro. A leitoa dera a luz e eu tinha que me assegurar que ela não rolasse sobre seus novos porquinhos. Dentro do nosso barraco estava quieto. Sem fogo na lareira. Sem café da manhã. Minha mãe e meu pai estavam deitados em suas camas, já inertes. Irmãozinho em seu berço com suas costas arqueadas de dor, também sem se mexer. A doença que os apagou era visível nas bolhas em suas mãos e rostos.

Todos os barracos no vilarejo. Cheios de silêncio e morte. Eu, sozinha no chiqueiro, fui poupada.

Esfreguei meus olhos com as palmas das minhas mãos. As lembranças não

iriam embora. Nada as tiraria de mim.

— Leve-as — gritei. — Pode levar. Eu não aguento mais.

Onna estava quieta e seus olhos eram gentis.

Às vezes desejo que jamais tivesse encontrado tal gentileza. Eu confessei isso à Onna, em meus momentos mais sombrios. Eu a agredi por ter me salvado. Eu a amaldiçoei, cuspi nela, raspei minhas garras em seu rosto. Ela sempre retribuía com amor ainda mais persistente.

Rio me deu Onna. Rio me deu um lar, um povo. Então, ela me deu a sua essência. No final, levou tudo embora.

Eu fui tratada como um animal durante a viagem. Recebi bastante água para beber, mas nitidamente não era água do Rio. Se eu a tivesse recebido, eu poderia ter arrancado minhas algemas. Quando armávamos acampamento à noite, me serviam pão para comer. Eu estava acostumada a jejuar e esse regime me servia perfeitamente. Os homens me deixavam sozinha e não incomodavam muito – apenas um pouco de provocação. Cuspiam no chão na minha frente. Eles me achavam assustadora e repulsiva. Uma mulher mais alta e mais forte do que eles não era algo que podiam tolerar.

Um dia, um cavaleiro solitário chegou do sul. Os olheiros haviam ouvido falar de sua chegada, então ele recebeu passagem livre para o capitão. Montamos acampamento para a noite um pouco depois, mais cedo do que o normal. Prestei muita atenção à organização das tropas. Havia sempre três olheiros quando estávamos nos movendo, um à frente, um atrás e um ao sul. À noite, guardas armados mantinham vigilância nesses três postos. Dois homens guardavam à mim, aos cavalos e às provisões. À noite, eu era acorrentada pelas mãos e pés para que eu não pudesse fugir. As travas e correntes eram de boa qualidade. Tirá-las não era uma opção. Mas elas permitiam uma certa mobilidade e, se eu pudesse me espreitar para longe ou dominar os guardas, conseguiria sair. Eu não tinha interesse em fugir, mas queria matar o capitão.

Os guardas eram bem treinados e não me deram nenhuma oportunidade. Eles não dormiam em seus postos, raramente falavam e estavam em estado constante de alerta. Esses eram homens que tinham controle rígido. Eu nunca os ouvi falando de seu líder. Nem uma palavra. Nem reclamavam.

O dia seguinte começou cedo, enquanto o orvalho ainda estava sobre a grama. Sua umidade refrescou os meus pés. Estávamos bem no alto das colinas agora. Eu ouvi. Ouvi o som das garças-brancas. As garças-brancas são guardiãs do Lago da Tristeza. Dizem que suas penas concedem boa sorte e fortuna. Mas eu sei que não existe algo chamado sorte.

Elas eram um sinal de que o lago estava próximo. Trata-se de um lugar sagrado. Um lugar onde não se pode aproximar com indiferença ou sem uma causa.

Enquanto os homens estavam levando os cavalos, logo chegamos ao pico final que revelava a água transparente e gelada do Lago da Tristeza. Não é um lago grande, mas é profundo, e ninguém sabe o que suas profundezas escondem. Ninguém exceto as garças. O topo das montanhas além do lago era de um branco ofuscante contra o céu límpido de primavera. O céu nunca era tão infinito e límpido no vale.

À nossa esquerda, estava Rio. O capitão ordenou aos seus homens que montassem acampamento, sua voz ecoando sobre o lago. As garças na margem lateral da água levantaram suas cabeças para nos observar. O próprio capitão veio cavalgando até mim. Seu casaco era tão azul quanto o céu. Seus olhos, tão frios quanto a água. Sem uma palavra, ele soltou minha corrente da sela do cavalo e foi embora cavalgando com ela em sua mão. Seu cavalo era agitado e eu tropecei e caí. Três outros cavalos acompanhavam o dele, mas eu não podia ver quem os montava; tive que manter meus olhos no chão debaixo de meus pés. Ele foi em frente até o ponto onde Rio fluía do lago. Ele devia agir agora, imediatamente, e não perder tempo.

Eu despenquei no chão quando ele pôs as rédeas em seu cavalo. Homens apeados. Botas pisaram forte ao meu redor. Depois, uma mão apareceu e puxou minha cabeça para cima no ar.

— Eu achei que precisaria da sua ajuda para tirar o poder do rio — disse o capitão. — Agora, isso não parece ser necessário. — Ele estava agachado ao meu lado e curvando-se sobre mim. Ele abaixou a voz. — Eu tenho registros, sabe. Eu juntei conhecimento de todos os cantos do planeta. Meu filho trouxe o mais importante aqui para mim. Ele fala de lugares como seu rio. Eu sei mais sobre as fontes de poder da Terra do que qualquer outro. A maior parte das pessoas acredita que são apenas lendas e histórias do passado. Mas eu sei que elas são absolutamente reais. E você também sabe. — Ele riu em voz baixa com seu rosto próximo ao meu. O Rio dentro de mim estava lutando contra o poder dentro dele.

— Logo elas serão apenas isso: lendas e histórias, pois eu descobri a chave para que elas se desfaçam e pretendo erradicá-las, uma a uma. O que você acha que pode ser necessário para arrancar o poder de um lugar, pequena guerreira?

Molhei meus lábios, não em preparação para uma resposta, mas, ao contrário,

para ganhar tempo. Minhas mãos estavam livres. Eu fingi cair no chão. Quando ele moveu sua mão para segurar meus cabelos melhor, saltei nele. Minhas mãos se fecharam em volta da sua garganta. Eu tenho mãos fortes. Fortes como Rio. Eu apertei com toda a minha força.

O capitão sorriu.

— Não — disse ele e minhas mãos afrouxaram imediatamente. Alguém estava lá naquele segundo segurando uma espada em minha garganta. O capitão me soltou e eu me levantei.

— Traga-a aqui — disse por cima do ombro. O espadachim me puxou pela camisa e me arrastou pelo chão até a margem de Rio.

Ela não era grande em sua nascente. Vários riachos pequenos dessas montanhas e montes alimentam seu fluxo, mas o Lago da Tristeza era seu maior fornecedor. Ele era a origem de seu poder, embora o mesmo poder não vivesse dentro do lago em si.

Eles estavam lá de pé, o capitão e seu filhinho – um menino com o mesmo queixo fraco so pai. O espadachim me jogou aos pés do capitão. Meu pescoço sangrava e ardia no lugar onde a espada rasgou minha pele. O sangue pingava lentamente no chão junto a Rio. Ela estava cantando. Meu sangue respondia cantando. Em torno de mim, homens estavam de pé sobre chão sagrado, levando armas e aço.

— Tudo o que precisamos — disse o capitão em voz baixa para si mesmo — é de um oaki estrangeiro. Daí o rio não é mais o mesmo. Felizmente, eu tenho exatamente isso.

Ele desamarrou uma odre de seu cinto e a chacoalhou.

— Resta o suficiente. Muito bom.

Ele tirou a rolha e jogou seu conteúdo, que parecia água limpa, no Rio.

As garças voaram imediatamente com um guincho coletivo: dezenas de asas de pássaros gigantes batiam no ar. Eu me joguei dentro da água. Ele soltou a minha corrente e me deixou pular. A água me engolfou. A água em que eu havia nadado e da qual havia bebido tantas vezes. Mas agora não era a mesma. Aquela era uma água de rio normal e gelada. Rio, minha mãe, meu tudo, não estava mais lá. Sem luta ou despedida, o espírito de Rio havia desaparecido.

Sem ela, eu não era nada e não tinha nenhuma proteção. Tudo me afogou de uma vez e meu mundo foi coberto pela escuridão.

Escuridão. Convulsões em meu corpo. A cabeça pesada, cheia de sangue. O cheiro de cavalos em minhas narinas. A boca seca, os lábios rachados.

Amarrada nas costas de um cavalo. Sons de exército ao meu redor: botas, o barulho de armas. Eu abri meus olhos para a visão do flanco de um cavalo marrom, vislumbres de grama, pó jogado por milhares de pés. Fechei meus olhos de novo e deixei a escuridão levar-me.

Água. Límpida e fria e comum. Eu tentei beber, mas derramei a maior parte. Quando tentei levantar a minha cabeça, uma mão me apoiou. Eu bebi mais. Tentei abrir os meus olhos, mas era difícil. Não vi nada, estaria eu cega? Retiraram a tigela de água. Minha cabeça foi levada ao chão, o som de passos leves afastando-se. Fiquei deitada lá, piscando. Depois de um tempo, eu podia discernir um raio de luz. Eu ainda podia ver. Estava deitada no chão em uma barraca sem lamparinas, mas uma luz fraca insinuava-se de fora, talvez o luar. Era noite. Eu movi meus braços, eles estavam soltos. Eu ainda podia sentir a coleira e a corrente em volta do meu pescoço. Meu corpo estava fraco. Toda a força que Rio me dera tinha desaparecido. Assim como a proteção. Eu não podia ouvir seu murmúrio dentro de mim, apenas a batida do meu coração humano.

Os passos rápidos voltaram e uma pequena pessoa apareceu na barraca. Era a criança. Ele se agachou ao meu lado e me deu uma tigela. Eu conseguia me sentar, então a segurei e bebi. Limpei minha boca com minha mão. Ele me passou um pedaço de pão. Eu o peguei e parti com as minhas mãos. Ele cheirava a sal e suor.

— Por que eu estou viva?

A criança não me respondeu imediatamente.

— Eu não sei. — Sua voz era pensativa. — Eu achei que ele fosse te afogar no rio. Mas ele mandou Kuran te capturar para ver você lutar por bastante tempo. Você parecia morta, mas Sonan disse que o seu coração estava batendo. Então meu pai ordenou que você fosse amarrada a um cavalo e trazida conosco.

— Para onde?

— Para casa, em Ohaddin.

— Para o sul.

— Hmm… — Ele me olhou com cuidado. — Você não tem mais o poder dentro de você. Como se sente?

Eu não queria responder nem pensar nisso. Arranquei um pedaço de pão e enfiei-o em minha boca. Meus olhos haviam se acostumado com a escuridão. Agora que eu podia enxergar melhor, notei que aquela era a barraca pessoal do capitão. Eu vi os olhos escuros da criança brilharem na luz esparsa e dentes brancos em sua boca meio aberta enquanto ele observava meus movimentos

cuidadosamente.

— Por que você veio para essas bandas?

— Meu pai precisava de mais dinheiro. Ele esvaziou os cofres com a expansão do palácio em Ohaddin e os impostos não podem subir mais. Ele diz que não tem tempo para uma rebelião de trabalhadores. — O menino bocejou e perguntei-me que horas eram. Onde o capitão estava. — Há um bosque aqui com madeira que não temos em Karenokoi. Conquistamos alguns reinos menores ao norte de Karenokoi para impedi-los de atacar quando meu pai está ocupado com outros negócios. Depois, marchamos para essas terras, que nos disseram ser inabitadas. Vamos enviar madeira por navio para o sul do rio para o mar e, depois, a enviaremos para mais longe e a venderemos onde o preço for bom. Há uma mina de prata aqui também. Pessoas apareceram e lutaram quando chegamos, então meu pai as matou. Elas estavam no caminho.

Ele estava falando do povo do Rio. Quando o inimigo atacou, nós nos defendemos. Mas quando o ataque provou ser insuperável, ordenei aos sobreviventes que fugissem e continuei a luta sozinha.

— Então foi tudo por ouro e prata? Seu pai é um homem ganancioso. — Engoli o último pedaço de pão. Lambi a farinha de meus dedos. Era salgada.

— Sim, ele é. — A criança produziu algumas frutas secas de um bolso e deu-as para mim distraidamente. Eu mastiguei os pedaços duros. — Mas não por ouro e prata. Ele quer governar. O ouro e a prata apenas facilitam.

— Quem ele quer governar?

— Todos. Tudo.

A criança se enrolara sob um cobertor do outro lado da barraca e adormecera. Eu passei os dedos pela minha corrente. Puxei-a até sentir resistência. Em seguida, me arrastei silenciosamente, de quatro, segurando a corrente esticada até chegar a um dos paus da barraca. A corrente estava presa e a trava era robusta. A corrente também. Eu poderia ter serrado o pau da barraca, se tivesse uma ferramenta.

A entrada da barraca estava aberta e mais luar irradiava. Eu congelei. Eu não tinha escutado nada. Meus sentidos antes aguçados estavam adormecidos e inúteis. O capitão fez um som baixo ao entrar na barraca.

— A pequena guerreira está certamente viva. — Ele, então, deixou a aba cair e deu alguns passos dentro da barraca. Acendeu a lamparina, sem pressa, sem se preocupar se estava de costas para mim. Ele fazia tudo com calma. Quando acendeu a lamparina, colocou algo em uma tigela e sentou-se em uma almofada.

Enquanto ele bebericava o conteúdo da tigela, olhou para mim pela primeira vez. Sua boca estava escondida por trás da tigela. Ele me analisou com cuidado, como se tivesse tempo de sobra.

Eu comecei a me encolher em meu canto.

— Tenho me perguntado por que eu poupei a sua vida. — Ele coçou a barba em seu queixo. A criança debaixo do cobertor mexeu-se ligeiramente, perturbado pelo som de sua voz.

— Eu sou um conquistador. Eu conquisto áreas, recursos, populações. Pessoas e suas mentes. Você sabe por que eu tenho o exército mais disciplinado dos últimos cem anos? Eles me temem, pequena guerreira, da mesma forma que você me teme agora.

Eu afundei minha cabeça nos meus ombros.

— Antes, você não me temia. Mas você estava errada, não estava? Todos deveriam me temer. A maioria não sabe por que, mas sentem medo de qualquer forma. Ele se esticou e bocejou, subitamente entediado. — É quase fácil demais. Eu tomo o que eu quero. Talvez eu consiga que o meu nome receba o apêndice "o Conquistador."

Ele se levantou e andou em minha direção. Eu tentei me espremer contra o chão, ficar invisível. Eu nunca tinha sentido tanto medo como senti naquele momento. O poder de Rio me abandonara e levara todas as minhas defesas. Todas as sensações que eu anteriormente conseguia conter me tomavam agora com tamanha força que eu mal podia respirar. Eu não lutei quando ele arrancou minhas calças.

Quando ele terminou, se limpou nas minhas roupas. Eu me encolhi e me afastei com meus braços em torno de minha cabeça. Tudo tinha o seu cheiro.

Antes de apagar a lamparina, vi um movimento pelo canto do meu olho, onde eu espiava por entre meus braços. Era a criança se virando e puxando a coberta para cobrir a cabeça.

Depois disso, o capitão mudou seu comportamento comigo. Ele gostava de me submeter à humilhação. Ele usava meu sangue para artes obscuras que eu desconheço totalmente. Eu não quero saber.

A criança às vezes ia buscar água e pão para a noite.

— Qual é o seu nome? — sussurrou quando seu pai terminou o que fazia comigo e caiu no sono. Ele estava sentado a uma curta distância de mim, por causa do cheiro. Eu comi rapidamente, com muita fome. Antes de alguém nos descobrir e tirar o pão de mim.

— Sulani.

A criança hesitou por um momento. Eu olhei para ele. Ele estava mordendo o lábio.

— Meu nome é Orano.

Eu já tinha escutado seu nome. Seu pai havia chamado. Porém, ele hesitou antes de dizê-lo.

— Onde está sua mãe, Orano?

— Em casa, em Ohaddin. No dairahesi onde as mulheres deviam estar. — Ele jogou sua cabeça para cima. — Eu acompanho o meu pai na batalha. Já tenho idade o suficiente. Ele me ensina tudo. Eu sou o mais jovem, mas ele me ama mais.

— O que sua mãe lhe ensinou?

— Outras coisas — respondeu Orano brevemente. — Coisas menos importantes.

— Mais comida.

Ele vasculhou seus bolsos e encontrou algo. Estendeu uma mão cheia de nozes.

Agarrei o seu pulso e o puxei em minha direção. As nozes caíram no chão com um barulhinho suave. Segurei seu corpo magro contra minhas roupas imundas e vi seu rosto, normalmente sem expressão, se contorcer. Torci seus pulsos magros com força. Ele não gritou.

— Grite pelo seu pai para que ele possa te ver morrer.

— Ele vai te matar.

— Mas primeiro eu vou me vingar. Ele vai testemunhar a sua morte e vai saber que a culpa é dele. Ele nunca mais vai ser o mesmo.

Sussurrei essas últimas palavras direto no rosto do fedelho. Mexi minhas mãos em torno do seu pescoço.

— Grite! Chame o seu pai!

— Não — disse ele, da mesma forma que seu pai dissera quando eu tinha minhas mãos em torno de seu pescoço. Essa era apenas uma palavra, mas era ainda mais do que uma mera recusa. — Não — repetiu. — Você não vai me matar.

Era simplesmente um fato. Apertei com mais força. Seus olhos incharam, mas ele não lutou.

Seu rosto ficou cada vez mais escuro. Eu abri minha boca para gritar e acordar o capitão. Para conseguir minha vingança antes que me matasse.

O tempo parou. Não havia nada, exceto o pulsar rápido de uma criança contra

a palma da minha mão, minha respiração, o calor do pequeno corpo contra o meu.

Eu soltei e o empurrei para longe. A guerreira tinha ido embora para sempre. Eu recuei e afundei meu rosto contra o tapete. Apenas Sulani restava.

Orano se arrastou para longe de mim. Ouvi pequenos sons quebrados.

Uma mão estendeu-se e jogou as nozes em uma pequena pilha diante de mim.

***

Chegamos a Ohaddin ao anoitecer. O exército parou diante de um muro alto e apenas o capitão e seus homens mais próximos passaram de cavalo pelo portão. Fui acorrentada mais uma vez a um cavalo de carga levado por um guarda. Do outro lado do muro, havia um monte de casas cujo estilo eu jamais havia visto, com telhados planos. Lanternas penduradas às portas e lamparinas brilhavam através das janelas, formando poças nas ruas. Eu podia ouvir vozes de adultos e crianças, o som de bodes e o canto de algum tipo de pássaro. O ar cheirava a fumaça, comida e esterco. Eu jamais havia visto uma cidade tão grande antes e, apesar do meu cansaço, me forcei a olhar à minha volta. Eu tinha que saber aonde eles haviam me levado.

Chegamos a outro muro, onde um portão menor se abriu para o capitão. Aqui, a maior parte de seu grupo se separou e apenas o capitão e seus filhos entraram. O guarda que guiava o meu cavalo deu um tapa no traseiro do animal para que ele atravessasse o portão sozinho. Ele foi recebido do outro lado por um guarda, com a cabeça raspada e vestido de azul, que o levou adiante sem dizer uma palavra.

Nos encontramos em um parque cercado por muros. Eu não exergava o seu tamanho na meia-luz. Ao leste, havia um pequeno aglomerado de grandes prédios vermelhos com colunas e vários andares.

Ao oeste, havia um grupo de construções menores, mas igualmente extravagantes. Entre eles, havia um jardim.

Eu não conseguia ver muito da vegetação na escuridão crescente, mas eu podia ouvir o som de água corrente, canto de pássaros e do vento passando por folhas secas. Dos prédios ao leste, eu podia ouvir música e riso, daqueles ao oeste, não havia sons, embora as janelas estivessem iluminadas. Quando o cavalo parou junto a uma varanda e abaixou a cabeça, eu fiz o mesmo.

O cavalo seria levado a um compartimento em um estábulo quente.

Alimentado, talvez escovado.

Eu não sabia o que seria de mim.

Dois novos guardas, também com as cabeças raspadas – um baixo e atarracado e outro alto e barbado – saíram de uma passagem dourada. O atarracado abriu a trava que prendia minha corrente à sela do cavalo e tomou-a em suas mãos. Ele me guiou pela varanda e através de uma porta, com o guarda alto nos seguindo. Ele fechou e abriu as portas. Eu estava no palácio do capitão em Ohaddin.

Fui levada por uma passagem longa, com muitas portas e arcos, para um pátio aberto com um lago. No pátio, havia escadas que levavam para cima. O guarda me levou, subindo as escadas. Não vi ninguém em lugar nenhum nem ouvi barulhos além das minhas correntes.

Chegamos à outra entrada dourada. O guarda a destrancou e veio em minha direção. Eu recuei. Ele resmungou com impaciência, agarrou a argola de meu pescoço e destravou-a também. Em seguida, ele me deu um empurrãozinho me fazendo tropeçar, entrando pelas portas. Elas se fecharam atrás de mim. Eu estava no dairahesi do capitão.

Encontrei-me em um salão com um teto alto. No meio da sala, havia uma fonte tão branca como as garças do Lago da Tristeza. Janelas dos dois lados estavam abertas para o ar noturno. O salão estava bem iluminado por velas e lamparinas, e o chão estava coberto por tapetes grossos. Em torno de duas mesas baixas de madeira escura, havia montanhas de almofadas grandes nas quais as mulheres estavam sentadas. À uma mesa, todas as mulheres eram jovens, com cabelos pretos e longos, casacos de cores fortes e pilhas de joias. Elas eram tão parecidas que me confundiam; eu não conseguia calcular quantas delas havia. Em suas mesas, havia bordado, cartas, dados e pratos de fruta e outras coisas boas de comer. Em volta delas, crianças de diferentes idades brincavam.

Ao redor da outra mesa, estavam sentadas três mulheres. Uma era idosa, com fios brancos em meio aos cabelos escuros e as mãos enrugadas de uma mulher velha. Sua roupa era cara, mas muito mais simples do que as das mulheres jovens. O cabelo da segunda mulher era extremamente claro. Suas calças e jaqueta eram simples e marrons. Ela também não usava nenhuma joia, apenas um pente em seu cabelo branco. Sua pele era de uma cor diferente da minha e da mulher de cabelos escuros; ela variava de marrom a vermelho. A última mulher tinha a pele mais escura do que qualquer outra que eu já tinha visto, seus cabelos eram encaracolados e seus olhos, arredondados. Era muito difícil saber qual era a sua idade, mas o seu olhar me disse que ela era mais velha do que eu. Em suas

orelhas e em torno de sua garganta havia estranhos objetos entrelaçados, pendurados com pérolas e conchas de caramujo nos fios.

— O que é isso? — gritou uma das mulheres de cabelos pretos. — De onde isso veio? — Ela cobriu a boca com a mão em reação ao meu fedor.

— Não seja ridícula — disse a mulher velha com amargura. — Iskan deve tê-la trazido para cá. Eu ouvi dos serviçais que ela era esperada esta noite.

A mulher de cabelo branco se virou para ela.

— Isso significa que Orano também veio para casa. — A mulher velha sorriu e, desse sorriso, percebi que ela era a mãe de Orano. — Pedi que fizessem seus pratos preferidos. — Ela estava prestes a dizer outra coisa, mas foi interrompida por uma das mulheres jovens.

— Ela vai ficar parada aí? Com certeza não esperam que ela viva aqui. Eu me recuso a dormir no mesmo quarto que ela.

— Você deseja desafiar os desejos do seu amo? — disse a mulher de cabelos escuros com uma voz grave. — Quer mandar para ele a mensagem: eu não quero viver com a sua mais nova mulher? Assim ele vai lhe dar o seu próprio quarto, Aberra?

O silêncio tomou a mesa das mulheres jovens. A mulher de cabelo branco sorriu com desdém. Finalmente, outra das mulheres jovens se levantou, uma com muitas argolas em torno de seus braços e tornozelos.

— Bem, com certeza estou feliz de ter meu próprio quarto. Vou me recolher agora. Meu amo com certeza me chamará esta noite. — Ela deixou o salão através de uma porta pequena e as outras fizeram caretas às suas costas.

— Ela devia tomar cuidado — disse uma que elas chamaram de Aberra. — Ela é a favorita há muito tempo. Ele provavelmente vai mudar de ideia logo.

— Talvez essa — disse uma das outras gesticulando em minha direção. Elas riram. Mas a mulher mais velha olhou para mim, pensativa.

— O que faremos com ela? — perguntou em voz baixa para a mulher de cabelo branco.

As paredes ao seu redor começaram a se distorcer diante de meus olhos. Senti-me oscilando para frente e para trás. Fazia muito tempo que eu não comia nem bebia nada.

Então, uma mulher surgiu de um canto escuro e deslizou silenciosamente até mim. Eu vi um nariz grande, cabelos em uma trança austera, lábios grossos. Depois tudo ficou escuro.

Eu acordei. Tudo era macio. Uma cama, almofadas, seda contra seda.

Alguém estava dando água em minha boca, mas não era Orano. Não eram as mãos de uma criança; eram mãos grandes e fortes. A escuridão veio e partiu enquanto eu oscilava entre a consciência e a inconsciência. Meu corpo não queria estar acordado. O sono se tornou uma fuga. Aquelas mãos estavam me servindo sopa, alimentos macios, remédios amargos. Às vezes, eu podia sentir as mãos passando pelo meu corpo, lavando ferimentos, colocando curativos. Sempre com a mesma ternura, a mesma suavidade. Eu mantinha meus olhos fechados até quando eu estava acordada.

Às vezes, eu era mandada para ele também. Ele fazia sexo comigo. Depois, havia mais partes do meu corpo a serem lavadas. Mais ferimentos para cuidar. Eu mantive meus olhos fechados. Eu estava atrás deles, mas ele não podia me enxergar.

Então, um dia se passou sem ele, depois dois, depois mais. Eu abri os olhos e vi a luz do sol. Uma janela com grades, armários, tapetes, travesseiros. Um pássaro cantando em uma árvore lá fora: uma cotovia. Meu corpo não doía mais tanto. Sentei-me na cama. Havia uma porta; ela estava fechada. Quando tentei me levantar, minhas pernas não quiseram me carregar e eu caí de volta à cama com um gemido. A porta abriu e ela entrou; aquela com o nariz grande e as mãos delicadas.

Ela ficou imediatamente ao meu lado, me ajudando a ficar em uma posição confortável. Ela cuidou do meu ferimento mais recente, onde ele me cortara no canto da boca.

— Você consegue comer?

Passei a língua nas feridas dentro de minha boca. Abri-a com um esforço, fiz uma careta e balancei a cabeça.

— Você quer tomar banho? Beber? — Sua voz era rouca. Eu gostei disso. Fiz um sinal positivo com a cabeça. Ela deu um sorriso torto. — Muito bem. Então vamos lavá-la primeiro. Espere um instante.

Enquanto ela não estava, eu não me movi e fiquei encostada contra uma almofada. O sol que estava sendo filtrado através das grades da janela esquentava minhas pernas. Eu estava nua, mas me recusava a olhar para o meu corpo. Eu sempre carreguei cicatrizes com orgulho. Elas eram prova que eu lutara bem. Mas esses ferimentos não haviam sido causados em batalha.

Ela voltou com uma roupa azul grande e a enrolou em mim. Em seguida, me levou, lenta e pacientemente, para fora do quarto, através do grande salão com a fonte – onde diversos olhos nos seguiram, mas ninguém falou – através de outra porta e descendo uma escada. A última porta dava para um cômodo cheio de

vapor. Ela me ajudou entrar em um tonel de água quente e eu gemi, porque queimava meus inúmeros ferimentos e feridas. Então, a dor foi substituída por prazer. Minha companhia dobrou as calças e entrou na água, e começou a lavar meu corpo e meus cabelos com algo que fazia espuma e tinha um cheiro muito bom. Algumas vezes, tocou em lugares que ele havia tocado e meu primeiro instinto foi recuar. Mas essas eram mãos delicadas que queriam o meu bem. Finalmente, eu pude me livrar da imagem de um homem em cima de mim, dentro de mim, e simplesmente aceitar os cuidados dela.

Precisou esfregar muito para limpar toda a minha sujeira. Quando eu estava de cama, ela me lavou com pedaços de pano, mas havia limites. Meu cabelo precisava ser muito esfregado; ele estava embaraçado e cheio de coisas secas. Ela teve de cortar bastante com uma tesoura. Ela removeu as conchas de caramujo e os ossos de pássaros do meu cabelo sem uma palavra. Eles pertenciam à guerreira que eu não era mais.

Depois, ela me secou com cuidado e passou pomadas de cheiro forte em minhas feridas. Eu fiquei de pé, parada, passiva e deixei tudo acontecer. Então, quando ela terminou e me envolveu com outra roupa, eu abri minha boca para falar pela primeira vez.

— Seu nome?

Ela olhou para o chão, como se tivesse ficado subitamente tímida.

— Estegi.

— Sulani.

Ela olhou para cima.

— Eu sei. — Quando pareci confusa, ela acrescentou: — Orano contou para sua mãe sobre você. Sabemos um pouco sobre quem você é.

— E você? Você é uma… — Eu não sabia que palavra eu devia usar. Tudo isso, das portas douradas à comida, o banho, os cheiros, os sons, tudo era estranho para mim. — Esposa?

Ela riu entredentes.

— Sou uma serviçal. Sirvo o dairahesi do Vizir desde que era criança. Antes disso, eu servia a mãe dele.

— Obrigada.

Ela entendeu o que eu quis dizer e olhou para mim seriamente. Ela enrolou o pano em torno do meu peito com cuidado. Deu um nó e um tapinha. Suas mãos não eram velhas, mas também não eram jovens. Ela era mais velha do que eu, mas eu não sabia dizer o quanto. Por impulso, eu segurei uma de suas mãos, senti os ossos contra a palma da minha, levei aos meus lábios e a beijei.

Estegi parou. Olhou para mim enquanto meus lábios estavam sobre a sua pele. Um rubor subiu do seu pescoço até as maçãs do seu rosto. Ela soltou a mão abruptamente. Talvez eu tivesse feito algo errado. Eu abaixei minhas mãos e não me movi até ela abrir a porta e me levar pelas escadas novamente.

Quando a noite caiu, eu pensei sobre o nome dela. Estegi. Era parecido com o meu.

O capitão não gostava que eu estivesse limpa e cheirando bem. Seu interesse desapareceu depois que eu tomei banho. Ele mandava me buscar, mas não todas as noites, e suas perversões diminuíram. Minhas feridas sararam.

Mantive-me reservada. As outras mulheres, com seus artesanatos, suas roupas, sua fofoca e concertos no jardim, não queriam saber de mim e nem eu delas. A mais velha, que eu soube mais tarde ser a primeira esposa, Kabira, parecia raramente estar no dairahesi. A de cabelo branco, Garai, eu via às vezes caminhando no jardim. Orseola, a de pele escura, estava com frequência no palácio do Soberano à noite e dormia durante o dia.

Era Estegi que me fazia companhia. Ela sempre tinha muitos afazeres – era a serviçal pessoal de Kabira e ela a mantinha ocupada –, mas sempre que tinha uma folga ela vinha para o meu quarto. Ela me trazia comida. Ela me ajudara a fortalecer em meus braços e pernas quando meus ferimentos sararam, e assim eu podia me mover novamente. Ela me apoiava enquanto andávamos pelo jardim e apontava para todas as suas maravilhas.

Mas ela era a maior de todas.

Ela juntou todos os pedacinhos do que tinha restado de mim. Do meu corpo. Do meu próprio ser. Com seu cuidado, ela me costurou até eu ser uma pessoa inteira de novo. Tão inteira quanto uma pessoa como eu pode ser. Desde aquelas primeiras caminhadas nos jardins de Ohaddin, ela é a minha força. Todos sempre me viam como a forte, a protetora. Aquela que mantém os outros seguros. Mas, para mim, Estegi era a única segurança que esse mundo ofereceu.

Kabira

UMA NOVA ESCURIDÃO SE APOSSOU DE ISKAN. ELE BEBIA CADA VEZ MAIS DA água escura de Anji. Aqueles olhos castanhos, antes tão bonitos, haviam escurecido a ponto que suas pupilas e irises se fundirem. Por fora, estava calmo e controlado como sempre, mas a escuridão estava crescendo dentro dele. Ele se utilizava disso de maneiras que eu nunca imaginei serem possíveis. Estegi contou para mim e para Garai o que ele tinha feito com Sulani e sua aparência depois disso. Estegi achava difícil encontrar palavras para descrever; ela fraquejava, gesticulava, depois desistia e olhava para nós com enormes olhos desamparados. Não havia nada que pudéssemos fazer. Nada que tivéssemos coragem, pois ninguém queria atrair a atenção de Iskan. Ele devia estar enfrentando dificuldades fora de Ohaddin que não tínhamos conhecimento, mas que estavam turvando sua mente. Algo estava fazendo com que bebesse o oaki com cada vez mais frequência. O dairahesi era um mundo fechado e pouquíssimas informações sobre o mundo exterior nos alcançava. Sonan estava casado com a filha de um dos homens de mais confiança do Soberano. Eu fiquei feliz, porque tanto Korin quanto Enon haviam se casado com filhas de governadores em outros distritos onde agora exerciam poder e eles vinham muito raramente a Ohaddin. Apesar de Sonan e sua esposa viverem dentro da área do palácio de Ohaddin, eu raramente o encontrava. Ele tinha seu próprio filho e deveres impostos por seu pai. Ele se tornara um homem com pouquíssimo tempo para a sua mãe.

A única que não tinha medo de Iskan durante esses tempos sombrios era Esiko. Ela morava comigo, mas quase não passava o tempo em meu quarto. A maior parte do tempo, ela era a sombra do seu pai e o seguia a todo lugar que ele ia: excursões de Ohaddin, supervisionando o comércio, aconselhando o Soberano idoso e fraco, e em suas visitas a Anji. Ele não tinha segredos com ela. Embora ela tivesse muitos comigo.

Certa vez, eu entrei em meu quarto depois de me lavar e a vi vestida com um

dos casacos antigos de Garai, um que ela ganhara quando chegara e era a favorita de Iskan. Era azul-claro com um bordado elaborado e não caía bem em Esiko, nem um pouco – a cor era completamente errada para sua pele e cabelo. Era a primeira vez que eu a vi vestindo roupas de mulher e congelei à porta. Ela havia colocado algumas de minhas joias em seus pulsos finos e em seu pescoço. Esiko encontrou o meu olhar no espelho, despreocupada.

— O que você está fazendo? — perguntei, fazendo um esforço para manter minha voz calma.

— Eu queria saber como seria ser como uma mulher — respondeu e balançou os braços, pensativa. — É difícil me mexer nesse tecido pesado.

— Acostume-se — respondi e entrei rapidamente e fechei a porta. Eu não podia arriscar que alguém a visse.

Ela deixou os braceletes caírem ruidosamente no chão e tirou o casaco tão rápido quanto um gato.

— Sorte que eu não preciso.

Suas costelas nuas ainda eram completamente planas, sem nenhum sinal de formação de seios. Seus quadris eram estreitos, sem insinuação de curvas. Eu estudava seu corpo todos os dias e procurava sinais de que ela estava se tornando uma mulher. Eu sabia que eu devia ter elaborado um plano para quando isso acontecesse. Como eu iria esconder isso de Iskan? Como poderia salvar minha filha? Porém, eu não conseguia refletir a respeito. Eu queria mantê-la comigo para sempre, como minha filha secreta, e eu me recusava a admitir a mim mesma ou a Garai que o tempo estava marchando implacavelmente e estávamos nos aproximando cada vez mais do dia que o corpo dela nos trairia.

***

Fiquei de pé em cima do muro e observei-os cavalgando para dentro da madrugada. Iskan me permitira sair do dairahesi pela primeira vez desde que ele me trouxera para Ohaddin de Areko, mais de vinte anos antes. Esiko estava ao meu lado. Meus três filhos estavam cavalgando à frente do exército, em três garanhões pretos. Bandeiras tremulavam no vento forte. Eu me apoiei contra os parapeitos ásperos do muro. Quando o sol nasceu, seus raios precisos encontraram a armadura nos peitos de homem e animal. Eu vi três jovens na aurora de suas vidas e, ao mesmo tempo, três menininhos indo para longe de sua mãe.

Eles haviam ido à batalha antes, mas nunca tão longe. Iskan explicara para

Esiko, que depois explicou para mim, que um novo poder ascendera no noroeste. Elian elevou-se contra a autoridade de Karenokoi e começou a tomar estados vassalos em sua fronteira. Eles haviam dominado dois estados, Baklat e Nernai, que, segundo Esiko, eram cruciais para a economia de Karenokoi. Eles forneciam grãos para todo o reino. Especiarias eram agora o único plantio realizado em Renka e os distritos ao redor de Ohaddin e elas eram sua fonte de ouro. Ouro, mas não pão ou arroz. Os preços dos alimentos haviam subido muito. Agora, outros governadores de distrito estavam olhando para o noroeste, ou com medo da invasão por Elian ou começando a vislumbrar uma oportunidade. Iskan não era um líder popular, pois era o líder verdadeiro agora e todos sabiam disso. O Príncipe Soberano era um velho confuso. Toda a sua força foi sugada após a morte de seus filhos. Eu não acredito que haja ainda necessidade de Iskan dar-lhe a água escura de Anji. Ele já perdera toda vontade de viver e não saía mais de seu quarto. Já estava muito velho; ninguém o culpava. A sucessão do trono não estava nítida – quem era o próximo com os filhos do Soberano mortos? Um de seus filhos ilegítimos? Nenhum deles ousara enfrentar Iskan. Todos sabiam a consequência de um motim aberto: morte instantânea.

Embora Esiko não falasse isso, fiquei sabendo por Estegi que a causa principal da rebelião em Elian era o comércio de escravos. Escravos eram um produto de exportação que Iskan introduzira no comércio de Karenokoi. Ele foi inspirado por Harrera, onde comprara Garai há tanto tempo. Vender mulheres era rentável e ele precisava de mais ouro para sua expansão perpétua. Iskan queria se apropriar do maior número possível de fontes de poder para destruí-las. Ele estava condenado pelo medo de que outra pessoa se tornasse um mestre da profecia e da morte como ele e depois o usasse para atacá-lo. Sob o comando do Vizir, jovens mulheres eram sequestradas de vilarejos pobres em Karenokoi e além. Isso tinha ido tão longe que mães em certas regiões, onde havia mais olheiros à procura de escravas, tais como Elian, desfiguravam suas filhas, raspando suas cabeças, cortando ou queimando seus rostos, arrancando os seus dentes. Qualquer coisa podia para mantê-las seguras. Aquelas nascidas com um lábio defeituoso ou marcas de nascença eram consideradas abençoadas.

Iskan alegava não ter alternativa além de enviar seus filhos para liderar as tropas. Naturalmente, ele não podia ir porque era velho demais. Importante demais. Mas ele estava tendo problemas com a população. Eles o desprezavam do fundo de suas barrigas vazias. Ele não podia reprimi-los sob ameaça de morte, pois eles já estavam cara a cara com a morte. Por muito tempo, ele conseguira mantê-los submissos com o culto que construíra em torno do Príncipe Soberano,

como uma espécie de pai infalível a ser reverenciado. Mas há muitos anos eles não viam o Soberano. Todos sabiam quem governava e uma revolta estava no horizonte. Iskan não queria matar mais pessoas do que o necessário: pessoas eram mão de obra e, assim, necessárias para as cruciais plantações de especiarias. Ele tentara substituir alguns, que haviam morrido na última grande fome, por escravos comprados de Harrera, mas sem sucesso. Agora, ele estava tentando inspirar cooperação, apresentando Elian como seu verdadeiro inimigo em comum: Karenokoi está sendo atacada – temos todos de nos unir para lutar contra os invasores! Esiko me contou que ele estava tentando fortemente manipular a perspectiva das pessoas sobre a guerra. Eu não sei o quão bem sucedidas foram suas tentativas. Tudo o que eu sabia era que meus filhos eram parte da sua campanha.

Parecia que Iskan não confiava mais em ninguém, exceto em seus filhos e, talvez, nem neles. Na noite anterior, Sonan me contara que ele desconfiava muito até de Korin. Ele o acusara de reter recursos em Amdurabi.

— Que planos você tem para o ouro? — Iskan perguntara. — Para alistar seus próprios soldados, talvez? Para marchar contra os exércitos de quem? Estou te avisando: você não pode se revoltar contra mim, entendeu? Ninguém pode, mas especialmente você!

Korin ficou com a cabeça caída e os punhos cerrados e assegurou a seu pai que o ouro era para alimentar a população e nada mais. Que ele era um filho bom e obediente, que queria seguir os desejos de seu pai de todas as maneiras. Entretanto, ele suplicou modestamente que pudesse ficar em casa em Amdurabi e não participar da campanha contra Elian. Hánai, sua esposa, estava grávida de novo, e ele realmente deveria…

— Deveria o quê? — debochou Iskan. — Segurar sua mão enquanto ela sente dores? Eu tenho certeza de que sei seus reais motivos. Não se preocupe. Você irá para batalha com honra. Eu o nomeio oficial comandante da campanha.

Korin agradeceu seu pai por essa grande honra, mas quando Iskan virou-se, seus olhos estavam cheios de ódio. Korin já era um homem de meia-idade e se ressentia profundamente por receber ordens de seu pai como se fosse um menino e não um governador por direito próprio com seis filhos e um sétimo a caminho. Ele não se importava com o seu povo mais do que Iskan se importava, mas não estava tão desligado da realidade como seu pai. Se a população de Amdurabi se revoltasse contra o seu governador, não haveria muito que ele poderia fazer. Se deixasse seu distrito, a situação seria ainda mais incerta.

Sonan e eu conversamos até tarde naquela noite, com Esiko ao lado do irmão,

absorvendo cada palavra. Apesar da intimidade com seu pai, eu sabia que podíamos falar livremente em sua companhia. Ela jamais me traíra ou nos traíra para o seu pai. Ela simplesmente guardou tudo o que lhe contamos e tudo que eu lhe contei em sua cabecinha, seu rosto como uma máscara inexpressiva. Eu nunca sabia o que ela estava pensando e, às vezes, eu queria chacoalhá-la até me deixar entrar, me permitir conhecer seu verdadeiro eu. Eu nunca pude me aproximar realmente de Sonan. A distância que Izane criara entre nós quando ele era pequeno foi grande demais, mesmo tendo diminuído nos últimos anos. Porém, esperava que Esiko fosse minha desde o início.

Sonan estava com medo. Ele não havia dito isso – nenhum jovem comentaria isso com sua mãe na noite anterior que partiria à batalha. Apesar de sua idade, ele nunca participara de uma guerra antes. Ele se casara recentemente, tinha uma filha pequena e nenhum desejo de deixar seu lar. Porém, fazia tudo o que seu pai e seus irmãos o mandavam fazer.

— Eu não sou nenhum guerreiro, mãe — confessou em voz baixa enquanto Estegi tirava nossa refeição. — Também não sou um líder. Meu pai me nomeou líder de um grupo de mercenários de arqueiros de cavalaria em Tane. Esses são homens cascudos, mãe. Amadurecidos na batalha, mestres em sua arte. Eles desprezam a mim e à minha inexperiência. Eu não os culpo.

— Você pode aprender muito com aqueles arqueiros — disse Esiko. — Você gosta de arco e flecha, não gosta? Não há ninguém que possa atirar de um cavalo como os cavaleiros de Tane.

Sonan respondeu resmungando algo ininteligível e logo se levantou. Eu queria segurá-lo, mas não consegui pensar em uma razão para ele ficar. Ele se inclinou e beijou meu rosto.

— Se alguma coisa acontecer comigo… sei que sua influência é limitada, mas tente cuidar da minha esposa e da minha filha. Considerando que não tenho filhos, eu sei que minha família não é importante para meu pai.

— Não fale essas coisas, meu filho — respondi, puxando-o com urgência contra meu peito, abraçando-o mais forte do que nunca. Eu o abracei como eu desejara quando ele era pequeno e sujeito à crueldade de Izani. — Você vai voltar para todos nós, bem e inteiro.

— Eu vou me certificar que elas tenham tudo o que precisarem — disse Esiko calmamente para seu irmão. — Você não precisa partir com um peso no coração.

Sonan se soltou gentilmente de meu abraço. Ele deu um tapa nas costas de seu irmão mais novo.

— Eu sei que posso contar com você, Orano. E o pai te escuta. Viva bem,

irmãozinho.

— Você também, irmão.

Eles se beijaram afetuosamente nas bochechas. Esiko e Sonan sempre se deram bem.

Sonan me deu um último beijo.

— Tenho de ir. Minha esposa prometeu ficar acordada para me ver e eu não quero fazê-la esperar. Viva bem, estimada mãe.

Ele partiu e nós ficamos sozinhas. Eu escondi meu rosto em minhas mãos. Embora estivesse arrasada por Iskan ter enviado os três juntos, eu esperava que Korin e Enon cuidassem de seu irmão mais novo.

— O pai está enviando um suprimento de água boa de Anji para protegê-los — disse Esiko para mim e bocejou. Ela começou a apagar as lamparinas a óleo, uma por uma. Estegi fora mandada para cama. Levantei os olhos e admirei o perfil de Esiko na escuridão crescente. Seus quadris estavam começando a adquirir curvas; não se podia dizer o contrário. Os botões de seus seios podiam ser escondidos debaixo de casacos pesados de seda, mas os quadris… E seu rosto inteiro tinha começado a assumir contornos mais femininos. Logo nosso segredo não poderia ser escondido de ninguém. Eu ainda não sei como a protegeríamos.

— Isso é bom. Então, eles estão seguros — disse, minha mente ainda totalmente ocupada pelo meu desejo de abraçar Sonan.

Esiko parou com uma lamparina apagada em uma mão. Ela olhou para mim com olhos que pareciam subitamente muito mais velhos do que a garota à minha frente.

— O poder de Anji é limitado a este distrito, a Renka — disse. — Ele diminui com a distância que a água viaja e a cada outra fonte de poder por onde passa. Meu pai sabe disso, mas às vezes acho que ele esquece.

Senti um arrepio na espinha e me levantei abruptamente.

— Você viu alguma coisa? Responda, menina!

— Eu vi muitas coisas na água de Anji. Nunca vi as mortes dos meus irmãos refletidas lá.

— O que isso quer dizer? — Minha voz estava tremendo.

— Significa que onde ou quando quer que eles pereçam, mãe, não será aqui.

Fui lembrada de suas palavras enquanto meus filhos viajavam para longe de mim naquela manhã. Eles não sabiam que eu estava sobre o muro vendo a sua partida e nenhum deles se virou. Eles obscurecidos pelas casas além do muro rapidamente, mas eu me demorei enquanto o sol se erguia. Eu podia ouvir

comandantes adicionais de Ohaddin juntando suas pequenas tropas. A infantaria estava esperando fora da cidade. Eu ouvi os portões serem abertos ao som de fanfarra e gritos de júbilo quando os soldados viram seu líder cavalgando. Korin era bastante popular – pelo menos, mais do que seu pai. Olhei em direção das montanhas de Halim no noroeste e seus picos ondeados marcavam o destino do exército. Eles planejavam alcançar o desfiladeiro entre as montanhas mais altas logo no dia seguinte.

Quando eu me virei para ir, Esiko agarrou minha mão em um gesto totalmente fora do normal.

— Você tem a mim, mãe — respondeu e apertou a minha mão. — Vou ficar ao seu lado até eles voltarem.

Eu tirei minha mão da dela e tateei meu caminho para a escada onde os guardas do dairahesi nos aguardavam. Meus pés e mãos haviam me mostrado o caminho; meus olhos estavam cegos com lágrimas.

***

Muitas semanas mais tarde, os mensageiros começaram a chegar. Esiko trouxe os seus relatos da Casa do Soberano, onde ela se sentava ao lado de Iskan todos os dias e ouvia todas as reuniões e negociações. Os primeiros relatos falavam da chegada das tropas de Karenokoi à Baklat, onde eles encontraram uma difícil oposição. As forças inimigas eram maiores do que esperado porque a população local escolheu lutar do lado de Elian, tal era a impopularidade de Iskan.

Iskan tentou recrutar mais soldados para enviar como reforço, mas, como Esiko contou, ninguém aceitou o chamado à guerra. Ela só vinha para os nossos aposentos à noite. Disse que tantas coisas aconteciam na Casa do Soberano que ela não queria perder nada. Ela parecia cansada, com olheiras escuras debaixo dos olhos e deixou que eu cuidasse dela.

— Ele está enviando ordens e contra-ordens várias vezes por dia — disse ela. — Logo será lua cheia. Ele está esperando para ver o que Anji vai lhe dizer. Nunca vi meu pai desse jeito antes. Ele se preocupa que as batalhas estejam sendo travadas tão longe de Renka.

— De Anji, você quer dizer. Mas se o inimigo está subjugando suas forças, ele não poderia simplesmente ordenar que recuem?

— Você já viu meu pai recuar de alguma coisa? Admitir derrota? Você que nunca deixa este quarto, o que você sabe sobre a guerra? Sobre estratégia?

Olhei para ela, atônita.

— Como uma mulher, como a esposa do Vizir, não sou permitida deixar a Casa da Beleza. Você sabe disso. — Tentei mudar de assunto. — Você está exausta, pequena. Você não deveria passar tanto tempo na Casa do Soberano.

— Sou o braço direito do meu pai — disse Esiko. — Ele não pode ficar sem mim agora que meus irmãos mais velhos não estão.

Um arrepio correu pela minha espinha. *O braço direito do meu pai*. Foi isso que Iskan me disse quando o encontrei pela primeira vez. Meus braços caíram, débeis. Olhei para Esiko. Ela tinha o queixo delicado de seu pai. Suas sobrancelhas bem marcadas e nariz fino. De muitas maneiras, ela era um espelho de Iskan, o que ajudava a esconder o seu sexo. Porém, ao contrário do pai, ela sorria muito raramente.

— Vou para cama agora, mãe. Certifique-se que eu esteja acordada no nascer do dia e mande os serviçais trazerem o café da manhã na minha cama. Vou direto para a casa do meu pai quando levantar.

E lá se foi ela, me deixando sozinha com meus pensamentos e medos.

Clarás

EU COSTUMAVA TRABALHAR NO PORTO. VÁRIOS HOMENS VINHAM À MIM TODAS as noites. Os marinheiros mais pobres, aqueles que não tinham dinheiro para uma mulher bonita ou mesmo uma normal. Apenas um rosto bonito consegue um bom preço. Ninguém queria cuidar desses homens. Nem mesmo eu. Você nunca sabia se podiam pagar. Eles eram velhos e fedidos, sem alguns dedos e dentes. Quando o homem rico veio, de roupas finas e com óleos cheirosos em seu cabelo, e quis comprar uma noite comigo, ninguém pôde acreditar. Muito menos eu.

Mas ele não queria as escolhidas, as bonitas. Ele era atraído pela feia e desfigurada. Como eu.

Uma noite não foi o suficiente. Ele queria me possuir.

As outras garotas na casa do prazer estavam com ciúmes. Elas vestiam suas melhores roupas e tentavam seduzir o homem a comprá-las no meu lugar. Mas foi para mim que ele fez a oferta. Pensei que minha vida fosse se tornar mais fácil. O fim das noites recebendo um homem após o outro. Nunca mais me preocupar com comida ou roupas ou um teto. Eu enviei o dinheiro que ele pagou por mim para meus pais. Depois, o segui, sem pertence algum exceto as roupas do corpo.

Ele me levou para Ohaddin, a capital. Eu nunca estivera lá antes. Nunca antes deixara o mar. A área do palácio era do tamanho de toda cidade portuária. As casas eram altas, os telhados também, e os jardins, perfumados. Eu jamais poderia ter imaginado um lugar assim.

Mas me frustrei quando fui trazida pela entrada do dairahesi. Eu não podia ver o mar.

As portas douradas foram trancadas atrás de mim. Eu corri para uma janela e olhei para fora. Eu vi telhados, árvores e campos verdejantes. Mas nem sequer sentia um resquício do cheiro do mar.

Eu fui uma das últimas a chegar no dairahesi. Mas fui a primeira que decidiu escapar.

Eu vim para Ohaddin no fim do verão, logo depois da guerra em que os três filhos mais velhos do homem foram mortos. Eu acho que é isso que o atraiu para mim – ele queria degradar alguém. O dairahesi estava cheio de aromas de incenso que a esposa queimava em memória de seus filhos. Eu quase não a vi naquela época. Quando eu a vislumbrava, ela andava lentamente e desnorteada, como se não soubesse onde estava. Sempre apoiada pelo filho mais novo, Orano. Seu rosto era como um pergaminho. Uma mulher velha, destruída.

As mulheres no dairahesi me ignoravam. Elas não queriam ver meu rosto desfigurado. Elas temiam que, se estivessem grávidas e olhassem para mim, seus filhos seriam deformados como eu. As únicas que falavam comigo e pareciam não se importar com meu lábio partido eram a serviçal Estegi e a mulher escura que elas chamavam de Orseola. Ela era muito mais velha do que eu, mas mesmo assim nos tornamos algo parecido com amigas.

O tempo no dairahesi passava devagar. Como o gosto de xarope. Quando criança, eu trabalhei para minha família, para nossa sobrevivência. Dia após dia, com meu pai e meu irmão no barco. Eu colocava linhas de pesca e redes, tirava peixes da rede, limpava-os. Mergulhava procurando mariscos e ostras. Pescava peixes grandes com um arpão. Eu era útil, parte de nossa rede vital. No trabalho minha aparência não importava. Mas no dairahesi não havia nada para fazer. Minhas mãos ficavam ociosas sobre meu colo. Eu murchava lentamente e secava.

Era início de outono quando descobri que estava grávida. Eu decidi imediatamente que aquela criança não nasceria em cativeiro. Não seria filha dele: apenas minha. E era meu dever dar a ela uma vida que valesse a pena viver.

Uma noite, eu sonhei que estava à proa de um barco de pesca com o vento em meu cabelo. O ar tinha um cheiro salgado. O barco sob os meus pés era muito pequeno, mas compacto e forte, com velas verde e cinza. Assim que eu acordei, fui procurar Orseola.

Eu a encontrei junto ao lago no pátio, onde estava sentada mergulhando seus filtros de sonho na água. Ela chamava isso de afogar sonhos. Quem sabe o que ela queria dizer.

— Foi você que me mostrou o barco?

Orseola balançou a cabeça. Seus braços estavam escuros com a umidade. Ela não levantou a cabeça, mas suas mãos haviam parado de trabalhar.

— Não. Mas eu o vi. O sonho mais bonito que vi aqui. — Sua voz era baixa e sem emoção. Então, ela me olhou e levantou as sobrancelhas. — O gosto da liberdade ficará comigo o dia todo.

Esse era o jeito dela. Ela mudava de humor de um minuto para outro. Imprevisível como uma tempestade de verão.

— O barco será meu — falei. — Vai se chamar *Naondel*.

— Aonde você vai navegar? Para casa, sua tonta?

— Sim. — Esperei até que ela olhasse para mim de novo. — Para casa, para o mar. Você sabe que a casa em que eu cresci não é mais o meu lar.

Orseola balançou a cabeça.

— Sem dote, sua tonta. Que história trágica. Tão triste. Forçada a vender o seu corpo. A única de nós que veio para cá por vontade própria.

Palavras amargas subiram em minha garganta, mas eu rangi os dentes.

— Não importa onde seja o mar, lá é a minha casa.

Ela se virou e pegou sua pilha de filtros de sonhos. As pérolas e ossos, molhados e lavados, cintilavam.

— Você pode encontrar um barco para mim — disse. — Procure nos sonhos que vêm a você. Alguém deve ter um barco de pesca cinza, pequeno e sólido, com um casco estreito e uma vela verde-cinza. Eu sei. *Naondel* se mostrou para mim porque ela deveria ser minha.

— Você pode ir longe em tal barco? — perguntou Orseola, ainda olhando para longe.

— Tão longe quanto quiser. Desde que tenha comida e água.

— Há uma terra além do mar do sul — respondeu. — Terasu. Ainda deve haver alguém vivendo lá. Que pode ter me perdoado a essa altura.

Eu olhei para ela. Ela era imprevisível, mas tinha mais liberdade do que as outras no dairahesi. Às vezes, ela deixava a Casa da Beleza e tinha permissão para andar pelo palácio do Soberano. E, como eu lhe pedira para procurar um barco, ela já era cúmplice do meu plano. Eu queria fugir. Não há motivo para negar isso.

— Podemos ter proteção lá?

Ela não respondeu. Alguma coisa havia acontecido em sua terra natal, isso eu sabia. Mas eu não sabia o que fora, nem o que a aguardava lá.

Olhei para o pedaço de céu azul acima de nós. Uma única nuvem passava lentamente. Uma que prometia o tempo bom e sol. Virei-me para Orseola e

prendi meu destino a ela.

— Podemos navegar para lá. Mas você tem que me ajudar encontrar a embarcação. Ela existe em algum lugar. Você pode procurar por meio de sonhos da costa.

Orseola tirou as mãos de seu rosto. Encolheu os ombros. Como se a ideia toda não lhe interessasse.

— Mas como chegar à costa? Como você sai?

— Podemos nos preocupar com isso mais tarde. Primeiro, precisamos de um barco.

Dias se passaram. A criança dentro de mim estava crescendo. O homem sabia; ele me disse que era uma filha e que a deixaria viver. Suas palavras não importavam. Não era ele quem decidiria sobre a vida da criança – eu iria.

Orseola veio a mim um pouco mais tarde. Eu acabara de voltar da cama do homem.

— Você encontrou o barco? — perguntei.

— Não. Mas eu vi outro sonho. Sulani e Estegi estão planejando sua fuga.

Ela me olhou.

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Elas são criaturas da terra. Elas não sabem nada sobre o mar, tempestades, profundezas aquáticas e velas.

— Sulani conhece a água — discordou Orseola. — Rios. E ela é forte, sua alma quer brilhar e ela não vai deixar nada ficar em seu caminho.

— Eu também não.

— Estegi pode se mover com mais liberdade do que nós. Ela é só uma serviçal; não é vigiada. Pode pegar suprimentos.

— Eu não confio nelas.

— Você também não confia em mim — disse Orseola. — Mas precisa. E nós também precisamos de uma guerreira e uma espiã.

Pensei no que ela disse. Eu ouvi no meu íntimo. E cheguei à conclusão que ela estava certa. Uma guerreira e uma espiã facilitariam a fuga.

Então Orseola as trouxe para meu quarto uma noite. Sulani se sentou em uma almofada perto da porta. Desde o primeiro movimento, foi ela que se manteve alerta e nos protegeu. Estegi trouxe chá e frutas. Ela sempre me tratou como sendo igual às outras. Gostava dela por isso. Eu me perguntava por que ela queria fugir. Ela não estava aprisionada aqui, não da mesma forma que nós.

Primeiro insisti que fizessem um juramento. Um juramento de não revelar nosso plano de fuga para ninguém. Elas juraram sem protestar. Sulani por seu rio. Orseola pela memoria de sua mãe. Estegi pelo seu segredo. Eu olhei para ela. Tentei adivinhar o que ela podia estar escondendo. Ela era sempre tão calma. Parecia tão segura e confiante.

Eu jurei pela minha criança ainda não nascida.

Falamos baixo. Orseola explicou. Sulami questionou e contestou. Ela começou a fazer um esboço de um plano e fez uma lista de itens necessários. Eu acrescentei coisas que as outras pareciam não conhecer: corda, velas, abrigo da chuva e do mar. Sulani sabia muito sobre secar e preservar alimentos. Estegi sabia até mais. Concordamos em guardar toda comida que recebermos e que podia ser desidratada. Não podíamos ir diretamente ao depósito, senão descobririam nosso plano, mas podíamos pegar de nossas próprias porções. Estegi sabia de uma dispensa esquecida onde poderíamos guardar tudo.

Quando elas partiram, eu me sentei à janela e olhei em direção ao mar. Meu quarto tinha vista para o oeste, mas se eu apertasse meu rosto contra a grade, em dias claros, eu podia quase ver um brilho distante ao sul. Naquela noite, o vento veio do sul e eu pude sentir o sopro do mar em minha pele.

Em breve, sussurrei, para o mar e para minha criança. *Em breve*.

Perguntei-me qual das mulheres iria nos trair. A ideia não me preocupava. As pessoas são assim: inconfiáveis, desonestas. Diferente de animais. Animais não são bons nem cruéis, são apenas eles mesmos.

Mas eu tinha um plano. Eu estava fazendo algo para mim mesma e para a criança. Isso era tudo o que importava. Ter algo para trabalhar e almejar. O peixe em minha barriga agitou o rabo.

Nós, as marcadas por uma promessa, havíamos nos reunido na sala de banho no térreo para conversarmos sem sermos perturbadas. Ninguém estava lá, as banheiras quentes e frias estavam vazias e brilhavam à luz de nossas lamparinas, mas, ainda assim, eu estava com medo que alguém pudesse ouvir.

— Temos de lutar para ter o caminho livre — sussurrei. — Com armas.

Sulani deu um riso debochado.

— Nenhuma de vocês sabe usar armas. E, além disso, não temos nenhuma. É perigoso demais. Arriscado demais.

— Você não é uma guerreira? — perguntei.

— Era. Eu era uma guerreira. — Ela olhou para mim, melancólica. — Vocês três não sabem empunhar armas. — Estegi colocou uma mão em seu braço e

falou com ela, tranquilizando-a. Como se faz com uma foca que se enroscou em uma rede de pesca. A mão de Sulani descansou sobre seu braço musculoso por muito tempo. Eu olhei para elas.

Depois desviei o olhar.

— Não há muitos guardas — sussurrei. — À noite, há somente dois. Nós os atraímos para cá de alguma maneira, depois batemos na cabeça deles, deixando-os inconscientes. Não precisamos de armas para isso.

— Mas se não conseguirmos, eles vão emitir o alerta na mesma hora — contradisse Sulani.

— Se eles estiverem dormindo, eu poderia sair dos quartos dos serviçais e roubar as chaves — disse Estegi. — Para abrir as portas e deixar todas vocês saírem e depois trancar para que ninguém nem saiba que vocês estão acordadas.

— Orseola pode fazê-los sonhar — sussurrei.

— Mas não posso fazê-los dormir — disse Orseola.

— Não, mas você pode colocar eles para sonhar quando dormirem. Se adormecerem em seus postos. Sonhos que lhes dão… — Procurei por uma ideia de algo que pudesse nos ajudar. — Sonhos tão belos que eles vão querer voltar a sonhar e continuar dormindo. Quando eles estiverem dormindo, entregue sonhos tão bons que eles não vão querer acordar quando pegarmos as chaves e partirmos.

— Não vai funcionar. Como podemos ter certeza de que eles vão dormir profundamente? Que eles sequer vão cair no sono? Não podemos esperar todas as noites para que isso aconteça. — Sulani apoiou-se cuidadosamente contra a parede e fez uma careta. O homem a machucara muito de novo. Estegi ficou de pé em um salto e imediatamente pegou uma almofada, deixando Sulani confortável. Depois, ela pegou uma das garrafas que estava no nicho que circundava as piscinas de banho e jogou um pouco do óleo de cheiro pungente em suas mãos. Em seguida, começou a massagear os pés de Sulani. Sulani resmungou algo protestando, mas deixou que ela continuasse. Então, Estegi falou. Ela raramente falava.

— Eu acho que devíamos fazê-los dormir. Com uma bebida. Garai com certeza poderia fazer uma para nós.

— Não! — Levantei a voz. — Quanto mais numerosas formos, piores as chances.

— Poderíamos cavar um túnel — propôs Sulani. — Daqui, dos banhos. À noite não há ninguém aqui para ver o que estamos fazendo.

— Isso levaria anos! — Joguei meus braços para cima em desespero. — Tenho que sair deste lugar antes de minha criança nascer.

Deixei as outras, frustrada, e voltei para o meu quarto. Havia sido um erro convidar novas pessoas para meu plano. Não conseguíamos concordar nem com nossa fuga.

Certo dia, estávamos todas juntas do lado de fora do palácio. Não havíamos recebido nenhum tipo de aviso sobre o que aconteceria. Depois do outono, quando Karenokoi sofrera enorme derrota, recebíamos cada vez menos informações sobre o que estava acontecendo fora de Ohaddin. Acredito que a esposa e Garai sabiam, mas elas raramente falavam conosco. Elas saíram primeiro, com casacos pesados e pilhas de xales. Orano estava ao lado de Kabira. Mãe e filho estavam vestidos de branco, em luto pelos mortos. Estegi e outras serviçais carregavam guarda-sóis e almofadas e cestas de comida. O resto de nós os seguiam no jardim. O ar estava frio e o céu estava alto. Era o início do inverno. Meu primeiro no palácio. Do zoológico, a sudeste, veio o rugido de animais desconhecidos e o guincho de pássaros estrangeiros. Eu queria visitar os animais lá, para dar um pouco de conforto em seu cativeiro. Talvez até libertá-los.

Um palco fora construído na parte sul do jardim, junto à beira do lago, mas ele estava vazio. Os guardas nos levaram para uma plataforma que estava protegida do mundo exterior por telas pintadas de cores berrantes. O palco ainda estava vazio. Perguntei-me se uma companhia de teatro ou músicos apareceria. Ninguém parecia saber. As serviçais ainda estavam andando com pratos com comida e vinho quente com mel. Eu peguei uma tigela e aqueci meus dedos frios nela. Eu não sentia frio desde que ficara grávida, exceto nos dedos. Orano e Kabira estavam sentados à minha frente. Eu não podia ouvir o que estavam falando, mas a esposa perguntou algo ao filho e ele encolheu os ombros. Ele logo seria um jovem homem. Refleti por quanto tempo seria permitido que ele andasse livremente no dairahesi. Como o único filho sobrevivente do homem, ele assumira um novo papel. Certamente se casaria logo.

Não que isso fosse da minha conta. Em breve estaria longe daqui.

Então, o silêncio cobriu a plateia que murmurava. Homens foram levados ao palco. Eles estavam nus e suas costas e pernas estavam ensanguentadas por chicotadas. Eu entendi imediatamente o que estava prestes a acontecer. Eu não queria estar ali. Mas guardas cercaram a plataforma – não havia saída.

Havia cinco homens no total. Um deles, quase um criança. Ele não conseguia andar sem ajuda e teve de ser arrastado para o palco por guardas. Esses guardas não eram nada parecidos com os que vigiavam o dairahesi. Eles tinham capacetes

e espadas. Não demonstravam nenhuma piedade. Cinco estacas logo emergiram à beira do palco. Os homens foram fortemente amarrados a eles. O garoto mal estava consciente a essa altura.

O homem apareceu no palco. Ele vestia uma capa azul acolchoada e botas pretas de cano alto, com um chapéu de pele para proteger do frio. Ele estava vestido impecavelmente e arrumado como sempre, mas seus movimentos não tinham mais o controle que eu estava acostumada a ver. Ele andava pelo palco sem olhar para os homens atrás dele.

Ele falou, mas não escutei suas palavras. Eu não queria ouvir – nem ver. Palavras chegaram até a mim de qualquer forma: *traidores. Todos estão contra mim. Traiu-nos. Sangue em suas mãos. Nenhum segredo de mim. Confessados.*

Os ferimentos que os homens tinham podiam ter feito qualquer um confessar, pensei.

Castigo. Morte. Milhares de pequenas mortes. Um aviso para todos vocês.

Orano estremeceu. A esposa disse algo, ele se levantou, ela o segurou. Ele parecia querer correr para o palco. Seu pai olhou para ele e fez um gesto furioso. O menino lentamente afundou ao lado de sua mãe.

Cinco homens com rostos e cabeças barbeados, pintados de branco, entraram no palco. O homem desapareceu de vista, provavelmente para se juntar ao resto da corte. Os executores pintados de branco carregavam lâminas com uma curva estranha. Antes que eu tivesse tempo de desviar os olhos, eles começaram. Um executor por prisioneiro. Com as facas, começaram a fatiar a carne de seus corpos. Pedacinho por pedacinho. Milhares de pequenas mortes.

Os homens gritavam. Não em voz alta. Eram gemidos baixos, confusos. Um deles falou. Jurou sua inocência. Que não havia feito nada, absolutamente nada.

Eu não olhei. Mas não podia calar os gritos. Mães escondiam seus filhos mais novos debaixo de xales. Os mais velhos continuavam a olhar, com horror e fascinação. As serviçais trouxeram pratos com comidas doces e mais vinho com mel. Fiquei sentada e olhei fixamente para o fundo da tigela em minhas mãos.

Ficamos sentados lá o dia todo. Milhares de pequenas mortes levam muito tempo.

Às vezes, eu olhava para Kabira e Orano. De início, eles estavam quietos, mas a esposa começou a falar com seu filho com cada vez mais urgência. A maior parte do tempo, ele só balançava a cabeça. Entre os gritos dos prisioneiros, eu ouvi algumas palavras.

— Nem isso o fará entender?

— Meu pai jamais me machucaria, nunca! — Orano levantou-se e estava

inclinando-se sobre sua mãe. Seu rosto estava pálido e suas mãos estavam tremendo. Ele não olhava para o palco.

— Ele consideraria isso uma traição — disse Kabira. Ela esticou as mãos em direção a Orano, mas deteve-se.

— Você está errada! Eu sou seu único herdeiro, eu não cometi nenhum crime. — Sua voz era um guincho. Parecia que ele estava tentando se convencer.

Depois de um tempo, ele sentou-se de novo nas almofadas ao lado de sua mãe.

— Eu não posso perder você também. Você é tudo o que me resta. — Kabira virou o rosto para o seu filho. Ela estava chorando. Eu jamais a vira exprimindo alegria ou dor antes. Sua mão ossuda segurava a do seu filho. Ele recuou e se virou para o outro lado. Depois de um tempo, ela abaixou a sua mão. As lágrimas continuavam a escorrer pelo seu rosto. Depois, ela puxou um xale sobre sua cabeça e eu não pude mais ver o seu rosto.

Era noite quando os gemidos dos últimos prisioneiros apagaram-se. Do canto de meu olho, eu vi os corpos sendo removidos das estacas. O homem veio ao palco novamente. Ele parecia mais alto agora. Seus olhos estavam ardendo.

— A justiça foi feita! — gritou. — Aqueles que traíram seu Soberano e seu reino receberam seu castigo! Vamos comemorar. Música.

Enquanto os músicos estavam indo para o palco, ainda escorregadio por causa do sangue, nós mulheres e crianças fomos levadas de volta à nossa gaiola dourada.

Um tubarão come quando está com fome. Às vezes, ele mata mais do que precisa, mas é o seu instinto. Eles não torturam suas presas sem necessidade. A natureza é cruel, dizem, mas eu nunca vi tal crueldade na natureza como eu vi naquele dia em Ohaddin.

***

Raramente podíamos sair para o jardim depois das execuções. As suspeitas doentias do homem haviam aumentado e ele aumentara o número de guardas. Eu planejei nossa fuga subindo o muro, mas logo percebi que seria impossível. O homem queria saber onde estávamos o tempo todo. Ele suspeitava de conspirações e perigos em todo canto. O fedor de morte e decomposição o cercava. Ele ainda me visitava, embora minha barriga tivesse começado a crescer. Era como se ele se deleitasse com as coisas indizíveis que fazia comigo – ainda mais agora que eu estava grávida.

Em um dia ensolarado de inverno, eu saí para o laguinho no pátio. Eu queria ver um pouco do céu e respirar ar fresco.

Talvez sentir o cheiro do mar. Eu sentia mais falta do jardim do que eu pensei que sentiria.

As persianas da janela da residência da esposa estavam abertas sobre mim. Eu estava sentada no banquinho junto ao lago e enruguei os olhos por causa da luz do sol.

— Você contou para ele?

A voz da esposa era filtrada através das persianas abertas. Aguda e em pânico.

Orano lhe respondeu.

— Sim, mãe. E você estava errada. Ele não me rejeitou. — a voz do garoto estava aguda com indignação.

— Ele vai me castigar! Ele vai me considerar culpada de alta traição! Ah, você não entende nada?

— Você está errada, mãe. — Orano tentou acalmá-la. Mas sua voz não estava calma, estava subindo e descendo como uma andorinha. — Eu expliquei que você queria muito oferecer-lhe outro filho. Que você não entendia as consequências das suas ações.

A esposa não respondeu.

— Ele não está bravo com você. Não… de verdade.

— Pela alma de Lehan. Ele vai se vingar, mas ele sabe como usar o tempo. Você está tão cega por Anji que você não pode ver seu pai claramente, Esiko.

Por que Kabira chamou seu filho com um nome feminino?

— Você está errada, mãe! Eu não sou como ele. E não culpe Anji!

— Não, a culpa é minha por tê-lo mostrado a fonte no passado. Eu contei os seus segredos para ele. E agora você está se tornando alucinado pelo seu poder assim como ele!

— Eu não sou alucinado. — Orano – ou Esiko – gritou. — E meu pai não me rejeitou, então veja como você está errada!

— Você pode continuar a ser filho dele? — Havia um desafio na voz da esposa.

Nós duas tivemos de esperar por uma resposta.

— Por fora. Por um tempo. Mas eu ficarei em nossos aposentos. Ele ficou… chateado. Eu não posso ir mais para Anji sem ele. — Orano disse a última parte com hesitação. Suavemente.

— Essa é a parte boa de tudo isso, pelo menos.

— Anji é parte de mim! Nem você nem meu pai podem nos separar!

Uma porta bateu.

Um soluço foi ouvido. Apenas um.

Mais nada podia ser ouvido. Esperei por um momento. Depois, entrei.

***

Orseola encontrou *Naondel* em uma noite de meio de inverno, quando os ventos frios e secos estavam varrendo Ohaddin pelo norte. Ela me acordou no meio da noite. Seus olhos estavam brilhando.

— Eu a encontrei!

— Onde? — Sentei-me, pronta para sair correndo a qualquer instante.

— Está com um pescador em Shukurin. Ele está pronto para vendê-la se o preço for justo, acredito.

O barco. Nós tínhamos o barco! Eu parei de pensar como iríamos escapar do dairahesi. Agora, ao contrário, eu era assombrada dia e noite por pensamentos sobre o preço de compra. Eu calculei de cabeça o valor de tudo no dairahesi. Podia ser roubado? Alguém iria notar? Podia ser vendido? Kabira tinha olhos de águia Uma garota havia roubado do dairahesi – portanto, do homem – alguns anos antes da minha chegada. Orseola me contou. Ela foi executada, naturalmente, e a esposa se tornou cuidadosa com o inventário desde então. O preço de compra da *Naondel* estava à nossa volta, multiplicado, mas não havia como nenhuma de nós pegá-lo. A esposa e Garai tinham muitas joias, que haviam recebido do homem, mas eu e Sulani tínhamos quase nada.

O homem saiu para mais uma de suas expedições. Ele estava procurando por algo. Estegi disse que o ouvira falar que ele só precisava de duas coisas: poder sobre a morte e um herdeiro. Eu não me importava. Tudo estava mais calmo agora que ele não estava. Eu podia ficar em paz. Eu sentia mais fome do que antes; a criança dentro de mim queria a sua porção. Mas eu ainda mantinha tudo que podíamos desidratar e guardar. Estegi roubava um pouco dos depósitos. Nossos suprimentos estavam crescendo devagar, mas sempre.

O que nos faltava era dinheiro. E tempo.

A primavera ainda não tinha chegado, mas tínhamos de partir durante os ventos antes do verão. É isso que eu tinha decidido. Eu ainda estaria carregando a criança dentro de mim. Não tínhamos muito tempo.

— Não podemos simplesmente pegar o barco? — sussurrou Sulani uma noite no quarto de Orseola, onde havíamos começado a nos encontrar. De qualquer

forma, Orseola raramente dormia à noite.

— Ele está em Shukurin agora — respondi. — É uma viagem de dois dias a pé. Não temos tanto tempo. Apenas uma noite. Quando a luz da manhã chegar, seus guardas e soldados virão nos encontrar antes de chegarmos no meio do caminho. Mas se conseguirmos que *Naondel* navegue pelo rio até Ameka, a cidade a oeste de Ohaddin, então poderemos alcançá-la antes do amanhecer. E eu não acho que eles vão nos procurar no rio.

— Eu não quero roubar — disse Estegi. — Minha prima pode trazer o dinheiro para Shukurin e navegá-lo para Ameka.

— Tentar roubar um barco é arriscado. Ele pode estar lá ou não. Ele pode estar travado, talvez com uma corrente. Alguém pode nos descobrir e nos perseguir — suspirou Sulani. — Que seja. Então temos de comprá-lo. Mas não podemos conseguir esse dinheiro juntas.

— Posso vender minhas joias. — Orseola estava deitada em sua cama, olhando fixamente para os filtros de sonho que giravam lentamente em torno de seus fios.

— Que joias? — Eu nunca a vira usando nada além de filtros de sonhos.

— Aquelas que o Soberano me deu como agradecimento. Pelos sonhos que teci. — Ela rolou e ficou de bruços e tirou uma caixa de joias de debaixo da cama. Estegi, Sulani e eu nos curvamos para frente. Quando Orseola levantou a tampa, nós três perdemos o ar. A caixa estava cheia de correntes de prata e ouro, braceletes, anéis, tornozeleiras e muitos outros ornamentos. Tudo em prata ou ouro e coberto com muitas pedras preciosas.

— Você não podia ter mencionado isso antes? — A voz de Sulani era baixa e ameaçadora.

— Coisas mortas de metal. — Orseola deu de ombros. — Eu esqueci que as tinha.

A ausência do homem tornou mais fácil para Estegi vender as joias. Ela não era vendedora, não sabia como pechinchar. Jamais havia visitado as lojas fora dos muros do palácio. Ela foi enganada. Mesmo assim, conseguiu o suficiente para *Naondel*. Não tivemos coragem de vender tudo; isso atrairia curiosos e perguntas. Mas uma tornozeleira e algumas correntes eram o suficiente para comprar um velho barco de pesca. Então, enviamos Estegi para pedir para sua prima comprá-lo do pescador e navegar até Ameka. A noite em que eu fiquei sabendo – por meio dos sussurros de Estegi – que ela tivera sucesso em sua tarefa, foi a melhor da minha vida desde que eu tinha deixado a casa de barro próxima ao mar do

meu pai e da minha mãe.

Eu começara a ficar pesada e estava achando cada vez mais difícil me mover. Eu sabia que não tínhamos tempo a perder. A criança não podia nascer em Ohaddin. *Naondel* era a nossa saída. A liberdade estava próxima. Mas então Iona veio ao dairahesi. Sua chegada mudou tudo.

Iona

Eu, Daera, escrevo este relato em nome de Iona, pois ela não pode mais fazê-lo. Esta é a história de Iona antes de chegar à Ohaddin.

A ilha cheirava mel. O aroma atingiu Iona muito antes que ela pudesse enxergar claramente a ilha através da neblina do calor. Ela estava surpresa. Havia se preparado para muitas situações, mas não imaginara que a ilha tivesse sua própria fragrância. Quando o barco se aproximou da terra, sua origem foi revelada. As rochas pretas estavam salpicadas por flores delicadas. A ilha parecia severa e inóspita a distância. Ela era formada por rochas que lembravam escamas gigantes de um lagarto, afiadas como uma faca. Mas entre essas escamas cresciam flores resistentes cor-de-rosa, amarelas, roxas e brancas. Elas eram a origem do perfume que chegara a ela. Ela o considerou um bom presságio.

Ela se despiu antes de pisar em terra, como Alinda a instruíra. O remador estava sentado de costas para ela. Se ele se virasse, isso poderia acarretar em uma sentença de morte. Mas sua presença não a preocupava nem um pouco. Ele era velho ou jovem? Loiro ou moreno? Fatigado ou belo? Não importava. Quando ela tirou seu casaco e chinelos bordados a ouro, seu vestido de seda e roupas de baixo, não eram homens nem o olhar dos homens que preenchiam seus pensamentos.

Brisas leves tocaram sua pele como uma seda fina; para ela, já serviam como roupa. Saiu do barco com um único passo e bateu no assento, dando um sinal para o remador. Ela não olhou para trás quando ouviu o rangido dos remos. Não sentia necessidade de ver o barco ficar cada vez menor e desaparecer a distância. Sabia o que estava acontecendo. Ela sabia que o remador estava se distanciando para nunca mais voltar. Ela só se preocupava com que estava diante dela.

A ilha era do tamanho de um grande pasto, arredondada com uma colina pequena, onde nem árvores nem arbustos cresciam. Em seu ponto mais alto,

havia um pequeno templo. O céu era azul brilhante, abraçando a ilha carinhosamente. *Alinda estava certa*, pensou Iona, *é lindo*. Ela ficou lá por um tempo com seus pés na água fria, sentindo as pedras rolarem debaixo das solas de seus pés. Não havia outro lugar no mundo em que ela preferiria estar. Era uma sensação maravilhosa. Saber que encontrara seu lugar.

Ela subiu até o templo sem pressa. Queria prolongar cada momento. Gaivotas voavam ao seu redor como faíscas de raios prateados. O ar estava cheio de seus guinchos. Seus ninhos ficavam no telhado do templo como elas haviam feito por centenas de anos. Elas tinham visto garotas como ela virem para a ilha ao longo das eras, consumidas pela sua missão. Os pássaros nunca viram nenhuma das meninas partir.

Iona seria a primeira.

As pedras machucavam os seus pés, mas ela nem pensou nisso. Logo, a dor deixaria de ter importância, pensou, repleta de uma alegria tão intensa que a deixou tonta. Pensar que tudo isso havia sido dado para ela! Uma borboleta passou voando, asas amarelas como limão com as beiradas tingidas de preto como luto. Ela estava surpresa por vê-la tão longe do continente, mas então entendeu que as flores ofereciam nutrição para ela e seus irmãos e irmãs, e eles, por sua vez, tornavam-se alimentos para pássaros que fertilizavam as flores com suas fezes. O ciclo perfeito de vida e morte. Outro bom presságio. Ela jamais sentira a presença do ciclo de maneira tão profunda. Ela jamais encontrara tal sentimento sagrado.

Ela subiu a última parte até o templo que a aguardava, apenas ela. Ele era pequeno e cinza, construído com um tipo de pedra que se parecia com rochas da ilha preta. Para alguém ignorante de sua existência, seria fácil passar desapercebido. Isso era intencional. Aqui, apenas as escolhidas podiam vir. No chão em torno do templo, havia um círculo de lascas brancas que, segundo as crenças do povo de Iona, representavam um anel protetor inquebrável em torno do coração. Ela conhecia o círculo, mas era diferente vê-lo com seus próprios olhos. Um arrepio subiu por sua espinha quando ela pisou cuidadosamente nas lascas brancas e foi em direção ao templo.

A porta era pintada de azul, mas a pintura lascara, revelando, assim, a madeira cinza por baixo. Ela franziu a testa, perplexa e furiosa ao se dar conta que podia haver má preservação em um local sagrado. Ela respirou fundo e entrou.

Era uma salinha simples. Em um canto havia uma mesa com um pequeno altar coberto por veludo junto ao atame, a pedra e o pão, na forma de algumas espigas de trigo. Duas janelas, uma de cada lado da casa, deixavam entrar a luz

por janelas de vidro de verdade, mas o vidro estava tão marcado e sujo que era difícil de enxergar o outro lado. O chão estava vazio. Não havia traços de escolhidas anteriores.

Iona esperara algo diferente. Algo… mais. Ela pensou no templo onde morava, com todos seus grandes salões e câmaras. Todo o ouro, os tecidos de seda, a madeira vermelha talhada, as fragrâncias de incenso e os óleos caros. Velas de cera em toda sala. E a residência de Alinda. Até a câmara onde ela recebia peregrinos tinha tapetes grossos azuis e dourados no chão e paredes decoradas com afrescos representando o Ciclo Eterno. Um deles mostrava esta ilha, com o templo no seu pico e um mar ensanguentado espumando contra as rochas.

Iona pensou que o artista tinha esquecido as flores.

Ela entrou. O chão estava frio debaixo de seus pés. Caminhou até a mesa do altar e tocou as espigas do trigo. Elas se despedaçaram. Deviam ser muito velhas. A lâmina do atame estava sem fio. Apenas a pedra tinha a mesma aparência de sempre, cinza e lisa com uma faixa de lua em sua volta, dissecando um círculo mais claro em seu centro. No templo onde vivia, as pedras eram polidas até ficarem perfeitamente uniformes e lisas, e frequentemente óleo era passado até que brilhassem. Era claro que o único polimento que essa pedra recebera fora do próprio oceano. Entretanto, ela achou que era a mais bela do que todas as pedras de templo, porque ela era pura em si.

Lá também cheirava a mel. Ela não viu sinais da escolhida anterior. Iona voltou à tona, sabendo que a tarefa mais importante estava em suas mãos. O sol estava alto no céu e ele esquentava o seu pescoço e as suas costas enquanto ela procurava pela praia entre as rochas. Primeiro, caminhou em torno de toda ilha, concentrando-se em rachaduras em rochas seguindo a orla marítima. Depois, ela estendeu sua procura para a água rasa que cercava a terra. Era turquesa e transparente, sem algas, e, embora ela pudesse ver a distância, não encontrou nada exceto ouriços-do-mar e mariscos. Quando a noite chegou e o sol afundou com linhas e faixas rosas, roxas e douradas, ela ainda estava de mãos vazias.

Com a escuridão veio o frio. Ela estava agora acima de coisas como frio e dor. Isso é o que havia sido ensinada. Ela foi para o templo e deitou-se no chão. Era frio como gelo. Ela tentou ouvir a voz de Alinda dentro dela. O que ela aconselharia agora? *Este é um lugar sagrado. Não um lugar para o corpo, mas para a mente. Pense, Iona. O que esperam de você?*

Imediatamente, ela soube e sua mente se tornou mais calma. Ela se sentou e rezou.

Assim transcorreu a primeira noite.

A madrugada foi magnífica. As juntas de Iona estavam rígidas por causa da noite de desconforto e frio, mas ver o sol nascer, ver outro dia conquistar a noite mais uma vez, restituiu a esperança e o conforto dentro de si. Ela reiniciou sua busca imediatamente. Com cuidado, sem pisar em nenhum ouriço-do-mar, caminhou na água até chegar a águas mais profundas e começar a nadar. Isso foi uma das primeiras coisas ela precisou aprender como escolhida: nadar, para este propósito. As águas em torno da Península Matheli eram quentes e o leito do mar arenoso. Alinda costumava segurá-la pela barriga e falar com ela com uma voz suave, sedosa. Ela se orgulhou quando Iona deu suas primeiras braçadas sozinha. Iona sentiu orgulho de si mesma. Depois disso, aproveitava todas as oportunidades para nadar e mergulhar. Da mesma maneira que aproveitou todas as oportunidades de praticar todas as habilidades que seu ritual de unção exigia.

Como era estranho finalmente estar aqui. Na hora e no lugar exatos em que todo o seu aprendizado foi centrado. Que os últimos dez anos de sua vida haviam preparado. Este era o fim.

Ela mergulhou. O mar a envolveu e bloqueou todos os sons. Ela abriu os olhos.

A água era mais clara do que em Matheli. Ela podia ver o fundo. Peixes pequenos refletiam a luz enquanto nadavam. O sal fazia seus olhos arderem, mas se forçou a mantê-los abertos. Passou os olhos pelo leito do mar. Pedras, areia, rochas, ouriços-do-mar. Como conseguiria encontrar o que procurava?

Esta era a sua missão. Fracassar não era uma possibilidade. Fez uma oração – não uma de Alinda, mas uma oração inventada por ela, embebida em sentimentos em vez de uma oração de frases feitas. Então, emergiu para respirar e mergulhou de novo. Espiando, espreitando. Pedras, areia, ouriços-do-mar, peixes. Voltou à superfície para respirar. Continuou, braçada por braçada.

Um brilho branco em uma rachadura nas rochas chamou a sua atenção. Quando emergira para respirar, não abriu os olhos nem um pouco acima da superfície da água para não ser cegada pelo sol. Mergulhou de novo. Abriu os olhos. Lá, em uma rachadura entre as rochas recém-perturbadas, algo emitia um brilho branco. Nadou mais para o fundo e esticou as mãos. O crânio estava bem preso à rachadura e ela teve que arrancá-lo. A beira da rochas era afiada e abriu um corte em seu pulso. Ela não sentiu dor, mas viu seu sangue correr através dos olhos vazios do crânio.

Sangue. Sangue atraía predadores. Olhou para cima e pela primeira vez olhou

através do mar em vez de para o fundo. Era sem fim. Ela podia ver a distância, até finalmente tudo desaparecer nas profundezas escuras e abissais. Profundezas que podiam ocultar qualquer coisa. Qualquer coisa poderia ser atraída para cá pelo cheiro do seu sangue.

Ela foi tomada por um medo inesperado e aterrador. Engasgou e ficou com a boca cheia de água do mar. Tinha que sair de lá, imediatamente. Subiu, chutando com algumas braçadas fortes e explodiu na superfície, buscando ar. A qualquer momento algo podia agarrá-la, arrastá-la para o fundo da água, enfiar dentes e garras em sua carne indefesa. Ela nadou sem nenhuma graça para a praia, raspou sua barriga nas rochas afiadas, esfolou um joelho em um ouriço-do-mar – devia haver mais e mais sangue espalhando-se pela água, ela tinha que levantar, sair de lá, tinha que escapar. Cambaleou para a terra, tossindo e tremendo. Não podia ficar à beira da água, tinha que ir mais longe, para dentro do templo, o mais longe possível do mar. Só quando fechou a porta, ousou parar e sua respiração desacelerou.

Segurava o crânio debaixo de um braço. Ela o depositou com cuidado sobre o veludo, ao lado do atame, da pedra e do trigo. Depois, juntou coragem para dar uma olhada pela janela.

O oceano se espalhava, enorme e cintilante, em volta da ilha. Nada além das ondas quebravam a superfície. Nada podia ser visto saindo de lá, exceto pássaros. Era difícil dizer com certeza, porque os vidros das janelas estavam muito sujos. Ela parou e observou por muito tempo. Depois, foi para a outra janela e continuou a espreitar. Ela não saiu.

Enquanto o sol começava a cair em direção ao horizonte, Iona se sentou no chão, examinando seus ferimentos. Nenhum deles era particularmente fundo, mas sabia que podiam começar a arder e infeccionar se não os lavasse. Porém, não tinha com o que lavar ou cobrir. Nada como isso podia ser encontrado aqui. Este não é um lugar para viver: é um lugar para morrer. Ela acreditava que estava preparada para a sua morte, mas naquele dia viu que sua certeza havia sido falsa, sua confiança, uma ilusão. Cobriu o rosto com suas mãos, envergonhada. Como podia desapontar Alinda dessa forma? Desapontar toda Matheli, toda fé que colocaram nela? Para ser a oferenda, assim outros poderiam viver e florescer e reproduzir. Seu papel no Ciclo Eterno era claro: sua morte, pela vida deles.

Ela se sentou e rezou. Mas não chegou a nenhuma resposta, não nas orações recebidas nem dentro de si. Apenas quando as cores do pôr do sol cobriram as janelas sujas, um pensamento lhe ocorreu. Algo que ela fora ensinada. Não por Alinda nem em Matheli, mas em casa, na fazenda. Ela tinha pouquíssimas

memórias de lá. Leite quente da vaca. O aroma da grama aparada. Papoulas vermelhas em suas mãos. Uma canção, um abraço, algumas palavras. E então, um conselho, dito por alguém idoso – não sua mãe, ela acreditava, mas alguém ainda mais velho. A mãe do seu pai? Uma boca desdentada lhe contando como limpar ferimentos se não houvesse nada à mão.

Ela endireitou as costas. Não havia bacias no templo. Nenhum tipo de recipiente. Nada podia servir para o seu propósito. Exceto o crânio.

Ela se levantou e caminhou até o altar. O crânio estava todo liso e limpo. Ele estivera na água por muito tempo e pequenos peixes e caranguejos haviam comido os últimos fragmentos de carne. Todos os dentes estavam ainda nas mandíbulas. O crânio era surpreendentemente pequeno. Ela, a predecessora de Iona, teria sido alguém muito pequeno ou muito jovem. Ela havia sido mandada para a ilha quando Alinda ainda era criança. Muitos anos de abundância acompanharam a oferenda, então não tiveram motivos para enviar outra escolhida por muito tempo. Assim, Iona pôde residir em Matheli por dez anos completos.

Iona refletiu sobre o significado do seu nome.

De repente, percebeu que nunca ouvira os nomes delas. Suas predecessoras eram todas meninas sem nome. Quanto tempo levaria para seu próprio nome ser esquecido?

— Perdoe-me — sussurrou para o crânio da menina.

Ela se agachou e segurou o crânio entre as coxas. Não tinha bebido nada desde que deixara o continente. Na ilha era preciso jejuar. Não havia nada para comer, nada para beber. Mas ela não fizera as necessidades desde que chegara – a ideia nem lhe ocorrera – e ela pôde encher metade do crânio. Tomou coragem e saiu pela porta do templo, limpou cuidadosamente os machucados em sua barriga, coxas e pernas, pés e dedos do pé, com sua própria urina. Ardia, isso era bom. Significava que estava limpando os ferimentos.

Ela sabia que devia lavar o crânio, mas não estava com vontade de sair do templo e ir até o mar. Deixou o crânio no chão, aninhou-se ao seu lado e se sentiu um pouco menos solitária.

Assim transcorreu o segundo dia de Iona na ilha.

Na manhã seguinte, o vento estava forte. Massas de nuvens cinzentas cruzavam o céu. Ela estava com muito frio e quase delirando de sede. A água salgada que engolira no dia anterior tinha piorado sua sede. Ela sabia o que tinha que fazer a seguir: estilhaçar o crânio nas rochas, com a ajuda da pedra e da

lâmina, e espalhar os fragmentos em um círculo branco em torno do templo para que sua predecessora pudesse ser reunida às suas irmãs. Exatamente como fizera com a predecessora dela. Como a próxima menina faria com o crânio de Iona quando ela viesse para cá. Esse era o rito, esse era o código. Foi assim que ela havia sido ensinada. Se não cumprisse isso, uma das partes mais importantes de seu destino, qual era o valor de todo o aprendizado? Qual era o valor de sua vida?

Porém, ela não consiguia reunir forças para fazê-lo. Ainda não. O crânio era sua única companhia. Seu único receptáculo. Ela já o dessacralizara com urina. Isso devia ser tabu. Então que problema haveria se não realizasse sua tarefa imediatamente? Ela o faria, um pouco mais tarde.

Sentou-se no chão e viu o sol nascer através da janela suja ao leste e, de repente, a visão do vidro imundo a encheu de uma fúria beata. Pegou o crânio e foi para o mar, sem se importar se havia algo escondido nas profundezas, esperando para fisgá-la assim que colocasse os pés na água. Era por isso que ela estava lá, afinal. Encheu o crânio de água, carregou-o para o templo e o apoiou contra a parede para que a água não derramasse. Em seguida, foi ao altar, removeu a pedra, o trigo e o atame e virou a almofada de veludo de cabeça para baixo. Ela tinha sorte, pois o pano de veludo estava preso ao fundo da madeira por apenas algumas tachinhas pequenas que eram fáceis de remover com a lâmina. Ela só percebeu o que estava fazendo quando estava na metade da linha de tachinhas. Estava desonrando um altar. Deixou o atame cair no chão. Era repugnante. Como ela podia?

Ela olhou para a janela, para o chão nu, o altar sem decoração, a tintura que havia descascado da porta. O templo todo havia sido desonrado por indiferença e descaso.

Pegou o atame, tirou as últimas tachinhas e desenrolou o pano de veludo. Ela riu alto.

— Não somos sortudas? — disse para o crânio.

O pano foi dobrado diversas vezes e era quatro vezes maior do que a almofada. Ela podia até enrolar-se nele à noite. Mas, antes disso, daria ao templo a devoção que ele merecia.

Com a água no crânio e o pano de veludo, ela limpou e poliu as janelas da melhor maneira possível. Depois, lavou o pano e o colocou para secar sobre as rochas junto ao templo. Parecia uma bandeira vermelha gigante brilhando ao sol. Se alguém de Matheli passasse navegando para ver se a oferenda havia sido realizada, veriam de longe o que ela tinha feito.

Ela abriu a porta do templo e subiu para chegar ao telhado. Além da

dificuldade com seus pés, sua fome e sede fizeram o mundo girar à sua volta e teve que se sentar. Assim que a tontura melhorou, ela ficou em pé por um momento e só olhou. O oceano estava brilhando infinito em todas as direções. Não havia ilhas à vista. Ela estava sozinha no mundo, sozinha com seu destino. Até aquele momento, estivera concentrada para ver o que estava ao seu redor. Nada tinha qualquer importância além do templo e suas tarefas. Desviou sua atenção para o telhado.

Esperava que uma depressão em algum lugar tivesse coletado água de chuvas recentes. Nenhuma tinha. Ela se forçou a não chorar. Uma gaivota passou por ela, mergulhando muito perto e aterrissou em seu ninho. Subitamente, ela viu que, camuflados contra o telhado cinza, havia dezenas de ninhos cheios de ovos.

Os pássaros reagiram, investindo contra ela com bicos e garras. Ela não pegou todos os ovos do mesmo ninho. Ela os sugou, crus, sentada no telhado entre os pássaros bravos e as penas caindo. Eram deliciosos.

Os ovos devolveram sua força. Havia mariscos e ouriços-do-mar, se ela conseguisse pegá-los sem machucar as mãos. Mas não estava pronta para entrar na água novamente. Ela não sabia mais se estava pronta para morrer. Ficou sentada com o crânio em seus braços ao lado do templo onde o vento batia, esperando o pano de veludo secar.

O crânio olhou para ela com suas órbitas vazias e Iona voltou a refletir qual teria sido o seu nome. Parecia importante que ela tivesse um nome, que fosse uma pessoa. Ela nunca nomeara nada antes, nem mesmo um dos cachorros do templo. Agora, podia dar um nome à sua predecessora e, portanto, uma identidade, mais do que simplesmente uma oferenda, a escolhida, o crânio. Era difícil. Ela não sabia como nomes eram escolhidos. Tentou inventar um nome original, mas parecia ridículo. Correu os dedos pelas mandíbulas do crânio, pela superfície lisa das maçãs do rosto.

Ela era tão frágil e pequena. E tão morta. Chegara à morte muito antes de Iona. Como a irmã de Iona, de quem ela não lembrava nada além do nome.

— Mizra — disse ela e Mizra sorriu com seus dentes expostos.

Assim transcorreu o terceiro dia de Iona na ilha.

O vento continuou por vários dias. A espuma das ondas batia na ilha em um ritmo constante, como um coração. Não havia mais ovos. Ela não podia pegar os pássaros. A carne salgada dos mariscos só piorava sua sede. Não havia chuva no horizonte.

Ela se enrolou no veludo e foi até a praia com Mizra e o atame.

Ela viera aqui para morrer. Mas agora estava minguando lentamente de fome e sede – uma morte prolongada, totalmente diferente daquela para qual se preparara. Quando encontrara Mizra, começara a temer o monstro. Agora, ela lhe dava boas vindas. Queria morrer como Mizra: uma morte rápida, honrosa e significativa.

Olhando para as órbitas vazias, Iona esperou de todo o coração que essa realmente tivesse sido a natureza da morte de Mizra.

Ela ergueu o atame. De início, a lâmina cega não fez nada além de arranhar a palma de sua mão. É difícil se machucar conscientemente. Ela fez contato e apertou com firmeza até a pele ceder e o sangue vermelho começar a escorrer. Ela espremeu o máximo que podia dentro do mar.

— Estou aqui! — gritou para o vento. — Venha me pegar!

Ela lambeu as últimas gotas da palma de sua mão. Esperava que o sangue fosse isca o suficiente. Ela certamente sangrara mais quando estava nadando e encontrou Mizra, porém, aquilo não atraíra nada das profundezas. Talvez o que fosse preciso era uma oferenda com propósito. Ela não sabia. Alinda nunca dissera nada sobre isso. Em suas histórias, a escolhida vinha para a ilha do templo, fazia os ritos certos com os restos de sua predecessora e então sua morte vinha do mar.

A causa seria que ela não estilhaçara Mizra e, assim, o ciclo não estava completo? Iona ainda não conseguia fazê-lo. Ela lhe dera um nome. Mizra era dela agora. Ela não pertencia mais à ilha. Elas pertenciam uma à outra.

Iona olhou para o mar. Ela puxou um canto do pano sobre sua cabeça para proteger os olhos do brilho da água. Lá, a distância no horizonte, ela podia ver uma mancha escura. A primeira coisa que quebrara a uniformidade desde o dia em que chegara.

Ela sentou-se com Mizra em seu colo e o atame em sua mão e esperou por seu monstro.

***

Ele veio em um barco. Não tinha a aparência que ela imaginava. Não era um gigante, com dentes maiores do que ela e garras tão afiadas como foices. Era um homem comum, de roupas de seda e com ouro em seu peito. Ele nem parecia carregar armas. Seu barco era pequeno, com uma única vela e uma lona esticada sobre a proa.

Ela ficou sentada sem se mover e esperou por ele. Quando ele chegou à ilha,

jogou a âncora, pulou na água e andou até a terra, arrastando o barco com uma corda antes de atracá-lo em uma rocha.

Quando ela viu seus olhos, soube que sua hora havia chegado. Eles não pertenciam a um humano nem a um animal. Eram quase totalmente pretos; os olhos de um monstro. Ela levantou-se e deixou o pano cair no chão. Ela desnudou seus seios e deixou o atame cair com um som metálico contra as rochas. Alinda não lhe ensinara o que dizer ao encontrar sua morte.

— Bem-vindo — disse ela.

Ele a olhou de cima a baixo. Entendeu então que esse monstro não precisava nem de garras nem de dentes. Era igualmente perigoso sem eles. Ela podia ver fome em seus olhos, uma fome que nenhuma oferenda no mundo poderia satisfazer.

— Salve — respondeu e sorriu. Ele não era nem jovem nem velho, nem belo nem feio, porém seu sorriso era o mesmo de uma besta predatória ancestral.

Porém, ele não fez nada. Não se aproximou, não levantou nenhuma arma, não fez nada para realizar a oferenda.

Isso a encheu de incerteza. Não queria esperar mais. Ela abaixou e pegou o atame, deu um passo para frente e o entregou a ele.

— Aqui. Faça rápido.

Ela fechou os olhos. Não era corajosa a ponto de poder encontrar sua morte de olhos abertos. Fome e sede estavam dificultando que ficasse de pé por mais tempo. Logo, suas pernas cederam.

Braços a pegaram e deitaram-na sobre o veludo macio. Quando ela abriu os olhos, seu olhar encontrou o dele – de olhos escuros e, se possível, ainda mais cheios de fome. Porém, ele não atacou.

— Espere — pediu e desapareceu de vista. Ela fechou os olhos de novo. Contra um de seus quadris, escondida debaixo do veludo, ela podia sentir a protuberância de Mizra. Ela estava lhe dando forças para aguentar independentemente do que viesse.

Logo uma sombra caiu sobre ela.

— Aqui — disse a voz, mas ela não podia mais manter os olhos abertos. Para que isso serviria? Algo apertou seus lábios. Ela os abriu e água fria e fresca escorreu para a sua boca. Ela tossiu. Bebeu, bastante e avidamente.

Ele lhe deu pão, mas não pôde comer muito. Ela estava tão cansada. Grudou-se ao veludo e a Mizra dentro dele. Ele a deitou no chão do templo, mas desta vez havia algo entre ela e o chão, algo quente e macio. Ele puxou o veludo sobre ela.

Ela dormiu.

Quando acordou, recebeu mais para beber. Comeu algo, talvez peixe. E algo também doce e suculento: alguma fruta. Ela dormiu. Ele não a tocou.

Quando acordou, o monstro estava agachado junto à porta olhando para ela. Ela se sentou e bebeu mais água. Estava nua: não havia sentido em esconder seu corpo. Ele já havia visto seu corpo. Pertencia a ele.

Os olhos do faminto estavam brilhando. Iona tentou conter o seu medo. Ela tentou manter os batimentos de seu coração tão estáveis quando a maré. Tentava encontrar seu destino com orgulho e força, como Alinda lhe ensinara. Ela se afastara do caminho, quebrara o círculo, mas ele a reivindicou e enviou seu destino em uma forma que ela nunca poderia ter imaginado, porém que agora parecia inevitável.

— Você se sente melhor agora? — Ele levantou-se e ficou de pé como uma torre obscurecendo a luz.

— Sim, obrigada. — Ela entendeu por que ele a ajudara a recuperar-se. Uma presa exausta não era um desafio. Ela estava feliz. Não queria ser fraca.

— Você está aqui há muito tempo? — Ele se virou para olhar para a janela.

— Por quanto tempo eu dormi?

— Um dia e uma noite.

— Então eu estou aqui há… não sei exatamente. Muitos dias.

— Sem comida nem bebida? — Ele protegeu os olhos com sua mão e olhou para o mar, como se estivesse procurando por algo. Sua busca acabara. Isso é o que ela estivera aguardando.

— Eu comi ovos de pássaros e mariscos.

— Na minha terra, há histórias sobre a sua crença. Que vocês sacrificam virgens para uma besta em uma ilha deserta no meio do nada. Eu não acreditei que fosse verdade.

— Eu me entrego ao Ciclo Eterno — respondeu. Ele riu.

— Não quero ofender, mas você entende que não há monstro? Que as garotas vêm aqui e lentamente morrem de fome? — Ele olhou para o templo. — Aqui também há uma presença… uma energia. Ela me atraiu para cá. Eu me interesso por fontes de poder, sabe? Todas as histórias que ouço sobre fontes com poder de cura, sobre montanhas que dão sabedoria, sobre rituais que concedem a vida eterna — ele a olhou com desconfiança — eu tenho que investigar. A maioria não é verídica ou contêm fragmentos do que certa vez foi verdade. Algumas, entretanto… — Ele parecia distraído, como se estivesse sonhando. — Algumas

acabam sendo verdade. E eu me asseguro de possuir essas fontes. Senão eu as destruo, para que ninguém mais possa usar seu poder.

— Você toma montanhas como suas? — Ela tentava entender o que ele quisera dizer.

— Se necessário. Uma área pode ser conquistada. Riachos podem secar. Sabedoria pode ser gravada e removida. Objetos… eu tenho uma biblioteca cheia de pergaminhos contendo conhecimento que o resto do mundo não pode nem imaginar.

— O que você está fazendo aqui?

Ela não podia deixar de perguntar, embora soubesse a resposta. Ele estava aqui para tomar a sua vida. Não podia negar que ele – o monstro – existia como queria. Ela reconhecia um monstro quando via um.

— Eu vim com uma pequena frota de navios ao leste de minha terra em busca de mais fontes de poder. A fonte de onde tiro o meu poder não é suficiente. Eu descobri vulnerabilidades. — Ele trincou as mandíbulas por um momento e ficou quieto. Iona esperou. Ele se virou para olhar a janela, recompondo-se antes de continuar. — Fomos à Matheli para aprender mais sobre a sua crença. Recebi confirmação e, além disso, me disseram que uma nova garota acabara de ser enviada aqui para morrer. Eu deixei meus navios em Matheli, para não chamar atenção, e naveguei para cá sozinho. — Ele sorriu para ela, mostrando todos os seus dentes brancos. — E encontrei você.

Os caninos dele eram visíveis quando ele se inclinou sobre Iona. Ela expôs o pescoço, como uma presa. Porém ele começou a mexer em suas calças, suas mãos atrapalhadas com o cordão. Sua respiração ficou pesada e seus olhos embaçados. Ele tirou seu membro: estava inchado. Ela entendeu imediatamente que o que ele queria não era sua morte.

— Não! — gritou e se arrastou para o tapete de dormir. — Você não pode me desonrar, não pode macular a oferenda!

Ele estava de joelhos, já entre suas pernas, gemendo e arfando.

— Não há ninguém que vá receber a oferenda — respondeu.

Ela pensou em seu povo e na seca nos últimos anos e sabia que ele estava errado. Ela chutou e tentou fechar as coxas, mas ele abriu-as com suas pernas fortes. Ele era o monstro, tudo o que um monstro deveria ser e, ainda assim, estava errado, não deveria ser assim.

— Você deveria me matar! — gritou. Ele deu um sorriso jocoso, saliva pingando na sua barriga.

— Já que insiste, depois eu mato.

Ele estava arruinando tudo – este era o momento que esperara a vida inteira e ele estava tirando-o dela.

— Não! — ela gritou e lutou com mais selvageria. Ele a empurrou com força e, quando ela caiu para trás, sua mão encontrou o crânio de Mizra debaixo do pano e uma nova força fluiu por ela.

Ele se recolheu, arquejando.

— O que era aquilo?

Seus dedos encontraram, debaixo do pano, o osso liso, e a entrada para as órbitas vazias de Mizra. Ela se acalmou completamente. O monstro se afastou e diante dela havia um homem com o membro frouxo.

— Você não toca em mim — disse. Não era uma ordem, mas uma certeza. Ele se arrastou mais para trás, até suas costas encostarem na parede.

Ele mexeu a cabeça. Olhou para a protuberância debaixo do pano.

— Tanto poder.

— Vá agora.

Ele a deixou.

Iona se enrolou no pano de veludo e prendeu Mizra em uma dobra em seu quadril. O atame estava no chão ao lado dela, talvez porque ele tinha pensado em usá-lo quando a soltasse. Ela o enfiou no pano em sua cintura e embrulhou a pedra do altar na barra. Ela olhou à sua volta. Agora tudo o que restava era a esteira de dormir e a pequena mesa de altar. Uma sala vazia que vira tanto sofrimento. Então, ela saiu no sol e fechou a porta descascada. O homem não estava em lugar nenhum. Com uma mão em Mizra, ela caminhou em torno do templo, dentro do círculo branco. Ela pensou se ele tinha falado a verdade. Todas as escolhidas haviam morrido de fome? Todas aquelas meninas antes dela? Ou seus monstros teriam vindo? A rachadura no chão do oceano onde ela encontrara Mizra – era natural ou aberta por algum horror incomensurável? Teria sido a morte de Mizra parte do Ciclo Eterno ou sem sentido?

A morte é sempre sem sentido, sussurrou Mizra entre seus dedos. Iona contemplou isso. Talvez fosse. Ou talvez Alinda estivesse certa. Porém, ela sabia que uma coisa era certa: não pretendia morrer de sede ou fome nesta ilha.

Ela desceu até o barco. Ele estava sentado na popa e amarrando a carga.

— Tire-me daqui — ordenou, com os dedos nos olhos de Mizra. Ele olhou para ela. Não pôde ler a sua expressão.

— Agora?

Ela concordou com a cabeça. Ela deixou que ele a ajudasse a subir na embarcação. Continuou sentada lá enquanto ele juntava seus pertences do

templo e jogava sua trouxa dentro do barco. Ela olhou para o mar. Estava azul límpido. Os olhos de sua mãe eram da mesma cor, Iona lembrou de repente.

Quando ele puxou a âncora e ela o olhou de volta, soube que o monstro não havia desaparecido. Ele só estava aguardando um pouco. Sem Mizra, ela estaria totalmente indefesa.

Enrolando a corrente molhada para o barco, ele se dirigiu a ela de repente.

— Seu nome?

— Iona. E o seu?

— Iskan.

Era aquele o nome do seu monstro. E ele possuía a sua morte.

Clarás

Uma manhã, acordei cedo. A primavera se aproximava e eu me sentei à janela observando os pássaros voarem. Um cisne passou planando com asas pesadas. Pardais corriam sob a minha janela, pegando minhocas. Não vi pássaros marítimos, mas podia enxergar o mar como uma cintilação a distância. Uma brisa do sul carregava consigo o odor de sal e algas. O homem estivera fora por um longo tempo, viajando. Nós havíamos reunido bastantes provisões. Logo, seria a hora de partir. Decidi como seria nossa fuga, apesar dos protestos de Sulani. Nos reuniríamos no grande salão à noite e atrairíamos os guardas para dentro, talvez quebrando algo ou usando outra forma de chamar a atenção sem acordar as outras mulheres. Duas de nós esperaríamos escondida nas sombras com objetos pesados. Então, pegaríamos os guardas de surpresa, daríamos uma pancada para deixá-los inconscientes, pegaríamos as chaves e escaparíamos. Os guardas nunca haviam enfrentado as mulheres do daiharesi antes, então não estariam preparados. Se tivéssemos sucesso em surpreendê-los, não seria difícil para três mulheres derrubarem dois homens. Estegi estaria esperando lá fora às portas com as provisões. Pegaríamos tudo o que precisássemos e correríamos protegidas pela escuridão. *Naondel* nos aguardava. O oceano me aguardava. Tínhamos que iniciar nossa viagem quando os ventos do nordeste começassem a soprar. Eles nos levariam à Terasu em dez dias ou um pouco mais. Havia ilhas no caminho onde poderíamos parar para suprimentos. Mas ainda faltava meia-lua antes que os ventos certos viessem.

Então esperamos.

Foi Estegi quem trouxe as notícias. Garai e eu estávamos sentadas junto ao pequeno lago no pátio. Mais do que qualquer uma, Garai sentia mais a liberdade de visitar o Jardim da Eterna Serenidade quando quisesse. Ela estava sentada com uma mão na água e parecia estar ouvindo com atenção. Eu estava sentada em um banco de frente ao sol e aos ventos do sul. Estegi cruzou o arco, ajoelhou-

se e se curvou, primeiro para Garai, depois para mim.

— O Vizir de Karenokoi deseja juntar todos os residentes no grande salão — anunciou. Estremeci. Tinha me esquecido dele. *Naondel* estivera preenchendo meus pensamentos de tal maneira que eu quase me esquecera por que tínhamos que fugir.

— Quando ele voltou? — perguntei à Garai. Seus longos cabelos brancos cobriam seus ombros ossudos como um xale. Ela havia sido comprada, como eu. Eu sabia disso. Mas havia sido vendida contra a sua vontade.

Não era, na realidade, minha vontade – vender meu corpo, vir para cá –, mas pelo menos eu tomei uma decisão.

— Ontem à noite, senhora — hesitou Estegi. — Ele não veio sozinho.

Ela e Garai se entreolharam. Seria Estegi aquela que nos trairia? Ela era próxima da esposa e de Garai, mas também de Sulani. Elas tinham uma proximidade diferente.

Entramos e subimos para o grande salão. A fonte estava fluindo. Mulheres e crianças haviam se reunido. Então, uma porta foi aberta e a esposa e sua filha Esiko entraram. Elas se sentaram em algumas almofadas um pouco distante de nós.

Esperamos.

Ele gostava de nos fazer esperar. Nosso tempo era dele para ser desperdiçado. Ele nunca precisava entrar em uma sala vazia, se não quisesse. Nós sempre tínhamos que estar disponíveis para ele.

As crianças corriam brincando enquanto as mulheres bebiam chá e papeavam. Se qualquer criança se aproximasse demais de mim, e de meu lábio deformado, era chamava nervosamente pela mãe. Orseola estava sentada ao meu lado com uma expressão vazia e não disse nada. Eu vi Sulani, de costas retas como sempre, com Estegi atrás dela a uma curta distância. Garai cumprimentou Kabira, mas elas não se falaram.

As portas douradas foram abertas por um guarda e o homem entrou. Atrás dele havia uma menina jovem. Ela era baixa, quase não alcançava os meus ombros, e seu cabelo, tão preto quanto o céu noturno, caía até seus tornozelos. Ela usava um vestido vermelho flamejante, reto e sem bordados, que ia até o tornozelo. Em um quadril ela tinha uma grande protuberância: uma deformidade? Não, a protuberância se movia com liberdade debaixo do tecido, então era um objeto. Tinha olhos grandes e um rostinho pontudo.

Ela era muito jovem.

Mais jovem do que eu era quando meu pai me mandou sair de casa.

O homem ficou em nossa frente e sorriu. Dentes de tubarão.

— Viajei muito, mas finalmente encontrei o que procurava. — Ele apresentou a garota, sem tocá-la. — Uma segunda esposa. Ela vai me dar muitos filhos e vai garantir minha posição. Eu me casei com ela ontem quando chegamos à Ohaddin.

A menina olhou para ele com uma expressão que eu não pude interpretar.

Olhei para Esiko. Seu rosto estava pálido e suas mãos tremiam. Ao meu lado, Orseola fez um barulho estranho. Ela estava olhando direto para a garota, sua boca meio aberta e seu lábio superior brilhando por causa do suor. Coloquei uma mão sobre a dela, para impedir que falasse. Que chamasse atenção para si. Quanto mais o homem esquecesse que existíamos, melhor.

— Primeira Esposa.

Kabira se levantou e foi até o marido, fez uma reverência e aguardou ordens.

— Garanta que Iona tenha tudo o que precisa. Dê alguns de seus quartos para ela. Um guarda-roupa adequado. Joias. — Ele fez um aceno com a mão, dispensando-a. — Todas essas coisas.

— Sim, meu senhor — a velha respondeu e fez outra mesura. Eu nunca a vira tão submissa a um homem antes. Devia ser por causa da filha. Porque ele deixara que ela vivesse e não tinha castigado a esposa. Ainda.

Talvez essa fosse uma forma de castigo.

Sem dizer mais nada, ele se virou e deixou o dairahesi. Cochichos espalharam-se imediatamente entre as concubinas. Uma nova esposa! Ninguém podia ter imaginado isso.

— Ela é só uma criança! — Orseola disse ao meu lado. — Uma criança!

Era verdade. Ela mal parecia ter idade para começar a sangrar.

— Quando fugirmos… ele vai preencher nossos lugares apenas com meninas cada vez mais jovens.

Pedi silêncio, mas ela não me deu ouvidos. Ninguém parecia estar ouvindo o que ela dizia; todas disputavam para ver quem falava mais alto.

— Ele tem que ser impedido! — Orseola estava tremendo tanto que eu podia senti-la tremendo. — Ele tem que ser impedido!

— Ele tem a morte em mãos — falei e segui Iona com o meu olhar. Kabira apresentou sua residência para a menina. Forçada a ceder um de seus próprios quartos e seu próprio conforto. Que humilhação para uma mulher como ela. — Você mesma disse: não há nada que nós possamos fazer. Apenas nos salvar, se pudermos.

— Ele pode ter a morte — sussurrou Orseola —, mas eu tenho sonhos.

***

Estegi notou o problema das velas uma noite depois.

— Vamos precisar de velas — observou, quando havíamos nos reunido no salão de banhos novamente. As que iriam fugir. Estegi dissera pouco sobre nossa fuga depois que conseguimos comprar *Naondel*. O barco nos esperava em um cais abandonado em Ameka. Estegi até esteve lá para se assegurar que era verdade. Eu estava acostumada vê-la como uma serviçal: aquela que trazia chá e doces para nós, esvaziava urinais ou vendia joias no bazar. Não como aquela que tinha ideias.

— *Naondel* não tem velas?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Meu primo teve que pegar duas emprestadas do pescador para navegá-la, mas ele precisava delas volta.

— O que o pescador sabe sobre as compradoras do barco? — perguntou Sulani, sempre a estrategista.

— Ele acredita que era para meu primo.

— E seu primo? Em que ele acredita?

— Ele acha que eu tenho um amante. — Estegi enrubesceu. — E que estamos fugindo juntos. — Ela olhou rapidamente para Sulani.

— Precisamos de velas — falei. — Terasu é longe. Remar é devagar demais. Muito difícil. Para aquelas como vocês, quero dizer.

— Velas — disse Orseola. — Temos um barco, mas nenhuma vela.

Sulani me olhou.

— O que faz uma boa vela?

— Forte, leve. Fabricantes de velas são artesãos altamente respeitados. Um ofício difícil. Eu posso consertar uma rede decente, mas não sei fazer velas.

Estegi se inclinou para frente.

— Você sabe o que faz uma boa vela, então? A impressão que dá, como ela se move?

Eu mexi a cabeça, confirmando.

— Muito bom. Então eu posso costurá-la. — Ela se inclinou para trás e entrelaçou os dedos em seu colo. Sulani olhou para ela por muito tempo, depois sorriu.

— Não temos nada para costurar — argumentou Orseola e eu ri.

— Tecidos são a única coisa à mão nesta gaiola dourada! Você não vê o que nos cerca? Seda! Almofadas de seda, cortinas de seda, seda em nossas roupas. Temos toda seda resistente e leve que se pode desejar.

— As almofadas são pequenas demais — disse Estegi imediatamente, esfregando os dedos uns nos outros, como se estivesse se aquecendo para já começar a costurar. — Mas as cortinas são boas. E talvez possamos pedir rolos inteiros de tecido, para costurar nossos casacos.

— Não devemos pedir nada a ele agora, você sabe disso — falei.

— Mas nós conhecemos alguém que pode — notou Orseola. Entreolhamo-nos.

— Não podemos deixá-la fazer parte do plano — objetei. — Como podemos fazer um pedido para ela sem contar a verdade?

— Se eu puder dar uma sugestão — disse Estegi. Ela se levantara e estava de pé ao lado de Sulani, ainda com sua cabeça abaixada com respeito, porém, mais do que a simples serviçal. Ela era uma de nós agora. — Vocês podem simplesmente pedir. Ela é prestativa e ansiosa para agradar.

— Precisamos de seda — concluí. — Sem velas, *Naondel* é um pássaro com as asas cortadas. Eu vou falar com ela amanhã.

Enviei Estegi com uma mensagem: eu poderia visitar a nova esposa para prestar minha reverência? A resposta veio rápido: *entre*. Então me lavei totalmente e usei óleos de perfume doce para mascarar o cheiro de peixe e alga que sempre esteve grudado em mim. Enfiei um pente em meus cabelos limpos, caminhei através do grande salão e desci o corredor para os aposentos privados, onde bati à porta da nova residência de Iona.

Estegi abriu e eu entrei. Depois parei. Seus cômodos eram diferentes de qualquer outro que eu já vira no dairahesi. O chão de pedras estava nu. Não havia telas pintadas ou grandes vasos. As persianas estavam abertas para o sol da primavera. Havia um altar simples contra a parede oposta, com uma faca, um pedaço de pão e uma pedra colocada em cima dele. Iona estava sentada em uma almofada segurando algo em seu colo. Algo marrom amarelado, com órbitas dos olhos vazias: um crânio. Do outro lado de Iona, estava sentada Garai. Ela olhou e franziu a testa.

— Por que você nos perturba, Clarás?

— Ela é minha convidada, sacerdotisa — respondeu Iona. Garai não ficou nem um pouco contente, mas virou-se de volta para Iona e para o crânio.

Eu me aproximei e me sentei ao lado de Garai. Com ela lá, eu não podia fazer o meu pedido.

— É um objeto infinitamente poderoso que você possui. Com sua ajuda você pode se libertar de seu amo. — Garai não parecia ser capaz de tirar os olhos do

crânio.

— Ele não é meu amo — respondeu Iona seriamente. — Ele é o meu monstro e minha morte está em suas mãos.

Garai ficou quieta. Depois, fez reverência para Iona e deixou o quarto com pressa.

Eu esperei que ela se dirigisse a mim. Ela era uma esposa. Eu era uma simples concubina, inferior na hierarquia.

Iona estava quieta. Ela olhou para mim agradavelmente, mas sem interesse.

Um gato veio de outra sala direto para o meu colo. Ele ronronou enquanto eu passava a mão em suas orelhas macias. O crânio no colo de Iona olhava fixamente para mim com seus buracos pretos.

Vida e morte.

— Há algo que você queira? — Finalmente, ela quebrou o silêncio. Finalmente, eu podia falar.

— Você tem a atenção do Vizir. Poderia lhe pedir tecido? — Era tudo o que eu podia dizer. Sem inteligência nem eloquência.

— Que tipo de tecido? — Iona correu as pontas dos dedos pelos dentes do crânio. Era um crânio muito pequeno. Talvez de uma criança.

— Seda. Não recebemos mais. Nós que não somos a favorita do Vizir, como você.

Eu podia sentir Estegi se contorcendo atrás de mim, envergonhada pelo meu comportamento desajeitado. Mas Iona me olhou com um olhar amigável e pausado. Então, virou a cabeça, como se estivesse escutando alguma coisa. Ela mexeu levemente a cabeça.

— Eu recebi muita seda para decorar os meus quartos, mas prefiro mantê-los simples. Estegi, pegue os rolos do meu quarto.

Estegi curvou-se e desapareceu por uma porta. Eu não conseguia tirar os olhos do crânio.

— Quem é?

Iona deu um sorriso tímido que iluminou seu rosto.

— Mizra. Minha amiga e predecessora. Ela sacrificou sua vida para o monstro. Eu estou esperando a minha vez.

— Você quer morrer? — Coloquei uma mão em minha barriga. Senti o peixe dentro de mim se debatendo e chutando.

— Para manter o Ciclo Eterno. De vida e morte. — Ela descansava uma mão sobre Mizra, como uma touca. — É o meu propósito. Eu não tenho nenhum outro.

— Todos nós temos que morrer — falei. — Por que morrer antes dos espíritos dos seus ancestrais te chamarem?

— Eu não reconheço os espíritos dos mortos — respondeu Iona. — O Ciclo Eterno exige o sacrifício de alguns para conceder o bem-estar de muitos.

— Meu propósito é cuidar desta criança — contei e mostrei a minha barriga. Iona mexeu a cabeça.

— É bom ter um propósito. Então você sabe que todas as decisões que ajudam a alcançá-lo são as certas.

Estegi entrou segurando vários rolos de seda em cores brilhantes, alguns uma gaze fina e outros seda bruta áspera. Mais do que o suficiente para as nossas velas. Eu agradeci Iona com as palavras mais amáveis que pude pensar e me curvei repetidamente. Ela levantou o crânio e aproximou da sua bochecha.

— Mizra me diz que é importante que você use esses tecidos. Escolha o verde-acinzentado, é o menos visível no mar.

Eu saí tropeçando com Estegi me seguindo. Nós nos entreolhamos. Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não disse nada! — sussurrou. — Você tem que acreditar em mim!

O oceano. *Naondel*. Ela sabia algo, mas o quê? E seria ela a nos trair? Ela parecia estar no lado do homem. Não tinha medo dele.

E ele era um homem a ser temido.

Ele ainda vinha a mim às vezes. Claramente, Iona não era o suficiente para satisfazer a sua luxúria. Ou talvez ele escolhera não degradá-la com as coisas que ele fazia comigo. Ele também visitava Sulani. Eu vi as marcas em seu rosto e corpo. Ela nunca reclamou. Estegi cuidava de seus ferimentos e inchaços com mãos leves e carinhosas.

Às vezes, eu olhava para elas e desejava que alguém me tocasse daquele jeito. Às vezes, depois do homem ter me usado, eu desejava que ninguém me tocasse.

Tínhamos tudo o que precisávamos para nossa fuga. Estegi foi rápida com a agulha e linha e as velas foram logo terminadas. Os dias aproximando a noite de nossa fuga corriam juntos como grãos de areia.

Eu decidira que fugiríamos cinco dias depois da última lua cheia da primavera. É quando o vento começa a bater do sul, mas ainda não está quente demais. As velas estavam esperando, prontas, debaixo da minha cama. Tudo era perigoso. Nossos suprimentos escassos, mas suficientes, estavam esperando no depósito esquecido. Minha barriga estava redonda, mas quando eu sentia os

chutes fortes da criança, eles me inspiravam força também. Era a noite antes da lua cheia.

Era a noite em que tudo deu errado.

Fui acordada pela necessidade de esvaziar a bexiga. Isso estava acontecendo com cada vez mais frequência agora que a criança estava grande. Quando terminei de usar o urinol, ouvi passos vindo do grande salão. Abri a porta e segui o som.

Orseola estava de pé, olhando para a fonte. Ela era frequentemente trazida de volta ao dairahesi à noite, depois de tecer sonhos para o Príncipe Soberano. Através da porta de treliças, vi a silhueta de um guarda na escuridão. Apenas um naquela noite.

Andei até ela. Ela não olhou para mim. Estava olhando fixamente para a água.

— Não se deve nunca ferir um sonhador — disse, com a voz tão baixa que eu tive que me inclinar para frente para poder ouvir. — Minha mãe sempre dizia isso. Nunca machuque. — Ela caiu de joelhos diante da fonte e apoiou sua testa contra a fonte fria de mármore. — Ele queria voar — sussurrou. — Então deixei que voasse. Eu peguei todas as lembranças que pude encontrar de lugares altos, vento em seu rosto e mares tempestuosos. Eu teci melhor do que nunca, peixinho. Seus olhos lacrimejaram ao vento. Nuvens grossas molharam sua pele. Ele não sabia que não estava acordado. Eu desarrumei suas penas de falcão ao vento, elas apitaram em seus ouvidos, rajadas fortes jogaram-no para aqui e para lá até ele não saber se estava no alto ou lá embaixo. — Ela apertou o meu ombro. — Ela é tão jovem! Ela é uma criança! Ele tem que ser detido, peixinho, alguém tem que detê-lo! Senão ele vai trazer meninas cada vez mais novas para cá quando tivermos partido!

— De quem você está falando? E que menina?

Ela riu, alto e agudo, e sua risada ecoou no salão vazio. O guarda se virou.

— De volta aos seus quartos — ele disse com a sua voz aguda de quase-homem. — Agora.

— Eu fui chamada pelo Soberano — sussurrou Orseola, seu rosto próximo ao meu. — Eu não posso alcançá-lo, nosso inimigo, mas posso feri-lo por meio do Soberano! Se ele não tem ninguém para puxar as cordas da marionete, quem é ele então?

— Orseola, o que você fez? — sussurrei. Sua força em meu ombro era grande.

— Ele caiu, peixinho — ela disparou.

Eu ouvi o guarda mexendo nas chaves e comecei a chacoalhar Orseola, tentando afastar sua insanidade.

— O que você fez?

— Eu encontrei todos os seus medos, estrelinha-do-mar. Encontrei cada um deles e amarrei ao seu sonho. Por fim, amarrei a lembrança de sua mãe agonizando até a morte quando ele era criança. Eu a amarrei com o mais belo nó. Seu eu de sonhos hesitou, uma vez, duas vezes, na terceira vez ele se corrigiu novamente. Eu o ataquei com seu próprio medo da morte. Ele caiu como uma pedra!

Ela estava respirando em soluços violentos. Eu ouvi um barulho de portas, o guarda as destravou e entrou. Seus passos ecoavam no piso de pedra. Se eu estivesse preparada, nós poderíamos pegá-lo de surpresa naquele instante – a oportunidade perfeita! Mas era cedo demais. Eu precisava de Sulani comigo. Eu não tinha nada com que bater. Mas pelo menos eu sabia que nosso plano ia funcionar. Especialmente se tivéssemos sorte e houvesse só um guarda na noite da fuga.

Orseola choramingou, alto desta vez.

— Ele não vai mais acordar, peixinho! Nunca, nunca mais.

Fiquei de pé com um pulo. O guarda estava na nossa frente.

— Ela está confusa. Estou tentando levá-la para a cama.

Sem uma única palavra, peguei a mão de Orseola e juntos a arrastamos para sua própria cama. Ela não impôs nenhuma resistência. O guarda nos deixou com relutância, ordenando que eu fosse para cama assim que a acalmasse. Mesmo então, meus olhos estavam procurando por algo pesado, algo para bater na cabeça dele. Mas não, era a noite errada. Eu faria o que nós estávamos preparando na próxima vez.

— O maior tabu — resmungou Orseola. — Exílio foi bom demais para alguém como eu. Não, não. Minha árvore do nascimento tem que ser cortada. Queimada. Nenhum broto restante para germinar. Eu violei tudo. Mãe, mãe, me perdoa, MÃE!

Ela gritou e se debateu até que eu finalmente tive que deixá-la sozinha, dominada por um horror profundo.

Se o que ela disse era verdade, se o Soberano estava morto, o que o homem faria, então?

***

Orseola havia matado o Príncipe Soberano. Mas ela o fizera com tanto esmero que ninguém suspeitou. Ela havia sido sua tecedora de sonhos por muitos anos e poucos sabiam o que ela fazia. Eles achavam que ela era uma concubina, uma favorita que o Vizir emprestara. Se seu abraço apaixonado havia sido mais do que o coração de um velho podia aguentar, de quem era a culpa? De ninguém. Ele adormecera tranquilamente em sua própria cama. Ele já havia vivido mais do que os seus contemporâneos. Ninguém em Karenokoi chegara a tal idade. Ele se juntara a seus ancestrais, atrasado.

Mas o Vizir tivera a morte do Soberano em suas mãos. Ele devia saber que alguém a roubara dele. Eu não entendi direito, mas foi o que Estegi me explicou. Ela estivera lá desde pequena, e sabia mais sobre Ohaddin e as intrigas do palácio do que o resto de nós, atreladas a um juramento.

Ele suspeitava de todos desde que os seus filhos haviam morrido. Quando Esiko revelou-se uma menina, sua mania de perseguição foi ainda mais inflamada. Agora que o Soberano morrera sem o seu consentimento, sem o seu conhecimento, ele parecia ter ficado insano. Aumentou o número de guardas em todos os lugares. Não havia mais eunucos, como estávamos acostumadas. Eram soldados, armados até os dentes com rostos duros e mãos cheias de cicatrizes. Eles guardavam todas as portas e janelas em vários prédios do palácio. Era totalmente impossível pôr nosso plano em ação. Nossa rota de escape estava bloqueada.

Nós tínhamos *Naondel*. Tínhamos alimentos e velas. Mas não tínhamos mais a possibilidade de fuga.

Kabira

MEUS FILHOS ESTAVAM MORTOS.

Depois da morte do Príncipe Soberano, Iskan executara todos os parentes homens dele, convencido que um deles cobiçava o trono. Incluindo as crianças. E aquelas que ainda estavam sendo amamentadas. E qualquer mulher que pudesse ser suspeita de carregar um filho do Soberano. Não havia execuções públicas. Mas nós, residentes de Ohaddin, ouvimos os gritos naquele dia horrível em que a matança ocorreu. Os gritos de crianças, interrompidos abruptamente. Os gritos das mães, sem fim. Não senti nada quando os ouvi.

Meus filhos estavam mortos.

No dia seguinte, uma fumaça espessa se formava sobre o Jardim da Serenidade Eterna, sobre o telhado dourado do palácio, por toda Ohaddin. Ele ordenou que os corpos fossem queimados em uma das colinas ao norte da cidade. Eles não teriam um enterro. Seriam obliterados, sem ser unidos na vida eterna com seus ancestrais.

Naquele dia, Ohaddin estava velada por uma fumaça grossa e um silêncio mortal. Ninguém falava. A fumaça grossa calou até os pássaros.

Meus filhos estavam mortos.

Orseola enlouqueceu naquele dia. Ela sempre havia sido instável, mas agora ela se enfurece com uma energia impossível de se lidar. Os guardas do dairahesi amarraram-na em sua cama para que não possa se machucar e Garai forçou misturas calmantes nela.

Eu poderia entender a profundidade de seu sofrimento.

Meus filhos estavam mortos.

Iskan veio a mim depois do Dia dos Corpos Queimados. Ele não me visitava há muito tempo, não desde que Esiko lhe contou a verdade sobre ela. Esiko estava comigo quando ele entrou em meu quarto sem aviso. Eu caí de joelhos

imediatamente e me curvei até o chão. Depois de um momento de hesitação, Esiko seguiu o meu exemplo. Ela ainda não havia se acostumado a se comportar como uma mulher dócil. Ela vestia roupas femininas, sob ordens de seu pai, mas seu cabelo ainda estava curto e eu não conseguia me acostumar a vê-la vestida como uma garota. Ela havia mudado. Era tímida e não saía dos nossos aposentos. Eu estava feliz de mantê-la por perto. O mais perto possível. Qualquer coisa, desde que eu não perdesse minha última criança. Esiko se sentou e esperou seu pai chamá-la e aceitá-la como sua confidente, sua conselheira mais íntima, mais uma vez.

Ele não a chamara desde que descobrira a verdade.

— Levante-se. — Espiei Iskan. Era com Esiko que ele falava, não eu. Ela estava agachada e olhava com expectativa para cima, para seu pai. Ele fez uma careta de nojo.

— Que monstruosidade. Cabelos tão curtos! E por que você não usa correntes de cabelo? Dez para mostrar que é da casa de Che. Não apareça em público até que seu cabelo cresça.

Pela expressão de Esiko, parecia que ele tinha cuspido em seu rosto. Ele se virou para mim. Olhar para seus olhos totalmente pretos era como ver o mundo dos mortos. Pensei que, talvez, se eu olhasse por tempo suficiente, começaria a ouvir os gemidos das suas vítimas.

— Ela é uma mulher de todas as formas? Entre suas pernas?

— Sim — respondi. — Naturalmente.

Essas foram as primeiras palavras que eu dirigi a Iskan desde que ele matara meus filhos.

Ele deu um riso zombeteiro.

— Quem sabe quais serão os malefícios por ela ter crescido como um homem. Levará tempo até Iona poder me dar filhos. Anji mostrou. Entretanto, Iona tem algo que é muito mais valioso para mim. Assim que eu tomá-lo, ninguém poderá me vencer de novo. Até lá, tenho que fortalecer minha posição. Vou tomar as providências para erradicar o que sobrou da oposição. Nenhuma ameaça vai permanecer. Infortúnios ocorrem, de fato. Eu percebi isso quando o Soberano morreu. Agora que ele está morto, tenho que reinar em seu lugar. — Ele sorriu. Não havia nem alegria nem calor em seu sorriso. — Os conspiradores não contavam com isso. Eles me deram o trono de bandeja. Porém, eu preciso de alguém ao meu lado. Esiko vai se casar assim que ela estiver apresentável. Estou me esforçando muito para encontrar um bom candidato. Alguém que possa assumir o lugar de Korin. Alguém que seja completamente leal a mim.

— Mas eu sou leal, pai! — Esiko explodiu. Eu respirei fundo. Ela não podia desagradá-lo. Ele era capaz de qualquer coisa. Ela não era mais seu filho. Mas Esiko não entendia isso.

— Eu te servi muito bem, você ouviu meus conselhos, pois conheço o seu domínio. Sei tudo sobre Anji! Pai, eu lhe imploro, me deixe visitar a fonte de novo. Deixe-me provar meu valor.

Iskan se virou para ela, lentamente. Estudou-a com cuidado, sem demostrar nenhuma emoção.

— Você mentiu para o seu pai e senhor. Não fale comigo sobre lealdade. De fato, não fale comigo. Considere-se sortuda por ainda estar viva. E só porque ainda tem uma função. Você vai se casar. — Ele olhou para ela, sem expressão. Pensei como ela andava em seus ombros. Quando era um menininho.

Ele se virou e partiu. Esiko ficou imóvel, seus olhos cheios de lágrimas. Eu não a vira chorar desde os quatro anos.

— Não podemos esperar por mais do que isso — falei. — O casamento é o destino de toda mulher. Talvez ele encontre alguém que não viva muito tempo. Assim, podemos nos ver com frequência.

A simples ideia de não poder ver Esiko todos os dias me enchia de pânico.

Esiko se virou para mim.

— Eu quero mais! — gritou. — Isso é culpa sua. Durante todos os meus cartoze anos, aprendi a querer mais. Eu sou o filho do Vizir! E agora você quer que eu seja como você. Uma mulher. Alguém que não quer nada, não sabe de nada, não faz nada!

Então, ela cuspiu no chão diante de mim e saiu furiosamente para o seu próprio quarto.

Anji dera poder a Iskan. A fonte o ajudara em todos os crimes horríveis que ele tinha cometido. Anji roubara minha filha desde o início; enquanto Esiko ainda estava dentro de mim, a sua força fluiu por suas veias. Minha filha sempre ouvira mais a fonte do que a mim. Anji podia mandar em Iskan infinitamente. Ele levaria minha filha ou a mataria. Eu não podia deixar essas coisas acontecerem.

Tem de haver um jeito de tirar o poder de Iskan.

Sem o poder, ele seria um homem comum. Um velho. Sua influência em Esiko afrouxaria. Ela finalmente o veria como era e então seria minha. Como no início pensei que seria, naquela noite que levei Iskan para cama pela última vez.

Fui acordada naquela noite pelo cheiro de fumaça.

A princípio, pensei que era o cheiro remanescente dos corpos queimados me torturando. Depois, abri os olhos e vi um brilho vermelho flamejante dançando pelas paredes de meu quarto. Eu corri para a janela.

O Palácio da Tranquilidade estava em chamas. O prédio que alojava todas as concubinas e filhas do Soberano que haviam sobrevivido ao massacre.

Esiko passou por mim correndo e saiu pela porta. Eu coloquei um casaco e a segui rapidamente. O dairahesi estava cheio do clamor de vozes, movimentações, medo.

Esiko corria em direção às portas de treliça diante das escadas. Um único guarda estava lá, um dos novos, recrutado do exército. Ela o chamou pelo nome.

— Barado. Irmão de armas. Abra esta porta.

Ele balançou a cabeça.

— Desculpe, irmãzinha. As ordens do Vizir não podem ser contestadas.

— Onde está o Vizir?

— Ninguém sabe. — Ele não conseguia esconder sua preocupação.

— Quem está liderando a empreitada contra o incêndio, Barado?

Esiko continuou a usar o nome dele. Para lembrá-lo do elo que os unia.

— Eu não sei, Ora… irmãzinha. A maioria dos guardas estão lá lutando contra ele.

Por fora, ela era ainda Orano, o filho de Iskan, mas os guardas do dairahesi a haviam visto como Esiko, com roupas de mulher, e sabiam a verdade. Eu não sei o que Iskan havia dito a eles. Talvez nada. Ele não precisava se explicar para ninguém.

— Alguém tem que liderar a operação, Barado. Você sabe disso. Requer um comandante. Não faz muito tempo que estávamos em batalha juntos — disse Esiko seriamente. Ela não estava implorando. Estava decidida e sob controle: uma líder. — Colocamos nossos arcos lado a lado. Todos que são capazes devem ajudar a apagar o fogo. Você também. Eu vou liderar a operação, se todos me seguirem. E se o pior acontecer, se o fogo se alastrar, você com certeza não quer arcar com a responsabilidade de todas mulheres do Vizir serem queimadas vivas?

Exatamente como as mulheres e crianças do Soberano estavam sendo queimadas naquele instante, pensei. Eu olhei para a minha filha. Ela era alta e estava com a postura firme diante do guarda, que a olhava. Sem mais uma palavra, ele pegou a chave e destrancou a porta. Só então que eu vi como Esiko estava vestida, em suas velhas roupas de Orano. Casaco azul, calças brancas, botas de cano alto.

Ela se virou para mim.

— Mãe, se o fogo ameaçar esta casa, eu quero que você leve todas as mulheres e crianças para algum lugar seguro.

Mexi a cabeça, concordando.

Ela desapareceu pelos degraus sem dizer uma única palavra.

Olhei à minha volta. O grande salão estava deserto.

Saí pelas portas de treliças sem hesitação. Sozinha pela primeira vez desde a construção do palácio. Quando eu estava descendo as escadas correndo e saindo para o jardim, lembrei-me da minha visão após a morte de Lehan. Minha visão desta casa, das mulheres que agora viviam lá. Eu não sabia nada ao seu respeito. Agora, elas eram a minha única companhia e haviam sido por todos os anos de meu confinamento. Esiko confiou as suas vidas a mim.

Eu não me importava se elas vivessem ou morressem.

Garai

Eu me preparava para a lua de sangue há muito tempo. As estrelas me mostraram que ela se aproximava. Minha mãe me ensinou a ler os sinais. É quando o poder da lua está mais forte e ela atrai a força vital da terra em sua direção. Ela ascende à superfície e todas oferendas nessa hora são mais potentes do que nunca. Eu posso senti-la por todo o meu ser. Meus ossos cantam sobre a força vital. Eu não tive a oportunidade de caminhar entre as árvores de zismil por muito tempo; Iskan nos proibiu de sair depois de tudo o que aconteceu. Porém, eu posso senti-la ao anoitecer. Se eu danço a dança da lua é como se as raízes de zismil estendessem de meus próprios pés, e eu posso prolongá-las para dentro das profundezas da terra, embaixo das montanhas, e eu sinto a força vital ferver e efervescer. Minhas raízes encontram o caminho dentro das origens mais profundas desse tipo de poder. Ela me chama. Enquanto estou sentada escrevendo isso, sob a luz da vela, o chamado fica mais forte. Parece que eu não só sinto-o em meu corpo, mas eu também ouço-o, como um grande clamor. O ar em meu quarto engrossa, deve ser a força vital enchendo o próprio ar! Tem cheiro de… fumaça.

Eu me levanto, olho pela janela e vejo fumaça. Ouço o barulho de pessoas gritando. O Palácio da Tranquilidade está em chamas.

E a fonte está me chamando.

Certa vez, eu peguei uma faca do nosso jantar, escondi-a e a afiei-a completamente para que a lâmina ficasse tão afiada quanto a adaga de oferendas da minha mãe, embora não de obsidiana. Eu vou pegá-la agora. Esta é minha chance. Se eu encontrar uma porta aberta, vou até a fonte e vou fazer mais uma oferenda – grande. Uma oferenda sob a lua de sangue para uma fonte de poder tão forte como aquela existente aqui em Ohaddin – isso vai me transformar em uma sacerdotisa tão poderosa e sábia quanto minha mãe. Ou ainda mais. Não há

tempo a perder. Estou levando minhas anotações comigo. Essa pode ser a oferenda da qual eu nunca retornarei, neste caso, quero que alguém consiga encontrar minhas anotações. Estou me vestindo para o frio para encarar a noite. Estou pronta.

Clarás

ESTEGI ME ACORDOU. ESTAVA DORMINDO PROFUNDAMENTE E LEVOU MUITO tempo para eu despertar. Ela estava inclinada sobre mim com uma lamparina em sua mão.

— O Palácio da Tranquilidade está em chamas — disse. — As portas estão destravadas.

Eu me sentei.

— Podemos fugir? Agora, esta noite?

Ela fez um sinal afirmativo.

— Vou acordar Sulani. — Ela deixou o quarto em silêncio.

Enquanto eu me apressava para me vestir, pensei em Orseola. Eu sabia que ela seria um fardo. Algo que precisaria ser arrastado, que poderia ser um peso que nos levaria ao fundo e nos afundaria. Mas às vezes, fardos são necessários. Redes voariam para longe sem pesos. Além disso, ela ajudara a encontrar *Naondel*.

Amarrei o monte de velas às minhas costas com uma corda fina. Sulani entrou, totalmente vestida, com uma cara horrível. Atrás dela Estegi, que empacotou rapidamente itens em uma bolsa: lamparinas, óleo, material para iniciar fogo. Sulani tinha vários rolos de corda em volta de sua cintura e em cima dos ombros. Muito bom. Elas haviam ouvido o que eu dissera. Vi outra coisa em sua mão, algo brilhante e afiado.

Apontei.

— Uma arma?

Ela mostrou um faca comprida.

— Estegi afanou para mim. Uma guerreira não vai à batalha desarmada.

Subitamente, eu estava feliz por não estar fugindo sozinha.

— Podemos descer as escadas — disse Estegi em voz baixa. — Primeiro pela dispensa. E depois?

Ela olhou para mim e Sulani.

Eu não sabia como ela nos levaria para fora da área do palácio. Depois de nosso plano para surpreender os guardas, não pensei em outro. Sulani enfiou a faca em seu cinto.

— Sobre o telhado em pagode da fonte. De lá podemos chegar ao muro. Temos corda. Podemos nos abaixar.

Coloquei minhas mãos protegendo minha barriga.

— Eu vou ajudar — ela disse. — Não há outro jeito. Os portões são vigiados demais. Você está calçada?

Eu não entendi o que ela quis dizer.

— Teremos que percorrer uma longa distância rapidamente e sob o véu da escuridão. Você não pode ir descalça; é um risco grande demais.

Mostrei as sandálias em meus pés. Estegi mostrou as dela. Sulani fez um sinal de aprovação. Ela enrolara os cabelos em trancinhas e as prendeu para trás para que não a incomodassem. Eu usava apenas o meu pente de cobre no cabelo. Estegi cobrira seus fios com um lenço azul.

— Orseola? — perguntou Sulani.

— Temos que levá-la conosco.

Deixamos meu quarto e saímos para o grande salão. Muitas outras concubinas se reuniram lá, algumas delas com bebês muito pequenos em seus braços. Elas estavam em frente às janelas. O ardor do fogo refletia-se em seus olhos. Elas não olharam para nós. Corri para o quarto de Orseola. Ela estava sentada na cama com as pernas cruzadas.

— Fora fora fora — ela balbuciava monotonamente. Encontrei sandálias e estiquei suas pernas. Ele me deixou colocá-las, passivamente, balbuciando o tempo todo: "Fora fora fora". A vesti com uma jaqueta acolchoada e amarrei sua caixa de joias em suas costas. Sulani colocou a cabeça para dentro.

— Você consegue seguir com ela?

Mexi a cabeça, confirmando e guiei Orseola para fora do quarto. Ela viu as chamas pela janela e parou.

— Caçadores de sonhos — disse de repente, com muita clareza. Estegi correu para dentro do quarto, voltou em seguida e nos mostrou a bolsa dela.

Sulani assumiu a liderança. Eu a segui com Orseola em meu braço e Estegi foi a última. Ninguém falou conosco quando deixamos o grande salão para o corredor. Estava escuro. O cheiro de fumaça era inconfundível.

— Claque, claque — disse Orseola. — Os sonhos sobem com a fumaça.

Sulani empurrou-me contra a porta principal, que se abriu. Ela espiou as escadas que desciam e fez um sinal para que a seguíssemos. Dei uma última

olhada para trás. As outras mulheres ainda estavam de pé junto às janelas. A fonte estava silenciosa. O ar estava pesado por causa da fumaça. Eu segui as outras, descendo as escadas. Prendi a respiração enquanto andávamos. Eu temia que Orseola chamasse a atenção para nós. Pensei no que os guardas fariam. O que o homem faria. Eu estivera pensando sobre a fuga há tanto tempo, sonhando, planejando. Era difícil de acreditar que estava realmente acontecendo.

Chegamos ao piso inferior. Estegi nos guiou pelos corredores que eu jamais havia visto antes. Eles eram estreitos, tortuosos e escuros. Os aposentos dos serviçais. Não encontramos ninguém. Provavelmente, estavam todos ocupados combatendo o fogo.

Estegi abriu a porta e pediu que esperássemos. Depois de um tempo, ela voltou com dois sacos. De um deles ela tirou cantis de pele de bode. Nós os amarramos em torno de nossos quadris; amarrei bem o de Orseola. Sulani jogou o saco em suas costas, mas, então, Orseola riu.

— O cavalo de batalha torna-se o burro de carga.

Sulani olhou para ela.

— É verdade. Não posso lutar enquanto estiver muito carregada.

Sem dizer nada, Estegi passou sua bolsa pequena para ela e pegou o saco pesado.

Continuamos atravessando uma pequena porta que dava para o jardim. Agora, o cheiro de fumaça era ainda mais intenso. O Palácio da Tranquilidade era como uma tocha acesa. Ele iria arder até o fim. Sombras corriam entre as árvores com baldes do riacho, lagos e fontes. Vozes gritavam, tanto de mulheres quanto de homens.

Nós nos agachamos e corremos. As sombras das árvores nos ocultavam. Arbustos arranhavam minhas pernas e eu tinha que puxar Orseola comigo. Ela estava me deixando mais lenta, mas Sulani esperou. Ela corria à frente, constantemente alerta. Sulani levantou uma mão, nos fez esperar, depois acelerou. Eu seguia como se estivesse cega. Eu me sentia igualmente desamparada, colocando minha confiança nessa mulher quase inteiramente desconhecida, como uma pessoa cega confiando em seu guia.

Chegamos ao pagode na parte norte do jardim. A porta estava aberta. Ouvi vozes. Sulani fez um gesto pedindo que esperássemos enquanto ela se arrastava para frente. Eu puxei Orseola comigo, subindo contra a parede do prédio. Estegi soltou o saco pesado. Migalhas de carvão caíram voando como flocos de neves.

— São Kabira e Esiko — sussurrou Sulani quando ela voltou a nós. — E Garai está com elas.

— O que vamos fazer? — sussurrei. Olhei para cima, para o telhado em pagode. Podia alcançar a parte mais baixa, se alguém me ajudasse. Minha barriga estava pesando, me puxando para baixo. Eu já estava ofegante. Se começássemos a subir agora, elas nos ouviriam. — Devemos esperar?

— Nunca mais vamos ter uma oportunidade como essa. — A testa de Sulani tinha rugas profundas. — Temos que partir esta noite.

— Eu vou entrar — disse Estegi — Eu as conheço. Se eu falar com elas, não vão nos impedir. — Ela não parecia ter tanta certeza como suas palavras indicavam. Sulani olhou para ela por um momento, então fez um sinal afirmativo.

— Vamos esperar aqui.

Estegi desapareceu através da porta aberta.

Kabira

Cheguei à Casa da Serenidade sem ser vista. Os guardas estavam correndo para todos os lados levando água ou salvando o que podia ser salvo do Palácio da Tranquilidade. As portas do palácio estavam abertas. Eu não sabia onde a biblioteca era, apenas que ficava localizada no térreo. Tentei várias portas, algumas trancadas, algumas que se abriam para quartos vazios. Meus passos ecoavam no piso de mármore. Meu coração estava em disparada. Eu não sabia por que estava procurando a biblioteca. Para vasculhar as escrituras secretas na esperança de achar algo para salvar Esiko? Ou, ao contrário, resgatar a parte mais valiosa da casa no caso do fogo se alastrar? Encontrar algo que tiraria o poder de Iskan para sempre?

Eu não sei.

A porta mais distante estava trancada e eu soube naquele instante que era a correta. Esiko me contara onde Iskan guardava as chaves: em uma caixa em seu quarto. No andar superior.

Voltei pelo corredor e encontrei as escadas. Sequei minhas mãos suadas nas calças antes de começar a subir. Em seguida, ouvi ruídos: barulhos metálicos e outros sons abafados. Eles vinham do andar de cima. Hesitei – ousaria ir adiante? No instante em que eu parei, uma figura apareceu nas escadas diante de mim. Um homem de armadura de couro estava de costas, arrastando algo pesado.

Eu desci as escadas e me escondi atrás de uma porta aberta. Eu podia vislumbrar o pé das escadas por um espaço entre a porta e o batente. Ouvi um gemido e vários barulhos abafados e, então, vi imediatamente a imagem de um guarda, arrastando um saco pesado atrás dele.

Um saqueador se aproveitando do caos. Ele era corajoso e burro. Iskan iria encontrá-lo, não importava onde tentasse se esconder.

Então, percebi que me encontraria também. Com a ajuda de Anji, ninguém podia se esconder dele.

Assim que o guarda desapareceu pela porta da frente, eu corri para cima. Os aposentos de Iskan dominavam o primeiro andar inteiro: uma série de salas que, à primeira vista, pareciam mobiliadas esparsamente, quase modestamente. Porém, eu sabia o valor dos poucos vasos espalhados. Eu reconhecia o verdadeiro preço daquelas antigas telas pintadas. Ele tinha uma coleção de arte à altura de um Soberano, mas quando o valor não é exibido em ouro cintilante ou joias, poucos percebem as riquezas escondidas.

Suspeito que o guarda tenha afanado coisas simples tais como candeeiros e outros itens baratos. Corri pelos quartos, temendo que a caixa com a chave tivesse ido para dentro do saco pesado do guarda ladrão. Mas quando cheguei ao quarto de Iskan, vi imediatamente uma mesa baixa ao lado de sua cama: uma caixa simples de madeira.

Na caixa havia uma única chave.

Logo, eu estava no andar de baixo e dentro da biblioteca. Esiko e Sonan a haviam descrito em detalhes. Não era difícil encontrar as prateleiras com os pergaminhos mais secretos. Aqueles que continham todo conhecimento oculto. O conhecimento que Iskan queria manter para si. Passei os olhos pelos rolos, tentando decidir qual eu mais precisava, quando ouvi um ruído de raspagem, metálico, atravessar o barulho do fogo.

Corri para uma janela que dava para o jardim e o prédio em chamas. Parecia que o fogo se espalhara para o Templo da Aprendizagem adjacente. Entre o palácio do Soberano e a Casa da Serenidade, ficava a prisão que Iskan construíra para Anji. O som que eu ouvira era o da porta para a prisão. Eu não podia vê-la da janela, mas tinha com certeza absoluta. Alguém acabara de abri-la.

Quando olhei ao meu redor, encontrei uma bolsa de couro com os pergaminhos mais valiosos. Aqueles que eu sabia que nem Iskan podia decifrar, incluindo alguns que contavam as fontes de poder. Eu sabia que ele não fizera cópias. Ele era muito desconfiado para tal. Eu enfiei o máximo possível deles na bolsa, embora pudesse ouvir o papel amassando e rasgando. Não estava preocupada em preservá-los – não naquele momento. Eu estava pensando nas chamas e no papel queimado e em vingança. Mas, acima de tudo, estava pensando em Anji.

Muitas pessoas passaram correndo por mim enquanto eu me apressava através do Jardim da Segurança Eterna a caminho da fonte. Ninguém me impediu; todos estavam ocupados em apagar o fogo, escapar das chamas. Quando cheguei ao muro em volta de Anji, encontrei a porta aberta. Continuei a correr até chegar

à porta e entrar rapidamente.

Fazia muito tempo desde a última vez que eu estivera em sua presença. Parei na frente da porta e respirei fundo. Ela tinha o mesmo cheiro de sempre. Umidade, terra, folhas apodrecidas. Porém, os muros que Iskan construíra haviam deixado o cheiro concentrado e até pútrido. Os muros eram padrões em relevo de ouro com imagens de montanhas e animais selvagens. O chão era um mosaico de mármore. Havia várias tochas acesas por toda câmara e as paredes douradas refletiam o seu brilho. Vi agora que o telhado em pagode tinha uma claraboia, coberta por uma grade. Iskan provavelmente reconheceu que não podia manter Anji separada da lua se quisesse ler o futuro em sua água, o que obviamente queria. Após entrar, a luz das chamas era menos visível e esbranquiçava até quase desaparecer sob a luz intensa da lua cheia.

Esiko estava sentada à beira da fonte, com uma mão na água. Andei lentamente em sua direção. Parei e, pela primeira vez em quase trinta e cinco anos, olhei para dentro da água preta de Anji.

Foi como olhar para um poço de luto.

Subitamente, tudo passou muito rápido, como um tsunami. Mãe, pai, meus irmãos cujos rostos haviam se apagado em minha memória e se perdido. Meus três filhos, fortes e bonitos. Todos que haviam morrido nas mãos de Iskan, com a ajuda de Anji. Caí de joelhos, assolada por uma angústia tão opressiva que eu não podia mais ficar em pé. Chorei como não chorava desde que Iskan tirou Korin de mim. Minhas lágrimas perturbaram a superfície da água. Esiko estava sentada ao meu lado e não disse nada. Quando eu parei de chorar, ela me passou, sem uma palavra, uma concha de prata. Eu a enchi de água e bebi.

O poder de Anji me inundou. Era como prata jorrando por minhas veias, como vinho intoxicante, como a seiva da juventude. Eu podia sentir os anos de juventude voltando para mim. A sensação era mais forte do que eu me lembrava das vezes quando costumava beber a água da lua cheia. Sentada, endireitei a postura e respirei fundo.

— É a lua de sangue — disse Esiko, apontando para a abertura gradeada. A lua acima de nós era vermelha como vinho. Vermelha como sangue. — Nunca passei por isso antes. Algo está acontecendo com a água de Anji. Ela está me mostrando o futuro com mais clareza do que nunca.

Voltei a olhar para a superfície. Eu vi a lua refletida. Vi o meu rosto e o da minha filha. Eu nos vi separar uma da outra. Cada vez mais, até um vasto oceano estar entre nós. Eu vi mulheres do dairahesi trabalhando lado a lado. Outras imagens passaram, distorcidas e difíceis de serem entendidas. Ameaça, grande

destruição. Germinação, algo novo. Então, vi uma imagem muito mais clara: Esiko no trono do Soberano, com toda a Karenokoi aos seus pés.

Eu estremeci e me virei para olhar para ela.

— É difícil para você interpretar as imagens de Anji — disse ela suavemente, em um tom que eu não a ouvira usar desde que era muito pequena. — Para mim, é, de maneira geral, simples.

Eu estava consumida por medo. Iria Anji puxar Esiko para a escuridão e loucura como fizera com Iskan? Ela mataria e envenenaria, exatamente como ele fizera para chegar aos seus objetivos?

— Esiko, me prometa que você não vai beber a água escura, prometa-me! — Inclinei-me para frente e segurei suas mãos. — Essa fonte levou apenas ao sofrimento e morte. Queria ser presa aqui dentro para que ninguém volte!

Esiko levantou-se e a suavidade desapareceu de sua postura e tom.

— Eu não sou meu pai, mãe. Eu usaria a fonte corretamente. Como ela deve ser usada. Você devia se ver agora, depois de apenas uma concha de sua água, você recuperou anos de juventude! Você parece forte e saudável. O que há de errado nisso?

— Não há nada de errado em envelhecer — falei e prossegui antes que pudesse me impedir. — Eu queria envelhecer mais rápido para que pudesse morrer e me desprender desse sofrimento e esquecer como todos que eu amei foram tirados de mim. Mas Iskan não vai me deixar morrer, porque ele gosta de me ver sofrer. Você já esqueceu dos seus irmãos, Esiko? Você esqueceu como eles a amavam e a adoravam, seu irmão mais novo?

— As mortes deles não foram culpa de Anji, mãe. — Esiko cruzou os braços e se virou para o outro lado.

— Não foram? Iskan tomou proveito do poder dela, isso é verdade, a culpa é dele. Mas a fonte é a origem de sua arrogância. — Virei meu rosto para a lua vermelha para evitar que mais lágrimas escorressem. — Você devia ter tido irmãs, você sabia disso, Esiko? Muitas irmãs. Mas Iskan as roubou de mim, com a ajuda do poder de Anji. Ele matou todas elas. É por isso que eu escondi o seu sexo e a fiz meu filho, Esiko. Para mantê-la.

— Não é verdade! — disse Esiko. — Pare. Mãe!

— Olhe para baixo, para fonte. — supliquei — Veja você mesma.

— Não! Suas mentiras são descaradas demais. Não vou macular Anji com elas.

— Olhe! — implorei e tentei forçar sua cabeça para baixo em direção à superfície. — Veja se estou mentindo!

Minha morte. Subitamente algo a tocou. Segurou-a com força de um ferro. Não trouxe-a para mais perto, mas também não a soltou. Parecia que alguém estava segurando meu coração em suas mãos.

Arfei. Os olhos de Esiko encontraram os meus, primeiro severos, depois desafiadores.

— Impossível — tentei respirar. — A água não está oaki agora.

— Eu cresci com a água de Anji em minhas veias. Eu brinquei à sua margem, li o futuro na água toda lua cheia. Eu posso fazer coisas que ninguém mais pode. Nem mesmo meu pai.

Naquele instante, alguém entrou pela porta aberta. Esiko soltou a minha morte e nós duas nos levantamos abruptamente.

Era Garai. Seus cabelos longos brilhavam como um fogo branco na lua. De repente, fui lembrada do mundo além de Anji, de gritos e berros, o fogo estalando. Podíamos estar presas aqui? Cercadas por fogo? Eu não estava preocupada por minha causa, mas Esiko…

— Como está? — perguntei. — O fogo?

— Começando a ficar sob controle — respondeu Garai brevemente. Ela dobrou a manga de seu braço direito e checou seu braço cuidadosamente. Havia uma fila de cicatrizes na parte interna de seu braço, a maioria delas prateadas e difícil de ser vista na luz fraca, mas uma era mais escura do que as outras.

— Ótimo — disse Esiko, mais para Garai do que para mim. — Eu dei ordens para que todos os guardas e serviçais ajudassem a apagar.

Era por isso que os prédios estavam tão vazios. Uma ideia me ocorreu.

— Onde está Iskan?

Esiko olhou para outro lado.

— Ele está no Palácio da Tranquilidade.

— Foi ele que começou o incêndio — afirmei e olhei para a minha filha, mas ela não respondeu.

Garai se aproximou da fonte, agachou-se e bebeu um gole de água diretamente de suas mãos. Virei-me para Esiko de novo.

— Você não vê? Iskan está louco, afligido pela loucura da força vital. Ele está disposto a fazer o que for necessário, matar quantas pessoas forem necessárias, para chegar aos seus objetivos. Com certeza você viu a verdade em Anji, Esiko, minha única filha.

Ela ficou quieta por um instante.— Quando você conheceu meu pai, como ele era?

— Egocêntrico e obcecado. Pronto para fazer o que fosse necessário para

conseguir o que queria. Ele pensava que todos estavam contra ele e que era superior a qualquer outra pessoa.

— Então, você viu! — Ela virou-se para mim, seus olhos em súplica. — Ele sempre foi desse jeito. Mas isso não sou eu, mãe, você não vê? Eu não sou meu pai.

Eu queria esticar meus braços e abraçar minha filha – minha filha bela, forte e sábia. Porém, tudo o que eu podia sentir era a força com que ela segurara minha morte.

Agora fui eu que virei-me para o outro lado. Então, eu vi alguém. Estegi entrou pela porta como uma sombra e andou direto em minha direção. Ela não fez reverência. Estava com a postura confiante e me olhou nos olhos.

— Eu fiz o parto de dois dos seus filhos. Eu a servi. Eu guardei os seus segredos como se fossem os meus. Você confia em mim?

Pega de surpresa, eu via Estegi como uma serviçal. Estegi, a mulher. Ela não se parecia consigo mesma sob o brilho da lua.

— Eu não confio em ninguém, Estegi. Mas eu não confio em você menos do que em minha filha ou Garai. — Quando eu disse o nome delas, percebi que eram as únicas pessoas no mundo que significavam alguma coisa para mim. Passei os olhos sobre Garai. Ela tinha uma lâmina em sua mão, que segurava contra o braço esquerdo nu, e estava parada balbuciando alguma coisa para si. Foi só naquele instante que eu compreendi que ela era minha única aliada contra Iskan, contra o dairahesi, contra o mundo. Mais do que Esiko, que sempre estivera mais próxima do seu pai do que de mim.

Garai e Estegi, as duas que sempre estiveram ao meu lado.

— Isso basta para nós — disse ela. Depois ela se virou para Esiko. — Você não vai chamar por ajuda? Você não vai chamar os guardas, não importa o que veja?

Esiko se virou para mim, para Garai e para Estegi.

— Eu já fiz isso antes? Quem você acha que eu sou?

Estegi deu meia-volta e partiu. Logo, ela voltou com outras três mulheres. Sulani, Clarás e Orseola. Todas carregavam sacos, cordas e trouxas. Não pude deixar de rir.

— Que cena! O que vocês acham que estão fazendo?

Sulani ficou tensa. Ela se aproximou e mostrou o quanto era alta.

— Estamos deixando este maldito lugar — respondeu entredentes. — Nos cansamos de ser tratadas como animais.

— Vocês não vão chegar longe. — Chacoalhei minha cabeça. — Como

quatro mulheres solitárias podem escapar do poder e loucura de Iskan?

— Temos um plano. — Sulani apontou para algo em seu cinto. Eu olhei.

— Uma faca roubada da cozinha? Isso é o seu plano? Sua arma?

— O que você sabe sobre nosso plano? — Sulani não tirou os olhos de mim. — O que você sabe sobre o que podemos fazer? Do que somos capazes?

— Sulani. — Na boca de Estegi o nome pareceu uma súplica. Um carinho afetuoso. A palavra sozinha fez com que Sulani desse um passo para o lado. Estegi me olhou, ainda com os olhos de uma mulher livre. Ela usou meu nome como se fôssemos iguais. — Kabira, nós nos preparamos para essa fuga há muito tempo. Nós temos um barco.

Clarás se mexeu para impedi-la, mas Estegi balançou a cabeça. E Garai também. Ela levantou a voz para incluir Garai, que estava agora ajoelhada, cantando, a lâmina em sua mão.

— Talvez você não veja a jaula do mesmo jeito que nós, Kabira. Mas ela existe. E vocês podem ser livres.

— Livres? — ri e até eu podia ouvir quão amarga e ferida minha risada soou. — Livres? Não há liberdade, Estegi. Não para mim. Não do que me mantém cativa.

— Sim, existe, Kabira. — Ela colocou sua mão em meu braço. — Liberdade é possível, até para você.

Eu balancei a minha cabeça. Tirei sua mão de meu braço. Virei-me para a fonte onde Garai estava ajoelhada e esfreguei minhas bochechas contra minhas mangas.

Garai fez um corte em sua pele com a lâmina. Um faixa escura brotou. Sangue pingou na água de Anji.

E Anji respondeu.

Clarás

TODAS NÓS SENTIMOS. TENDO BEBIDO A ÁGUA DA FONTE OU NÃO. UMA torrente de energia correu em nossa direção, nos engolfou, nos inundou. Orseola foi jogada para trás. Eu a segurei antes que caísse. Foi como uma tempestade, como uma grande onda jorrando sobre nossas cabeças, nos afogando em seu poder e nos deixando debatendo e ofegando como um peixe na praia.

Nenhuma de nós foi a mesma depois disso. Eu podia sentir dentro de mim – a força que me tomara. Podia ver tudo com novos olhos. Vi que poder havia na água da fonte, vi com tanta facilidade como vê-se que o sangue é vermelho. Quando olhei para as outras mulheres, percebi que a mesma energia havia tomado todas elas, de modos diferentes.

Garai se levantou. Aos meus olhos, ela estava agora acesa por dentro. Colocou a faca em seu cinto e olhou diretamente para mim.

— Eu vou com vocês. Agora não há mais nada para mim aqui.

— Não temos alimentos para mais pessoas — falei.

— Eu posso jejuar. Para onde vocês estão indo? — Ela caminhou em minha direção. Seus passos ressoaram com o eco do surto de energia que todos havíamos sentido. Com meus novos olhos, eu podia ver a energia ardendo dentro dela como um segundo coração. Ela realmente adquirira todo o poder de uma sacerdotisa. Atrás dela, Kabira e Esiko continuaram a falar baixinho. Sulani olhou para Garai ceticamente.

— Você é velha. É uma longa viagem.

Garai riu. Acredito que era a primeira vez desde que eu chegara à Ohaddin que ouvi uma risada livre de amargor.

— Eu posso sobreviver sem comida ou água por muito mais tempo do que você, guerreira. Sei mais sobre os poderes da água e da terra do que você, Clarás. E eu sei mais sobre cura e parto do que Estegi. Ela apontou para a minha barriga. — Eu posso ajudá-la.

— É verdade — disse Estegi. Quando olhei para ela, vi que suas mãos pareciam estar em chamas. Mãos habilidosas em fazer e elaborar. — Ela sabe mais sobre cura do que qualquer um. Ela pode nos ajudar quando doentes. É um caminho longo.

Eu cedi.

— Assim seja. Você pode carregar o meu fardo, sacerdotisa. Temos um barco em Ameka, uma marcha de uma noite em direção oeste.

— Para a minha terra — disse Orseola. Ela estava totalmente calma agora. Eu podia ver a energia ardendo como um cobertor a cobrindo, mastigado e rasgado em suas entranhas. — Para Terasu, as árvores gigantes e a ilha dos mangues pantanosos.

Garai parecia maravilhada.

— Forças de poder que ainda descobrirei, para quais ainda farei oferendas! Temos que partir sem atraso.

— Você não dá as ordens, velha — disse Sulani. Eu vi a nova energia, essa dádiva da fonte, arder como uma força nova em seus braços e pernas. — Eu sou aquela que…

Ela parou. Lá, à porta aberta, estava uma menina jovem e magra com seu cabelo enrolado em torno dela como uma capa.

Iona.

— Eu ouvi meu monstro me chamando — disse ela lentamente. Todas congelaram.

Era ela. Aquela que nos trairia. A nova esposa do homem. A noiva criança.

Assim que viu Garai, ela levantou uma mão como se protegesse os olhos de uma luz forte. Em seguida, ela se curvou diante dela.

— Sacerdotisa.

— Oferenda — respondeu Garai e se curvou também.

— Temos que ir agora mesmo — disparou Sulani. — Quem sabe o que ela ouviu? Quem sabe o que vai contar para ele? Qualquer um pode aparecer aqui. — Ela apontou para a claraboia fechada por uma grade no teto. — Esse é o nosso melhor meio de fuga. Mas como podemos mover a grade?

— Eu ouvi tudo — disse Iona com sua voz de criança. — Eu ouvi tudo.

Sulani se virou. A faca brilhava em sua mão. Ela conseguiu dar apenas alguns passos em direção à Iona antes de ser jogada para trás. Com minha nova visão, pude sentiu um poder em Iona. Mas era diferente do nosso. Ele palpitava, escuro e perigoso, e emanava de um objeto que ela carregava enrolado em seu quadril.

— Mizra não deixará que você me machuque — disse Iona. — Ninguém

pode me machucar. Não antes que a oferenda certa seja realizada.

Estegi levantou as mãos.

— Nenhuma de nós vai machucar a outra. Sulani. — Sua voz continha um alerta.

— Iona — disse Garai —, você viria conosco?

— Ah não — Iona balançou a cabeça. — Meu destino está aqui com o meu monstro. — Um traço de hesitação. Algo vacila. — Mas… eu pensei que ele estivesse aqui. Que estava me chamando. Eu pensei que a hora tinha chegado.

— A hora chegou, pequena esposa.

Lá estava ele, de pé à porta. Havíamos esperado por tempo demais. Xinguei todas elas internamente. Elas me fizeram ir mais devagar. Se eu estivesse sozinha, já estaria a caminho.

Se eu estivesse sozinha, jamais teria encontrado *Naondel*.

—Vejam o que temos aqui — disse lentamente enquanto entrava. Ao se aproximar de nós, ele se colocou sob o luar. Foi difícil olhar para ele com minha nova visão. Um poder escuro ardia vermelho e preto por todo o seu corpo. Restava pouca humanidade nele.

Eu tive que cobrir meus olhos por causa da luz terrível. Suas calças brancas estavam pretas de fuligem. Assim como suas mãos e seu rosto. Atrás dele, soava o rugido do inferno, mas mais baixo agora. Estava entrando sob controle.

— Uma reuniãozinha. Uma reunião à meia-noite. — Sua voz era arrastada e arrogante.

Ninguém falou nada.

— Que tipo de intrigas vocês estão planejando? Conspiração, traição – há sempre alguém. — Ele balançou sua cabeça. — Imaginem se vocês todas queimassem até a morte no grande incêndio. — Ele olhou para nós, pensativo. — Todas juntas. Vocês correram para ajudar e um telhado em chamas despencou em cima de vocês. É, foi isso mesmo. — Ele suspirou. — Vai ser inconveniente substituir todas de uma vez. Caro. Porém, assim será.

Esiko se levantou. Ela caminhou até ele.

— Pai. — ela esticou os braços com as palmas das mãos viradas para cima. — Eu estive aqui o tempo todo. Elas procuraram abrigo aqui, por medo do incêndio. — Ela fez um gesto para todas nós. — Essas mulheres nem são amigas, Pai. Elas mal conversam.

— Esiko. — Ele disse o nome com incerteza. Ainda não era familiar na língua dele. — Minha filha.

Esiko se curvou humildemente.

— Quando confiei nas palavras de mulheres? Se não estão todas planejando alguma maldade juntas, então pelo menos uma está por conta própria. Ou se não estão fazendo isso ainda, logo vão. — Ele encolheu os ombros. — Estou cansado delas, de qualquer forma. Talvez seja melhor arranjar sangue fresco no dairahesi.

— Permita-me levar minha mãe para um lugar seguro, primeiro — disse Esiko rapidamente, sem olhar para nós.

— Kabira. — Ele virou-se para sua primeira esposa, a velha. — Se há alguém planejando maldades contra mim é ela. Anji sabe. — Ele disse baixinho. — Anji me mostrou tudo. — Kabira se virou e olhou para outro lado, seus braços caídos, sem força. Ela era uma mulher que perdera a esperança há muito tempo.

O homem se virou para Iona. Rápido como um tubarão faminto.

— Você. Você é parte da conspiração? Vai me matar enquanto eu durmo em seus braços?

— Minha morte está nas suas mãos. — Iona olhou para ele, sem medo.

— Você está nas minhas mãos. A hora chegou.

Iona hesitou.

— O monstro me chamou — balbuciou ela, para se convencer. Ela moveu o tecido em seu quadril, desembrulhou e mostrou um objeto. Um crânio. Aquele que eu havia visto quando visitei seu quarto. Aquela era a fonte da energia escura emanando dela. Ela o levantou para que todos vissem.

— Minha predecessora. Minha protetora. Seu nome é Mizra.

Garai

EU ME CURVEI PARA O CRÂNIO, A OFERENDA, A SACERDOTISA. ELA OFERECERA mais do que já tivera e, na morte, fora além da minha capacidade. Seu poder era maior do que eu podia ter imaginado. Maior até do que aquele da fonte.

Clarás

IONA COLOCOU MIZRA NO CHÃO. ABRIU OS BOTÕES DO SEU CASACO COM movimentos decorosos, sem pressa. Expôs sua garganta.

Agora, ela estava desamparada. Impotente.

— Estou pronta. O círculo será completo. Vida e morte, unidas e a mesma coisa.

O homem riu, deu alguns passos em direção a Iona e começou a abrir as calças. Ela chacoalhou a sua cabeça com violência.

— Você sabe que não pode dessacralizar a oferenda desonrando o meu corpo — disse Iona.

Sulani

Ela se colocou de igual para igual perante ele, aquela menina. Tão pequena – como conseguiu se opor a ele com seus desejos e ameaças e violência? Olhei para ela. Pernas e braços muito finos, cabelos pretos como uma torrente de chuva sobre seus ombros. Iskan diante dela, cheio de poder sombrio e pulsante. Como ela podia suportar?

Ela espremeu suas costas contra a parede. Estávamos todas sentadas ao seu redor e todas continuavam a olhar, mas nenhuma de nós interferiu. Nem eu. Embora meus braços estivessem pulsando com sua força recém-encontrada e apesar de ter uma faca em meu cinto. Desde então, sentia vergonha. Nós éramos muitas e ele era um só, porém seu poder sobre nós era tão grande que não ousávamos fazer nada. Por vários anos, ele possuíra e controlara cada aspecto de nossas vidas. Meu corpo não havia esquecido a dor que ele causara. Ele vai matar todas nós, pensei, e não há nada que possamos fazer para detê-lo.

Clarás

HOMEM LAMBEU OS LÁBIOS.

— Queridinha, você sabe que eu nunca dei a mínima para o seu sacrifício. Porém, eu tenho um grande interesse em seu corpo. — Ele expôs seu membro e eu ouvi Esiko engasgar.

— Pai, aqui não.

Ele não respondeu.

Eu estava com minhas mãos sobre minha barriga. Estávamos tão perto de conseguir, de fugir, e agora ele iria matar todas nós. Tinha tanta certeza disso. Então por que importava o que ele faria com o corpo de Iona primeiro?

Não era nada que já não tivesse feito ao resto de nós. Olhei ao meu redor. Será que eu poderia sair sem que notassem?

Iona tentou alcançar o crânio, mas o homem o chutou para longe de seu alcance. Kabira se curvou e o pegou. Ela o segurava com uma mão, maravilhada. O homem a ignorou.

Iona se espremeu mais contra a parede, olhando ao seu redor loucamente, toda compostura perdida.

— Eu prefiro morrer!

O homem calou-a e colocou sua mão em torno de sua garganta.

— Como você é obcecada com a própria morte. — Em seguida, ele a soltou, riu, cobriu o seu membro e tirou uma adaga. — Aqui. — Ele deu a adaga para ela. — Eu posso te possuir depois da mesma maneira. Porém, eu realmente duvido que seu desejo de morrer permaneceria se a decisão fosse sua.

Iona olhou fixamente para a lâmina como se não entendesse como ela acabara em sua mão.

— Eu já aguardava a morte. Eu estava pronta para ela. Fui treinada para morrer minha vida inteira. O monstro e a oferenda, essa é a base em que o círculo é construído. — Ela riu. Olhou direto para Iskan. Ela não parecia mais

frágil e delicada. Subitamente, ela parecia se elevar sobre Iskan. — A história do monstro e da oferenda tem outro fim possível — disse.

Iona segurou a adaga de Iskan com uma mão firme. Ela tocou a ponta em sua garganta. Apertou-a contra a pele exposta. Iskan sorriu daquele jeito que todas conhecíamos bem demais.

— Não para mim. — Ele ergueu suas mãos e as esticou em sua direção. — Para um monstro, uma morte é tão boa como a outra.

— Uma morte é tão boa como a outra — repetiu Iona. — Que assim seja.

Rápida como um raio, ela virou a adaga e enfiou-a profundamente no peito dele.

No mesmo momento, Kabira jogou o crânio na fonte.

Esiko gritou.

Kabira

QUANDO PEGUEI O CRÂNIO DO CHÃO E SENTI SEU PODER EXTRAORDINÁRIO EM minha mão, entendi o que tinha que fazer. Por Esiko. Olhei para ela, minha filha amada, tudo o que me resta neste mundo, e meus olhos se encheram de lágrimas, sabendo que ela iria me odiar. Sabendo que para salvá-la eu teria que perdê-la para sempre.

— Eu te amo — sussurrei, mas ninguém ouviu, exceto Anji e o crânio.

Quando Iona enfiou a adaga no peito de Iskan, me virei e joguei o crânio na água.

Ainda podia escutar o grito de Esiko. De início, pensei que era por ver o pai ferido, em seguida, por ver o que eu fizera. Mas ela caiu no chão, seu rosto contorcendo-se de dor.

— Está queimando — ela gritou. — Pai, me ajude.

Garai

A FONTE ESTAVA MORRENDO. ELA FERVIA, EM EBULIÇÃO, DENTRO DA SUA PRISÃO opulenta de mármore e ouro. Foi o melhor resultado. Aprisionar tal força de vida é errado. Vai contra toda a lei da natureza. Mas eu podia sentir sua agonia final correndo pelo meu próprio corpo e a dor era torturante. Foi somente graças ao novo poder dentro de mim que consegui aguentar.

Esiko vivera toda sua vida com o poder da fonte dentro de si. A luta era entre vida ou morte.

Kabira

CORRI PARA MINHA FILHA, CAÍDA NO CHÃO. APESAR DE SUA DOR, ELA SE afastou de mim.

— Não me toque! — ela engasgou. — Não me toque! Vá embora! Eu nunca mais quero te ver! Você a matou, você — ela dobrou o corpo de dor como um arco. — Você tirou de mim a coisa que mais amo! Vá!

Dei um passo para trás. Eu sabia que isso aconteceria. Entretanto, o sentimento de perda estava me atravessando de tal forma que eu mal podia respirar.

Todos que um dia amei. Eu perderia todos. E a culpa, mais uma vez, era minha.

Clarás

— OLA — DISSE O HOMEM. — TENHO TIDO O MAIOR CUIDADO PARA proteger a minha própria morte. Você não pode alcançá-la com uma simples adaga. — Mas ele suava. Gemia. Talvez Iona não conseguira matá-lo, mas ela lhe causara dor e ferimento. Ele olhou furiosamente para Iona com olhos tão sombrios como um abismo sem fundo. Ela se encolheu, agitou os seus braços impotentemente e, de repente, caiu de costas com um grito.

— Ele está trazendo a sua morte para mais perto — sussurrou Garai subitamente em meu ouvido. — Agora é a hora.

De início, eu não entendi o que ela quis dizer. Mas, então, a criança dentro de mim chutou. Fuja. Fuja.

O homem estava gemendo com um som cavernoso de chocalho. Nós tínhamos que correr – do homem, de seu controle. Antes que ele também aproximasse nossas mortes. Sulani e Estegi seguravam sacos e corda, Orseola e Garai puxaram Iona consigo. Eu peguei Kabira pela mão e a arrastei.

Deixamos o homem e a filha para trás, deitados ao lado da fonte morta.

Sulani

FOI POR ESTEGI QUE DECIDI FUGIR. TUDO QUE EU FIZ DESDE QUE A ENCONTREI foi em seu nome. Ela queria que nos juntássemos à Cláras e Orseola; eu fiz como ela pediu. Depois, quis incluir Garai e Kabira e não queria deixar Iona para trás. Seu desejo era minha ordem.

Seguindo o que ela dizia, ajudei as outras a subirem no telhado em Ohaddin e a escapar da ira do capitão. Elas praticamente não pesavam; meus braços estavam mais fortes do que nunca. Nem mesmo o corpo pouco consciente de Iona me causou dificuldades. Era como se a força vital do Rio estivesse correndo por minhas veias mais uma vez. Embora não fosse a mesma coisa. Este poder era distinto. Ele tinha um gosto diferente. Ele me comandava de um jeito diferente. Eu não era mais uma agente, uma justiceira. Era apenas eu mesma: Sulani.

Por que eu não peguei a adaga e a mergulhei mais fundo dentro dele? Quando a última mulher se levantou – Clarás, com sua barriga pesada – olhei ao meu redor. Eu podia correr de volta e matá-lo. Ele podia dizer o que quisesse sobre sua morte, um número suficiente de facadas e estaria morto. Não havia ninguém à vista. Eu estava a apenas alguns passos da porta.

— Sulani. — O rosto de Estegi apareceu no telhado. Ela esticou a mão. Eu a peguei, senti sua maciez, os dedos curtos, o pulso ossudo. Com sua ajuda, eu me puxei até segurar na beira do telhado e dei um impulso até ele.

Andamos, abaixadas, pelo telhado. Olhei para o leste. O Palácio da Tranquilidade não era muito mais do que uma pilha incandescente de destroços. O fogo que se espalhara para o Templo do Aprendizado estava sob controle. À beira do telhado, parei e inspecionei os arredores. Estávamos diretamente acima do muro externo que cercava o palácio. Muitos guardas. Os guardas mal tinham deixado seus postos para ajudar a apagar o incêndio.

Eu não gostava da ideia de fugir por este muro. Eu não planejara nem mapeara a rota. Sabia que os homens do capitão eram bem treinados e inflexíveis.

O terror os moldara assim.

— Espere aqui — pedi. — Fiquem quietas e imóveis.

Estegi mexeu a cabeça, concordando. Com um movimento, desci pelo muro. Que maravilha poder me mover novamente – correr, me espreitar, desviar. Eu localizei a primeira patrulha com facilidade, peguei um dos guardas por trás e cortei sua garganta antes que minha presença fosse notada. O outro não teve tempo nem de pegar sua espada antes de também ser silenciado. Não havia mais guardas à vista naquele pedaço do muro, mas eu não tinha familiaridade com suas rotinas ou patrulhas. Talvez outra patrulha estivesse a caminho. Talvez tivessem um sistema de sinais regulares para confirmar que tudo estava bem. Eu tirei um dos capacetes e o coloquei debaixo de meu braço. Então, espiei por cima do muro, para ver o que havia do lado de fora. Estava escuro lá embaixo, mas eu conseguia ver casinhas construídas contra o muro. Isso era bom. Havia, então, ruelas em que poderíamos nos esconder. Corri de volta pelo muro e assobiei baixo para o telhado. Estegi jogou para baixo a ponta da corda que eu deixara lá e a prendi a uma argola no muro. Elas desceram escorregando, uma a uma. Uma fuga simples com Estegi. Isso era tudo o que eu queria. Ela havia reunido uma mulher e depois outra. Era o jeito dela. Não conseguia dar as costas para alguém em necessidades. Quando ela desceu, escorregando pela corda, um pouco desajeitada, eu a segurei em meus braços e, por um curto momento, trouxe-a para perto. Inalei seu calor e seu perfume, depois a soltei para pegar Iona que estava sendo abaixada por Garai. Iona estava consciente agora, mas muito fraca.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Minha morte — disse ela, respirando ruidosamente. — Ele a trouxe para tão perto que está tocando os meus calcanhares. — Ela deu um sorrisinho maroto. — E agora eu não dou mais boas-vindas para ela como um cachorro fujão.

Garai desamarrou a corda e pulou sem ela. Eu as guiei parte do caminho pelo muro, mas não por todo caminho até os guardas mortos. Amarrei novamente a corda e a joguei em direção do telhado de uma pequena casa abaixo de nós.

— Agora é o maior desafio. Se conseguirmos chegar à cidade sem sermos descobertas, podemos ir para o oeste protegidas pela escuridão. Rápidas e silenciosas agora.

Garai desceu primeiro, sem fazer barulho. Ela era flexível e forte para a sua idade. Ela ajudou as outras a descerem enquanto eu mantive a vigília. Kabira foi desajeitada e lenta e fez bastante barulho descendo pela corda. Ela caiu na última parte do caminho. Olhei ao nosso redor. Segurei a faca de prontidão enquanto

Estegi descia o telhado, seguida por Clarás.

Orseola olhou para elas. Sem dizer uma palavra, apontou para o leste, seguindo o muro. O luar brilhou sobre pontas de lanças que se aproximavam. Fiz sinal para que ela descesse. Eles não pareciam ter nos descoberto ainda, ou, se haviam, estavam sem arcos. Esperei que Estegi entendesse que tinha que levar as outras consigo e continuar imediatamente. Iona não conseguia descer sozinha. Eu a levei para baixo. Seu pequeno corpo preso em um pacote cinza, quase indiscernível nas sombras. Coloquei rapidamente o capacete e corri para encontrar os guardas. Eles não podiam descobrir Iona nem a corda. Ou dar o alarme.

De início, provavelmente não acreditaram no que estavam vendo. Havia três deles e simplesmente ficaram parados esperando a minha chegada. Pensaram que eu era um deles, indo entregar uma mensagem. O breu da noite funcionou em nosso favor. Eu já estava a pouca distância quando um deles levantou sua lança, na dúvida. Ele a segurava frouxamente e eu a arranquei de suas mãos com facilidade, virei e a enfiei em seu coração. Ele dobrou-se uivando. O guarda à direita avançou em minha direção com sua lança, mas o terceiro foi forçado a ficar para trás, pois o topo do muro era estreito demais para três homens. Chutei a lança para o lado e tirei minha faca. Ela era curta, eu não tinha campo de visão, porém ele não teve chance de tirar a espada antes que eu enfiasse a faca em sua garganta. Ele caiu de joelhos na mesma hora, mas o primeiro guarda continuava de pé, a lança ainda saindo de seu ferimento. O terceiro guarda me atacou com um rugido. Tentei pegar a faca, mas não consegui. Mergulhei nas pernas dele e consegui derrubá-lo com toda essa nova força – minha força antiga, que um dia foi tão familiar, que pensei ter perdido para sempre. Seus equipamentos pesados limitavam seus movimentos. Antes que ele pudesse se levantar eu me arrastei entre as pernas, girei e pulei nas costas dele. Sua cota de malha não impediu que eu o deixasse imóvel. Roubei a espada da sua mão e a enterrei em seu pescoço desprotegido.

Em seguida, cortei a garganta do primeiro guarda. Por misericórdia.

Tirei meu capacete, puxei a faca da garganta do outro guarda e a limpei rapidamente em suas calças. A espada era boa, mas seria impossível escondê-la durante nossa fuga. Um deles tinha uma adaga, muito mais longa e melhor do que a minha faca. Enfiei a faca e a adaga no cós das minhas calças e corri.

Iona estava esperando exatamente onde eu a deixara. Eu a joguei em minhas costas e ela colocou os braços em volta do meu pescoço. Desci do topo do muro, segurando a corda com as duas mãos. Carregar Iona tornou mais difícil descer,

mas só um pouco. Logo, cheguei ao telhado de uma das casas lá embaixo e olhei ao meu redor. Ninguém à vista.

Muito bom. Estegi tivera o bom senso de levar as outras consigo e continuar.

Deixei a corda balançar e caminhei pelo telhado. Reajustei Iona em minhas costas, segurei suas pernas e pulei do telhado para a ruela estreita que passava ao lado da casa.

Senti uma mão em meu braço. Girei, as duas lâminas prontas.

— Psiu! — disse a voz rouca de Estegi. — Por aqui.

Ela me guiou por um labirinto de ruelas onde eu certamente teria me perdido. A lua se escondia atrás das nuvens e a escuridão tinha se tornado mais intensa. Eu nunca estivera na cidade além do palácio, mas Estegi caminhava por lá com frequência, fazendo coisas para o dairahesi. Ela me levou a uma porta onde as outras estavam esperando, totalmente caladas. Sem dizer uma palavra, continuamos pela cidade. Agora era a vez de Estegi nos guiar, ela que sabia o que fazer.

Ohaddin não tinha muros em torno da cidade – o capitão não se dera ao trabalho de proteger nada além do palácio –, então era fácil escaparmos sem sermos vistas. Naturalmente, encontramos alguns transeuntes noturnos: homens bêbados, garotos de recados, padeiros já a caminho de suas padarias para fabricar o pão da manhã. Mas se alguém tentasse falar conosco, Estegi simplesmente olhava para eles e levantava as palmas da mão, as palavras morriam em seus lábios e eles nos deixavam em paz. Era como se não pudessem mais nos ver ou que não se importassem mais. Dessa forma, passamos pela cidade e pela estrada levando ao oeste de Ohaddin para Ameka, a cidade que funcionava como um ponto comercial para o grande Rio Sakanui. Mercadorias importadas do exterior são transportadas pelo rio até a capital.

O alvorecer já estava se aproximando e mal saíramos de Ohaddin. Iona estava pendurada em minhas costas, mas isso não causou dificuldades. O que nos tornou mais lentas foi Kabira, cuja queda machucara um pé e a fazia mancar, apesar do apoio de Garai.

— Temos que tomar uma rota diferente — falei quando fizemos uma breve pausa para descansar.

Orseola estava olhando fixamente para a escuridão.

— Há um caminho. Em direção ao sul. Uma trilha de bodes. Pouco usada.

— Como você sabe? — perguntei, suspeitando. Até onde eu sabia, Orseola não tinha ido além dos muros de Ohaddin tanto quanto o resto de nós, exceto Estegi e Kabira em sua juventude.

— Eu vi nos sonhos deles — disse Orseola. — Toda a paisagem está gravada em minha mente como um mapa. — Ela parecia amarga. — Nunca pedi por isso. Eu não quero carregar esse peso por todos lugares que eu vá. Dê-me árvores e eu ficaria feliz.

Logo encontramos o caminho e começamos a segui-lo. Nosso progresso se tornou mais difícil. Tropeçávamos em raízes e pedras. Orseola foi à frente e nos avisava de todos obstáculos. Ela parou junto a um riacho em um arvoredo. Todas beberam e eu também. Molhei minha cabeça na água fresca. Tínhamos vários cantis para encher no rio antes de chegarmos ao mar, mas seria o suficiente para a viagem? Havia três pessoas a mais em nosso grupo do que o planejado. A comida com certeza acabaria, mas é possível sobreviver bastante tempo sem comida. Água é diferente.

Ainda tropeçávamos na escuridão, que logo começou a desaparecer na luz do dia. Depois disso, nossos passos eram mais visíveis, mas nós também – para guardas e soldados e espiões. Ou o próprio capitão.

Mas ele perdera a água da fonte e, sem ela, não podia mais se curar com tanta facilidade quanto antes. Embora Iona não tivesse conseguido matá-lo, ele estava seriamente ferido.

Animais feridos lutam com mais ferocidade.

Quando os primeiros raios de sol se espreitavam sobre o horizonte atrás de nós, ouvimos o som de patas de cavalo na estrada para o norte. Agachamos atrás dos arbustos e esperamos. Pássaros da manhã estavam cantando. Do oeste, veio o som de bodes. Quando nada perturbou a paz, finalmente saímos do esconderijo e continuamos a andar. Orseola veio para atrás de mim e eu voltei à liderança. A respiração de Iona estava pesada em meu pescoço. Essa área era estranha para mim, com vales e lugares altos desconhecidos. Eu sentia falta do mato denso das margens do meu Rio em vez desses campos recentemente cultivados quase abertos. Às vezes o caminho passava por um arvoredo de etse ou boá, mas árvores não significavam segurança. Soldados e espiões podiam estar escondidos assim como nós.

Vimos algumas pessoas, mas apenas trabalhadores cultivando a terra. A certa altura, dois meninos vieram correndo em nossa direção, perseguindo seu grupo de bodes e crianças brincando. Eles pararam e nos olharam fixamente. Nós realmente éramos uma tropa bizarra de mulheres, algumas com roupas e joias mais caras do que veriam em suas vidas, outras vestidas modestamente. Garai estava descalça. Além disso, eu carregava uma mulher semiconsciente em minhas costas.

Um menino olhou, sem medo, direto para Kabira, que vestia as roupas mais caras.

— O que a sua senhoria está fazendo aqui? — perguntou, cutucando o nariz. Ele tinha pés descalços sujos e vestia uma camisa e calças de tecido cru.

Kabira olhou para ele.

— Sua mãe não lhe ensinou nada? Como você ousa falar antes que falem com você, ainda mais com uma mulher desconhecida, superior em idade e hierarquia?

O menino simplesmente ficou lá com a boca aberta.

— Responda-me, menino!

— Não sei, senhora — balbuciou.

— Comportamento insolente e chocante. Não cabe a você, pastor de bodes, me perguntar nada. Não cabe a você ou a você — ela virou-se para o segundo menino —, nem mesmo se lembrarem que nos viram. Entendido?

Eles balançaram a cabeça e murmuraram uma afirmação, depois correram atrás dos bodes tão rápido quanto suas perninhas magras podiam. O tinir dos pequenos sinos dos bodes desapareceu a distância no caminho diante de nós.

— A dádiva de palavras e mentiras — disse Clarás, olhando para a boca de Kabira.

— O que você quer dizer? — eu perguntei.

— A força vital da fonte deu algo para cada uma de nós — disse Clarás. — Você não percebeu? Mesmo que a fonte esteja morta, ela continua a viver dentro de nós. Você ganhou força em suas pernas e braços; Garai, os poderes secretos de uma sacerdotisa; Estegi, a habilidade de criar com suas mãos; Orseola, uma energia calma que a ajuda a controlar os sonhos. E eu posso ver tudo.

Estegi viu o sangue em minhas roupas. Não havíamos parado desde que o sol raiara e, na escuridão, ela não o vira.

— Sulani! Você está ferida! — Ela veio até a mim e examinou meu corpo com suas mãos preocupadas.

— Não estou ferida. O sangue não é meu.

— Mas… — ela deixou as mãos caírem. Olhou-me nos olhos. Depois olhou para outro lado.

Eu me virei e ajeitei Iona nas minhas costas. Rangi os dentes, com força, e continuei a andar.

De início, eu reconheci o cheiro do Rio Sakanui. Não tinha o mesmo cheiro que o meu Rio, mas o inalei profundamente de todo jeito. Vimos cada vez mais pessoas nos campos e, às vezes, alguém passava no caminho, mas quando Kabira

falava, eles pareciam esquecer imediatamente que haviam nos visto. Quando os telhados de Ameka à nossa frente estavam à vista, os primeiros soldados também surgiram. Ainda era manhã, mas o sol subira bastante no horizonte.

Nós nos sentamos em um vale e discutimos. Foi decidido que não podíamos arriscar entrar em Ameka todas juntas. Clarás podia navegar e Estegi sabia onde o bote estava guardado, então as duas navegariam para o sul e nos encontrariam às margens. Eu queria esperar até estarmos sob o véu da escuridão, mas Clarás insistiu em navegar naquele dia.

— Eles nunca vão suspeitar que temos um barco — disse e olhou impacientemente para Ameka.

Estegi concordou.

— Eu acredito que ele enviou a maioria dos soldados para o norte, de onde Sulani vem, e para o leste, de onde Garai vem. Temos que viajar o mais rápido que podemos antes que perceba o seu erro.

— Se Esiko não revelar nosso plano, você quer dizer. Ela ouviu tudo.

— Minha filha não vai nos trair — disse Kabira —, nem pense nisso.

Imediatamente, um sentimento de calma fluiu em mim. É claro que ela não trairia. Estávamos totalmente seguras.

— Parem — disse Clarás em voz baixa e Kabira recuou. A calma dentro de mim desapareceu.

Clarás e Estegi juntaram as cordas e as velas e desapareceram adiante. Garai estava sentada, inclinada sobre Iona, com as duas mãos na testa, murmurando algo inaudível. Então ela me olhou.

— A morte dela está muito próxima. Não há nada que eu possa fazer.

— Não vamos deixá-la aqui — falei. Em minha imaginação eu a vi enfiando a adaga no peito do capitão. Ela fez o que eu não consegui fazer.

— Também não quis dizer isso — disse Garai. — Mas agora temos que amarrá-la às suas costas. Ela não aguenta mais se segurar.

Amarramos Iona em minhas costas com um dos xales de Kabira, depois nos desviamos do caminho e continuamos através dos campos ondulados em direção ao sudoeste. Passamos por grupos de trabalhadores, tão magros que pareciam escravos. Todo esse solo fértil e nada para comer. Apenas especiarias para exportar. A maioria nem tinha a força para nos notar, mas, se alguém nos olhava, assim que Kabira falava, eles olhavam para o outro lado imediatamente.

Kabira não conseguia acelerar seus passos, especialmente pelos campos, e estava nos deixando mais lentas. Eu queria alcançar a grande plantação de especiarias mais adiante ao sul. Lá podíamos nos esconder de olhos curiosos. O

sol estava queimando o meu pescoço e, embora Iona fosse uma carga leve, eu estava pingando de suor. Quando finalmente chegamos às árvores, fiquei feliz pela sombra, assim como pela proteção.

— Estamos perto demais de Ohaddin — disse. — Eu prefiro continuar nossa caminhada, mas é melhor que esperemos o barco aqui. Nossa única esperança é que Clarás e Estegi venham rápido.

Como sempre, quando digo o nome de Estegi, sinto uma explosão súbita de calor em meu coração. Lembrei-me, então, da expressão em seu rosto quando percebeu que eu tinha sangue em minhas roupas.

Eu tinha acabado de deitar Iona debaixo de uma árvore quando os soldados vieram.

Clarás

O CHEIRO DO RIO FEZ MEUS OLHOS LACRIMEJAREM. NÃO ERA NADA PARECIDO com o cheiro do oceano e, mesmo assim, era água. Água fluindo livremente. Estegi e eu decidimos andar pela cidade sem tentar nos esconder. Antes de chegar às casas, tirei o pente de escrava do meu cabelo e o escondi. Estegi estava vestida como uma serviçal. Ninguém suspeitou. Minhas roupas eram simples; eu poderia ter passado pela filha ou esposa de um mercador. Estegi teve que carregar as velas e cordas, senão pareceria estranho.

Estegi me guiou pelas ruas e eu olhava para as pessoas que passavam. Pessoas com empregos, coisas a fazer, vidas. Logo eu também as teria. Eu daria essas coisas para a minha criança.

O estaleiro ficava na fronteira ao sul da cidade. O primo de Estegi dissera que poderíamos simplesmente vir e levá-lo. Mas quando chegamos ao que acreditamos ser o estaleiro certo, ele estava trancado. A única coisa a fazer era seguir pela água. Sem hesitar, tirei meu casaco e mergulhei.

Nadando na água! Água de rio barrenta e sem sal, mas água de todo jeito. Abaixo da superfície, eu abri os olhos e meus cabelos ondularam se enrolando diante meus olhos como algas. Eu nadei debaixo da água até ver a quilha, e eu sabia que era ela: *Naondel*. Uma quilha forte e boa. Madeira saudável. Emergi ao seu lado, como um filhote de baleia para a sua mãe. Apertei minha bochecha contra ela. Inalei o aroma de madeira molhada e cânhamo. Ela havia sido polida com óleo e cânhamo. Isso era sinal de um bom artesão.

Sem pensar duas vezes, subi e abri o portão para o rio. Quando coloquei os pés em Naodel, ela sustentou o meu peso como uma velha amiga. Ela não estava equipada, nem mesmo tinha remos. Tinha um único mastro para uma vela quadrada. Media cerca de trinta metros de comprimento e largura, com uma proa angular. Não fora feita para navegar no mar aberto, mas nos levaria para Terasu. Na ausência de remos, eu tive que empurrá-la para fora e depois pelo

comprimento do estaleiro ao píer onde Estegi estava esperando.

No momento em que ela havia jogado os rolos de corda e a pilha de velas, um homem apareceu para falar conosco.

— Olá.

Um homem sem barba tinha aparecido atrás de Estegi. Ele era um pouco mais velho do que eu, seu rosto estava castigado pelo mar e seu corpo mostrava trabalho.

Estegi virou-se e imediatamente curvou-se bastante para o homem.

— Estamos preparando o barco. — Ela não usou nenhum título de cortesia, porém suas palavras eram muito respeitosas.

— Vocês o roubaram.

— De jeito nenhum. — Ela virou as palmas de sua mão para cima. — O barco é propriedade de meu primo. Homem livre Wadi. Ele o comprou, mas quer que o preparemos e o naveguemos para Shukurin.

— Como uma serviçal pode ter um homem livre como primo? — O homem olhou com suspeita para Estegi. Suas palavras não haviam tido sucesso em acalmar suas suspeitas. Sem chamar atenção para mim, comecei a organizar as coisas no convés.

— Meus pais me deserdaram — disse ela, olhando para o chão. — Mas meu primo sempre foi bom para mim.

Olhei para Estegi e me perguntei se era verdade.

Ela ainda estava de pé com as palmas da mão para cima e eu podia sentir um poder fluindo dela. A dádiva da fonte. O homem cantarolou e então olhou para *Naondel*.

— Você precisa de ajuda com a aparelhagem. — Sem esperar uma resposta, ele embarcou. Juntos, levantamos a vela. Eu fiquei feliz pela ajuda, pois já fazia um bom tempo que não lidava com isso. Agradecemos profusamente depois, oferecendo uma porção de nossas provisões como presente, mas ele recusou. Ele ficou no estaleiro e nos observou navegar. Com minha mão no leme, senti uma calma profunda. Estamos a caminho. Eu tinha um barco. Mas as palavras de Estegi insistiam em minha cabeça.

— Eles deserdaram você de verdade? Seus pais?

Ela assentiu, mexendo a cabeça.

— Eu tive que deixar minha casa porque não havia dinheiro para um dote. Foi isso que aconteceu com você?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Foi quando eu era bem pequena. Eu não sou… — Ela parou. Ela

não queria continuar. Então a deixei em paz. Algumas coisas não devem ser ditas.

Sulani

HAVIA SETE DELES. ESTAVAM EM MAIOR NÚMERO DO QUE NÓS. MONTADOS EM cavalos, armados até os dentes. Eu tinha minha adaga e faca, então podia matar dois ou três, talvez mais, mas não antes que tivessem a chance de machucar as outras. Ou capturá-las, capturar todas nós. De volta à jaula. De volta a ele. O capitão, o homem, o monstro, o Vizir, Iskan.

Logo, eles nos cercaram. Iona estava deitada no chão, contra o tronco de uma árvore. Orseola estava agachada ao seu lado, com uma mão no tronco, murmurando algo. Garai estava de pé ao meu lado, sem se encolher ou se esconder. Mas o que ela podia fazer para me ajudar?

O líder dos soldados, um jovem com uma barba castanha e manoplas pesadas, virou-se para Kabira.

— Kabira ak Malik-cho. Seu marido exige a sua presença em Ohaddin imediatamente.

Kabira olhou com desdém para o homem no cavalo.

— Diga ao meu marido, o Vizir de Karenokoi, que a sua esposa não pôde ser encontrada em lugar nenhum.

Os olhos do soldado piscaram. Seu olhar passou por nós. Ele pegou suas rédeas para virar seu cavalo e seus homens fizeram o mesmo.

Mas então ele estremeceu e enrugou a testa.

— Vocês devem nos seguir. Imediatamente. — Ele fez um sinal para seus homens e três deles tiraram suas espadas e apearam.

Os soldados estiveram nos procurando. Não era fácil fazê-los esquecer que haviam nos visto como fizemos com estranhos.

Os murmúrios de Orseola tornaram-se cada vez mais altos. As copas das árvores sussurravam e balançavam ao vento. Folhas mortas se partiam debaixo das botas dos soldados enquanto eles vinham em nossa direção. Um deles estava se aproximando de Iona. Os outros dois, de Kabira, Garai e eu.

Garai esticou os braços, mantendo as mãos abertas para um deles.

— Não — disse ela e ele parou. Com sua boca meio aberta e sua arma no alto, ele ficou como se estivesse petrificado, com apenas os olhos movendo-se.

Eu peguei a adaga que roubara do soldado no muro e ataquei o outro soldado. Ele estava despreparado e enfiei a arma em seu olho. Ele morreu instantaneamente. O líder, ainda a cavalo, deu um grito e começou a se aproximar de mim, com os três soldados montados restantes logo atrás.

O barulho das árvores estava ficando ainda mais alto e ele se fundiu aos murmúrios de Orseola. Empurrei Kabira para o chão e passei minha faca para Garai, me desviando por pouco do cavalo do líder. Minha adaga oferecia pouco alcance, então rolei para o lado e cortei a garganta do soldado que estava de pé sobre Iona. Peguei sua espada e a girei.

O cavalo do líder relinchou e se afastou. Um dos soldados montados começou a gritar e abanar as mãos na frente do seu rosto. Então, os soldados perderam todo o controle dos próprios cavalos, que relinchavam, sacudiam e se afastavam, tentando derrubar seus cavaleiros.

Todo o lugar zumbia com insetos. Sobre os cavalos, a armadura dos soldados e os seus rostos descobertos. Arrastando-se, picando, mordendo, vibrando. Besouros, formigas, aranhas, baratas, centopeias; todas de tocos podres, troncos de árvore e buracos negros úmidos da terra. Os homens e os cavalos ficaram desesperados. Eles gritavam e se contorciam e suas espadas caíram com um som metálico no chão. Apenas o homem que Garai congelara estava de pé, paralisado, enquanto besouros e baratas andavam pelos seus olhos abertos, em seu cabelo e ouvidos, em seu corpo inteiro até ele se envolver em um cobertor com uma vibração negra viva. Então, ele caiu de costas. Teve alguns espasmos. E ficou deitado paralisado mais uma vez.

Nem um único inseto tocou as mulheres.

Os soldados haviam perdido todo o controle de suas montarias e os cavalos fugiram por entre as árvores. Ouvimos o som de cascos de cavalo desaparecer a distância. Em seguida, tudo ficou silencioso, exceto pelo som rastejante de milhões e milhões de insetos indo embora.

Olhei para Orseola. Ela sorriu para mim.

— Árvores podem falar umas com as outras — disse ela. — Só que a maioria esqueceu. Eu as ajudei a lembrar. Elas podem chamar insetos, quando o perigo ameaça. Elas se saíram muito bem. — Ela deu um tapinha no tronco da árvore e os insetos começaram a rastejar de volta aos seus buracos e esconderijos.

Garai pegara pela rédea um dos cavalos dos soldados mortos e estava

sussurrando para ele suavemente. Suas orelhas estavam para trás e seus olhos girando, mas ele continuou parado, tremendo, enquanto ela falava.

— Segure-o — ordenou para mim. — Vou pegar outro.

Fiz como ela mandou. Segurei o cavalo e acariciei seu pescoço e falei com ele.

Kabira estava sentada com as pernas cruzadas ao lado de Iona, que permanecia imóvel sob a árvore. Orseola esticou-se ao lado delas e foi dormir. Ninguém falou nada.

Não sabíamos quanto tempo tínhamos.

Não tínhamos alternativa além de esperar.

Depois de muito tempo, Garai voltou com um cavalo de guerra marrom. Ele a seguia, embora ela não segurasse suas rédeas.

— Vamos mandar os cavalos para o norte — disse ela. — Eles poderiam facilmente ter levado quatro mulheres embora. Pode servir para enganar nossos perseguidores. Por um tempo.

— Só podemos esperar — disse Kabira, com um sorriso cínico.

Olhei para Garai.

— Como faremos os cavalos andarem para o norte?

Ela deu um tapa no cavalo marrom, que tocava afetuosamente seu rosto.

— Não andar. Galopar. E deixar pegadas marcadas.

Garai fez um sinal para o cavalo que eu segurava e ele começou a andar na sua direção imediatamente. Ela tirou ambas as selas e alforges, depois ficou entre eles e falou em voz baixa. Os animais baixaram a cabeça para a mulher de cabelos brancos e sacudiram as orelhas na direção dela. Garai tocou seus focinhos e testas e acariciou gentilmente seus olhos fechados. O cavalo marrom relinchou e jogou a cabeça. Então eles saíram galopando, seguidos de perto pelo outro cavalo, e desapareceram a toda velocidade.

Levantei uma sela, carreguei-a para o rio e a joguei o mais longe que consegui. Garai trouxe a outra e fez o mesmo. Sentamos ao lado de Iona e esperamos.

Clarás

Ela se acostumou ao rio maravilhosamente. A água era deslumbrante. O leme era macio. A adriça rangia quando o vento enchia as velas e nós descíamos o rio em boa velocidade, ajudadas tanto pelo vento quanto pela corrente. Era como nos velhos tempos. Exatamente como eu tinha sonhado. Não estávamos seguras ainda – estávamos longe de estarmos seguras –, mas meu coração estava cantando e tão cheio quanto as velas de *Naondel*. Mesmo se nos encontrassem agora, mesmo se eu fosse apunhalada com uma espada, atingida por uma flecha, eu morreria livre. E eles nunca me levariam com vida, isso eu prometi para mim mesma. A criança na minha barriga não estava se debatendo ou chutando, mas também não estava dormindo. Eu podia senti-la dentro de mim, embalada pelo ritmo do balanço do barco, deslumbrada com todas essas novas maravilhas. Todos esses milagres.

Estegi estava sentada à proa e não tirava os olhos da margem do leste. Seus olhos vasculhavam cada arvoredo. Eu só olhava para frente. Em direção ao sul. Em direção ao mar. Ele estava tão próximo. Eu podia sentir seu gosto em minha língua. Minha pele estava arrepiada com expectativa. Logo. Logo estaríamos lá.

— Lá estão elas! — gritou Estegi de imediato. — Eu consigo vê-las. Pare!

Com relutância, virei o leme. *Naondel* respondia a todos meus comandos. Eu puxei a vela. Ela boiou até a margem sem quase nenhum som. Joguei a âncora enquanto Sulani cortava a água até a embarcação. Ela a segurou enquanto as outras embarcavam rapidamente sem dizer nada. Estegi esticou-se e colocou a mão sobre a de Sulani e seus olhos encontraram-se. Por um momento, o rosto de Sulani se iluminou, tornou-se bonito como o nascer do sol sobre o mar. Em seguida, voltou ao normal tão subitamente quanto mudara.

Garai segurou o barco enquanto Sulani voltava pela água e pegou Iona. Ela a levantou com gentileza, colocando-a no barco. Seu rosto estava pálido. Seus olhos estavam fechados.

— Ela está morta? — Estegi se inclinou sobre a menina e ajeitou um saco vazio debaixo de sua cabeça.

— Não, mas ela não viverá muito.

Eu me estiquei para pegar a adriça e puxar a vela de novo. Garai levantou uma mão para me parar.

— Espere. Venha.

Peguei a pequena bolsa de provisões de Estegi e tropecei com seu peso. Depois me agachei no convés ao lado das outras.

Eu podia ver tudo de maneira simples. Era o poder da caveira que a mantivera viva por tanto tempo. Estava mantendo sua morte afastada. Mas esse poder havia diminuído até restar nada além do que um pontinho pulsante bem atrás de sua testa. Ela se fora quase totalmente. A força vital da fonte estava dentro de todas nós de maneiras diferentes; nas mãos, braços, olhos, coração e boca. Em Iona, ela estava quase extinta.

Quando desaparecesse, ela morreria também.

Subitamente, ela abriu os olhos.

— Irmãs — disse, sua voz fraca, mas compreensível.

Então fechou os olhos. Dentro dela, tremulava um brilho azul fraco.

Garai puxou sua faca. Segurou sobre o peito de Iona, sobre seu coração, a ponta para baixo.

Estegi levantou as mãos.

— Não! Você não pode!

— É para salvá-la. Você tem que confiar em mim — disse para Estegi, que lentamente abaixou as mãos.

Garai nos olhou nos olhos, uma por uma.

— Vocês confiam em mim?

Fizemos um gesto afirmativo e silencioso com a cabeça. Não tínhamos alternativa: confiar uma nas outras, senão o futuro seria assombroso.

Garai abaixou a ponta da faca lentamente em direção ao peito de Iona. Quase sem tocar a pele pálida.

— Eu ofereço-lhe — disse alto. Ela passou a faca para Estegi.

— Eu ofereço-lhe — disse Estegi e trouxe a lâmina com as mãos tremendo em direção ao coração da menina, como se estivesse prestes a esfaqueá-la. Depois dela, Orseola tomou-a.

— Eu ofereço-lhe. Todas nós pegamos a faca e a trouxemos para o peito dela e dissemos as palavras. Eu fui a última. O cabo estava quente por causa das mãos das outras mulheres.

— Eu ofereço-lhe.

A chama da força vital tremulou uma vez mais. Algo passou de Iona para todas nós. Uma pequena parte do poder. Uma lembrança do que ela havia sido. Um presente da fonte ou um presente dela mesma.

O peito de Iona não subia e descia mais.

Ninguém disse nada.

A água batia gentilmente no casco de *Naondel*. Estegi chorava baixinho. Sulani colocou uma mão em seu ombro. Kabira limpou a garganta.

— Ela não está perdida — falei. As outras olharam para mim. Eu olhei para a faca em minha mão. — Algo dela permanece em cada uma de nós agora. Cada uma de nós que segurou a faca.

Garai mexeu a cabeça lentamente.

— Clarás está certa. Portanto, todas nós carregamos partes uma da outra dentro de nós. Essa era a intenção de Iona. Agora estamos atreladas para sempre, como irmãs. O que for que acontecer, vai acontecer a todas nós. — Ela olhou para a menina morta. — Você está livre agora. A oferenda de ninguém mais.

Ela acariciou o rosto de Iona, da testa até o queixo.

Quando tirou a mão, o rosto era outro. Mesmo cabelo, mesma pele clara, formatos parecidos de nariz e boca. Mas estava completamente mudado. As bochechas haviam se tornado rosadas. Os lábios estavam mais carnudos. A menina abriu os olhos. Eles eram marrons.

Ela se sentou e olhou para nós.

— Meus monstros — disse. Quando ela sorriu, covinhas apareceram em suas bochechas.

Ela olhou para o mar. Fechou os olhos e inalou profundamente.

— Meus pulmões são fortes! — ela disse e abriu seus olhos novamente com uma risadinha. Ela levantou as mãos até o seu rosto. — Como as mãos são belas! — Ela correu as mãos por todo o seu corpo, explorando e sentindo. — Como sou bonita! — Ela sorriu e seu sorriso era irresistível.

— Eu me nomearei. Esse será o primeiro ato nesse corpo novo. — Ela ficou sentada quieta por um tempo, concentrada. — Meu nome é Daera.

Enquanto *Naondel* navegava para o sul por Sakanui, Daera estava sentada na proa com o vento em seu cabelo. Não foi perceptível imediatamente, mas lentamente os laços entre irmãs estavam crescendo. Mulher para mulher. Com a força e o nome de Iona em nossos corações. Cada uma com uma parte de sua escuridão e coragem.

Eu tivera um irmão, mas nenhuma irmã. Agora, de repente, tinha seis. Olhei para elas mais de perto, com minha mão no leme de *Naondel*. Tudo o que eu podia ver de Daera eram suas costas e seus cabelos ao vento. Ela estava rindo. Sulani estava sentada com as costas retas com sua cabeça para cima, examinando a costa leste. Seu queixo era pontiagudo, seus braços poderosos debaixo do casaco bordado. Estegi estava sentada aos seus pés, curvada sobre sacos e suprimentos, arrumando e ordenando. Ela confiava em nós: eu, para controlar o leme, Sulani para nos proteger. Orseola estava no fundo do barco com sua cabeça apoiada num saco e os olhos fechados. Eu não acreditava que ela estava dormindo. Acho que estava vendo sonhos, mas não os dela.

Garai e Kabira estavam sentadas lado a lado: duas mulheres velhas com linhas profundas em seus rostos. Uma cabeça com fios brancos e brilhantes, a outra riscada de prata. Elas me lembravam de alguma forma de tartarugas-marinhas, velhas e sábias. Vi agora que Kabira carregava um peso, algo grande e volumoso. Como eu não o havia visto antes?

— O que você tem aí, irmã? — perguntei.

Kabira se virou para me olhar. Eu não usara seu sobrenome, Cho. Eu a chamei sem que ela me chamasse primeiro.

— Irmã. — ela observou contemplativamente. — Eu já tive irmãs, Clarás. — Ela mostrou o volume em seu colo. — Estes são os arquivos mais secretos da biblioteca dele. Alguns que nem ele decifrou ainda.

— Talvez nosso destino não seja interesse de Iskan, mas ele vai querer recuperar isso. — falou Garai sem raiva ou reclamação.

Kabira olhou para ela.

— Com sua ajuda, ele poderia fazer Anji renascer. Ou encontrar novas formas de escravizar as pessoas.

Garai mexeu a cabeça, mas não falou.

Kabira pensou um pouco.

— Irmãs. Que assim seja. — Ela levantou a voz para que a embarcação toda pudesse ouvir. — Minhas irmãs. Eu roubei Iskan. Roubei conhecimento – conhecimentos perigosos com os quais ele poderia reconquistar o seu poder. Voltar a machucar os outros. Estes são os pergaminhos que ele vai tentar recuperar a todo custo. — Ela levantou o volume de seu joelho. — Eles podem parecer inúteis por fora, mas dentro deles há muitas coisas que estão ocultas até para mim, mas sobre as quais eu pretendo aprender. Talvez esse conhecimento possa nos ajudar e outros. Porém, pode ser muito perigoso se caírem nas mãos erradas. O que vocês acham que eu – nós devemos fazer com isso?

— Destrua — disse Sulani imediatamente. — De forma que ninguém mais possa aprender sobre isso. Algumas coisas nunca devem ser gravadas e aprendidas apenas por aqueles que não precisam de palavras escritas para entendê-las.

Garai fez um sinal positivo.

— Eu concordo, irmã Sulani. Em partes. Também acredito que seja melhor não guardar algumas coisas, exceto nos corações humanos. Mas Iskan roubou essa sabedoria de outros. Temos o direito de destruir esses ensinamentos?

— Ele já está procurando. — Orseola sentou-se. — Não por nós, mas pelo conhecimento. Eu vejo isso em meus sonhos.

— Você pode ver os sonhos dele? Daqui? — Garai se curvou na direção dela.

— Sim. — Orseola franziu a testa. — Eu não pude ver seus sonhos por muitos anos. Ele se protegia com o poder da fonte. Mas agora está nu. Posso ver a distância agora. Posso tecer sonhos de longe. Mais longe do que achei possível.

— Você pode tecer um sonho para ele? Um sonho que o enganasse? Que o fizesse mandar soldados na direção errada? Talvez um sonho que nós fomos para o norte?

Orseola riu.

— Sim. — Ela fechou os olhos e suas mãos começaram a dançar em frente ao seu rosto. Eu mantive a atenção nas velas e nas profundezas. O sol estava alto acima de nossas cabeças. Na margem leste do rio corriam campos recém-cultivados e os chamados dos trabalhadores flutuavam sobre as águas. Ninguém prestava atenção em nós. Um vento fraco ressoava nos juncos junto às margens. Estávamos ficando cada vez mais perto do oceano.

Orseola abriu os olhos.

— Ele vai procurar ao norte — disse ela.

— Como você pode ter certeza? — disse Sulani com a testa enrugada, antes de acrescentar — Irmã. — Ela parecia tão surpresa de ouvir a palavra sair de sua boca quanto Kabira.

— Como você tem certeza de que pode empunhar uma espada? Matar um guerreiro? — Orseola deitou-se de novo e fechou os olhos, contente como um gato ao sol. — Não há necessidade de destruir os textos. Você tem a minha palavra, irmã.

E assim foi decidido. Ninguém protestou. Eu nem sei se Daera ouviu nossa conversa. Ela estava deitada de bruços na proa e mexendo uma mão pela água nebulosa do rio. Ela seguia o voo de libélulas e borboletas aquáticas com o olhar.Admirava tudo como se fosse novo e criado só para ela. Senti uma vaga

inveja, que logo desapareceu. Virei meu rosto para o sol, ajustei levemente o leme e senti *Naondel* responder.

Daera

FINALMENTE É HORA DA MINHA HISTÓRIA! EU ME LEMBRO CLARAMENTE O DIA no rio quando nasci. Tudo está gravado em minha memória: as sombras das árvores às margens do rio, o odor do lamaçal e da podridão, como *Naondel* navegou suavemente pelas águas. Eu me lembro de cada grama, embora Kabira diga ser impossível, é assim que parece! Tudo era tão milagroso, tão incrível, mas não mais do que meu próprio corpo. Eu tinha um corpo que era todo meu! O destino dele não era ser uma oferenda. Não era para outra pessoa possuí-lo. Ele era apenas meu, e, sentada na proa do navio, eu estava completamente envolvida nas sensações de estar vivendo nele, o meu próprio corpo. Minhas mãos eram macias e perfeitas. Minhas batidas do coração, regulares e constantes. Em minha boca, meus dentes encostavam um no outro. Meus olhos podiam ver, meus ouvidos podiam ouvir. Eu tinha mais do que eu poderia imaginar. Corri a ponta de meus dedos sobre a pele macia de meu pescoço e um arrepio de prazer se espalhou pelo meu corpo. Eu podia sentir prazer! Eu ri e me virei para olhar minhas irmãs, aquelas que haviam me feito. Tão bonitas, tão frágeis, tão fortes. Caí de joelhos ao lado de Estegi e segurei suas mãos.

— Obrigada, irmã, por demonstrar-me confiança — agradeci e beijei suas mãos. Elas pareciam ásperas e endurecidas contra minhas mãos delicadas enquanto eu acariciava suas palmas calejadas. Estegi enrubesceu e murmurou um obrigada. Eu olhei para Sulani, que estava me atravessando com olhos ciumentos, mas coloquei meu queixo em seu joelho de qualquer maneira e sorri para ela. — Obrigada, irmã, por me proteger com a sua força. — Ela mexeu a cabeça brevemente, e então olhou para longe, em direção às margens. Ela estava cuidando de nós. Eu me sentia segura em sua companhia. Arrastei-me para o lado de Orseola sobre o convés e sussurrei em seu ouvido, pegando seus cachos grossos de cabelo em minha boca. — Obrigada, minha irmã, por confundir nossos perseguidores. — Ela virou o rosto para mim e esfregou o nariz contra o

meu. Eu me levantei e fui ao leme do barco, onde inclinei-me sobre Clarás, que estava sentada com sua barriga inchada e a direção do navio em sua mão. — Obrigada, minha irmã, por nos manter no caminho certo — falei. Clarás sorriu para mim com seus olhos cinza e pude sentir seu sorriso atingir meu coração.

— Ainda não as levei para o caminho certo, irmãzinha.

— Mas eu sei que vai! — Eu dei um giro e pulei para Kabira e Garai, que estavam sentadas no meio do barco como dois passarinhos, observando tudo o que estava acontecendo à volta delas.

— Obrigada, irmã, por matar a fonte. Por nos escolher. — Kabira olhou para mim com uma tristeza incompreensível em seus olhos. Meu coração doía por ela, por tudo o que havia sofrido. Meus instintos me mandaram cair de joelhos e deitar minha cabeça sobre sua barriga. — Eu posso ser sua filha, se você quiser — sussurrei. Seus joelhos eram ásperos e ossudos debaixo de mim, mas depois ela colocou duas mãos quentes enrugadas em meu cabelo.

— Pode ser — disse ela, mas sua voz pareceu grossa. Eu olhei para o seu rosto desgastado e para o de Garai.

— Você tem muito dentro de você, Daera — comentou Garai e eu ri porque era a primeira vez que alguém falava o meu nome e era inacreditavelmente belo!

— Obrigada, irmã — comecei, mas então me engasguei e foi difícil dizer as últimas palavras. — Por me criar. Por me parir.

Ela sorriu, um sorriso que era tanto austero quanto afetuoso e colocou suas mãos em cima das de Kabira. Quatro mãos em cima da minha cabeça. Como uma bênção.

***

Soltamos a âncora antes de chegar ao oceano. Era início de noite, com sombras azuis e cantos de pássaros do crepúsculo e tudo era tão bonito que meu coração mal podia aguentar. Entre nós e o mar, havia a cidade portuária de Shukurin. Estegi dissera que não era realmente uma cidade, estava mais para um ponto de comércio conectando rio e mar. Sulani não queria que atravessássemos durante a luz do dia. Esperaríamos pela primeira hora da madrugada, quando poucos estão acordados, e nos esgueiraríamos discretamente. Esse era o plano. Escondemos *Naondel* em um matagal, pois tão perto do oceano o rio estava cheio de barcos de vários tipos.

Uma vez em *Naondel*, Clarás se deitou para dormir na mesma hora. Ela tinha o rosto pálido e Estegi estava movendo coisas ao seu redor para deixá-la o mais

confortável possível. Observando a barriga redonda sob seu casaco, eu vi algo empurrar a pele por dentro. Um pé ou uma cabeça. Uma pessoa totalmente nova estava esperando lá dentro. Alguém novo, como eu.

Quando ela terminou de arrumar Clarás, Estegi encheu um cantil com água doce do rio. Sulani a ajudou e, ocasionalmente, suas mãos se esbarravam, como que por acaso, e elas trocavam olhares. Seus olhares me fizeram formigar por dentro, fazendo cócegas em lugares que eu nem sabia que existiam em meu corpo. Elas tinham alguma coisa. Elas partilhavam algo. Eu queria isso também.

Kabira e Garai também se deitaram para descansar. Eu me sentei na ribanceira, olhei o rio escuro e vi as estrelas acenderem uma a uma. Sapos estavam coaxando nos juncos. Logo, Orseola e Sulani eram as únicas acordadas; Orseola porque ela nunca gostava de dormir quando os outros dormiam e Sulani, porque estava fazendo a vigilância. Inquietude esvoaçava pelo meu corpo. O mundo era tão bonito, tão novo, eu queria ver e experimentar tudo o que pudesse.

—Vou para a terra — disse e me levantei. Sulani balançou a cabeça, com aquela eterna ruga em sua testa.

— Não é uma boa ideia. Fique aqui.

Mas Orseola me olhou e um pequeno sorriso surgiu no canto dos seus lábios.

— Deixa-a ir, guerreira. Algumas coisas não podem ser confinadas.

Então Sulani me deixou ir e eu corri até a margem do rio com pés descalços leves e emergi do matagal onde estávamos escondidas.

O céu era enorme acima de mim. Havia mais estrelas do que eu era capaz de imaginar. Uma memória passou pela minha cabeça – um céu diferente, sobre uma ilha e um oceano – e, em seguida, desapareceu. Caminhei sem destino pelo caminho que seguia entre a margem do rio e os campos de Okara até encontrar um gramado plano. Deitei lá e olhei para vasta escuridão e senti eu mesma desaparecendo dentro dela. Minhas bochechas estavam molhadas e meu coração estava doendo com a beleza de tudo isso e porque eu não podia imaginar por que eu estava recebendo todas essas bênçãos.

Não ouvi passos. Ele moveu-se tão leve e silenciosamente que tropeçou em minhas pernas antes que eu pudesse notar sua chegada. Sentei-me enquanto ele caía para trás e nos entreolhamos no luar.

— Oh — disse ele. — Desculpe-me. — Seus olhos escuros eram bondosos. Sua voz era gentil: não mais aquela de uma criança, embora, de fato, ainda não a de um homem. Seu cabelo caíram sobre seus olhos.

Eu sorri para ele e vi que meu sorriso o deixara tímido. Ele ficou de joelhos e

limpou a terra das palmas de suas mãos.

— O que você está fazendo aqui à noite? É perigoso.

— Nada aqui pode me machucar — falei e me inclinei em sua direção. Eu inalei o odor de estábulos e de suor. Estiquei minha mão e acariciei seu braço. Ele respirou fundo, mas não se moveu. Sua pele era macia como seda, mas quente e viva. Coloquei meu braço ao seu lado e comparei nossa pele: a cor, os pelos, a veias. Inclinei meu rosto para frente e cheirei seu pescoço, atrás de seus ouvidos. Vida! Ele tinha cheiro de vida. Minha respiração contra o seu pescoço fez com que estremecesse. Eu queria sentir o mesmo. Montei nele, puxei seu rosto próximo ao meu e o beijei. Seus lábios eram ásperos. Eu não sabia, de fato, o que fazer, e ele também não, mas não importava. Nossos narizes se chocaram e rimos, mas depois continuamos a beijar. Ele me puxou para perto dele. Seus ombros eram ossudos, seu peito tão duro. Seu corpo não se parecia nem um pouco com o meu. Eu tirei a camisa de seus ombros e explorei seu corpo com minhas mãos. Lentamente, seus beijos, suas mãos, seu sexo contra o meu, fizeram com que eu me sentisse quente e fraca e ávida. Eu queria, queria sentir todas essas coisas novas.

A cada movimento que fizemos juntos, eu afirmava cada vez mais meu corpo como meu. Eu queria conhecer tudo isso, como ele reagia, o que ele queria. Não era uma oferenda, nem a posse de ninguém para que decidissem. O corpo era meu e somente meu. Para usar como eu quisesse. Era como encontrar sua casa, como cair entre as estrelas, era tudo e mais um pouco.

Depois, fiquei sentada parada por um tempo e senti a terra úmida debaixo das minhas nádegas nuas. Ele tinha um cheiro diferente agora. Eu também. Ele estava apoiado em um cotovelo e olhando para mim, deslumbrado.

— Você é real? Ou é um espírito do rio?

— Por você eu me tornei carne e osso esta noite — respondi e sorri.

Quando eu me vesti e me virei para ir embora, ele me chamou, perguntou meu nome, implorou para que eu ficasse. Eu sorri, inalando o ar noturno enquanto eu continuava a andar.

— Meu nome é Daera e eu não fico por ninguém.

Este é, para mim, o evento mais importante de nossa viagem. Não a tempestade repentina que tirou *Naondel* de seu curso de Terasu e nos mandou para longe ao sudoeste. Não a fome, não a sede, não nossos flertes com a morte. Nem quando as lágrimas de Clarás tiraram peixes da água para que pudéssemos comer até ficarmos cheias. Não como o laço da nova irmandade nos deixou mais

íntimas, unidas. Nem mesmo a tempestade que nos jogou nas rochas da ilha de Menos ou nossa completa alegria ao nos encontrarmos seguras ou a força vital que Garai e Clarás sentiram na ilha, que nos fez perceber que havíamos encontrado nosso novo lar. Não, a coisa mais importante foi aquela noite com o garoto sem nome, a noite que me trouxe mais próxima à vida e muito, muito longe da morte.

Kabira

Já é primavera. Nossa sétima na ilha. Ontem Sulani viu a primeira embarcação comercial além dos Dentes – as rochas afiadas que brotam em direção ao céu da água pela entrada do nosso porto. Marinheiros mercadores não ousam vir até aqui quando o mar está tempestuoso. Sulani e Estegi foram andando pela água e encontraram a pequena canoa, o navio esperava atrás. Os mercadores não podem pôr os pés em nossa terra montanhosa. Nenhum homem pode. Garai diz que tem que ser assim. A fonte de poder nesta ilha proíbe isso. Ela diz que nunca sentiu uma força vital tão intensa antes; nem mesmo Anji pode ser comparada à ilha de Menos.

Sulani e Estegi carregaram os sacos de nossas compras e os colocaram no pátio em frente à Casa da Sabedoria. Era uma tarde ensolarada e as pedras estavam quentes debaixo de nossos pés. Na minha idade, eu apreciava coisas assim.

Clarás entrou para buscar uma almofada para mim e eu me sentei nela junto à porta da Casa da Sabedoria. Estegi decorou a porta com gravuras de madeira; é uma obra prima. Embaixo, a distância, a bela superfície da madeira está marcada pelo fogo. Corri meus dedos pela madeira queimada. As pontas dos meus dedos ficaram pretas com a fuligem, ainda solta, embora três primaveras tenham se passado desde que os homens vieram para a ilha. Os homens que Iskan mandou atrás de nós. Três primaveras desde que eles tentaram nos queimar vivas. Três primaveras desde que nós fizemos uma armadilha e matamos todos eles. Eles não têm túmulos. Nós jogamos seus corpos e seu navio ao mar.

Estegi abriu os sacos. Daera riu quando pegou um monte de linho e Garai sentiu o cheiro de pacotes com vagens e sementes. A filha da Clarás, Iana, ajudou a pôr os produtos no chão. Sulani levou para dentro sacos de sal, açúcar e especiarias e Orseola lidava com potes e potes de óleo para lamparina. Estegi olhou para mim, pensativa, e tirou algo de uma das mangas. Ela se sentou sobre

as ancas diante de mim.

— Eles também trouxeram isso consigo. É para você. O mercador disse que adquiriu isso no último outono de outro que às vezes trocava especiarias com os homens que navegam para Karenokoi.

Era uma carta em pergaminho, e, embora estivesse amassada e gasta pelo tempo, eu reconheci imediatamente a escrita de minha filha e o selo que fechava a carta. Era o símbolo do Vizir.

Todos os olhos estavam em mim. Iana correu em minha direção e olhou com curiosidade para o rolo de papel em minha mão.

— O que é isso, Kabira? O que você recebeu?

Olhando para seus cachos castanhos, eu pensei, como pensei muitas vezes antes, que ela tinha um pouco da minha Esiko nela. Elas são meio-irmãs.

— Nada, Iana. O que você ganhou de sua mãe?

— Olhe! — ela gritou de felicidade, segurando várias meadas de lã amarelo-ouro. — Minha mãe disse que vai tricotar uma blusa para mim para o inverno!

— Que lindo. — Eu sorri para ela. Ela é uma criança totalmente adorável.

Eu li a carta sozinha, à noite, depois de me certificar que as outras estavam dormindo. Acendi uma lamparina e desenrolei o pergaminho com as mãos trêmulas. Ele está manchado e amassado após sua viagem de três anos. A carta não é longa.

Fiquei desperta e sentada por muito tempo depois de lê-la. E eu tomei uma decisão. Chegou a hora de parar de torturar as outras. Eu as obriguei a escrever tudo o que tinha acontecido em Karenokoi. Até Sulani e Orseola, que protestaram. Porém, eu não tinha outra alternativa. Assim que conseguimos dinheiro para comprar papel, eu senti a necessidade de juntar tudo o que acontecera em palavras. Porque eu precisava de uma ponte. Uma ponte para Esiko.

Faz duas primaveras desde que Clarás e sua filha encontraram uma colônia de caramujos-de-sangue no lado sul da ilha. Essa descoberta foi realmente uma bênção inigualável, pois os fios de seda que tingimos nos trazem prata. E com prata podemos comprar coisas quando precisamos: sal, óleo para comida e lamparinas; rolos de papel e instrumentos para escrita; tecido. Tudo que passamos sem durante várias primaveras. A primeira coisa que eu costurei foi um vestido para Iana. Quando ela era bebê, simplesmente ficava pelada no calor e era enrolada em trapos ou sacos velhos durante o inverno. Não havia mais nada para vesti-la. Sua infância foi caracterizada pela falta.

Antes da Casa da Sabedoria estar terminada, nós vivíamos em uma caverna

debaixo dela, onde era escuro e frio. Mas na maior parte do tempo havia comida o suficiente. Clarás nos ensinou como colher mariscos e caramujos; como usar linhas de pesca; como pegar lulas com ganchos; encontrar ninhos de pássaros marinhos e coletar os ovos – mas sempre deixar um ovo em cada ninho. A pequena Iana já tem mais habilidade nessas tarefas do que qualquer uma de nós. Água é o seu elemento e ela se move nela como uma foca, rápida e decidida. Estou velha demais para subir e recolher os ovos de pássaros, mas em dias quentes, gosto de andar pela água na praia para coletar mariscos. Garai é a minha companhia, alegando que tem medo que eu caia e quebre um osso.

— Essas coisas levam tempo para curar em uma mulher velha como você — diz ela e insiste em me acompanhar. Como se ela fosse muito mais nova do que eu. Velhas, nós duas. Temos que confiar nas mais jovens. Eu não ando na água com frequência. Prefiro não afastar Garai de seu jardim, que ela começou a cultivar assim que a Casa da Sabedoria foi terminada. Ela coleta sementes da ilha toda e nós obtemos o que quer que ela precise do mercador, se for, de fato, possível. Garai nunca está realmente em paz a não ser que esteja ajoelhada com os dedos no fundo da terra, murmurando sobre fertilizantes e irrigação. Eu prefiro simplesmente me sentar no banco que Sulani construiu ao sul do jardim e oferecer bons conselhos à Garai, que ignora. Porém, sei que ela gosta da minha companhia.

Sulani construiu a Casa da Sabedoria. Logo, tomamos a decisão de ficar e não viajar no oceano de novo em busca de Terasu. O risco de sermos capturadas no mar por piratas ou pelos homens de Iskan ainda existia. E *Naondel*, nosso belo barco, batera tão brutalmente contra as rochas que era praticamente impossível consertar. Então, criamos um novo lar para nós. Para todas. Estegi e Orseola ajudaram na construção, mas foi Sulani que, com braços cheios de força de Anji, levantou e carregou as pedras grandes. Ela diz que vai construir outra casa para que possamos ter uma para dormir e uma para trabalhar. Eu acho que é desnecessário, mas Orseola diz "para aquelas que virão". Ela diz essas coisas estranhas com frequência. O poder de Anji protege a sua mente, explicou Clarás, senão nossos sonhos a teriam enlouquecido há muito tempo. Clarás pode ver essas coisas. É seu dom. Orseola ainda não pode evitar nossos sonhos e, neles, revive tudo o que sofremos em Karenokoi, repetidamente. Quando acordamos e nossos sonhos acabam, ela continua a vivê-los, repetidamente. Ela carrega um grande ônus, porém eu não sei como ajudá-la. Perguntei a Clarás se ela pode ser um perigo.

— Ela jamais machucaria a criança — foi sua resposta e eu não tive opção

senão ficar satisfeita.

Sulani também construiu um pequeno estábulo para seus bodes. O calor de seus corpos era uma grande alegria quando vivíamos na caverna subterrânea. Era sempre frio, independentemente de quantas fogueiras acendíamos. Garai disse que era porque a força vital é maior lá do que em qualquer outro lugar. E, assim como com Anji, ela contém poder tanto para as trevas quanto para a luz. Foi graças a esse poder que fomos capazes de vencer os homens de Iskan. Quando eles nos cercaram na Casa da Sabedoria, descemos para a caverna e escondemos Iana lá. Garai falou com a força vital, fez uma oferenda de sangue e então nós escapamos pelas encostas das montanhas por um dos caminhos da caverna. Estávamos todas transbordando com aquela força — até os meus braços eram fortes — e nós jogamos pedras, rochas enormes, nos homens. Era uma cascada de pedras e todos, até o último homem, foi morto esmagado.

Depois Sulani usou as pedras para construir um muro em torno de nossa casa. Para proteção. Mas agora Sulani deve esperar um pouco antes de construir alguma coisa nova. Sua barriga já está grande e Garai diz que ela dará a luz no verão.

Eu devo ter sido a única que ficou surpresa pela sua gravidez. Garai, que cuida de nós quando estamos doentes, já sabia. Orseola vê nossos sonhos, então nada pode ser escondido dela. Até Clarás parecia saber. Foi Daera que explicou para mim, uma noite enquanto estávamos sentadas sozinhas costurando. Ela estava costurando uma roupa para um bebê e eu tive que perguntar sobre a condição de Sulani. Daera tirou os olhos de sua costura, cheia de surpresa.

— Estegi e Sulani há muito são amantes, Kabira. Você sabe disso.

Eu ri, zombando.

— De onde eu venho duas mulheres não podem ter filhos.

— Mas Estegi não é uma mulher comum. Você não sabia?

Eu tentei esconder minha surpresa.

— Você está me dizendo que ela é um homem? Garai disse que não são permitidos homens na ilha.

Daera riu.

— Não. Ela é uma mulher. Em seu coração e é isso que conta. Mas seu corpo não é realmente aquele de uma mulher. Ou de um homem. Ela tem um pouco de ambos.

Então Sulani está esperando uma criança e nós teremos outro bebê entre nós. Estou ansiosa. Meu tempo é limitado. Não pode me restar muita vida e isso não me incomoda. Há muito que eu dou boas-vindas à morte. Eu não a enxergo mais

como uma fuga, mas ela também não me assusta. Eu vi o suficiente. Fiz o suficiente. Embora eu fique feliz que uma nova vida nascerá nesta ilha. Novas crianças que serão livres do modo que nós, irmãs, não podíamos ter imaginado.

Fazemos nossas tarefas e a vida aqui segue seu curso natural. O trabalho é duro, mas tudo está bem. Garai cuida de nossa alimentação e cura nossas doenças com suas ervas e poções. Clarás e Iana pescam e cuidam de lavar as roupas. Estegi e Sulani cuidam dos bodes e coletam plantas selvagens para nós comermos. Estegi lida com nossa pequena cozinha e recusou-se a deixar qualquer outra a preparar comida. Orseola nos apazigua quando torturadas com lembranças e assombradas por pesadelos. Daera dança e ri e senta conosco, costura roupas e pinta belas imagens nas paredes da Casa da Sabedoria, trabalha com madeira, ajuda Garai no jardim e ajuda Sulani e Estegi a colher frutinhas e outras coisas boas para comer.

Sou a única que não tem função. As outras zombam ou riem de mim quando eu digo isso, cada uma de acordo com sua natureza. Elas me chamam de Mãe e dizem que sou aquela que mantém todas juntas. Eu não acho que isso seja necessário. A força vital de Anji e a oferenda de Iona são o que nos mantêm unidas. Mas eu deixo-as em paz. Dedico o meu tempo organizando e interpretando as escrituras secretas de Iskan, escrevendo tudo o que aconteceu e motivando as outras a fazerem o mesmo. Para que nada seja esquecido. Isso é o que eu falei para elas.

Porém, não é totalmente verdade. Isso também tem servido para manter Esiko presente para mim. Como eu me preocupo com ela! O que Iskan fez com ela depois que fugimos? O que aconteceu com a sua vida? Ela continua viva?

Agora estou segurando a sua carta em minhas mãos. Agora eu sei. Não escreverei nenhuma resposta. É hora de me soltar da minha filha.

Carta da Esiko

ESTIMADA MÃE, QUE SEUS OLHOS CONTINUEM AGUÇADOS, SUAS MÃOS FIRMES E sua mente clara.

Enquanto escrevo esta carta, estou sentada a uma mesa na Casa da Serenidade. O sol está baixo e atravessando as janelas grandes e pó está voando como pequenos vaga-lumes na luz dourada. Ao meu lado há uma tigela de vinho e um prato de weja frito. O cheiro deles e o açúcar fino polvilhado brilhando no sol faz com que eu lembre das noites que passamos juntas em seus aposentos. Havia horas calmas, cheias de sombras sutis, tortas doces e paz. Com meu pai, tudo era rápido, preciso, delineado com lâminas. Você era a gentil. Tínhamos nosso segredo e ele nos unia. Parecia que você me segurava pelos fios de seda tecida por aranhas onde quer que eu fosse. Portanto, obrigada pelo seu presente, eu desfruto de mais liberdade do que você ou qualquer mulher em Ohaddin já teve. Eu não vou me esquecer. É por causa desse presente que eu escrevo-lhe agora, mãe. Não haverá outra carta depois dessa, pois há muitas coisas pelas quais eu não posso perdoá-la e minha gratidão por essa liberdade não cura todas as feridas.

A mais hedionda de todas é a perda de Anji.

Três anos se passaram desde que você assassinou Anji. Eu sinto a perda como uma dor queimando em meu coração todos os dias, assim que acordo. Você nunca vai entender como é. Você acha que entende e eu posso muito bem imaginar sua reação enquanto escrevo essas palavras, zombando e encolhendo os ombros, aquela ruga irritante que aparece em sua testa, certa de que você sabe tudo o que há sobre Anji porque você cresceu como sua guardiã e amiga. Porém, Anji era minha irmã gêmea; ela era uma parte de mim e eu dela. Ela esteve comigo desde antes que eu possa lembrar. Não consigo aceitar que ela se foi. Uma parte de mim morreu com ela e não sei como vou aguentar. Meu pai também não entende; Anji nunca significou a mesma coisa para ele que para

mim. E não importa o que ele pense, ela nunca falou com ele como falava comigo. Eu entendia tudo o que ela dizia sem me esforçar. Ela sussurrava diretamente para o meu coração, meu sangue. Ela era parte de mim desde antes de eu ter nascido. Essa experiência não pode ser comparada.

Não sou a única que sofre, que sente a dor e perda do que certa vez existiu. Renka inteira entrou em colapso. Nenhuma plantação cresce. Não há nada para colher. Eu acredito que a terra vá se recuperar gradualmente – foi isso que deduzi lendo os pergaminhos de meu pai sobre lugares que perderam seu coração. Pois Anji era precisamente o coração de Renka e meu pai a reposicionou como o coração do reino inteiro de Karenokoi.

Os trabalhadores foram os primeiros a partir quando pararam de receber alimentos e pagamento. Eles viajaram para o leste, a maior parte deles, os que não encontraram trabalho nos navios mercantes. Alguns se tornaram bandidos de estrada e piratas.

Os proprietários de terras foram os que ficaram mais tempo, relutantes de deixar suas plantações ancestrais e os túmulos de seus antepassados. Porém agora também partiram. O insucesso das colheitas é tão severo que eles não podem comprar alimentos nem com ouro puro. E ouro não enche barriga. Onde eles vão e como eles vão sobreviver é um mistério. Talvez aqueles que juntaram ouro e joias o suficiente possam ter uma nova vida em outras terras. Talvez não. Talvez eles retornem quando a terra estiver fértil de novo. Quem sabe.

Estou totalmente ocupada com tentativas de ajudar os necessitados. Sob minhas ordens, alimentos do depósito do Soberano têm sido partilhados durante o inverno. Eu comprei mais suprimentos com os recursos que tenho. Entretanto, pouco dinheiro resta depois da guerra e ainda menos resta para comprar. Ninguém quer emprestar à Karenokoi depois das expansões do meu pai. Eu não posso aumentar os impostos nos outros distritos, pois as pessoas já estão com a corda no pescoço. Não quero ser odiada e temida, como era meu pai. Meu povo vai me amar e me temer.

O palácio do Soberano está vazio. Eu poderia morar nele, mas estou contente com meu lugar costumeiro. Eu trouxe a filha e a esposa de Sonan para viverem comigo e a companhia me faz bem. Eu brinco com a criança à noite. Ela parece muito inteligente e sua mãe é uma mulher esperta que já está lhe ensinando ler e escrever. Talvez ela seja meu Vizir quando chegar à idade. Fazemos oferendas em memória de Sonan, da Mãe, de Korin e de Enon. Enquanto eu viver, seus espíritos serão honrados e lembrados. Espero que saber disso lhe dê alguma paz. Eu também comecei a queimar incenso e a oferecer moedas para as almas das

minhas irmãs. Aquelas para quem a vida foi negada. Embora eu não saiba quantas eram, e mesmo que não tenham nome, eu as honro pela memória.

Certifico-me de que haja flores frescas no salão do trono na Residência da Glória todos os dias. O culto que meu pai construiu em torno do Soberano está sendo útil para mim e é graças a isso que agora posso governar Karenokoi. Continuamos a honrar o espírito do Soberano no dia de sua morte e na colheita. Organizamos grandes procissões e dividimos esmolas e comida entre os pobres. Eu dou um dia de folga a todos os serviçais, oficiais do Soberano e trabalhadores, para que eles possam honrar e fazer oferendas ao Soberano e aos seus próprios mortos. Desta maneira, eu tomei o lugar do filho mais velho do Soberano.

Há algumas pessoas que são contra. Você pode com certeza adivinhar quem, embora não tenha muita importância. Alguns homens na corte. Eles dizem que não sou um homem. Seu falatório não me preocupa. Eu sei muito mais sobre Karenokoi do que eles. Eu não preciso do oaki de Anji para mantê-los afastados, mantê-los calmos e temerosos. Os soldados me amam. Eu fui à batalha com eles, lutei ao lado deles, provei ser merecedora de seu respeito. Eles são leais a mim, mesmo quando os cãezinhos de colo do palácio começam a choramingar. Eu me asseguro de dar muito respeito e oferecer provisões generosas aos soldados, e lembrar isso aos cãezinhos do palácio durante desfiles, quando desfilo com meu exército em vez de com os cortesãos.

Eu pretendo governar o reino e fortalecer as fronteiras que meu pai levantou para Karenokoi. Foi isso que Anji me mostrou antes que você a matasse. Eu decidi continuar a ser Esiko, embora eu pudesse me chamar Orano. Porém, como Esiko, eu ajo como Orano agia e sou em todas as formas o que Orano era. Eu vou escolher um marido, alguém com grande riqueza ou talvez uma posição importante em um dos estados vassalos. Em Nernai, há um filho de um Governador e eu vou fazer o Governador entender que seria uma grande honra para o seu filho se casar com a Vizir. Pois eu sou a Vizir agora, eu uso o selo e tenho os privilégios de um Vizir e todos os serviçais do Vizir e cortesãos obedecem minhas ordens. Embora eu não tenha matado meu pai para ter essa posição, como meu pai matou o dele – que seu espírito descanse em paz.

Ele ficou furioso quando você matou Anji, mãe, e ainda mais quando descobriu que você havia roubado vários dos seus pergaminhos secretos. O ferimento feito por Iona o deixou de cama por muito tempo. Quando ele se recuperou e percebeu que Anji estava realmente morta e que sua biblioteca havia sido saqueada, a loucura tomou conta dele. Acredito que não levou tempo para que mandasse um navio para localizar todas vocês. Eu não sabia de nada, juro.

Acreditava que todos eram leais a mim, mas claramente permaneceram alguns que meu pai conseguia subornar. Só ouvi a respeito da expedição quando recebemos as notícias que havia fracassado. Nenhum sobrevivente – como você fez isso, mãe? Juntas, vocês são capazes de qualquer coisa. Você, sozinha, é capaz de qualquer coisa. Você acha que eu puxei meu pai, mas não é verdade. Meu pai foi guiado pela incerteza e temor sua vida toda. Daí a sua necessidade por Anji. Você, entretanto, era capaz de se libertar completamente sozinha. Essa é a força que carrego dentro de mim. É assim que sei que eu posso sobreviver sem a fonte, apesar de lamentar.

Porém, meu pai não podia. Quando ele descobriu que todos os homens haviam fracassado em recuperar os artigos roubados, sua mente se destruiu para sempre. Ele perdeu toda esperança de acordar Anji, pois era o conhecimento que ele acredita estar escondido nos pergaminhos roubados. Ele ainda não leu todos eles, nem resolveu todos os mistérios, e eu também não, então não sei se o que ele diz é verdade. Agora ele se senta ao lado da água sem vida e balbucia para si mesmo. Ele até dorme lá. Mas Anji foi deixada muda e não responde. Sua mente está destruída, ele parece uma criancinha que ainda não fala e os anos o alcançam cada vez mais rápido. Seus cabelos estão brancos, sua pele enrugada em seu corpo curvado, suas mãos tremem e toda força abandonou seus membros. Eu parei de visitá-lo, porque quando ele me vê, me confunde com Izani, sua mãe. Às vezes ele me chama de Lehan e me agarra com suas mãos cheias de desejo. Eu não quero vê-lo nesse estado.

Ele não pode mais fazer nenhum mal, mãe. Nem com o poder da força vital nem com suas próprias mãos. Ninguém o teme mais. Eu faço com que os serviçais lhe sirvam comida e que ele esteja protegido do clima, mas é só isso. Eu não acho que ele vá sobreviver ao próximo inverno.

Eu achei que você deveria saber. Você não precisa ter medo dele ou da sua vingança. Você pode viver o resto da sua vida em paz.

Eu sei por que você acreditou que tinha que matar Anji, mãe. Eu entendo sua decisão. Talvez, no seu lugar, teria feito o mesmo – o que eu sei sobre ter uma filha? Tudo o que eu sei é que Anji era mais próxima de mim do que você ou meu pai foram um dia. Eu entendo, mas não posso perdoar.

Às vezes acredito que um pouco da sua força vital ainda vive em mim e é graças a isso que homens poderosos obedecem minhas ordens. Talvez a lealdade que eu inspiro em meus soldados é resto de algo que emanava de Anji quando ela morreu. Você às vezes sente como se tivesse recebido um dom de Anji?

Não, não responda. Eu não quero que você me escreva. Eu não quero saber se

está viva ou morta, mãe. Eu quero manter a imagem de você na ilha onde você e as outras mulheres fizeram seu novo lar, com os ventos do oceano em seus cabelos, grisalha e tão forte quanto as próprias montanhas. Eu sei que você sobreviveu. E agora você sabe que eu também sobrevivi.

O brilho da urna de fogo se foi e o frio da noite se arrastou pelas janelas. Um pássaro negro está cantando lá fora. Meus olhos estão pesados e minha cama está chamando. Amanhã é outro longo dia de trabalho para a Vizir de Karenokoi. Há muito a ser feito. Eu amo isso.

E eu te amo.

Adeus, mãe.

Esiko

Daera

ESCREVO ESSAS PALAVRAS SENTADA NO ALTO DA MONTANHA QUE CHAMAMOS DE A Dama Branca. Casas são boas para chuvas e tempestades, mas em um dia de verão bonito como este, quero sentir o sol em minha pele e ver Menos estendida diante de mim e ser ofuscada pelo mar azul cintilante. Depois de quase cinquenta anos, ainda me impressiono com a beleza desta ilha. Houve algum dia um lugar mais bonito? Montanhas poderosas tentam alcançar o céu, suas encostas cobertas de oliveiras e ciprestes e com um cobertor branco de flores no verão. Eu já andei por todos os caminhos nessas montanhas e, embora não seja o meu dever, gosto de guiar bodes para os pastos. Amo as novas noviças: amo seu riso e sua exuberância e sua própria existência. Ainda assim, às vezes nada pode ser comparado ao tomilho e o alecrim aromáticos debaixo de meus pés e o guincho de pássaros koan enquanto passo de novo por esses caminhos amados.

Iona deveria morrer em uma ilha. É um destino apropriado para mim. Minha morte já não está mais tão distante. Não chegarei a uma idade muito avançada, mas não me importo. Eu tive uma boa vida. Uma vida de verdade! Uma vida que veio como uma surpresa e um dom. Meus ossos descansarão na cripta com os de outras algum dia. Mas eu pedi que enterrem meu crânio no alto da montanha em que estou sentada agora. Então, vou voltar a ser Iona e ela finalmente vai encontrar paz.

Depois que Estegi e Sulani faleceram, Iana saiu em uma longa viagem para encontrar seu irmão Taro e lhe dar a notícia que suas mães haviam falecido. Quando ela voltou, sozinha com um bebê em seu colo, tornou-se a Terceira Mãe de nossa pequena abadia.

Novas noviças chegam o tempo todo. Os rumores e sussurros de uma ilha apenas para as mulheres se espalharam pelo mundo, talvez iniciado pelos pescadores e mercadores que nos visitam. As histórias encontraram seu caminho até meninas que foram espancadas, perseguidas, torturadas. Elas passaram por

grandes perigos para nos encontrar. E bom que tudo o que construímos aqui não vai se desfazer e cair no esquecimento. Nós criamos algo novo, que não existe em mais nenhum lugar neste mundo escuro e problemático. Aqui as meninas encontram paz, segurança e conhecimento. Aqui elas aprendem que são valiosas e fortes. Talvez as sementes de mudança que espalhamos desta ilha possam transformar tudo um dia.

Vou juntar este relato às crônicas secretas da Abadia, onde guardamos as escrituras roubadas de Ohaddin. Que estas sejam as últimas palavras escritas pelas irmãs fundadoras de Menos. Que este seja o início de algo novo.

LISTA DE NOMES

ESSAS SÃO AS CRÔNICAS DE KABIRA DE OHADDIN, GARAI DO DESERTO DE Meirem, Estegi de Areko, Orseola de Terasu, Sulani do Rio, Clarás do mar, Iona da ilha sagrada de Matheli e Daera de Naondel. Eu, Kabira, listei os nomes a seguir conforme foram importantes para a nossa história.

Ohaddin
Esiko – Mãe de Kabira
Malik – Pai de Kabira
Tihe – Irmão de Kabira
Lehan – Irmã de Kabira
Agin – Irmã de Kabira
Aikon – Velho e leal serviçal

Areko
Iskan ak Honta-che – Filho do Vizir
Honta ak Lien-che – O Vizir
Izani ak Oshime-chi – Mãe de Iskan
Orlan – Filho mais velho do Príncipe Soberano

Ohaddin, mais tarde
Korin – Primeiro filho de Iskan
Enon – Segundo filho de Iskan
Sonan – Terceiro filho de Iskan
Orano / Esiko – Quarto filho de Iskan
Meriba – Concubina
Aberra – Concubina

Amdurabi (distrito)
Eraban ak Usti-chu – Governador do distrito

Hánai ak Eraban-chu – Filha de Eraban

Terasu
Aurelo – Menino
Oera – Irmã de Orseola
Obare – Irmão de Orseola

Menos
Iana and Taro – Crianças

AGRADECIMENTOS

Obrigada a Nora Garusi e Anna Gullichsen que me emprestaram sua casa para que eu pudesse escrever em paz. Há uma presença forte de Dönsby e Solhem in *Naondel*. Obrigada à Sociedade Secreta do Texugo e a Ordmördarna pela ajuda com todo tipo de detalhe no manuscrito.

Obrigada à toda gangue do *Fantastisk podd*, uma comunidade maravilhosa e incrivelmente inspiradora para se participar. Obrigada a Nora Strömman, que tremeu de terror comigo em uma casa assombrada em Estocolmo enquanto eu reescrevia a perspectiva de Sulani. Obrigada a Monika Fagerholm que me proporcionou os exercícios criativos que me ajudaram a encontrar Iona.

Um grande agradecimento a Nene Ormes, que foi o primeiro leitor de *Naondel* e que me ajudou a desviar de muitos maus hábitos e deslizes de estilo e forma. E ainda conseguiu fazê-lo com tato e com o equilíbrio exato de elogio e mão firme. Obrigada a Saara Tiuraniemi, que encorajou um texto que nunca leu e forneceu insights que me ajudaram muito, e também à minha editora finlandesa, Anna Waeeas, que me ajuda a manter a fé quando eu esqueço como tê-la. Como sempre, obrigada à minha editora Sara Ehnholm Hielm, que eu sigo nos altos e baixos, pois sem ela eu não seria a escritora que sou hoje. E obrigada, Travis, por me apoiar, acreditar em mim e discutir ideias comigo. Este livro, como todos os outros, é tanto seu quanto meu.

SOBRE A AUTORA



MARIA TURTSCHANINOFF escreve contos de fadas desde os cinco anos de idade. Suas histórias têm sempre uma reviravolta: o fazendeiro pobre e a princesa que ele acabou de salvar não se casam, porque eles "não estavam a fim". Sua maior decepção de infância foi que nenhum armário levava a Nárnia.

Após trabalhar como jornalista por alguns anos, Maria lançou seu primeiro livro infantil em 2007 por um portal de fantasia. Desde então, publicou mais

cinco títulos, todo voltados ao público jovem adulto. Ela recebeu o Filandia Junior Prize por *Maresi* e o Swedish YLE Literature Prize. Também ganhou duas vezes o Society of Swedish Literature Prize e foi indicada ao Astrid Lindgren Memorial Award 2017 e à CILIP Carnegie Medal 2017. *Naondel* faz parte da trilogia AS CRÔNICAS DA ABADIA VERMELHA, que começou com *Maresi*.



https://t.me/SBDLivros

Copyright do texto original © Maria Turtschaninoff 2016
Edição original publicada em 2016 por Förlaget
Edição brasileira publicada mediante acordo com Maria Turtschaninoff e Elina Ahlback Literary Agency, Helsinque, Finlândia

Título original: NAONDEL

Direção editorial: VICTOR GOMES
Coordenação editorial: GIOVANA BOMENTRE
Tradução: LILIA LOMAN e PASI LOMAN
Preparação: IRIS FIGUEIREDO
Revisão: AUDRYA OLIVEIRA
Design de capa: SANNA MANDER
Imagens de capa: © GETTYIMAGES
Adaptação de capa: MARINA NOGUEIRA
Diagramação: DESENHO EDITORIAL
Diagramação para ebook: ANDRÉ CANIATO

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES, ORGANIZAÇÕES E SITUAÇÕES SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR OU USADOS COMO FICÇÃO. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTES, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS. OS DIREITOS MORAIS DO AUTOR FORAM CONTEMPLADOS.

ESTA TRADUÇÃO FOI PUBLICADA COM O APOIO FINANCEIRO DA FILI - FINNISH LITERATURE EXCHANGE / THE FINNISH MINISTRY OF EDUCATION AND CULTURE.

FILI FINNISH LITERATURE EXCHANGE

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

T962n Turtschaninoff, Maria
Naondel/ Maria Turtschaninoff; Tradução Lilia Loman e Pasi Loman. – São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.
p. 432; 14x21cm.

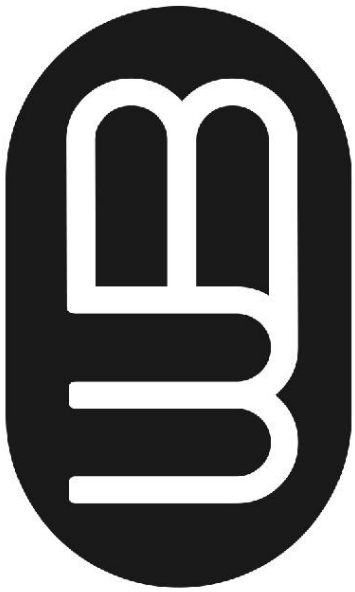
ISBN: 978-85-92795-62-7

1. Literatura finlandesa. 2. Ficção finlandesa. I. Loman, Lilia. II. Loman, Pasi. III. Título.
CDD 848.97

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À:



EDITORA MORRO BRANCO
Alameda Santos, 1357, 8º andar
01419-908 – São Paulo, SP – Brasil
Telefone (11) 3373-8168
www.editoramorrobranco.com.br
Produzido no Brasil
2019



MORROBRANCO

EDITORA